



SAMANTA BORGES PEREIRA

**“CAMINHANTE, NÃO HÁ CAMINHO. SE FAZ CAMINHO
AO ANDAR”: NARRATIVAS DE PESQUISADORES DOS
ESTUDOS ORGANIZACIONAIS SOBRE A EXPERIÊNCIA
SENSÍVEL DE PESQUISA**

**LAVRAS - MG
2022**

SAMANTA BORGES PEREIRA

**“CAMINHANTE, NÃO HÁ CAMINHO. SE FAZ CAMINHO AO ANDAR”:
NARRATIVAS DE PESQUISADORES DOS ESTUDOS ORGANIZACIONAIS SOBRE A
EXPERIÊNCIA SENSÍVEL DE PESQUISA**

Tese apresentada à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Administração, área de concentração Organização, Gestão e Sociedade para a obtenção do título de Doutora

Prof^a. Dra. Flávia Luciana Naves Mafra
Orientadora

**LAVRAS - MG
2022**

**Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema de Geração de Ficha Catalográfica da Biblioteca
Universitária da UFLA, com dados informados pela própria autora.**

Pereira, Samanta Borges.

“Caminhante, não há caminho. Se faz caminho ao andar”:
narrativas de pesquisadores dos Estudos Organizacionais sobre a
experiência sensível de pesquisa / Samanta Borges Pereira. - 2022.
167 p. : il.

Orientadora: Flávia Luciana Naves Mafra.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Lavras, 2022.
Bibliografia.

1. Experiência Sensível. 2. Ciência. 3. Decolonial. I. Mafra,
Flávia Luciana Naves. II. Título.

A reprodução e a divulgação total ou parcial deste trabalho são autorizadas, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

SAMANTA BORGES PEREIRA

**“CAMINHANTE, NÃO HÁ CAMINHO. SE FAZ CAMINHO AO ANDAR”:
NARRATIVAS DE PESQUISADORES DOS ESTUDOS ORGANIZACIONAIS SOBRE A
EXPERIÊNCIA SENSÍVEL DE PESQUISA**

**“WALKER, THERE IS NO WAY. THE WAY IS MADE WALKING”:
NARRATIVES
OF RESEARCHERS IN ORGANIZATIONAL STUDIES ON THE SENSITIVE
EXPERIENCE OF RESEARCH**

Tese apresentada à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Administração, área de concentração Organização, Gestão e Sociedade para a obtenção do título de Doutora.

APROVADA em 11 de março de 2022.

Dra. Michelle Pinto de Lima	IFPI
Dra. Bruna Mendes de Vasconcellos	UFABC
Dr. Armindo dos Santos de Sousa Teodósio	PUC/MG
Dra. Cléria Donizete da Silva Lourenço	UFLA

Prof^a. Dra. Flávia Luciana Naves Mafra
Orientadora

**LAVRAS - MG
2022**

Dedico esta tese ao meu avô, Manoel de Paula Borges, ou Mané Otaviano, um homem do campo, que partiu antes da minha chegada, mas por intermédio de minha mãe, me ensinou o valor da educação e do conhecimento.

A todas e todos que têm se dedicado à produção de conhecimento para a construção de uma vida mais digna.

AGRADECIMENTOS

Nessa intensa passagem pelo doutorado, nunca estive sozinha e não fiz nada sozinha. Este é o momento de agradecer às pessoas que, durante essa travessia, me estenderam a mão, os ouvidos, os ombros, o colo e compartilharam comigo seus conhecimentos, seu tempo, sua atenção, seus afetos.

À minha mãe, que transbordou minha vida de amor e me deu tudo o que eu precisava: ensinamentos de respeito, generosidade e de luta. A ela agradeço por ter me proporcionado os dias mais belos, nos roçados do Dourado dos Lopes. E por nunca me deixar esquecer daquelas e daqueles que vieram antes de mim.

À Flávia, minha orientadora, que esteve sempre junto, pensando, escrevendo, torcendo, incentivando, me acalmando e me ajudando a construir o meu caminho. Ela me ensinou muito mais do que ser uma pesquisadora; me ensinou a ser um ser-humano melhor. Agradeço a toda e qualquer força cósmica que permitiu que ela transpassasse pela minha vida.

A cada pesquisadora e cada pesquisador que aceitou participar desta pesquisa e reservou um tempo para me ouvir e compartilhar sua experiência de vida comigo. Agradeço a essas pessoas que não posso nomear, que dividiram dores e alegrias comigo e que agora fazem parte da minha trajetória.

Às professoras Cléria, Mônica e Sabrina, pela dedicação em suas aulas e pela oportunidade de fazer desses espaços, experiências de aprendizado. Peço desculpas pelos rompantes e excessos e agradeço pela possibilidade de me construir, me desconstruir e me reconstruir com essas trocas.

Aos membros da banca, prof.^a Bruna, prof.^a Cléria, prof.^a Michele e prof. Téo, por aceitarem participar deste momento e contribuírem com o meu amadurecimento intelectual e pessoal.

Ao meu companheiro, amigo e parceiro de vida, Carlos Pimenta, ou Carlos, ou Pimenta, que sorriu meu sorriso, chorou meu pranto, escutou meus devaneios, acompanhou todo o frenesi desse processo e me deu o apoio, a compreensão e o amor necessários para que eu pudesse viver essa experiência. Seguimos juntos na jornada da vida!

À Sônia Bellardi, que me ensinou e tem me ensinado a parar para pensar, parar para olhar, parar para respirar, entender o meu corpo, os meus sentidos, o meu processo. Com sua força e sua luz, ela surgiu em minha vida para iluminar a minha caminhada.

À Viviane, pela amizade vinculada, dedicada, comprometida, a quem desejo vida longa, para que possamos viver muitas coisas juntas e usufruir do presente da sua amizade. Agradeço pelos caminhos que me abriu e por me mostrar o poder transformador da solidariedade.

Às amigadas do doutorado, que se tornaram amigadas para a vida: Kennedy, Elisa, Rafaela e Juliano, que compartilharam suas vidas, suas conquistas, suas dores, deitados na grama, almoçando ou tomando um café, e que encheram meus dias de alegria e de sentido.

Ao dicionário de sinônimos.

À Lorelai e Rory Gilmore, por me fazerem companhia em dias de solidão.

Ao Itamar Vieira Junior, por lançar no mundo a beleza de “Torto Arado”.

Ao PPGA/UFLA, pela qualidade da formação como pesquisadora a mim proporcionada.

Por fim, agradeço ao passarinho que, em meados de dezembro de 2021, esteve presente em meu quintal. Em minha ignorância, preocupei menos em escutá-lo e mais em gravá-lo. Mas ele, que não era de holofotes, percebeu meus movimentos e partiu. Peço desculpas pelo inconveniente e agradeço por me agraciar com seu canto e me ensinar que, quando um passarinho canta, a gente para tudo para ouvir cada detalhe do seu (en)canto.

Agradeço a todas e todos que passaram pela minha vida e deixaram um pouco de si, despertando o melhor de mim. Nenhuma palavra será suficiente para expressar o meu agradecimento, o que me faz manter o bom e velho “muito obrigada”!

*Ó, Pai
Não deixes que façam de mim
O que da pedra Tu fizestes
E que a fria luz da razão
Não cale o azul da aura que me vestes*

*Dá-me leveza nas mãos
Faze de mim um nobre domador
Laçando acordes e versos
Dispersos no tempo
Pro templo do amor*

*Que se eu tiver que ficar nu
Hei de envolver-me em pura poesia
E dela farei minha casa, minha asa
Loucura de cada dia
Dá-me o silêncio da noite
Pra ouvir o sapo namorar a lua
Dá-me direito ao açoite
Ao ócio, ao cio
À vadiagem pela rua*

*Deixa-me perder a hora
Pra ter tempo de encontrar a rima
Ver o mundo de dentro pra fora
E a beleza que aflora de baixo pra cima*

*Ó meu Pai, dá-me o direito
De dizer coisas sem sentido
De não ter que ser perfeito
Pretérito, sujeito, artigo definido*

*De me apaixonar todo dia
E ser mais jovem que meu filho
De ir aprendendo com ele
A magia de nunca perder o brilho*

*Virar os dados do destino
De me contradizer, de não ter meta
Me reinventar, ser meu próprio deus
Viver menino, morrer poeta*

Alma Nua - Vander Lee

RESUMO

Esta tese propõe pensar o processo de produção de conhecimento da perspectiva da experiência sensível de pesquisa, na qual a sensibilidade se relaciona à maneira com que pessoas que fazem pesquisa vivenciam as múltiplas relações que acontecem durante esse processo. Partimos da crítica à ciência moderna feita pelo pensamento decolonial para revelar as experiências de conhecimento desperdiçadas, orientando-nos pela noção de experiência/sentido, de Bondía, e de condição sensível, de Haroche. A experiência sensível de pesquisa contrapõe a concepção de experimento de pesquisa, pautado na universalidade, neutralidade e objetividade. Nesse sentido, perguntamos: como se constroem as experiências sensíveis de pesquisa e como elas influenciam os caminhos das pessoas que fazem pesquisa? Não restringimos a pesquisa à pesquisa de campo, mas a todos os acontecimentos e interações que vivenciamos nesse processo. A ciência moderna desconfia do conhecimento que emerge da experiência. Os afetos, desconfortos e equívocos vivenciados no processo de produção de conhecimento são desprezados, considerados como externalidades. Diante disso, o objetivo geral desta tese é compreender os processos de pesquisa de doutorandos e doutorandas dos Estudos Organizacionais da perspectiva da experiência sensível de pesquisa, e como tal perspectiva afeta escolhas, decisões, histórias e a construção de conhecimento. Como objetivos específicos, pretendemos: (i) resgatar as histórias sobre as experiências de doutorado de pesquisadoras e pesquisadores de EOR; (ii) identificar elementos que revelam a condição sensível das experiências de pesquisa; (iii) analisar as implicações pessoais, sociais e científicas das experiências sensíveis de pesquisa. Para revelar a condição sensível dessas experiências, construímos um caminho que se fez no caminhar. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, que produziu as informações utilizando relato autoetnográfico; pesquisa documental; entrevista semiestruturada. A escolha das pessoas participantes baseou-se nos seguintes critérios: (a) serem do campo dos Estudos Organizacionais; (b) terem desenvolvido pesquisas qualitativas em suas teses; (c) terem realizado pesquisa de campo no doutorado; (d) terem defendido a tese nos últimos 10 anos. A seleção de novas e novos participantes foi feita pela técnica “bola de neve”. Entrevistamos 17 pesquisadoras e pesquisadores, de oito instituições diferentes, onze mulheres e seis homens. A análise das informações privilegiou o método de Análise de Narrativas. Construímos oito categorias de análise, as quais são: (1) Um gesto de interrupção; (2) Uma abertura para o desconhecido: pesquisas imprevisíveis; (3) Antiexperiências; (4) O tempo da tese: tempo de entregar-se e conectar-se; (5) Os outros que nos apoiam em nossas vulnerabilidades; (6) Envolver-se e deixar se envolver com os sujeitos do campo; (7) Tornar experiências visíveis e credíveis; (8) Dar sentido a quem somos e ao que nos acontece. Compreender a condição sensível das experiências de pesquisa revelou que as dúvidas, culpas, angústias, preocupações não as/os fizeram pesquisadoras e pesquisadores menos competentes, mas as/os tornaram pessoas mais humanas. Romper com as formas estreitas de produzir conhecimento e com ideia de um pesquisador impávido, implica em dar mais vida ao processo de pesquisa, um processo mais prazeroso, mais pulsante, mais condizente com a nossa condição humana.

Palavras-chave: Experiência Sensível. Conhecimento. Ciência. Pesquisa. Decolonial.

ABSTRACT

This doctoral thesis proposes to think about the knowledge production process from the perspective of sensitive research experience, in which sensitivity is related to the way the researcher experiences the multiple relationships that take place during this process. We start from the critique of modern science made by the decolonial thinkers to reveal the wasted experiences of knowledge, guiding us by the notion of experience/meaning, by Bondía, and the sensitive condition, by Haroche. The sensitive research experience contrasts with the conceptualization of experimental research, which is based on universality, neutrality and objectivity. In this sense, we ask: how are sensitive research experiences constructed and how do they influence the paths of people who do research? We did not restrict the research to field research, but included all the events and interactions that we experienced during the process. Modern science is suspicious of knowledge that emerges from experience. The affections, discomforts, mistakes experienced in the knowledge production process are rejected, considered as externalities. The general objective of this thesis is to understand the research processes of doctoral students in Organizational Studies from the perspective of sensitive research experience, and how such a perspective affects choices, decisions, stories and the construction of knowledge. As specific objectives, we intend to: (i) retrieve the stories about the doctoral experiences of EOR researchers; (ii) identify elements that reveal the sensitive condition of research experiences; (iii) analyze the personal, social and scientific implications of sensitive research experiences. To reveal the sensitive condition of these experiences, we built a path that was made in walking. This is a qualitative research project, which produced the information using an autoethnographic report; documentary research; and semi structured interviews. The choice of participants-researchers was based on the following criteria: (a) they belong to the field of Organizational Studies; (b) they have used qualitative research in their theses; (c) they have carried out field research in the doctorate; (d) they have defended the thesis in the last 10 years. New participants were recruited using the “snowball” technique. We interviewed 17 researchers, from eight different institutions, eleven women and six men. The information was analyzed using the Narrative Analysis method. We built eight categories of analysis, which are: (1) A gesture of interruption; (2) An opening to the unknown: unpredictable research; (3) Anti-experiences; (4) Thesis time: time to surrender and connect; (5) The others who support us in our vulnerabilities; (6) Get involved and let people get involved in the field; (7) Make experiences visible and credible; (8) Making sense of who we are and what happens to us. Understanding the sensitive condition of research experiences revealed that doubts, guilt, anxieties, and concerns did not turn the participants into less competent researchers, but made them more human. Breaking with the narrow ways of producing knowledge and with the idea of a fearless researcher, implies giving more life to the research process, a more pleasurable, more pulsating process, that is in line with our human condition.

Keywords: Sensitive Experience. Knowledge. Science. Research. Decolonial.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Conhecimento do experimento x Conhecimento da experiência sensível.....	42
Tabela 1 - Quantificação das informações das entrevistas.....	67
Tabela 2 – Pesquisadoras e pesquisadores por período de conclusão do doutorado.....	67
Tabela 3 - Regiões do território brasileiro onde os doutorados foram realizados.....	68
Quadro 1 - Categorias de análise – versão final.....	71

LISTA DE ABREVIATURAS

COVID-19	Doença causada pelo coronavírus - 19
EOR's	Estudos Organizacionais
LETRA	Laboratório de Estudos Transdisciplinares
MCD	Modernidade/Colonialidade/Decolonialidade
MG	Minas Gerais
OMS	Organização Mundial de Saúde
PPG's	Programas de Pós-graduação
PPGA	Programa de Pós-graduação em Administração
TA	Teoria Administrativa
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TO	Teoria das Organizações
UFLA	Universidade Federal de Lavras

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO: “AO VOLTAR A VISTA ATRÁS, AS PEGADAS NO CAMINHO”	14
1.1 Situando a pesquisa	19
1.2 Objetivos	25
1.3 Justificativa ou... por que pesquisar a experiência de pesquisa nos Estudos Organizacionais	26
2. A CIÊNCIA HEGEMÔNICA E A CRISE DA CIÊNCIA MODERNA	31
2.1 O ideal científico e os limites da ciência moderna	31
2.2 Colonialidade e a matriz colonial do poder	34
2.3 A racionalidade da experiência: decolonial, sensível, relacional	40
3. A EXPERIÊNCIA SENSÍVEL DE PESQUISA	44
3.1 Dos temas sensíveis à condição sensível da experiência de pesquisa	44
3.2 A pesquisa de doutorado: relações e acontecimentos	52
3.3 Sensibilidade na produção de conhecimento científico: algumas experiências	57
4. METODOLOGIA	62
4.1 Natureza da pesquisa	62
4.2 Acesso aos sujeitos e estratégias de produção das informações	64
4.3 Construção do <i>corpus</i> de análise e interpretação	68
5. EXPERIÊNCIAS SENSÍVEIS DE DOUTORADO	74
5.1 Um gesto de interrupção	74
5.2 Uma abertura para o desconhecido: pesquisas (im)previsíveis	79
5.3 Antiexperiências	91
5.4 O tempo da tese: tempo de entregar-se e conectar-se	101
5.5 Os outros que nos apoiam em nossas vulnerabilidades e incertezas	106
5.6 Envolver-se e deixar se envolver com os sujeitos do campo	117
5.7 Tornar experiências visíveis e credíveis	126
5.8 Dar sentido a quem somos e ao que nos acontece	132
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	140
7. CARTA AOS QUE VIEREM DEPOIS DE MIM	146
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	149
ANEXO A - Convite para colaboração em estudo	162
ANEXO B - Carta à(ao) pesquisador(a)	163
ANEXO C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	164
ANEXO D – Roteiro de entrevista	167



Desobedecer à norma e ao instituído é um ato de coragem!

1. INTRODUÇÃO: “AO VOLTAR A VISTA ATRÁS, AS PEGADAS NO CAMINHO”

Caminhante, são tuas pegadas
O caminho e nada mais.
(Cantares, Antonio Machado)

Esta pesquisa nasceu do questionamento dos caminhos certos e previsíveis da ciência moderna. Ela também nasceu no meio – e a partir – de uma das maiores incertezas que vivemos no último século: a pandemia da COVID-19. No meio de tanta incerteza – e precisando escrever uma tese – me¹ pus a pensar como fazemos, quando o que pretendemos fazer não caminha como desejamos.

A pandemia não foi o único acontecimento imprevisível, durante o meu período de doutorado. Ela foi o acontecimento que me obrigou a parar o que eu estava fazendo – meu projeto de tese – e a pensar no sentido das coisas que nos acontecem, ou o sentido que damos ao que nos acontece.

No meio desse turbilhão, não pensei com essas palavras. Provavelmente, devo ter pensado: o que é que eu vou fazer agora? Para tentar dar algum sentido ao sem-sentido do que estávamos vivendo, olhei para a minha trajetória e busquei indícios que me trouxessem alguma resposta. Vamos aos acontecimentos – previsíveis e imprevisíveis – dessa curta e turbulenta travessia.

Ser pesquisadora não fazia parte dos meus planos. Eu entrei na universidade para cursar Administração, em março de 2000, sem saber muito o que estava indo fazer lá. Nunca tive grandes encantos pelo curso, mas cumpri o que tinha que cumprir para poder acessar o mundo do trabalho e tentar viver dignamente. Não me envolvi com pesquisa e acredito que, até entrar no mestrado, em 2013, nem sabia direito o que era isso.

Da universidade e da vida que vivi durante a graduação, meu maior aprendizado veio da possibilidade de sair do meu mundo do interior de Minas Gerais e poder conviver com pessoas tão diferentes de mim, de ouvir suas histórias, de contar um pouco da minha, de sair do meu lugar – interno e externo – e de aprender com essas experiências diversas. Quando me

¹ Optei por escrever a tese na primeira pessoa, tanto do singular, quanto do plural. Quando me referi às experiências que são exclusivamente minhas, que mencionavam reflexões particulares ou elementos da minha história pessoal, usei a primeira pessoa do singular. Em outros momentos, usei a primeira pessoa do plural para me referir à comunidade que faz pesquisa científica, me incluindo nessa comunidade. Também usei a primeira pessoa do plural quando me referi às decisões e construções que foram feitas em diálogo e parceria com minha orientadora, Flávia Nunes.

formei, em janeiro de 2005, o mais difícil foi me despedir daquelas pessoas e daquele lugar para começar uma nova experiência.

A possibilidade de trabalho existente em meu imaginário era entrar em uma empresa, e foi esse caminho que segui. Depois de oito anos aplicando técnicas gerenciais para controlar processos organizacionais, entre erros e acertos, percebi que aquilo não contemplava meus anseios. Apesar do aprendizado e amadurecimento que tive, eu queria conhecer alguma coisa que eu ainda não sabia o que era. Em 2013, descobri um programa de mestrado em uma cidade próxima à minha. Entrei como aluna especial (chamava-se aluna de atualização) e, durante um ano, conciliei meu trabalho e as disciplinas do mestrado, com a pretensão de conhecer o espaço acadêmico.

Quando acessei esse universo, eu me encantei! Era um programa interdisciplinar em Desenvolvimento, Tecnologias e Sociedade e eu desconhecia todas as leituras que eu tinha que fazer. Foi como se eu tivesse começado a fazer uma nova graduação. Foi mais: foi como se eu estivesse aprendendo a ler novamente. Eu desconhecia as palavras, os termos, as autorias, as teorias. Eu não entendia nada! Como dizia uma amiga: a cada dez palavras, nove a gente tinha que procurar no dicionário. Apesar das dificuldades, quanto menos eu entendia, mais eu me apaixonava, porque eu sabia que, ali, naquelas palavras que eu não entendia, havia algo que eu não sabia, mas que eu poderia aprender.

Aquele mundo novo que se apresentava, me encantava e me inquietava, e o espaço da ciência, da pesquisa e da academia passou a ser algo concreto em minha vida e em minhas expectativas. Debaixo de uma cachoeira, em dezembro de 2013, eu decidi que aquele era o caminho que eu queria seguir e, em julho de 2014, eu saí da empresa onde trabalhava e fui me dedicar por inteiro a esse universo desconhecido.

A dissertação não foi a pesquisa dos meus sonhos, mas foi o possível, dentro do que era possível, condição que só consigo perceber hoje. Mas foi no caminho da dissertação, que eu me (re)encontrei com o objeto de pesquisa que eu imaginei que fosse pesquisar no doutorado: o cartucho de doces das festas juninas. Escrevi um projeto sobre as práticas de resistir no ofício das cartucheiras do sul de Minas e submeti ao processo de seleção do doutorado da Universidade Federal de Lavras. Fui aprovada e, em 20 de março de 2018, entrei no doutorado, certa de que essa seria a minha tese.

Eu consegui eliminar créditos e concluir as disciplinas no primeiro ano, e pensei que eu conseguiria finalizar o doutorado em três anos. Talvez porque eu tenha demorado muito no mestrado e não entrei no doutorado na sequência, ou por ter iniciado minha vida acadêmica,

depois dos 30 anos, e por completar 40 anos, em 2021, eu quisesse compensar esse “tempo perdido”.

No final do primeiro ano, eu já havia abandonado a ideia do projeto com as cartucheiras e começado a pensar em um projeto sobre o movimento de resistência em Caldas (MG). Em janeiro de 2019, fiz o contato com uma integrante do movimento para saber se haveria interesse na pesquisa. Com um aceite inicial, comecei a construir um novo projeto.

Em julho de 2019, entrei novamente em contato para começar a aproximação com o campo. Depois de diversas tentativas de conversa com a liderança do movimento, não tive respostas. Os dias passavam e eu estava em dúvida sobre insistir nesse contato. Conheço as muitas demandas e prioridades dos movimentos sociais e sabia que uma não-resposta também era uma resposta. Após muita reflexão e conversas com Flávia, minha orientadora, decidi abandonar o projeto mais uma vez e iniciar outro projeto.

Depois de assistir a uma reportagem que Flávia me enviou sobre as mulheres do Congado, comecei a escrever meu mais novo projeto de tese: as estratégias de resistência das mulheres do Congado. Era uma pesquisa que fazia muito sentido para mim, que envolvia parte da história de vida da minha mãe e era um contexto com o qual eu já tinha alguma aproximação. Em menos de dois meses, eu já havia construído o projeto, já havia feito uma inserção no campo e conseguido outros três nomes que poderiam contribuir com a minha pesquisa.

Eu estava mais confiante, pois já havia conseguido me aproximar e me inserir naquele campo. Mas eu não poderia imaginar que, cinco meses depois, tudo o que eu tinha certeza, eu já não teria mais. Em março de 2020, a Organização Mundial de Saúde (OMS) declarou a COVID-19 como uma doença pandêmica e determinou o isolamento social como uma das principais medidas de contenção das contaminações (OPAS, 2020).

Nos primeiros dias da pandemia, eu estava tranquila e me dediquei às leituras. Eu passei o segundo semestre de 2019 sozinha e pensei que não seria muito diferente. O prazo de qualificação do projeto de tese foi adiado por causa da pandemia, então, eu teria tempo de fazer ajustes até a qualificação.

De repente, eu paralisei! As pessoas estavam morrendo de COVID, de fome, de negligência. Eu tinha casa, comida e água limpa e sentia vergonha disso. Tinha vergonha de ter como maior preocupação uma tese de doutorado. Eu tinha taquicardia e passei muitas noites sem dormir. Nada estava fazendo sentido.

Conseguí um fôlego – que também era um privilégio, enquanto tanta gente não podia respirar – finalizei o projeto e marquei a qualificação, que aconteceu em 27 de agosto de 2020.

A despeito das críticas, as inúmeras contribuições que recebi das avaliadoras me ajudariam a continuar esse caminho. Mas havia uma dúvida que ninguém no mundo sabia responder: quando estaríamos seguros?

Eu não podia colocar em risco os sujeitos da minha pesquisa. A conclusão de uma tese não poderia ser mais importante que a segurança, o bem-estar e a vida das pessoas. No meio da pandemia, eu tinha uma tese e no meio da tese, tinha uma pandemia e nada do que eu havia planejado, aconteceu. Imersa em dúvidas, eu pensava em como fazer uma pesquisa considerando a necessidade de isolamento. Minha orientadora me veio com uma palavra de acalento e combinamos de conversar na semana seguinte. Mas eu estava decidida a abandonar esse projeto também.

Antes da conversa com Flávia, tive um encontro com uma pessoa que foi fundamental na construção deste projeto. Minha amiga Sônia veio até a cidade onde moro e, como estávamos em pandemia, fomos para uma cachoeira. Compartilhei com ela muitas das minhas dúvidas e inseguranças, inclusive com relação a algumas críticas que recebi na qualificação. Sônia é psicopedagoga e tem uma incrível habilidade para ouvir e ajudar a pensar. Ela escutou atentamente as minhas inquietações e me contou uma experiência que ela viveu no início dos anos 80.

Ela e uma amiga trabalhavam com grupos de mulheres e foram em uma comunidade, no interior do Nordeste, para ensinar a fazer uma higienização íntima para evitar problemas de saúde. Quando elas iniciaram as explicações, uma franzina mulher se levanta, com um filho no colo, outro na mão e outro na barriga e com a força que tinha, disse: “como vou gastar água com as partes se não temos água para beber?!”. Elas se entreolharam e disseram: “o que é que nós estamos fazendo aqui?”².

Esse era o meu sentimento: o que é que eu estou fazendo aqui? Sônia me disse: “por que você não pesquisa isso aí que você me contou? Essas dificuldades e inquietações que pessoas que fazem pesquisa vivem para construir uma pesquisa”. Depois de dias difíceis, aquela foi uma bela tarde de sol, comendo queijo, sozinhas na cachoeira, compartilhando experiências, tentando nos abstrair um pouco do mundo isolado e incerto que nos aguardava para além daquela natureza que nos cercava.

Voltei para casa, para o meu mundo isolado, e não consegui parar de pensar naquela conversa. Eu não podia contar somente a minha experiência, porque não era sobre mim. Passei alguns dias pensando no sentido daquela história e como ela reverberou em mim. Durante o

² Sônia me autorizou a identificá-la e contar essa história.

mestrado e no curto período que convivi com colegas, amigos e amigas no doutorado, não foram raras as vezes que conversamos sobre nossas inseguranças e incertezas.

Isso reforçou a minha ideia de que outras pessoas que fazem pesquisa também se deparavam com imprevistos em suas pesquisas, mesmo sem terem feito suas teses no meio de uma pandemia. Na conversa com Flávia, contei sobre essa conversa e sugeri pesquisar o próprio processo de fazer pesquisa. Com o apoio dela, comecei, pela quarta vez, a construir o que viria a se tornar a minha tese. Com mais dúvidas e com menos tempo. Tudo outra vez!

Mas, já nas primeiras leituras, eu fui arrebatada por um texto que Flávia havia me enviado: “Notas sobre a experiência e o saber de experiência” (BONDÍA, 2002). O autor diz que “a experiência é o que *nos* passa, *nos* acontece, o que *nos* toca” (BONDIA, 2002, p. 21, grifos do autor). Diferente do experimento, a experiência tem uma dimensão de incerteza. Ela é uma abertura para o desconhecido, que não se pode “pré-ver”, nem “pré-dizer” (BONDÍA, 2002, p. 28).

Entre gostos e desgostos, e com muito apoio de minha orientadora, esta foi a pesquisa que consegui construir nesses 16 meses que me restaram. O que me levou a pesquisar pessoas que fazem pesquisa foi a possibilidade de compreender a minha trajetória³ e a minha experiência, a partir da trajetória e da experiência daquelas e daqueles que viveram experiências semelhantes, mas nunca iguais.

Considerando que a pós-graduação é o espaço de produção de pesquisa e ciência no Brasil, parti de minhas próprias angústias para tentar entender um pouco mais desse pluriverso encantador e desencantador que é a experiência de doutorado. O imprevisível e o desconhecido da minha experiência de doutorado me levaram a conhecer o imprevisível e o desconhecido das experiências de doutorado de pesquisadoras e pesquisadores⁴ do campo dos Estudos Organizacionais. São essas histórias – seus dilemas, suas inseguranças, suas angústias, os sentidos e os não-sentidos – que serão contadas nas páginas que seguem.

³ Para trazer a minha corporeidade para esse encontro de experiências, situando o meu conhecimento, esclareço que sou uma mulher branca, de 40 anos, cisgênero, sem filhas ou filhos, nascida em Pouso Alegre, no interior do Sul de Minas (MG), mas transitando entre a cidade e o campo, dada as origens rurais de minha mãe. Sou filha de uma professora do ensino fundamental e de um pai operário, falecido quando eu tinha sete anos. Nesse sentido, também sou filha de mãe solo, tendo vivido uma vida modesta, mas digna. Cursei o doutorado sem bolsa, contando com recursos próprios e com o apoio de minha família para me manter.

⁴ Optamos pelo uso da linguagem não sexista (TOLEDO, 2014), pois entendemos que o combate às invisibilidades e invisibilizações das mulheres cientistas e produtoras de conhecimento também se dá no enfrentamento à neutralidade da linguagem.

1.1 Situando a pesquisa

Este estudo se situa no âmbito das investigações que pretendem investigar a própria pesquisa e o processo de produção de conhecimento, propondo pensá-los, a partir da concepção de experiência sensível de pesquisa. Partimos da crítica à ciência moderna feita pela opção decolonial (QUIJANO, 1992; ESCOBAR, 2003; DUSSEL, 2005; MIGNOLO, 2006; CASTRO-GÓMEZ; GROSGOUEL, 2007) e das denúncias sobre as experiências desperdiçadas (SANTOS, 2002) para pensar a construção do conhecimento, a partir da noção de experiência/sentido, com a pretensão de recuperar o sentido de quem somos e dar sentido ao que nos acontece (BONDÍA, 2002; 2006a) enquanto pesquisadoras e pesquisadores no processo de pesquisar.

O termo ciência se refere à ciência moderna, estabelecida para servir a um modelo de sociedade, e que justificou a destruição de múltiplas experiências e conhecimentos ao redor do mundo para impor uma única forma – legítima e certa – de saber, de ser, de viver (SANTOS, 2001; WALLESTEIN, 2002; LANDER, 2005; CASTRO-GÓMEZ; GROSGOUEL, 2007).

Seu pressuposto fundante é a relação sujeito-objeto na produção do conhecimento, na qual o “sujeito” – a pessoa que pesquisa – se refere a uma categoria de indivíduo isolado, que se constitui em si mesmo, em sua fala e na sua capacidade reflexiva (QUIJANO, 1992). A relação objetificada entre sujeito que pesquisa e sujeitos pesquisados, que suprime suas subjetividades, é o que garante à ciência moderna seu status de universal, neutra e objetiva.

Essa forma de produzir conhecimento se legitimou, no século XVII, com a publicação de *O Discurso sobre o Método*, de Descartes, que sistematizou e consolidou a separação entre mente-corpo, razão-mundo (APFFEL-MARGLIN, 1996; SANTOS, 2001; LANDER, 2005) e definiu os parâmetros científicos e metodológicos que, até hoje, orientam a produção de conhecimento.

A racionalidade moderna se desenvolveu no domínio das ciências naturais e se estendeu às ciências sociais, que emergiram no início do século XIX (SANTOS, 2001). As ciências sociais se expandiram ao redor do mundo como uma interpretação única – universal e homogeneizante – das sociedades e das relações sociais, apagando outras formas de sociabilidade, trabalho e vida que não se encaixavam nesse modelo (GROSGOUEL, 2008; MIGNOLO, 2014; MIGLIEVICH-RIBEIRO, 2014). Esse modelo de ciência vem sendo questionado em todos os campos do conhecimento, não restritos ao campo das Ciências Sociais.

A comunidade científica de matemáticas e matemáticos tem questionado a própria matemática enquanto conhecimento universal acumulado e vem recuperando os fundamentos filosóficos da Etnomatemática, reconhecendo práticas matemáticas de diferentes grupos (LENNON MARCHON; FANTINATO, 2015).

Na Economia, a dicotomia entre fato e valor, fortemente presente nesse campo, tem impedido a aproximação entre Economia e Ética, o que dificulta enfrentar as disparidades entre ricos e pobres (SEN, 1987; 1992; 1994; PUTNAM, 2008). Essa separação também tem sido questionada, desmascarando o argumento de que a Economia evita suposições metafísicas ao evidenciar sua adesão à metafísica lógico-positivista (WALSH, 1996; PUTNAM, 2008).

No campo da saúde, as oposições entre teoria-metodologia, sujeito-objeto, racionalidade-técnica e os rígidos protocolos de ética nas práticas de pesquisas qualitativas têm desestimulado a realização de pesquisas mais aprofundadas (LANGDOM; MALUF; TORNQUIST, 2008), levando à produção de uma ciência replicante, que tem negado a multiplicidade de processos sociais que operam simultaneamente (VÍCTORA, 2011).

Até no campo da Física, os determinismos vêm sendo refutados em busca de uma nova racionalidade, que reconheça os laços entre a existência humana e a natureza, e que não mais se limita a situações idealizadas e simplificadas, às compreensões deterministas do mundo, mas tampouco arbitrárias, submetidas apenas ao acaso (RUELLE, 1991; PRIGOGINE, 1996).

Essas discussões compõem um movimento convergente que tem provocado uma reflexão profunda sobre o conhecimento científico, problematizando a própria prática científica e abrangendo as condições sociais e os contextos culturais nas suas análises (SANTOS, 2001). O debate ganha fôlego à medida que, cada vez mais pessoas que fazem pesquisa, em diferentes centros de pesquisa (periféricos ou não), têm questionado o universalismo etnocêntrico, o euro-norteamericanismo teórico, o positivismo epistemológico e o neoliberalismo científico como pilares das ciências sociais (BALLESTRIN, 2013).

No campo da Administração, os Estudos Organizacionais (EORs) surgem para fazer frente à essa perspectiva de investigação, propondo uma produção de conhecimento mais plural, com projetos de diferentes conotações políticas, com seus respectivos objetos de estudo, empregando distintas epistemologias, fundamentos teóricos e visões de mundo (MISOCZKY; CAMARA, 2020; CARRIERI; CORREIA, 2020).

Enquanto espaço de conhecimento, os EORs nasceram com o intuito de matizar o positivismo e o reducionismo impostos pela Teoria das Organizações (TO) e pela Teoria Administrativa (TA), e se contrasta com as teorias mais reconhecidas institucionalmente

(IBARRA-COLADO, 2003). Pesquisadoras e pesquisadores têm questionado o predomínio do aparato gerencialista, as formas operadoras de ferramentas e a supervalorização dos instrumentos (BARROS *et al.*, 2016; ABDALLA; FARIA, 2017; FERRAZ, 2020), desprendidos de compromissos éticos e sociais.

O campo dos EORs tem tensionado a hegemonia da produção de conhecimento de forma descontextualizada, desterritorializada e desumanizada, e vem alertando para os riscos da supervalorização do produtivismo, em detrimento do conhecimento crítico, reflexivo, incorporado, plural, que é a essência do próprio conhecimento (CARVALHO; VIEIRA, 2003; IBARRA-COLADO, 2006; ALCADIPANI, 2011; BARROS, 2016; SÁ; MATTOS, 2016; ABDALLA; FARIA, 2017; CARRIERI; CORREIA, 2020; CUNLIFFE, 2020; SÁ *et al.*, 2020).

Nos aproximamos dessa discussão, propondo uma reflexão sobre a própria experiência de fazer pesquisa, um processo transpassado por imprevisibilidades e sensibilidades. Ao iniciar no pluriverso⁵ da pesquisa e da produção de conhecimento, inúmeros desconfortos vão se manifestando: dificuldades de aproximação e entrada no campo, de construção do problema de pesquisa com os sujeitos investigados, as prioridades desses grupos, as consequências que tanto o processo de pesquisa quanto os resultados poderiam provocar para os sujeitos, entre muitos outros.

Essas dificuldades são abordadas nos manuais de metodologia, que oferecem orientações fundamentais, principalmente para pessoas iniciantes na prática e no processo de pesquisar. Entretanto, não é rara a importância excessiva dada às técnicas, que visam eliminar eventualidades da pesquisa qualitativa, rejeitando seu caráter inerentemente fluido e sensível às alterações que o próprio campo lhe impõe (KAUFMANN, 2013).

Ao acessar os manuais para aperfeiçoar as ferramentas metodológicas, pesquisadoras e pesquisadores iniciantes descobrem que tudo deve ser minimamente controlado e se sentem incapazes de aplicá-las. Diante de condições tão formalistas, suas tentativas e erros não são explicitados, com receio de serem vistas e vistos como incompetentes (KAUFMANN, 2013).

Doutorandas e doutorandos são um dos grupos de pessoas que pesquisam que mais sofrem com a exigência da certeza, em um campo permeado de incertezas. O doutorado é um processo ao qual se submetem aquelas e aqueles que querem se aperfeiçoar como investigadores científicos, visando, quase sempre, seguir a carreira acadêmica e universitária (ECO, 1997). A

⁵ Em contraponto ao conceito “Universal” da tradição filosófica ocidental, ancoro-me nas discussões de Grosfoguel (2008) de pensar o “Pluriverso”, outras formas de pensar, decoloniais. Pensar em “pluriversos” da pesquisa ao invés de “universo” alinha-se à proposta de experiências de pesquisa, que nunca serão universais.

doutoranda e o doutorando precisam produzir conhecimento novo e defender sua tese, em um período de quatro anos.

O trabalho acadêmico mobiliza todas as forças do sujeito que o realiza, pois é “desestabilizador de certezas intelectuais, comportamentais e emocionais” (FREITAS, 2007, p. 16). Essas incertezas são, reconhecidamente, inerentes às pesquisas de natureza qualitativa, que têm como uma de suas características sua condição emergente, em lugar de estritamente pré-configurada, podendo ter suas questões alteradas, refinadas, ou ainda, modificar o próprio processo de produção das informações, à medida que as portas do campo se abrem ou se fecham (ROSSMAN; RALLIS, 1998).

Diante desses incômodos e dentro desse contexto, foram feitos os seguintes questionamentos: como chegamos a pesquisar o que pesquisamos em nossas pesquisas de doutorado? Como lidamos com as imprevisibilidades e incertezas do caminho da pesquisa, que a ciência moderna tanto insiste em negar? Que relações estabelecemos durante o período do doutorado e como elas afetam, para o bem e para o mal, nossa experiência de pesquisa? Como construímos e desconstruímos essas relações? Quais expectativas e frustrações vivenciamos com nossas pesquisas? O que aprendemos e como nos transformamos, depois da experiência de pesquisa de doutorado?

O processo de pesquisa é uma experiência vivida, “é quase uma vida dentro da vida”, como disse Freitas (2007, p. 14), que nos acompanha, seja onde estivermos: no trabalho de pesquisa, em momentos de lazer, nas atividades cotidianas. E embora seja melhor desenvolver uma tese sobre um tema prazeroso, o tema é secundário em relação à experiência que se tira desse caminho (ECO, 1997).

Uma experiência sempre acontece na relação com o outro. Mas é uma relação com o outro, que acontece em nós, nos interpelando, nos ferindo, nos cativando, nos transpassando, nos transformando. A experiência, portanto, é um movimento de ida e volta, do outro, que passa em nós e nos transforma (BONDÍA, 2002; 2006a).

Freitas (2007) nos lembra que não existe tese feita apenas pela sua autora ou pelo seu autor, porque, para que ela aconteça, é preciso estabelecermos alianças objetivas e afetivas. Em se tratando das pesquisas de natureza qualitativa, também é condição para a sua realização o envolvimento nas experiências das pessoas participantes da pesquisa, além da sensibilidade de quem faz pesquisa em relação a esses participantes e a necessidade de tentar estabelecer harmonia e credibilidade com essas pessoas (ROSSMAN; RALLIS, 1998).

Mas os sujeitos da pesquisa de campo não são os únicos com os quais estabelecemos relações durante esse processo. Doutorandas e doutorandos vivem múltiplas relações, para além da pesquisa de campo: com a leitura, com o trabalho, com a orientação, com colegas, com amigas e amigos, com a escrita, com a família, etc. Algumas dessas relações são apenas protocolares e acontecem por exigência do processo. Outras são profundamente sensíveis, permeadas de sentimentos, sentidos e significados.

Para Haroche (2008), condição sensível se refere às formas pelas quais os processos se internalizam no interior das pessoas e na vida em sociedade. Ao analisar o efêmero da vida contemporânea, a autora questiona as condições e a nossa capacidade de sentir, nessa sociedade do imediato. Nesse sentido, propomos pensar a pesquisa da perspectiva da experiência sensível, na qual a sensibilidade se relaciona com a maneira com que pessoas que pesquisam vivenciam as múltiplas relações que acontecem durante o doutorado. A experiência sensível de pesquisa afeta nossa maneira de perceber, de sentir e de estar no mundo e jamais nos deixa no mesmo lugar.

Diante do exposto, o problema que norteia este trabalho se desenhou na seguinte pergunta: como se constroem as experiências sensíveis de pesquisa e como elas influenciam os caminhos das pessoas que fazem pesquisa? Quando nos referimos à pesquisa, não restringimos à pesquisa de campo, mas a todos os acontecimentos e interações que vivenciamos nesse período.

Optamos por trazer à tona os relatos sobre as experiências sensíveis de pesquisa de doutorado de investigadoras e investigadores que realizaram pesquisas qualitativas, no campo dos Estudos Organizacionais⁶. A palavra “doutorado” vem do latim *doctus*, que significa “o que aprendeu”, de *docere* que significa “mostrar, ensinar” e gerou *doctor*, “aquele que ensina”. Além disso, a sigla PhD, abreviação de “*Philosophy Doctor*”, é a expressão utilizada para o título concedido aos doutores em uma determinada área do conhecimento. A origem grega de “*philosophiae*” significa “amor ao conhecimento”. Então queremos saber o quê, aquelas e aqueles que ensinam o amor pelo conhecimento, podem nos contar sobre suas experiências de aprender a amar o conhecimento.

Propomos pensar a experiência sensível de pesquisa como um ato de desobediência epistêmica (MIGNOLO, 2010) e um caminho alternativo para construir e compreender a pesquisa. Nossa pretensão é conhecer as experiências de doutorado de pesquisadoras e

⁶ Reconhecemos que existem outros atores pesquisadores, que também vivenciam relações profundas e complexas, mas optamos pela experiência de doutorandos como um recorte viável dentro do tempo disponível para realizar e concluir a pesquisa.

pesquisadores do campo dos Estudos Organizacionais, para além das pressões pelo rigor científico centrado na aplicação rigorosa de técnicas, no conhecimento útil e imediatamente aplicável, visão que predomina no campo da Administração.

Da definição de experiência que nos toca de Bondía (2002; 2006a) e da condição sensível e a internalização dos acontecimentos de Haroche (2008), a expressão experiência sensível seria redundante, pois se a experiência não é sensível, não é internalizada, não é experiência, mas mero experimento ou acontecimento, alheio a nossa subjetividade, reflexividade e transformação. Entretanto, a adjetivação da experiência como sensível, ainda que profusa, é necessária para que não haja confusão com o uso da palavra experiência como mero acontecimento.

A experiência sensível de pesquisa se funda em uma outra racionalidade – decolonial, sensível, relacional –, em oposição à razão instrumental e pressupõe a construção de um conhecimento plural, reflexivo, interrelacional, situado, dialógico, intersubjetivo, incorporado. A experiência não é a aplicação de procedimentos sequenciais e rigorosos até um objetivo previsto, mas uma abertura para o desconhecido, para o que não se pode “pré-ver” (BONDÍA, 2002; 2006a).

Envolve as muitas formas de se fazer pesquisa, construídas por quem que se dispôs a estudar vidas humanas e enfrentar os sentimentos humanos que emanam dessa experiência (ELY *et al.*, 1991), permitindo se sensibilizarem e se transformarem nesse processo (BONDÍA, 2002; 2006a; 2006b). Diferentemente da visão heroica da ciência moderna (OLIVEIRA, 2019) que consagra os grandes homens da ciência e suas descobertas autênticas (SHAPIN, 2010), a experiência sensível reconhece as pessoas que pesquisam como sujeitos vulneráveis, assumindo a sua humanidade.

A ciência moderna desconfia da experiência e do saber que dela emerge. Para garantir rigor a ela, reduziu-a a um elemento do método, convertendo a experiência em experimento, uma etapa no caminho seguro e previsível da ciência, para que esta possa se apropriar e dominar o mundo. A experiência deixa de ser o meio desse saber, que forma e transforma a vida em sua singularidade (BONDÍA, 2002; 2006a; 2006b).

Nesse sentido, os afetos, desconfortos, equívocos, ou seja, a experiência vivenciada no processo é desprezada, considerada como uma externalidade e não parte da própria pesquisa. Compreendemos que as dificuldades e imprevisibilidades que emergem de uma experiência sensível de pesquisa não devem ser ignoradas, mas incorporadas como parte fundamental do

processo de construção do conhecimento. Ela pode ajudar a construirmos um jeito novo de caminhar⁷.

Conforme apontou Santos (2001), a crise da racionalidade da ciência moderna não representa a defesa do ceticismo ou do irracionalismo. Para o autor, essa crise

é antes o retrato de uma família intelectual numerosa e instável, mas criativa e fascinante, no momento de se despedir, com alguma dor, dos lugares conceituais, teóricos e epistemológicos, ancestrais e íntimos, mas não mais convincentes e securizantes, uma despedida em busca de uma vida melhor a caminho doutras paragens onde o otimismo seja mais fundado e a racionalidade mais plural e onde, finalmente, o conhecimento volte a ser uma aventura encantada (SANTOS, 2001, p. 35-36).

Para que o conhecimento da experiência sensível possa emergir, é preciso abandonar as formas de conhecer que modelam nossas subjetividades (MIGNOLO, 2014). Para aprender, é preciso que sejamos capazes de aprender o que ainda não sabemos (HAROCHE, 2008), nos diálogos, nas trocas, nas interações sociais.

Defendemos a tese de que as narrativas sobre as experiências de pesquisa de doutorado das pesquisadoras e pesquisadores dos Estudos Organizacionais revelam subjetividades e sensibilidades (trans)formadoras, que emergem das/nas múltiplas relações que são construídas nesse processo, contribuindo para a construção de conhecimento descolonizado e para o reconhecimento da condição humana do sujeito que pesquisa.

1.2 Objetivos

O objetivo geral desta pesquisa é compreender os processos de pesquisa de doutorandas e doutorandos dos Estudos Organizacionais, da perspectiva da experiência sensível de pesquisa, e como tal perspectiva afeta escolhas, decisões, histórias e a construção de conhecimento.

Como objetivos específicos, temos:

- ✓ Resgatar as histórias sobre as experiências de doutorado de pesquisadoras e pesquisadores dos EOR's;
- ✓ Identificar elementos que revelam a condição sensível das experiências de pesquisa;
- ✓ Analisar as implicações pessoais, sociais e científicas das experiências sensíveis de pesquisa.

⁷ “Não tenho um caminho novo. O que eu tenho de novo é um jeito de caminhar”, frase do poema “A Vida Verdadeira”, do poeta amazonense Thiago de Mello.

1.3 Justificativa ou... por que pesquisar a experiência de pesquisa nos Estudos Organizacionais

A construção de pesquisas que se desenvolvem a partir de uma leitura decolonial da realidade social, que reconhecem as subjetividades e capacidades reflexivas dos sujeitos da pesquisa (ABDALLA; FARIA, 2017; CARRIERI; CORREIA, 2020; SZLECHTER *et al.*, 2020), exige romper com epistemologias enrijecidas e recuperar a dimensão da sensibilidade, abandonada pela modernidade. A crítica contra o colonialismo na ciência implica formulações epistemológicas compatíveis com os novos posicionamentos políticos presentes nessa perspectiva de produção de conhecimento (SERVA, 2017).

Os Estudos Organizacionais têm debatido a desconstrução da racionalidade instrumental e vêm (re)pensando a prática científica aberta a novas experimentações epistêmicas, teóricas e metodológicas e novas compreensões (ALPERSTDTEIN; ANDION, 2017). O campo tem proposto novas construções para realizar pesquisas em contextos específicos (ABDALLA; FARIA, 2017; SÁ; MATTOS, 2016; MATTOS, 2016; BARROS, 2016; BARROS *et al.*, 2016; SÁ, 2016), que contemplem a perspectiva histórica, valorizando saberes advindos das experiências cotidianas (CARRIERI; CORREIA, 2020).

Também estão sendo feitas proposições sobre práticas de pesquisas incorporadas (BISPO; GHERARDI, 2017) e da formação constante na própria prática de pesquisa (SÁ *et al.*, 2018; SÁ *et al.*, 2020). Abdalla e Faria (2017) propõem uma agenda decolonial em administração/gestão, que abarque as áreas funcionais, alinhadas às realidades locais – periféricas e centrais – dentro de uma perspectiva transcospopolita.

Esses arranjos propostos se voltaram para pensar e propor metodologias – o meio, o “como fazer” – que incorporem contextos históricos heterogêneos e experiências diversas dos sujeitos investigados. Propomos contribuir com essas discussões, pensando nas heterogeneidades das experiências, dos contextos, das realidades e das condições de vida de quem pesquisa, revelando o que conhecem de si nesse processo, a partir de sua experiência com o outro.

A pesquisa da perspectiva da experiência sensível possibilita construir conhecimento a partir do outro (MIGLIEVICH-RIBEIRO, 2014), mas do outro que acontece em nós (BONDÍA, 2002a; 2006b), revelando o conhecimento dessa interação e interrelação e incorporando-o ao processo de produção de conhecimento (CASTRO-GÓMEZ; GROSFUGUEL, 2007),

explicitando saberes que a racionalidade instrumental não é capaz de perceber, ajudando a construir uma ciência mais humanizada e humanizadora.

A experiência, portanto, é objeto de pesquisa – os acontecimentos desse processo –, mas também o sujeito – como meio e mediador de si nas interações com os outros que os transpassam – e é resultado – como um outro sujeito, revelado e transformado. Não reduz o outro, nem a si, à condição de objeto, porque a experiência só acontece na relação intersubjetiva, nas interações que se afetam e se deixam afetar.

A distinção sujeito/objeto ainda é uma questão em aberto que exige experimentações. A sensibilidade tem potência, mas é vista pela ciência como um problema. Nesse sentido, argumentamos que os avanços do conhecimento podem ser potencializados, à medida que o saber da experiência é valorizado e construído, o que implica que pessoas que fazem pesquisa aceitem e reconheçam a subjetividade e a sensibilidade inerentes ao processo de pesquisa e as insiram nesse processo.

Compreender o processo de pesquisa da perspectiva da experiência sensível significa conhecer o modo com que seus processos de pesquisa foram conduzidos e as maneiras de expressar as escolhas estabelecidas nesse percurso, à medida que se permitiram ser transpassados e transformados por essa experiência.

Perceber a experiência, captá-la e discuti-la é um desafio a ser encarado pela ciência. Santos (2002) aponta que, para combater o desperdício de experiências, não basta uma nova ciência social, mas é necessária uma nova racionalidade. O autor se refere às múltiplas experiências sociais não narradas, principalmente no campo das experiências de desenvolvimento, trabalho e produção; experiências de reconhecimento e os conflitos entre sistemas de classificação social; experiências de democracia; experiências de comunicação e informação; experiências de conhecimento.

As experiências de conhecimento se referem aos “conflitos e diálogos possíveis entre diferentes formas de conhecimento” (SANTOS, 2002, p. 259). A experiência sensível pretende contribuir nesse campo, revelando a dimensão sensível das experiências de produção de conhecimento, que acontece nos conflitos e diálogos no próprio fazer da pesquisa, nas múltiplas relações e interações vividas entre sujeito que pesquisa, sujeito pesquisado e outros sujeitos presentes nessa experiência, que os atravessam e os transformam.

O imprevisível é um elemento da vida humana. Como o doutorado e as experiências de pesquisa são processos que vivenciamos, o imprevisível estará sempre presente nas pesquisas. Nesse sentido, consideramos que compreender a pesquisa da perspectiva da experiência

sensível – aceitando que os novos caminhos traçados para lidar com o inesperado não são externalidades, mas fazem parte da pesquisa – pode ajudar quem pesquisa a lidar melhor com os descaminhos e frustrações que surgirão nesse processo.

Em condições de pesquisa em que o elemento emocional está muito presente, as ideias podem se dissipar no fluxo das emoções. O processo de olhar para si pode ajudar a organizar o campo do pensamento, diminuindo a ansiedade, trazendo mais conforto e contribuindo para uma melhor fluidez desse processo.

O sujeito da experiência, em nosso caso, a doutoranda e o doutorando, é um sujeito vulnerável e exposto, como define Bondía (2002). O sujeito da experiência não é quem alcança tudo que propõe, não é definido por aquilo que sabe (BONDÍA, 2002). Um sujeito que tudo sabe, que alcança tudo que propõe, não aprende nada e não se transforma. Se não há nada a aprender, também não há conhecimento novo para emergir.

Pensar a pesquisa como uma experiência sensível também contribui para que pessoas que fazem pesquisa reconheçam que dúvidas, culpas, angústias, improdutividade e preocupações não as/os fazem menos competentes, mas as/os tornam pessoas mais humanas. Como nos disse Reis (1968), pesquisadoras e pesquisadores nascem como todas as outras pessoas e não há nenhum traço característico que as/os diferenciem.

A ideia de um sujeito heroico, genial e impávido reduz o ser-humano pesquisador/pesquisadora a um estereótipo, reduzindo, assim, a sua humanidade. Daí a importância de não ignorar sentidos, sensibilidades e sentimentos da pesquisa de doutorado, para melhor compreendermos o processo de pesquisa como um processo humano.

Ao colocar a experiência e os não-ditos da experiência sensível de pesquisa na centralidade, outras temáticas e problematizações para o campo dos Estudos Organizacionais poderão se revelar, ampliando a noção de resultado de pesquisa e de produção de conhecimento, a partir de processos porventura ignorados, descartados ou despercebidos, entendendo que “o conhecimento avança na medida que seu objeto se amplia” (SANTOS, 2001, p. 47).

Se o objeto é o próprio conhecimento, é preciso ampliar a noção do que é conhecimento. Ao (re)pensarmos nosso processo de pesquisa, nossas dificuldades e os conflitos que enfrentamos, abrimos possibilidades de compreender – individual e coletivamente – novos objetos, outros temas, novos caminhos de pesquisa para quem pretende desenvolver suas investigações em outro patamar de relação com os sujeitos investigados.

A experiência sensível de pesquisa abre possibilidades de recontar nosso processo de pesquisa sob outras dimensões, ampliando nossa compreensão sobre a própria pesquisa. Essa

perspectiva também visa valorizar o trabalho de pesquisa, tão desvalorizado e mal compreendido pela sociedade.

Vale lembrar que a vertiginosa desvalorização da ciência no Brasil, com recursos cada vez mais escassos e conseqüente depreciação da carreira científica, (RATHSAM, 2021; LENHARO, 2021) é sinônimo de desvalorização de quem faz pesquisa. A ciência precisa de investimentos em equipamentos, estrutura, aprimoramento de técnicas, mas não podemos esquecer que não se faz ciência sem o trabalho humano – físico, intelectual, emocional – de quem faz pesquisa.

Além de ser preciso lidar com a gravidade dos movimentos anticientíficos e anti-intelectuais, negacionismos, *fake news* (ALBUQUERQUE; PONTES, 2019; RATHSAM, 2021; MORALES, 2021) e de buscar alternativas de financiamento de pesquisa, como custeio do próprio bolso ou “vaquinha⁸” (LENHARO, 2021), seu cotidiano de trabalho é transpassado por tantas e tão variadas exigências, que tem comprometido vida pessoal e saúde física e mental, trazendo sentimentos de insegurança, solidão e exaustão (BIANCHETTI, 2011; CAFÉ; RIBEIRO; PONCZEK, 2017; PÉREZ-BUSTOS, 2019).

A pressão pelo produtivismo, a aceleração, o peso das burocracias, a multiplicação das tarefas, a ampliação do trabalho para as esferas livres do cotidiano (finais de semana, madrugadas), a precarização material, a competitividade (KUENZER; MORAES, 2005; BIANCHETTI, 2011; PATRUS; DANTAS; SHIGAKI, 2015; CAFÉ; RIBEIRO; PONCZEK, 2017; MAIA, 2019) têm levado a uma construção idealizada de quem pesquisa, à secundarização das condições ideais de trabalho (KUENZER; MORAES, 2005) e à quebra de vínculos de solidariedade (PATRUS; DANTAS; SHIGAKI, 2015).

Até mesmo as estratégias de autonomia intelectual/docente são individuais, dissociadas de projetos coletivos e institucionais, com alto custo para a sua saúde e vida pessoal (BIANCHETTI, 2011; MAIA, 2019; MAIA; MEDEIROS, 2021). Junte-se a isso o desincentivo à inovação e à experimentação (MAIA; MEDEIROS, 2021) e a desvalorização das pesquisas que não geram patentes, temos um contexto que exige que se gaste ainda mais tempo para justificar a legitimidade do seu trabalho (BIANCHETTI, 2011).

Essa incompreensão se estende às relações externas ao campo do trabalho, quando as pessoas de seu entorno não compreendem o que faz uma pesquisadora ou pesquisador. Freitas (2007) fala sobre a sensação frequente de terem que legitimar suas escolhas de pesquisa, e, até

⁸ Vaquinha é uma expressão da língua portuguesa brasileira que significa juntar dinheiro com a ajuda de várias pessoas com a intenção de atingir um determinado objetivo ou comprar alguma coisa. Disponível em: <https://www.significados.com.br/fazer-uma-vaquinha/>.

mesmo, legitimizar a sua dor. A autora separa algumas frases bastante comuns que ilustram a incompreensão sobre o trabalho de pesquisa: “[...]. Isso vai servir para quê? Por que você vai gastar esse tempo todo se isso não vai dar dinheiro? Você não pode fazer um negócio mais simples? Faz alguma diferença para o mundo se você fizer isso? [...]. Por que isso te põe tão nervoso, é só um trabalho como outro qualquer” (FREITAS, 2007, p. 15).

Diante disso, ao nos voltarmos para aspectos que parecem estar nos bastidores da pesquisa, resgatamos a importância de “estar em campo”, construir relações de cuidado, mais generosas e solidárias e reconhecer que as subjetividades produzem conhecimento. O modelo de ciência moderna pautado no método ganhou em rigor e perdeu em riqueza. Precisamos recuperar a originalidade e o encantamento da produção de conhecimento (GODOI; BANDEIRA-DE-MELLO; SILVA, 2010). Romper com as formas estreitas de pesquisar e produzir conhecimento implica em dar mais vida ao processo de pesquisa, um processo mais prazeroso, mais pulsante, mais condizente com a nossa condição humana.

2. A CIÊNCIA HEGEMÔNICA E A CRISE DA CIÊNCIA MODERNA

Neste capítulo, contamos, brevemente, as origens da ciência moderna, os fundamentos do ideal científico e da razão instrumental e os limites da ciência para a solução de problemas fundamentais de nossa sociedade. Para suplantar esses limites, apresentamos a colonialidade e a matriz colonial do poder, proposta pelo grupo de investigação Modernidade/Colonialidade/Decolonialidade (MCD); dissertamos sobre a experiência e o saber da experiência, diferenciando a visão calculista da ciência moderna, que gera o conhecimento universal, da experiência que acontece na inter-relação com o outro, que é pluriversal.

2.1 O ideal científico e os limites da ciência moderna

A História da Ciência é contada, a partir de diferentes marcos temporais. Proença-Rosa (2012) partiu dos tempos pré-históricos e das técnicas nas primeiras grandes civilizações. Braga, Guerra e Reis (2003) iniciaram pela Filosofia da Natureza baseada nas ideias de Platão e Aristóteles. Oliveira e Oliveira (2019) começaram pela Antiguidade e os pré-socráticos. Bynum (2012) partiu dos babilônios, há quase seis mil anos atrás.

O termo “ciência” pode designar dois tipos de fenômenos. Um primeiro sentido seria a representação que se faz do mundo, para diferentes civilizações ou grupos humanos e que designa o conhecimento de maneira geral. Um segundo sentido se refere ao modo específico de conhecimento adotado pela sociedade ocidental moderna, que se convencionou chamar de ciência (FOUREZ, 1995). Ambas as designações são relevantes para este trabalho, mas nesta seção, falaremos sobre esta última, a ciência moderna, essa forma de representação e explicação do mundo adotada pela civilização ocidental e que, até hoje, influencia nossa forma de compreender o mundo e de produzir conhecimento.

Há cerca de mil anos até por volta do século XII, as pessoas no Ocidente tinham uma visão de mundo fortemente ligada aos seus lugares, onde nasciam, viviam e morriam no *mesmo ambiente humano* (FOUREZ, 1995, p. 156, grifo do autor). Os objetos não eram inanimados, faziam parte do universo no qual viviam. Fourez exemplifica:

Um carvalho, por exemplo, não era apenas “um carvalho qualquer”, mas ligava-se sempre a uma história particular, à aldeia, a seus acontecimentos. Um repolho ou um par de sapatos não eram, como em nossa sociedade moderna, mercadorias impessoais, mas o repolho produzido por fulano ou os sapatos fabricados por beltrano (FOUREZ, 1995, p. 156).

Nessa maneira de perceber o mundo, era praticamente impossível tratar um objeto como “puramente material” (FOUREZ, 1995). Ou seja, a separação entre sujeito e objeto do conhecimento que estabelece a ideia de objetividade (CHAUÍ, 1997) é inconcebível dentro dessa representação do mundo e das coisas do mundo.

Para explicitar a mudança nessa forma de conhecer e compreender a realidade, Fourez (1995) faz uso da imagem do burguês comerciante, no seu sentido técnico, enquanto classe que surge na Idade Média. Esse comerciante vive boa parte de sua vida fora do lugar onde nasceu e, nas suas andanças, vê coisas desconhecidas que, para ele, não possuem história. O comerciante observa costumes estranhos aos de sua aldeia (FOUREZ, 1995).

Ao retornar, ele tentará explicar essas coisas e costumes, que são estranhos aos de sua aldeia. Como, para ele, essas coisas são desprovidas de sentimento, a sua observação sobre as coisas se torna cada vez mais fria. O comerciante começa a falar sobre um mundo que não se vincula às vidas afetivas e práticas das pessoas da aldeia, um mundo “desencantado”. O universo se mostra, para ele, um lugar cada vez mais neutro (FOUREZ, 1995). O modo de vida camponês e o modo de vida do comerciante burguês vão tomando formas bem diferentes.

Enquanto o camponês não podia se imaginar fora de seu habitat, o comerciante começa a viver sozinho. Além disso, é nessa cultura que se vê difundir uma nova noção: a de vida interior. O centro do universo não é mais a aldeia, uma exterioridade sempre animada pela interioridade, mas torna-se interioridade pura, ligada ao indivíduo. Começa a haver uma diferença enorme entre o interior, o que sempre acompanha o indivíduo e é subjetivo, e o exterior, mundo inanimado que começa a ser visto como um objeto (FOUREZ, 1995, p. 158).

É dessa mudança de percepção que nasce o conceito de objetividade “pura”, ou seja, uma compreensão do mundo desprovida do vínculo com o indivíduo, grupo ou história. A cultura dos comerciantes burgueses deu início à perspectiva de mundo composto por um conjunto de *objetos* independentes dos observadores (FOUREZ, 1995, p. 159, grifo do autor). A distinção entre sujeito e objeto do conhecimento, que possibilita a independência dos fenômenos em relação a quem conhece e age (CHAUÍ, 1997) começa a se estabelecer.

A ciência tal qual a conhecemos, traduzida como sinônimo de produção de conhecimento legítimo e universal, é a ciência moderna, construída sob a égide do Iluminismo e da Razão Ilustrada/Razão Iluminista/Razão Instrumental (CHAUÍ, 1997). A proposta da ciência moderna nasce da construção de um conhecimento que visa compensar as limitações de outros tipos de conhecimento – senso-comum, religioso e artístico – com a pretensão de oferecer um conhecimento mais confiável: o conhecimento científico (ARAÚJO, 2006).

A racionalidade científica pautada na racionalidade instrumental define que o conhecimento é o resultado do domínio e controle da natureza, que se alcança a partir de condições artificiais (CHAUÍ, 1997). A primazia do método de Descartes construiu e consolidou uma ciência baseada na suposição de que existem leis universais objetivas que comandam todos os fenômenos naturais, que podem ser conhecidas por meio da investigação científica. Uma vez conhecidas essas leis, seremos capazes de prever o futuro e o passado, a partir de qualquer conjunto de condições iniciais (WALLESTEIN, 2002). Esse modelo de ciência se estendeu também às ciências sociais para a compreensão dos fenômenos sociais (SANTOS, 2001).

A lógica que orienta o pensamento científico contemporâneo centra-se na ideia de demonstração e prova. A ciência contemporânea está fundada em seis traços principais: (i) a distinção entre sujeito e objeto do conhecimento; (ii) a ideia de método; (iii) as operações de análise e síntese; (iv) a ideia de lei do fenômeno; (v) o uso de instrumentos tecnológicos e não puramente técnicos; (vi) a criação de uma linguagem específica e própria (CHAUÍ, 1997).

A distinção entre sujeito e objeto do conhecimento estabelece a objetividade⁹, ou seja, a independência do sujeito (quem pesquisa, p. ex.) que conhece os fenômenos investigados. O sujeito que investiga precisa do método, um conjunto de regras, normas e procedimentos gerais que servem para construir o objeto, para controlar o seu pensamento durante a investigação e para confirmar (ou não) os resultados obtidos (CHAUÍ, 1997).

O objeto científico é um fenômeno submetido à análise e à síntese, ou seja, a passagem do todo complexo às suas partes constituintes, ou das partes ao todo que as explica e determina. A ideia de lei do fenômeno se refere a regularidades e a constâncias universais e necessárias, que definem como o objeto é e como ele se comporta. O uso de instrumentos tecnológicos visa a intervir nos fenômenos estudados (CHAUÍ, 1997). Nas palavras de Chauí (1997):

Os instrumentos tecnológicos são prolongamentos de capacidade do corpo humano e destinam-se a aumentá-las na relação do nosso corpo com o mundo. Os instrumentos tecnológicos são ciência cristalizada em objetos materiais, nada possuem em comum com as capacidades e aptidões do corpo humano; visam a intervir nos fenômenos estudados e mesmo a construir o próprio objeto científico; destinam-se a dominar e transformar o mundo e não simplesmente a facilitar a relação do homem com o mundo (CHAUÍ, 1997, p. 278-279).

⁹ A pesquisadora Lorraine Daston publicou, em 2017, uma coletânea de artigos intitulada “Historicidade e objetividade”, no qual ela se propõe a discutir a historicização da ciência e mostrar que a noção de objetividade é socialmente construída. Objetividade não é uma definição estanque, mas situada em cada lugar, em cada contexto. A definição universal de objetividade é um mito. Para a referência completa, ver Daston (2017).

Para a ciência, é a tecnologia que confere precisão e controle dos resultados, aplicação prática e interdisciplinaridade. A ciência se funda, ainda, na criação de uma linguagem própria, apartada da linguagem cotidiana ou literária, afastando dos objetos ou fenômenos os dados qualitativos, perceptivos e emotivos, para manter apenas seus aspectos quantitativos e relacionais (CHAUÍ, 1997).

Essa ciência não tem dado conta dos problemas provocados pelo próprio avanço científico e tecnológico, principalmente a exclusão social (DALLA ZEN, 2010) e a crise ambiental (MEDEIROS; GOMES, 2016). A Razão Iluminista, que deu origem à ciência moderna, também estabeleceu as bases para o desenvolvimento da economia mundial capitalista. A ciência se desenvolveu para atender a esse modelo de sociedade (ESCOBAR, 2003; DUSSEL, 2005; 2006; CASTRO-GÓMEZ; GROSGOUEL, 2008).

A ciência está no centro do debate sobre a crise ambiental e é criticada por ser a causadora dos problemas relacionados ao ecossistema, por trazer para si a legitimidade dos diagnósticos dos riscos ambientais e mitigadora da crise (MEDEIROS; GOMES, 2016). No que tange à crise social – que não está separada da crise ambiental – os ideais de progresso, prometidos pela modernidade, estão longe de serem concretizados no cotidiano da vida do enorme contingente de pessoas que vivem à margem desse sistema (DALLA ZEN, 2010).

A crise ambiental e a crise social revelam, também, uma crise epistêmica que, por sua vez, joga luzes sobre o lado obscuro da modernidade, seu ideal iluminista e os apagamentos de vidas e formas de vida. Para justificar um modelo de sociedade – a capitalista – a modernidade destruiu múltiplas experiências de conhecimento, desenvolvimento, trabalho, produção, reconhecimento, democracia, comunicação ao redor do mundo (SANTOS, 2002).

O grupo de investigação Modernidade/Colonialidade/Decolonialidade (MCD) deslinda a [falsa] neutralidade/superioridade da ciência moderna e oferece caminhos – teóricos, epistemológicos e metodológicos – para suplantarmos essa forma estreita de pesquisar e produzir conhecimento.

2.2 Colonialidade e a matriz colonial do poder

Para apreender outras possibilidades de produção de conhecimento, é necessário compreender a construção da ciência moderna, suas bases, a relação modernidade-colonialidade e seus efeitos sobre a subjetividade. O conceito eurocêntrico de Modernidade define-a (a modernidade) como um processo de emancipação, conquistada por meio do esforço

da razão como processo crítico, que proporcionou à humanidade um novo desenvolvimento do ser humano (DUSSEL, 2005).

Esse conceito histórico de modernidade tem um tempo e um espaço definidos: aconteceu na Europa, no século XVIII, representados, historicamente, pela Reforma, pela Ilustração e pela Revolução Francesa, acontecimentos que foram essenciais para a implantação do princípio da subjetividade moderna (ESCOBAR, 2003; DUSSEL, 2005).

Uma segunda visão da “Modernidade”, construída e defendida pelo MCD, mostra que, antes de 1492, não havia uma História Mundial, mas impérios ou sistemas culturais que coexistiam entre si. Com a expansão portuguesa, a partir do século XV, e com a conquista da América luso-hispânica, todo o planeta se torna o “lugar” de uma única História Mundial (DUSSEL, 2005). Ao colonizar a América, a Europa se coloca como o centro do mundo e a dominação foi a base para a formação do primeiro padrão de poder mundial (BARROS, 2019).

Nesse sentido, a primeira etapa “Moderna” foi o mercantilismo mundial, seguida pela Revolução Industrial do século XVIII e a Ilustração, que aprofundam e ampliam o horizonte iniciado no século XV. O determinante fundamental da modernidade é a centralidade [autodeterminada] da Europa na História Mundial (DUSSEL, 2005).

Os demais determinantes – a subjetividade constituinte, a propriedade privada, a liberdade contratual, etc. – são, na verdade, efeitos do determinante fundamental, resultado de um século e meio de “Modernidade”, iniciada em 1492, quando a Europa se autodeterminou “centro” da História Mundial (DUSSEL, 2005).

Esta Europa Moderna constituiu todas as outras culturas como sua “periferia”, pela primeira vez na história. Sua superioridade é consequência da acumulação de riqueza, conhecimentos, experiência, etc., resultado da colonização e exploração da América Latina (DUSSEL, 2005). A Modernidade como padrão de vida cotidiana, de entendimento da história, ciência, religião, surge no final do século XV, com a conquista do Atlântico; e a América Latina entra na Modernidade (muito antes que a América do Norte), como a “outra face”, dominada, explorada, encoberta (DUSSEL, 2005).

Nesse sentido, a conquista ibérica do continente americano inaugurou os dois processos que, articulados, conformaram a história que se seguiu: a modernidade e a organização colonial do mundo, processo que culminará nos séculos XVIII e XIX, quando se organiza a totalidade do espaço e do tempo em uma grande narrativa universal, a partir da Europa (LANDER, 2005).

Percebe-se, portanto, que a Colonialidade é constitutiva da Modernidade, o que nos permite identificar os efeitos do colonialismo para além do período colonial. Diante disso, é

importante diferenciar os conceitos de Colonialismo e Colonialidade, este último cunhado pelo grupo MCD (QUIJANO 2000; WALSH, 2005; CASTRO-GÓMEZ; GROSGOUEL, 2007; ESCOBAR, 2008; MIGNOLO, 2011).

O colonialismo está relacionado a uma ordem de dominação explícita, formal, política, cultural e social das sociedades dominantes sobre as dominadas (QUIJANO; WALLERSTEIN, 1992), na qual a soberania de um povo reside no poder de outro povo ou nação (MALDONADO-TORRES, 2007), dominação que desapareceu com o fim da administração colonial (QUIJANO; WALLERSTEIN, 1992).

A colonialidade se refere a um 'padrão de poder', resultado do colonialismo moderno, que opera por intermédio da naturalização de hierarquias raciais e sociais, que possibilitam a reprodução de relações de dominação territoriais e epistêmicas e garantem não só a exploração, pelo capital, de alguns seres humanos por outros, em escala mundial, mas também subalternizam e anulam conhecimentos, experiências e formas de vida dominadas e exploradas (QUIJANO, 2000).

Embora o colonialismo seja anterior à colonialidade, esta sobrevive ao colonialismo (MALDONADO-TORRES, 2007) e transpassa as relações e estruturas de vários países. A colonialidade possibilita que a lógica colonial perpetue, mesmo que o período histórico do colonialismo tenha acabado (GROSGOUEL, 2008). O colonialismo se define pela lógica da colonialidade que o tornou possível e promoveu suas formas, que persistem ainda hoje (MIGNOLO, 2006).

Portanto, a colonialidade foi e continua sendo constitutiva da modernidade, pois não há modernidade sem colonialidade (MIGNOLO, 2010). A colonialidade, a modernidade e o estabelecimento da economia mundial capitalista estão diretamente relacionados (QUIJANO 2000; WALSH, 2005; CASTRO-GÓMEZ; GROSGOUEL, 2007; ESCOBAR, 2008; MIGNOLO, 2011) e permanecem como determinantes e legitimadores de identidades e formas de organização dos países, mesmo depois da independência oficial das metrópoles.

O conceito de colonialidade foi criado para explicar a dominação em quatro dimensões: poder, ser, saber e natureza, formando, assim, a matriz da colonialidade (QUIJANO, 2000; 2005; WALSH, 2005; MIGNOLO, 2010). A colonialidade enquanto estratégia de dominação se baseia em discriminações sociais (raciais, étnicas, nacionais) entre colonizadores e colonizados (QUIJANO, 2000; 2005). O atual padrão de poder mundial se fundamenta no imbricamento entre colonialidade do poder, capitalismo, Estado e eurocentrismo (QUIJANO, 2002).

Para Quijano e Dussel, mencionados por Castro-Gómez e Grosfoguel (2007), o eurocentrismo é uma atitude colonial de superioridade em relação ao conhecimento, em muitas áreas da vida, que se articula, simultaneamente, com o processo de relações centro-periferia e hierarquias étnico-raciais e foi um elemento fundamental da colonialidade do poder no sistema mundial (CASTRO-GÓMEZ; GROSGOUEL, 2007) que silenciou, ignorou, omitiu e excluiu outros conhecimentos e formas de produzir conhecimentos.

Desde o Iluminismo, esse silenciamento foi legitimado pela ideia de que tais conhecimentos e saberes representavam uma etapa mítica, inferior, primitiva, pré-moderna e pré-científica do conhecimento humano (CASTRO-GÓMEZ, 2005; LANDER, 2005; QUIJANO, 2005). Como primeira periferia da Europa, os povos da América viram o conhecimento científico se afirmar como uma forma de saber universal, uma ferramenta de dominação que desprezou saberes e tradições, ao redor do mundo (BARROS, 2019).

Assim também se produziu uma colonização epistemológica, concretizada na colonialidade do saber, que supôs a hegemonia de um sistema de representação e conhecimento da Europa e a partir dela. Esse dispositivo de poder subalternizou outras representações e saberes, que acabaram relegados a simples objetos de conhecimento, sem poder de enunciação (GOMES-QUINTERO, 2010).

O padrão de poder baseado na colonialidade implicava, também, um padrão cognitivo (QUIJANO, 2005), no qual somente o conhecimento produzido pela elite científica e filosófica da Europa era reconhecido como conhecimento “verdadeiro”, o único capaz de fazer abstrações de seus condicionamentos espaço-temporais, localizados em uma plataforma neutra de observação (CASTRO-GÓMEZ, 2005; LANDER, 2005).

O conceito de geopolítica do conhecimento representa um desafio à colonialidade, questionando a universalidade do processo de modernização e o modelo de conhecimento científico (BARROS, 2019). Esse conceito revela como tem se efetuado a periferalização de alguns lugares e a centralização de outros, evidenciando a articulação das modalidades de conhecimentos produzidos e apropriados no centro, com a subordinação e inferiorização de conhecimentos gestados na periferia por uma questão de dominação, exploração e sujeição destes àqueles (RESTREPO; ROJAS, 2010).

A geopolítica do conhecimento nos permite assumir uma postura crítica frente a esse conhecimento, supostamente neutro, supostamente objetivo e supostamente imparcial e contribui para valorizar outras racionalidades, subjetividades e caminhos para o desenvolvimento da humanidade (BARROS, 2019). A desconstrução do caráter universal do

conhecimento requer o questionamento das pretensões de objetividade e neutralidade dos principais instrumentos de naturalização e legitimação desse modelo.

Lander (2005) identificou duas dimensões históricas que constituíram o conhecimento moderno e que servem de base sólida para uma construção discursiva neutralizadora desse saber, neutralidade potencializada mediante o imbricamento de ambas: (i) as sucessivas partições do mundo “real”, que se dão historicamente na sociedade ocidental, e as formas como o conhecimento vai se construindo sobre as bases dessas sucessivas separações; (ii) a forma como os saberes modernos se articulam com a organização do poder, especialmente as relações coloniais de poder constitutivas do mundo moderno (LANDER, 2005).

Esses sucessivos processos de separação são representados pela ruptura ontológica entre corpo e mente, razão e mundo, formulados por Descartes (APFFEL-MARGLIN, 1996). Na Europa do Iluminismo, as categorias humanidade e sociedade não se estendiam aos não-ocidentais (QUIJANO, 1992), de tal forma que a expressão “Penso, logo existo” de Descartes (*ego cogito*) se referia àqueles que estavam inclusos na categoria humanidade (DUSSEL, 2005).

A ruptura ontológica entre a razão e o mundo significava dizer que o mundo já não era mais uma ordem significativa, ele se tornou um mecanismo desespiritualizado, passível de ser captado pelos conceitos e representações construídos pela razão, colocando os seres humanos numa posição externa ao corpo e ao mundo, com uma postura instrumental frente a eles (APFFEL-MARGLIN, 1996). Sobre as bases de um conhecimento descorporizado e descontextualizado, se concebe esse tipo muito particular de conhecimento que se pretende des-subjetivado (ou seja, objetivo) e universal (LANDER, 2005).

A natureza teórica do conhecimento científico decorre dos pressupostos epistemológicos e regras metodológicas, com bases no conhecimento causal, que aspira formulações de leis à luz de regularidades observadas, com vista a prever o comportamento futuro dos fenômenos (SANTOS, 2001). O pressuposto fundante do conhecimento racional é a relação sujeito-objeto na produção do conhecimento. O “sujeito” dessa relação se refere a uma categoria de indivíduo isolado, que se constitui em si mesmo, em sua fala e na sua capacidade reflexiva. O “objeto” é uma categoria referente a uma entidade distinta do “sujeito/indivíduo”, e externa a ele, dada à sua naturalização. É também idêntico a si mesmo (o objeto é idêntico ao objeto), já que é constituído por “propriedades” que lhe “definem” e, ao mesmo tempo, se localizam em relação aos demais “objetos” (QUIJANO, 1992).

Esse sujeito, portanto, é o europeu, dado que os não-europeus não eram considerados parte da humanidade. O não-europeu então é objeto – diferente do indivíduo/sujeito –

investigado pelo sujeito como “objeto” de pesquisa. Quijano (1992) afirma que essa proposta é, hoje, inadmissível no campo atual do conhecimento. A subjetividade individual diferenciada é real, mas não existe antes de si ou por si mesma, mas como parte diferenciada, não separada, de uma intersubjetividade, constituída nela e antes dela. Nessa perspectiva, o conhecimento é uma relação intersubjetiva a respeito de algo ou alguém (QUIJANO, 1992).

Todo conhecimento se encontra incorporado nos sujeitos, que são atravessados por contradições sociais, enraizadas em pontos específicos de observação. Reconhece-se, portanto, a necessidade de um corpo-política do conhecimento sem nenhuma pretensão de neutralidade e objetividade (CASTRO-GÓMEZ; GROSFUGUEL, 2007).

Dedicada a enfrentar a retórica da modernidade, a opção decolonial, uma perspectiva global de libertação (MIGNOLO, 2011), fornece lentes ontológicas e epistemológicas para “compreender e atuar no mundo, marcado pela permanência da colonialidade global nos diferentes níveis da vida pessoal e coletiva” (BALLESTRIN, 2013, p. 89). Os estudos decoloniais buscam romper com o controle epistêmico legitimado pela modernidade, oferecendo novos modos de entender a realidade social por meio de outras formas de enunciação (ESCOBAR, 2008).

A opção decolonial se desvincula dos fundamentos originais dos conceitos ocidentais e da acumulação de conhecimento, libertando a produção de conhecimento da racionalidade/modernidade europeia (QUIJANO, 1992; MIGNOLO, 2007) e exigindo a descolonização epistemológica, rumo a uma comunicação intercultural, um intercâmbio de experiências e significações, com base em outras racionalidades (QUIJANO, 1992). Além disso, nos obriga, entre outras coisas, a desatar os nós, aprender a desaprender e a reaprender, já que nossos cérebros foram programados pela razão imperial/colonial (MIGNOLO, 2007).

Não se trata de negar ou abandonar tudo o que foi produzido pela ciência moderna, pois isso seria mais um enorme desperdício de experiências. Ainda que o produto da ciência moderna tenha sido concebido dentro dos limites da razão moderna, todo o conhecimento produzido por ela é fruto da inteligência, da criatividade e do trabalho humano, que precisa ser desfrutado por todas e todos. Trata-se de romper com as amarras que a ciência moderna nos impôs, ao restringir o conhecimento científico ao resultado de um caminho seguro e controlado.

As ciências sociais contemporâneas ainda não encontraram uma maneira de incorporar o conhecimento subalternizado aos processos de produção de conhecimento (CASTRO-GÓMEZ; GROSFUGUEL, 2007). Para descolonizar o conhecimento, é preciso pensá-lo para além dos cânones da ciência moderna ocidental.

É nesse sentido que se fala de um “giro decolonial”, termo cunhado por Maldonado-Torres e que se refere ao movimento teórico, prático, ético, político e epistemológico, de resistência à lógica da modernidade/colonialidade, que tem implicações fundamentais para a produção de conhecimento (MALDONADO-TORRES, 2007; CASTRO-GÓMEZ; GROSGOUEL, 2007; MIGLIEVICH-RIBEIRO, 2014).

O giro decolonial questiona as pretensões de objetividade do conhecimento da ciência moderna e reivindica uma postura reveladora da cumplicidade entre colonialidade e ciência, ao mesmo tempo que se abre para o aprendizado contínuo a partir do outro (MIGLIEVICH-RIBEIRO, 2014). Ao negar a subjetividade do sujeito que investiga e do sujeito que é investigado (QUIJANO, 1992), a ciência moderna negou o conhecimento que emerge dessa experiência de interação entre esses sujeitos.

2.3 A racionalidade da experiência: decolonial, sensível, relacional

A compreensão da experiência pela ciência moderna se atentou ao cálculo de alguns de seus aspectos, aqueles passíveis de serem quantificados. Nessa perspectiva, a progressão da ciência moderna acontece, na medida em que o sensório diminui como fator determinante da experiência (BUZZI, 1985). Dessa forma, a ciência converteu a experiência em um elemento do método, uma etapa previsível da ciência, transformando-a em experimento (BONDÍA, 2002; 2006a; 2006b), suprimindo seu aspecto sensível e, portanto, imprevisível e incalculável. A experiência demanda outras racionalidades, que reposicionem razão e sentidos.

A experiência social é muito mais ampla do que a tradição científico-filosófica ocidental conhece e essa riqueza social tem sido desperdiçada, pois a racionalidade moderna não consegue acessá-la. Para combater seu desperdício e tornar visíveis e credíveis essas experiências, não basta propor um outro tipo de ciência social, mas um outro tipo de racionalidade (SANTOS, 2002).

A experiência emerge, então, de uma razão decolonial, pois ela permite tomar consciência da geopolítica do conhecimento, expõe a fratura epistemológica, impossibilita a ciência hegemônica falar em nome de coletividades heterogêneas e multifacetadas e reconhece outros lugares fora do eixo Europa-Estados Unidos, como *lócus* de enunciação (MIGLIEVICH-RIBEIRO, 2014).

A razão decolonial demanda, entre outros aspectos, o reconhecimento da subjetividade e da produção de subjetividades – resultado das interações existentes no desenvolvimento de

pesquisas e na produção de conhecimento – como processo aberto, de afirmação das diferenças e singularidades dos sujeitos e de revelação de identidades e modos de pensar e viver (SILVEIRA, 2019).

Santos (2002) propõe a sociologia das ausências, a sociologia das emergências e o trabalho de tradução para conhecer e valorizar a inesgotável experiência social que está em curso no mundo. A sociologia das ausências expande o domínio das experiências sociais já disponíveis, expandindo o presente. Seu objetivo é transformar objetos impossíveis em possíveis, transformando as ausências em presenças. A sociologia das emergências expande o domínio das experiências sociais possíveis, contraindo o futuro. Consiste em proceder à ampliação simbólica dos saberes, práticas e agentes, identificando as tendências de futuro sobre as quais é possível atuar para maximizar a probabilidade de esperança em relação à probabilidade de frustração (SANTOS, 2002).

O trabalho de tradução é a alternativa à teoria geral. Para Santos (2002), a multiplicação e diversificação das experiências disponíveis e possíveis não visam identificar novas totalidades, mas propor novas formas de pensar essas totalidades e de conceber esses sentidos. A tradução é o caminho para criar inteligibilidade recíproca entre as experiências de mundo. A tradução exige uma conjugação de tempos, ritmos e oportunidades, para não se converter em novas formas de imperialismo (SANTOS, 2002).

A experiência demanda, também, uma razão sensível, que “restitui a intuição, a metáfora e o devaneio poético como elementos participativos do conhecimento”, admitindo que o dado sensível, concreto da matéria, é parte indissociável da razão para a compreensão dos fenômenos (FERREIRA-SANTOS; ALMEIDA, 2020, p. 103). Ela também depende de uma racionalidade relacional, uma posição aberta à possibilidade de sermos pessoas interpeladas pelos sujeitos, pois a experiência acontece na inter-relação, compartilhando a esperança, se assumindo como alguém que caminha junto (URDAPILLETA-CARRASCO; LIMÓN-AGUIRRE, 2018).

Essa relação não é restrita à relação entre sujeitos, mas na relação com a natureza, percebida como um ser vivo e relacional, parte ativa na construção simbólica da comunidade, em sincronidade e reciprocidade (MARTINS, 2014). Ao nos libertarmos de uma epistemologia arrogante, começamos a experimentar o âmbito emocional e espiritual (URDAPILLETA-CARRASCO; LIMÓN-AGUIRRE, 2018) da experiência.

A experiência se coloca em oposição ao conhecimento universal: ela é pluriversal. Grosfoguel (2008), a partir de Aimé Césaire, aponta que o universalismo concreto em Hegel e

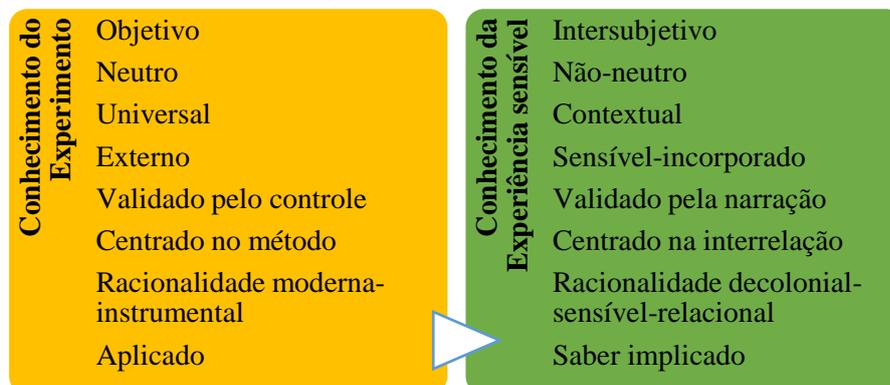
Marx eram robustos em múltiplas determinações, mas dentro de uma única cosmologia e epistemologia (a ocidental). Em Césaire, o universalismo concreto advém de múltiplas determinações cosmológicas e epistemológicas, um pluriverso, resultado de diálogos horizontais críticos entre povos (GROSFOGUEL, 2008).

Para Santos (2001, p. 47-48), o conhecimento é local e total, pois se constitui em torno de temas adotados (e não em torno de disciplinas) por grupos sociais concretos, em dado momento, como projetos de vida locais, seja para “reconstituir a história de um lugar, [...], inventar um novo instrumento musical, erradicar uma doença, etc.”. Para o autor, os temas são galerias por onde os conhecimentos avançam ao encontro uns dos outros. Mas por ser local, é também total, pois reconstitui os projetos cognitivos locais, evidenciando-os como exemplos e “transformando-os em pensamento total ilustrado” (SANTOS, 2001, p. 48).

O conhecimento da experiência é situado, corporificado, historicizado, geocorporificado, sem pretensão de neutralidade, objetividade, imparcialidade, pois está incorporado nos sujeitos, que são atravessados por contradições sociais, vinculados às suas histórias locais (HARAWAY, 1995; CASTRO-GÓMEZ; GROSFOGUEL, 2007) e contribui para construir uma outra ciência social, que não divorcie o cérebro do corpo, a ética da política, o fazer do pensar (CUSICANQUI *et al.*, 2016, p. 3). Não é universal, mas local e total, pois ilustra a experiência localizada nos corpos e nas subjetividades, narrada, exemplificada, evidenciada, compondo o total.

É um conhecimento dialógico, em oposição ao conhecimento monológico, com base na concepção filosófica solipsista. O solipsismo deriva de um monólogo interno, no qual o sujeito do conhecimento se pergunta e contesta a si mesmo, sem diálogo com outros sujeitos, até chegar à certeza do conhecimento (GROSFOGUEL, 2008). A experiência e o conhecimento da experiência só acontecem na relação dialógica.

Figura 1 - Conhecimento do experimento x Conhecimento da experiência sensível.



Fonte: elaborada pela autora (2022).

Um dos grandes debates sobre a ciência moderna é sobre o lugar que ela ocupa na sustentação dos sistemas de poder, ou seja, critica-se o uso da ciência como instrumento que mantém o desequilíbrio de forças nessa sociedade. Mas é preciso destacar que ciência e sociedade são mutuamente definidas e, portanto, estão amalgamadas. A ciência não é um arauto, localizada em um lugar distante, onde ela se forma do nada.

A sociedade moderna (a Modernidade) e a ciência moderna (a Ciência) nasceram no mesmo momento histórico e foram (in)formadas pelas mesmas questões históricas e pela mesma sociedade – colonizadora, racista, patriarcal. A ciência não foi apenas instrumentalizada por essa política, mas foi (in)formada por essa política; ela é essa política, acontecendo. Entender que a ciência tem um impacto na sociedade é uma dimensão importante. Mas é preciso visibilizar a dimensão da mútua constituição da ciência e da sociedade e entender que a sociedade é o que fez e faz essa ciência.

A figura 1 apresenta os pressupostos da ciência moderna e do conhecimento construído com base no modelo de experimento de pesquisa e os pressupostos que ajudam a construir o conhecimento da experiência sensível de pesquisa, baseado em uma racionalidade mais plural. O que faz a experiência de pesquisa uma experiência sensível é a política que informa a nossa experiência no mundo: uma perspectiva política de dominação ou uma perspectiva de vida. Essa perspectiva é o que vai definir o que se constrói em termos de conhecimento.

Experiências de trabalho, de produção, de comunicação, de conhecimento acontecem em todo o mundo, em diálogo entre universidade e sociedade, conhecimento científico e diferentes formas de conhecimentos. Pessoas que fazem pesquisa, conscientes dos limites do modelo de ciência hegemônica, têm construído outros horizontes analítico-conceituais mais adequados aos contextos e sujeitos em interação (OCAÑA; LÓPEZ, 2019; URDAPILLETA-CARRASCO; LIMÓN-AGUIRRE, 2018; RAMÍREZ-PEREIRA, 2017; CUMES, 2015; FAHIE, 2014).

A racionalidade da experiência, portanto, permite falar sobre coletividades heterogêneas, restitui a intuição e a imaginação como elementos do conhecimento e reconhece a subjetividade e a produção de subjetividades que acontecem nas relações, assumindo o caminhar junto, transformando ausências em presenças, na produção do conhecimento.

3. A EXPERIÊNCIA SENSÍVEL DE PESQUISA

Quando o pintassilgo não pode cantar.
 Quando o poeta é um peregrino.
 Quando de nada nos serve rezar.
 "Caminhante não há caminho, se faz
 caminho ao andar..."
 (Cantares, Antonio Machado)

Neste capítulo, discorreremos sobre a concepção de pesquisas sobre temas sensíveis e argumentamos em defesa da condição sensível da experiência de pesquisa. Em seguida, apresentamos os acontecimentos e relações mais presentes na pesquisa de doutorado, abordando as relações e interrelações com outros sujeitos que pesquisam (orientação, docentes, colegas) e com os sujeitos do campo. Por fim, sintetizamos algumas experiências de produção de conhecimento que têm tentado trazer o elemento sensível para o processo.

3.1 Dos temas sensíveis à condição sensível da experiência de pesquisa

O tema da sensibilidade tem sido abordado na pesquisa científica como um recorte temático. O desenho de um projeto de pesquisa com abordagens sensíveis exige tomar consciência da magnitude das implicações de investigações dessa natureza, respondendo a um conjunto de desafios que vai, desde o acesso e a relação com os sujeitos no campo, até aos aspectos afetivos e emocionais que irão emergir desse processo, revelando sua complexidade.

Lee e Renzetti (1993) entendem que os temas sensíveis são aqueles que podem acarretar consequências psicológicas decorrentes do desenvolvimento da pesquisa e que apresentem desafios que podem colocar em risco a relação investigador(a)-investigado(a). Os autores nomeiam algumas áreas que podem ser mais ameaçadoras, tais como estudos que abordem: (i) a esfera privada e a experiência pessoal de forma mais aprofundada; (ii) questões relacionadas com desvio e controle social; (iii) questões de poder que podem envolver dinâmicas de coerção e dominação; (iv) algo que é considerado sagrado pelas pessoas participantes e que não pode ser profanado. Sayre (2006) ressalta que tópicos e atividades vistos como privados podem variar em diferentes culturas e diferentes situações.

Sieber e Stanley (1988) consideram como sensíveis as investigações cujos resultados podem provocar consequências para as pessoas participantes da pesquisa, incluindo indivíduos que não participaram da pesquisa, mas que podem ter suas vidas afetadas por essas descobertas. Para Díaz Fernández *et al.* (2012), uma temática sensível pode ser definida pela delicadeza do tipo de informação ou, ainda, pelo incômodo provocado pelas perguntas formuladas.

Pérez-Tarres *et al.* (2019) relataram as circunstâncias no trabalho de campo que provocaram uma tomada de consciência e produziram sensibilização na equipe de pesquisadoras e pesquisadores: dificuldades de acesso aos participantes; os silêncios, as evasivas ou reticências de falar sobre determinados temas; a dor, o medo das represálias ou a grande necessidade de anonimato; os impactos emocionais durante e depois das entrevistas e os reflexos dessas situações nos resultados do trabalho. Díaz Fernández *et al.* (2012) apontam o caráter sensível em qualquer pesquisa nas ciências sociais, considerando que, pesquisas deste campo irão extrair informações que antes não eram visíveis, e parte da vida privada e pessoal de uma pessoa será revelada.

Condomines e Hennequin (2014) identificaram algumas pesquisas sobre temas sensíveis no campo da Administração, incluindo trabalhos sobre etnicidade em marketing, fracasso na empresa, comportamento desviante em negociações, conflitos no trabalho, riscos psicossociais, suicídio no trabalho, assédio psicológico, tabus no marketing, delinquência empresarial, corrupção, entre outros.

Em sua pesquisa sobre respostas emocionais à mudança organizacional, Saunders e Thornhill (2017) forneceram orientações instrutivas sobre a utilização de métodos mistos simultâneos baseados no conceito de “dessensibilização”, com o intuito de conduzir à maior franqueza durante a entrevista. Na mesma linha, ao pesquisar consumo erótico, Walther (2012) explicitou a aplicação da técnica projetiva de videoelicitação¹⁰, para contornar entraves e resistências.

Ambos utilizaram técnicas para alcançar os resultados, mas com perspectivas diferentes sobre os efeitos das técnicas nas respostas. Para Saunders e Thornhill (2017), os métodos mistos utilizados visaram “dessensibilizar”, para evitar a contaminação das informações, aumentando sua validade e confiabilidade. Já para Walther (2012), as técnicas utilizadas tinham a intenção de fazer revelar as emoções, para conseguir maior profundidade e qualidade dos depoimentos.

Alcadipani e Cepellos (2017) apresentaram algumas lições aprendidas com a prática de pesquisa com temas sensíveis. Na experiência de Cepellos sobre envelhecimento de executivas, a sensibilidade do tema exigiu um cuidado emocional, por parte da pesquisadora, devido à constante mudança de papéis (relações maternas, relações amigáveis, relações competitivas) nas interações, durante o trabalho de campo. A pesquisa de Alcadipani, em uma organização policial militar, trouxe consequências para o pesquisador, após o encerramento do

¹⁰ Técnica projetiva que tem por objetivo elicitare respostas mais profundas dos respondentes/participantes de uma pesquisa (WALTHER, 2012).

envolvimento com a organização. Comentários do pesquisador a respeito da instituição foram considerados ofensivos por alguns de seus membros e geraram intimidações e ameaças. Alcadipani e Cepellos (2017) apontaram a raridade das discussões a respeito de pesquisas sensíveis no campo da Administração no Brasil.

Nessas discussões, a sensibilidade foi tratada no recorte do tema e suas preocupações se voltaram, primordialmente, para orientar e proteger a pesquisa e as pessoas que fazem pesquisa. Essas orientações não se diferem, significativamente, das orientações metodológicas e práticas da pesquisa qualitativa.

Alertas sobre o fato de que pesquisas sobre temas sensíveis podem gerar transtornos para quem faz pesquisa e para pesquisadas e pesquisados caberiam em qualquer pesquisa qualitativa, partindo do pressuposto de que uma pesquisa sempre provoca turbulências, independentemente de como se lida (ou não) com elas, se relata ou não relata essas inquietações, se elas são consideradas como parte do processo de pesquisa ou ignoradas como externalidades.

Ao propor combinar métodos para realizar pesquisas com temas sensíveis sem sensibilizar (SAUNDERS; THORNHILL, 2017), visando à compreensão exata do tópico de pesquisa (CONDOMINES, HENNEQUIN, 2014), os pesquisadores dessensibilizam a experiência e desumanizam as relações. No campo da Administração, esse modelo de fazer pesquisa e produzir conhecimento é predominante.

A Administração se concentra, demasiadamente, no cálculo e na matematização da reflexão, até mesmo nas disciplinas que abordam o fator humano. A predominância desse pensamento matemático, positivista e impessoal é perigosa, porque tende a privilegiar um modo de raciocínio formal, centrado na resolução rápida de problemas, que não favorece o desenvolvimento da sensibilidade e se mostra indiferente ao sofrimento humano (AKTOUF, 2005).

A pretensão de eliminar a eventualidade de uma hesitação ou dúvida é, também, consequência da ausência do tempo da reflexão e do exercício da consciência na sociedade contemporânea, que nos impõe o instantâneo, o imediato, que afasta a possibilidade de perceber, olhar e ouvir distintamente (HAROCHE, 2008) e que tem pautado a concepção hegemônica de fazer pesquisa. O foco na técnica está provocando a incapacidade de imaginar, de ver e de sentir (CORNILLE; IVERNEL, 1999).

Dickson-Swift, James e Liamputtong (2008) apontaram que as discussões sobre pesquisa sensível têm se concentrado em dimensões éticas, tais como consentimento informado e controle do dano, o que consideram uma visão restrita. Para Ramírez-Pereira (2017), ainda

que se use o método científico rigorosamente, é preciso enfrentar a imprecisão de *ser humano* (grifo nosso), fazendo emergir as complexidades que esses estudos apresentam.

Partindo dessas considerações, compreendemos que a ética é tratada, em muitas investigações, como um elemento protocolar e instrumental, em detrimento de uma ética voltada para o cuidado e como condição fundamental da existência humana. Para Haroche (2008), o esvaziamento da capacidade de atenção, indissociável da reflexão, provocado pela imposição do instantâneo e do imediato da sociedade contemporânea, leva ao empobrecimento da interioridade, e pode retirar da pessoa seus atributos mais fundamentais (HAROCHE, 2008), tais como a nossa capacidade de cuidarmos uns dos outros.

Considerando que não há uma definição limitante sobre quais são os temas sensíveis, a sensibilidade na pesquisa pode permear diversos recortes de investigação e diferentes aportes teóricos. A narração de aspectos mais subjetivos da pesquisa, como os sentimentos que afloram nas/das múltiplas relações e acontecimentos que se sucedem durante a pesquisa, pode fazer emergir outros saberes e aprendizados, ao explorar as experiências de pesquisa sob o olhar do sensível.

Jay (2009) afirma que o sentido geralmente positivo que a palavra “experiência” carrega despertou uma preocupação em outros observadores sobre a possibilidade de uma crise da experiência e a impossibilidade de se ter experiência na sociedade moderna. Antes da modernidade, o cotidiano, o ordinário, era a matéria prima da experiência, que era transmitida pela palavra, pelo conto, sucessivamente, a cada geração. Cada evento, por mais comum ou insignificante que fosse, adensava a experiência e lhe conferia autoridade. O correlato da experiência não estava no conhecimento, mas na autoridade da palavra. A máxima e o provérbio eram as formas nas quais a experiência se colocava como autoridade (AGAMBEN, 2005).

Agamben (2005) aponta que a sociedade moderna nos privou de nossas biografias e expropriou nossas experiências. “Posta diante das maiores maravilhas da terra, [...], a esmagadora maioria da humanidade recusa-se hoje a experimentá-las” (AGAMBEN, 2005, p. 23) porque teve sua sensibilidade suprimida.

Para Bondía (2002, grifo nosso), experiência é o que *nos* passa, o que *nos* acontece, o que *nos* toca e não o que *se* passa, pois nunca *se* passaram tantas coisas, mas a experiência é cada vez mais rara. Em “A condição sensível: formas e maneiras de sentir no ocidente”, Haroche (2008) examina as transformações das maneiras de sentir, questionando as condições e a própria capacidade de sentir das sociedades contemporâneas.

De uma perspectiva mais estrutural e abstrata, condição se refere às formas pelas quais os processos se atualizam no interior das pessoas e na vida em sociedade. Nesse sentido, a condição sensível de Haroche (2008) se refere ao que os sentidos, a sensibilidade e os sentimentos geram de ético e de estético em nossas escolhas públicas e privadas.

Inspirados na proposta de pensar a educação a partir do par “experiência/sentido” de Bondía (2002; 2006b), propomos pensar o processo de pesquisa e de produção de conhecimento a partir da articulação “experiência/sentido”. Para o autor, a experiência demanda um gesto de interrupção: parar para pensar, para olhar, para escutar, para sentir, sentir mais devagar, suspender o automatismo da ação, falar sobre o que nos acontece, cultivar a arte do encontro, ter paciência, dar-se tempo e espaço (BONDÍA, 2002).

Essas condições também são necessárias no exercício do pensamento e da produção de conhecimento. Haroche (2008) aponta que é impossível pensar quando não há duração, profundidade, ausência de pausas, o que faz o pensamento se perder no fluxo das sensações. A ciência não tem mais tempo de aprofundar as questões para além dos acontecimentos, produzindo conhecimentos efêmeros que tendem à superficialidade (HAROCHE, 2008).

Para Bondía (2002), o excesso de informação, de opinião, de trabalho e a ausência de tempo, que impedem a experiência, são quase uma antiexperiência. O sujeito da informação, da opinião, do trabalho e da falta de tempo se relaciona com o acontecimento do ponto de vista da ação: fazer algo, produzir algo, regular algo. É um sujeito motivado pelo afã de mudar as coisas e não pode parar, mas o que consegue é que nada lhe aconteça.

A velocidade com que nos são dados os acontecimentos e a obsessão pela novidade, pelo novo, que caracteriza o mundo moderno, impedem a conexão significativa entre acontecimentos. Impedem também a memória, já que cada acontecimento é imediatamente substituído por outro que igualmente nos excita por um momento, mas sem deixar qualquer vestígio (BONDÍA, 2002, p. 23).

As conexões significativas são o que nos permite entender o que nos passa, construir nossa memória através dos vestígios da nossa história, dotar nossas experiências de sentido e nos apropriarmos de nossa própria vida. Essas conexões e construção de memória exigem tempo e silêncio (BONDÍA, 2002).

O sujeito da experiência não se define por sua atividade (BONDÍA, 2002), entendida como agir de modo incessante, sempre tentando se adaptar ao movimento contínuo, se submetendo a ele (HAROCHE, 2008). O sujeito da experiência se delinea pela sua “passividade, anterior à oposição entre ativo e passivo, mas a passividade advinda da paixão, de padecimento, de paciência, de atenção” (BONDÍA, 2002, p. 24). Ele também é um sujeito

“ex-posto”, assumindo a vulnerabilidade e o risco que essa exposição impõe. O sujeito que nada lhe toca, nada lhe afeta, é incapaz da experiência (BONDÍA, 2002).

Para Jay (2009), para ser digno do uso do termo “experiência”, algo precisa ser modificado, seja um novo conhecimento, um enriquecimento de vida ou uma lição amarga, porque uma experiência não pode nos deixar onde começamos. Bondía (2002) afirma que o saber da experiência não existe fora de nós, mas só tem sentido no modo como configura uma maneira de estar no mundo, que é tanto ética (modo de conduzir-se) quanto estética (um estilo).

A ética da experiência fundamenta-se em um modo de nos conduzirmos que supera protocolos, se vincula ao compromisso em assumir um percurso honesto (FAHIE, 2014) e se funda na relação, no cuidado e no exercício de se deixar ser invadido pelo encontro, que penetra nossa consciência (ROMERO, 2008). A estética da experiência se distancia do estilo como doutrina normativa da arte (LEAL, 2007) e se constitui nas maneiras plurais de se expressar, uma possibilidade de manifestação de visões de mundo (NAVES; REIS, 2017), de experiências suprimidas presentes no vivido sensível do sujeito da experiência.

Para Bondía (2002, p. 27), o saber da experiência não pode ser aprendido da experiência do outro, a menos que essa experiência possa ser “revivida e tornada própria”. Para essa limitação, Jay (2009) nos apresenta um caminho: a experiência pode ser acessível mediante o relato *post facto*, um processo de conversão da experiência em uma narrativa dotada de sentido.

Qualquer pesquisa nas ciências sociais, sejam reflexões teóricas ou investigações empíricas, pressupõe, ainda que implicitamente, uma concepção geral acerca do que significa ser humano (PETERS; CORRÊA, RABELO, 2021), ou seja, as pesquisas nas ciências sociais são sempre com implicações humanas. Embora a experiência sensível possa acontecer em diferentes contextos de pesquisa, ela se evidencia nas investigações de natureza qualitativa, nas quais as relações são inerentes.

O trabalho de campo nos coloca diante de situações que provocam uma tomada de consciência (PÉREZ-TARRES *et al.*, 2019), quando permitimos nos expor, reconhecer nossas vulnerabilidades, nossas incapacidades. Ao nos comprometermos a estudar vidas humanas, é condição fundamental nos dispormos a enfrentar os sentimentos humanos (ELY *et al.*, 1991).

Haroche (2008) ressalta que as maneiras de sentir refletem um determinado estado das condições sensoriais e que passamos por transformações profundas nas maneiras de sentir nas sociedades contemporâneas. Diante disso, a questão parece ser, portanto, a necessidade de re-situar nossa perspectiva ética e nosso lugar político na pesquisa (ROMERO, 2008).

Ao articularmos as reflexões de Haroche (2008) sobre a urgência de estabelecermos novas maneiras de ser e sentir, com o significado que Bondía (2002; 2006a; 2006b; 2014) atribuiu à experiência e ao saber da experiência, defendemos a condição sensível das experiências de pesquisa, com ênfase na necessidade de reflexão constante, na abertura para lidar com os imprevistos e na nossa capacidade de cuidarmos uns dos outros, como ato de respeito a toda vida.

O tema da experiência já foi problematizado por muitos pensadores, de distintas tradições, e aqueles que se implicaram com o tema, o fizeram com profunda intensidade (JAY, 2009). O próprio significado de “experiência” desencadeia profundas emoções em quem concede ao termo um lugar de privilégio (JAY, 2009).

Paes de Paula (2012), partindo das ideias de Benjamin, aborda dois tipos de experiência: a aurática e a mimesis. A primeira acontece quando estamos apreciando uma obra de arte ou ouvindo uma música, na qual nos colocamos em posição contemplativa. A segunda diz respeito à reprodução, que pode ser “um ato de ilusão que esconde a verdade”, em seu lado perverso, ou “uma forma privilegiada de aprendizado humano” (PAES DE PAULA, 2012, p. 48).

Ambas permitem abstrair uma ideia do que foi vivido e esse exercício de abstração das experiências leva à elaboração de ideias e conceitos que interferem no modo de relação do indivíduo com o meio (PAES DE PAULA, 2012). A experiência sensível abrange esses dois exercícios de abstração: um olhar contemplativo para a nossa própria experiência, que exige sempre um gesto de interrupção e reflexão; e um aprendizado que acontece na e da própria experiência, na vida mesmo, na forma como ela acontece e que acontece em nós.

Se a experiência é “*o que nos passa*”, o que acontece conosco supõe a necessidade de um acontecimento (BONDÍA, 2002; 2006a, grifo nosso). A esse acontecimento, externo a nós, Bondía (2006a) chamou de “princípio de alteridade”, ou “exterioridade” ou “alienação” e se referem ao “o quê” da experiência. Esse acontecimento está fora de nós, é exterior a nós, é outra coisa que não nós. Assim, não existe experiência sem a presença de um outro, algo ou alguém exterior, estranho, alheio a nós e que não pode ser previamente capturado (BONDÍA, 2006a).

Mas se ela é “o que *nos* passa” – e não o que se passa – esse acontecimento, exterior a nós, se passa em nós, nas nossas palavras, nossas representações, nossas intenções, porque o lugar da experiência somos nós, ou seja, a experiência tem um “princípio” de subjetividade”, “princípio de reflexividade”, “princípio de transformação” (BONDÍA, 2006a, grifo nosso), que se referem ao sujeito da experiência.

Neste trabalho, “o que” nos passa é a produção de uma tese de doutorado. Mas não só, porque durante esse processo, muitas coisas nos passam. Em cada acontecimento, muitas coisas nos acontecem, resultado da nossa relação com “o que nos passa”. A experiência é reflexiva, ou seja, um movimento de ida e volta: de saída de nós, ao encontro do que acontece e um retorno a nós, aos efeitos do acontecimento em nós. O sujeito da experiência é alguém aberto, sensível, exposto, que permite que algo lhe aconteça, aberto a sua própria transformação. A experiência é, portanto, sempre subjetiva, o que significa que não existe experiência geral. Ela é sempre singular (BONDÍA, 2006a).

Novamente, a experiência também é “o que nos *passa*”, ou seja, ela é uma passagem, uma travessia, um caminho até outra coisa. Ao mesmo tempo, ela supõe algo que passa desde o acontecimento até chegar a nós, em nós, que vai se anunciando, mas que não sabemos ao certo o que é. Esse “princípio de passagem”, portanto, tem algo de aventura, de risco, de perigo, de incerteza (BONDÍA, 2002; 2006a, grifo nosso).

O sujeito da experiência é uma superfície de sensibilidade a algo que lhe passa e que ao passar, deixa um rastro, uma ferida. É um sujeito paciente, passional e que padece, o que Bondía (2002; 2006a) chamou de “princípio de paixão”, um assumir os padecimentos como um viver. A paixão também se refere a uma liberdade dependente, vinculada, ou ainda, a um sujeito dominado pela paixão, apoderado pela experiência (BONDÍA, 2002, 2006a).

Esses princípios de passagem e de paixão se relacionam ao movimento mesmo da experiência. Nesse sentido, sugerimos compreender a pesquisa como experiência que nos transpassa, não nos deixa imune, nos sensibiliza, nos indigna e nos transforma. Ou seja, nos propomos a compreender a condição sensível das experiências de pesquisa.

Ao reivindicarmos a experiência e dar a ela dignidade e legitimidade, Bondía (2006b) apresenta algumas precauções para que a experiência não se volte contra a experiência e a torne, mais uma vez, impossível. Algumas dessas precauções já foram explicadas anteriormente, mas serão, brevemente retomadas.

Bondía (2006b) atenta para (i) separarmos experiência de experimento, evitando fazer da experiência uma coisa; (ii) tirarmos dela toda pretensão de dogmatismo e de autoridade, rejeitando a ideia de que uma experiência atesta a dizer a outros o que dizer, o que pensar, o que fazer; (iii) separarmos experiência de prática, ou seja, não pensá-la desde a ação, mas desde uma reflexão do sujeito sobre si, do ponto de vista da paixão; (iv) evitarmos fazer da experiência um conceito e, ao contrário, pensar a experiência como algo que não se pode conceitualizar, porque escapa a qualquer determinação, porque ela é um transbordamento, ela é, em si,

possibilidade, criação, invenção, acontecimento, sempre em estado de tradução; (v) evitarmos fazer da experiência um fetiche e um imperativo; (vi) evitarmos pensar que qualquer coisa seja experiência, para que a palavra experiência não seja completamente neutralizada e desativada.

Se não é possível conceituar a experiência, mas narrá-la, nossa pretensão é identificar e extrair, das experiências narradas, alguns elementos fundamentais da experiência sensível: as relações-interrelações que vivenciamos com os acontecimentos e sujeitos que nos atravessam; as sensibilidades e atravessamentos que emergem dessas relações-interrelações; as transformações, a partir do que aprendemos com esses acontecimentos-sujeitos que nos sensibilizam, nos atravessam (e nos transformam).

3.2 A pesquisa de doutorado: relações e acontecimentos

A realização de uma pesquisa é uma atividade de significativa complexidade e envolve escolha de tema, objeto, método e uma infinidade de outras decisões, que impregnam a vida de quem pesquisa e exigem muita dedicação, equilíbrio emocional e paciência (ALCADIPANI, 2011). O predomínio do modelo instrumental e útil para a produção de conhecimento e na construção de relações, que suprime as subjetividades e sensibilidades, impede a compreensão dessa experiência, embora, mesmo uma pesquisa de natureza experimental, possa ser realizada com profunda sensibilidade.

Nosso foco se circunscreve às pesquisas qualitativas, em que a construção do conhecimento tem pessoas que fazem pesquisa como mediadores entre as informações e sua análise/interpretação. Mais especificamente, voltamo-nos para pensar as pesquisas de doutorado, na qual se adiciona com mais intensidade o fator tempo (ou a falta de tempo) e a pressão pelos cumprimentos de prazos, além de muitos outros acontecimentos que se sucedem durante esse período.

O processo longo, fatigante e absorvente que é a produção de uma tese pode ser o início de uma investigação maior que poderá continuar nos anos seguintes. Os elementos positivos e negativos dessa experiência refletirão na nossa trajetória e, sem eles e as marcas que nos deixam, não aprenderíamos a fazer e viver outras e novas experiências de pesquisa, com novos aprendizados e conhecimentos (ECO, 1997). Para Eco (1997), é possível aproveitar a oportunidade de produção de uma tese para recuperar o sentido progressivo do estudo, como uma elaboração crítica dessa experiência, que possibilita aprendizados importantes para a vida futura.

Mansano e Liberato (2020, p. 447) mencionam alguns acontecimentos e relações na prática do pesquisar: “o problema de pesquisa e suas mutações, os participantes e seus relatos de vida, os procedimentos burocráticos, as situações inesperadas, as descobertas e saídas coinventadas por pesquisadores e participantes”.

A ciência é um processo humano, feito por humanos e com humanos (FOUREZ, 1995) e nesse processo, o diálogo é inerente. Conversar, discutir, perguntar, responder é uma prática que ilumina a experiência e faz parte do método de pesquisa. A prática do diálogo nos ensina a respeitar e aceitar pontos de vistas diversos e a elaborar e propor os nossos, sem impô-los. Foi no diálogo que a pesquisa filosófica encontrou sua forma de realização (BUZZI, 1985).

O diálogo pode acontecer nos grupos de pesquisa, em sala de aula, com colegas, em espaços informais, nos corredores, nos intervalos e, até mesmo, no cotidiano da vida e podem contribuir com a validade e reflexividade sobre a pesquisa e sobre a experiência de pesquisa.

Uma das relações mais intensas que se vive durante a elaboração da tese é a relação de orientação. Durante o doutorado, essa relação é atravessada por afetos, conflitos, acordos, discussões, que nos marcam profundamente. Ferreira, Furtado e Silveira (2009) apresentaram as origens da palavra “orientador”: o termo vem do grego, que significa “aconselhar”, com raiz indo-europeia, que significa “pensar”. O “orientador” ou “orientadora” seria, então, quem vai “aconselhar o pensamento”.

A orientação é “a mais complexa e delicada relação a ser administrada num PPG¹¹ senso estrito” (FERREIRA; FURTADO; SILVEIRA, 2009, p. 170) e envolve o apoio na elaboração do projeto de pesquisa – objeto, tema, problema, objetivos, hipóteses, caminho metodológico, roteiro de pesquisa, etc. –, além das orientações sobre a coerência do trabalho, atentando para as correções necessárias, durante todo o processo (MARQUES, 2012; GALVÃO, 2007). Tem, ainda, caráter institucional, pois se trata de uma relação obrigatória de supervisão, na qual se reconhece o orientando ou a orientanda como pesquisador ou pesquisadora iminentes, caminhando para a autonomia científica, mas que ainda depende de orientação para se firmar como tal (GALVÃO, 2007; LEITE-FILHO; MARTINS, 2006; GRANT, 2003).

Mas a relação de orientação é muito mais ampla do que as orientações sobre o projeto de pesquisa. Trata-se de um processo complexo, de caráter instável e intenso, permeado por momentos de prazer e de riscos, que demanda negociação e ajuste de interesses, dedicação e tempo de ambas as partes e que não pode ser definido dentro de padrões e modelos pré-concebidos (GALVÃO, 2007; LEITE-FILHO; MARTINS, 2006; GRANT, 2003).

¹¹ Programa de Pós-graduação

Grant (2003) revela camadas dessa relação, ancorada nas posições institucionais, mas transpassadas por relações imprevisíveis, que se misturam e interferem umas nas outras. Nessa interação, responde-se um ao outro mais do que em uma relação de supervisão, mas como seres encarnados com gênero, idade, etnia, posições sociais diferentes e, muitas vezes, divergentes. Emergem dessa relação sentimentos de gratidão, ressentimento, frustração, decepção, bem como o desejo de agradar, desejo de reconhecimento e respeito, muitas vezes, inconscientes, confusos e mutáveis (GRANT, 2003).

Os interferentes nessa relação perpassam pelas condições de inaptidão do/da discente, despreparo dos/das docentes, excesso de orientações, sobrecarga de trabalho, expectativas irrealistas de ambas as partes, barreiras culturais e sociais, ambiente de competitividade (FERREIRA; FURTADO; SILVEIRA, 2009; GALVÃO, 2007; LEITE-FILHO; MARTINS, 2006; ECO, 1997). Leite-Filho e Martins (2006) identificaram que orientadores e orientadoras tendem a valorizar mais as habilidades técnicas e práticas de pesquisa de estudantes de pós-graduação. Em contrapartida, orientandos e orientandas demandam relações mais afetivas e pessoais da parte da orientação (LEITE-FILHO; MARTINS, 2006).

O descompasso entre as expectativas e demandas e as (im)possibilidades de oferecer o apoio adequado têm levado à formação de um clima de autocracia, que provoca inseguranças, angústias e solidão (LEITE-FILHO; MARTINS, 2006), e que não contribuem para o exercício reflexivo da produção de conhecimento.

Para Galvão (2007), há uma idealização sobre a orientação, pautada em princípios de constituição de um processo uno e contínuo, no qual orientanda ou orientando possuem uma definição madura sobre sua área de interesse e tema de pesquisa. Esses princípios são extraídos de programas de pós-graduação de países ditos avançados, dos quais adotamos a forma, mas não questionamos as bases que lhe dão suporte. Junte-se a isso o espírito autoritário sob o qual se institucionalizou o ensino de pós-graduação no Brasil, estruturado com a Lei da Reforma Universitária de 1968 (GALVÃO, 2007) e que constituíram um modelo que não se alinha à realidade brasileira.

As tensões entre disciplina e liberdade, dependência e independência, relutância em falar de poder, a rigidez estrutural do sistema (GALVÃO, 2007; GRANT, 2003) devem ser assumidas e colocadas em discussão, para que rupturas e novos caminhos sejam desenhados. A construção do conhecimento não se faz de maneira isolada e a experiência de uma relação de orientação estabelecida na disposição e compreensão mútuas (FERREIRA; FURTADO;

SILVEIRA, 2009; GALVÃO, 2007) pode ser profundamente transformadora para docente, discente e para o conhecimento.

Orientandas e orientandos se transformam em pesquisadoras e pesquisadores independentes, amadurecidos pessoal, profissional e academicamente, com senso crítico e autoconfiança (FERREIRA; FURTADO; SILVEIRA, 2009; GRANT, 2003) e orientadora e orientador, se transformam em profissionais mais motivados, com maior satisfação pessoal e mais atualizados na sua área de conhecimento (FERREIRA; FURTADO; SILVEIRA, 2009; ECO, 1997). Dessas múltiplas interações, ocorrem também múltiplas transformações no conhecimento e nas formas de conhecimento.

O próprio termo “orientando” e “orientanda”, um substantivo, que também é um verbo no gerúndio, nos dá uma noção de experiência. Orientanda ou orientando é quem realiza uma pesquisa, mediante uma supervisão, uma orientação conduzida por uma orientadora ou orientador, em uma determinada área de conhecimento¹². Ou seja, orientanda ou orientando é alguém em curso, que se forma no próprio curso, no conduzir da experiência.

O processo de orientação suplanta a orientação formal e obrigatória que é inerente ao doutorado. Muito se aprende no processo de diálogo com os pares (ALCADIPANI, 2011) e no campo das ideias, é preciso debater, aceitar os embates, confrontar as ideias, inclusive em espaços diferenciados e não somente os espaços de apresentação, que visam atender metas de produção (CARVALHO; VIEIRA, 2003). A validade do conhecimento em pesquisas sociais emerge das discussões sobre as diferentes interpretações entre quem faz pesquisa e membros da comunidade científica (KVALE, 1995).

Os espaços de discussão e reflexão podem ajudar a entender o que se espera de uma produção científica qualificada, abre espaço para ideias e sugestões e pode ser também um espaço de orientação coletiva (LEITE-FILHO; MARTINS, 2006). Um olhar crítico de colegas sobre o nosso trabalho, detectando as inconsistências, nos permite corrigir as falhas e preencher as lacunas, antes que apresentemos nosso trabalho publicamente (MARTÍN, 2018). Os grupos de pesquisa têm um papel fundamental na formação da consciência crítica, que permite pensar outras possibilidades de pesquisa, em contextos mais solidários e com a participação de outros atores, movimentos e comunidades (CASTRO-SILVA, 2018).

Produzir uma tese é muito mais que produzir o texto da tese, e as relações estabelecidas não devem se restringir ao apoio no processo formal da pesquisa. A relação com colegas que

¹² Não encontrei nenhuma conceituação sobre o termo, apenas a definição do dicionário virtual Dicio, disponível em <https://www.dicio.com.br/orientando/>.

estão passando por situações semelhantes – as dificuldades, as angústias e os conflitos inerentes à produção da tese – podem ajudar a nos compreendermos melhor nesse processo.

Pessoas que estão iniciando no mundo da pesquisa têm vivenciado um processo de formação solitário (BARROS, 2016) e são, constantemente, pressionadas pelo produtivismo do mercado acadêmico (LOUZADA; SILVA-FILHO, 2006), reduzindo sua experiência de pesquisa a um processo produtivo. Casos de ansiedade, desânimo, irritabilidade, tristeza e isolamento social entre estudantes de pós-graduação não são isolados, mas sistêmicos (ANPG, 2018).

A produção de resultados científicos demanda diálogo, processos sociais, constituição de equipes, alianças, evidenciando a humanidade presente na pesquisa. Redes de apoio, sejam elas informais, com possibilidades de aconselhamentos com pessoas de confiança (DICKSON-SWIFT *et al.*, 2007), ou formais, como as reuniões dos grupos de pesquisa para dialogar e sentir o tema estudado (RAMÍREZ-PEREIRA, 2017) e para compartilhar a experiência da vida acadêmica (não restritos à pesquisa em si), são fundamentais. Tais processos são parte da constituição e atuação de pesquisa e, portanto, são parte da pesquisa.

A construção de espaços de conhecimento que considerem a experiência sensível como elemento desses encontros, tende a se pautar em princípios para uma formação menos arrogante, mais generosa e mais humana com as dores do mundo. Essas posições de generosidade e humanidade são fundamentais para que as relações com os sujeitos do campo não sejam objetificadas.

O trabalho de campo possibilita um rico diálogo com a realidade e, dessa relação, poderão emergir novos conhecimentos. Entendemos como campo o recorte espacial que representa uma realidade empírica a ser estudada, palco de manifestações de intersubjetividades e interações entre sujeito que pesquisa e grupo estudado (CRUZ-NETO, 2002).

A aproximação e entrada no campo exigem, além de maturidade, inúmeras estratégias e o estabelecimento de relações profundas. Alguns equívocos podem prejudicar ou inviabilizar a pesquisa e as recusas de participação ou rusgas que acontecem nem sempre são fáceis de serem vivenciadas (KAUFMANN, 2013; CRUZ-NETO, 2002).

O campo não deve ser visto como uma etapa de verificação e validação de nossas convicções, mas como ponto de partida de nossas problematizações, como possibilidade de novas revelações (KAUFMANN, 2013; CRUZ-NETO, 2002). As pesquisas têm sido produzidas, predominantemente, de forma a esconder nossas tentativas e erros, nossas inseguranças e os imprevistos que vivenciamos nesse processo.

A prioridade da objetividade em detrimento das relações e das afetações pode levar ao estabelecimento de relações invasivas, insensíveis e utilitaristas, distanciando, ainda mais, universidade e pesquisa, da sociedade. Além disso, ao negarem suas próprias subjetividades, pessoas que fazem pesquisa adoecem, abandonam o doutorado ou se sentem uma fraude, desmerecendo o seu processo. A pressão, de diversas ordens, para concluir a tese, limita a pesquisa a contar somente aquilo que se adequa ao modelo estabelecido, suprimindo a riqueza de conhecimento que poderia emergir dessa experiência.

Urdapilleta-Carrasco e Limón-Aguirre (2018) atentam que as relações não devem ser estabelecidas de maneira instrumental, apenas como meio para conseguirmos as informações de que precisamos. Os autores defendem uma racionalidade relacional, estabelecida no princípio da reciprocidade e que demanda uma abertura afetiva e a possibilidade de também sermos questionados pelos sujeitos do campo, desestruturando as relações historicamente hierarquizadas entre quem pesquisa e pesquisados e pesquisadas (URDAPILLETA-CARRASCO; LIMÓN-AGUIRRE, 2018).

Entendemos que a racionalidade relacional se estende às outras relações da pesquisa e pode ajudar a construir relações mais afetivas, em diversos momentos da pesquisa. Pesquisadoras e pesquisadores têm sido privados de experimentar sua própria experiência e de admirar suas descobertas mais íntimas. Na realização da pesquisa, inúmeros acontecimentos lhes provocam alegria, dor, sofrimento, prazer, angústia, insegurança, condições que são inerentes a um processo de tamanha intensidade e complexidade.

Das dificuldades que se nos apresentam no fazer mesmo da pesquisa e nas múltiplas relações que construímos nessa caminhada, podemos aprender para além do que já sabemos. Algumas experiências, construídas com o intuito de recuperar o sensível das relações na produção de conhecimento, em grupos ou em pesquisas de campo, serão apresentadas na próxima seção.

3.3 Sensibilidade na produção de conhecimento científico: algumas experiências

Esse conjunto de acontecimentos coloca as pessoas que pesquisam em contato afetivo com forças externas, que penetram o cotidiano das pesquisas (MANSANO; LIBETATO, 2020). A relação com o acontecimento, com as relações, com a exterioridade na interioridade, que nos afetam durante a pesquisa e nos deixam marcas, configuram a experiência sensível de pesquisa.

Mansano e Liberato (2020) apontaram que as dimensões burocráticas do trabalho de produção de conhecimento consomem tempo e energia, mas alertam que a negação das exigências sentencia a própria impossibilidade de fazer pesquisa. Os autores discorrem sobre o pesquisar burocrático e criador e defendem o acolhimento a ambos, com a possibilidade de colocar em ação uma sustentabilidade afetiva nas práticas de pesquisa, a qual foi definida como “a potência dos corpos para acolher, experimentar, elaborar e transformar os afetos díspares que emergem nos encontros com os outros” (MANSANO; LIBERATO, 2020, p. 447).

Essa proposta se aproxima de Cabra (2007), que incitou explorar o ser e o pensar na universidade, tendo o corpo e a sensibilidade como fontes de conhecimento. Nesse processo, a autora identificou a sensação de vulnerabilidade de professoras e professores e o risco que sentem de parecerem ridículos diante dos/das estudantes. A implementação do projeto demandou a exploração dos afetos, tanto de discentes como de docentes, dinamizados no ato de construção de conhecimento.

Cabra (2007) relata que um dos exercícios mais enriquecedores desta experiência foi a transformação das reuniões em espaços de exploração dos temores, tristezas, exercícios de poder, frustração e todos os afetos que perpassam o nosso imaginário sobre o significado de ser docente ou estudante. A autora defende a conversão da educação – incluindo a ciência, a tecnologia e a produção de conhecimento – em um acontecimento ético, no qual os sujeitos participantes constroem relações de afeto, convivialidades e experiências sensíveis que transformam a vida coletiva (CABRA, 2007).

Passeggi (2011) apresenta sua experiência com grupos reflexivos, adquirida nos ateliês de escrita autobiográfica, que têm como compromisso compreender-se em processo de (trans)formação. O trabalho realizado com os grupos visa dar sentido ao que aconteceu (ou está acontecendo) e se apoia em cinco princípios éticos: (i) liberdade para falar ou não; (ii) princípio epistemopolítico, com vistas a evitar a (con)formação e estimular a emancipação; (iii) convivialidade, ancorada na ajuda mútua e no respeito pela experiência do outro e da própria experiência; (iv) confidencialidade quanto ao que é dito no grupo; (v) autenticidade nos relatos sobre si (PASSEGGI, 2011).

No campo da Administração, estudantes da pós-graduação da Escola de Administração de Empresas da Fundação Getúlio Vargas (FGV/EAESP), criaram, em julho de 2019, o grupo de apoio a estudantes (RODRIGUES; REZENDE, 2020). A constituição do grupo foi impulsionada pela relevância do tema, mas também pela observação da própria experiência pessoal de ansiedade e depressão, decorrentes da atividade de pesquisa. A roda de conversa e

partilha e o grupo do *WhatsApp* se tornaram um espaço para trocas de experiências, tanto do campo acadêmico formal, quanto de problemas pessoais, se configurando como um espaço de acolhida e de conforto, onde se pode ajudar e ser ajudado (RODRIGUES; REZENDE, 2020). Ao trocar experiências, pesquisadoras e pesquisadores iniciantes podem se reconhecer nas histórias dos outros e ressignificarem sua trajetória.

Experiências sensíveis com os sujeitos do campo foram evidenciadas no trabalho de Fahie (2014) sobre *bullying*, que explorou seus dilemas e tensões, a partir das relações estabelecidas com os sujeitos pesquisados. Mais do que registrar a história, ele experimentou os sentimentos vivenciados pela entrevistada. Sentiu raiva, perturbação e frustração com sua incapacidade de tornar aquela vida melhor. Para ele, nenhum treinamento ou orientação prévia poderia tê-lo preparado para aquela situação. Mesmo sabendo que ele não tinha feito nada de errado durante a entrevista, isso não o fez se sentir melhor; havia um descompasso entre o que ele sabia e o que ele sentia (FAHIE, 2014).

As histórias contadas por pessoas em diálise à Ramírez-Pereira (2017) fizeram com que ela vivesse, fisicamente, o sofrimento. Ela pegava em suas mãos, pedia que descansassem, lembrava que poderiam interromper a conversa. Surpreendentemente, recebeu, muitas vezes, o agradecimento pela oportunidade de falar e serem ouvidos (RAMÍREZ-PEREIRA, 2017).

Urdapilleta-Carrasco e Limón-Aguirre (2018) compartilharam algumas experiências junto aos povos maias. Urdapilleta-Carrasco conta que, em uma cerimônia religiosa, enquanto escutava as orações em *tsetall*¹³ – sem compreendê-las – ele se abriu para rezar sua própria oração, se conectando ao seu propósito de vida. Desse momento em diante, ele passou a abaixar a cabeça para que as avós e avôs da comunidade o beijassem, quando o saudavam. Aprendeu, ainda, a canção para benzer alimentos e, no trabalho de tradução, percebeu que podia compreendê-la, não somente como um exercício linguístico, mas uma interpelação do sagrado, que estava presente naquele espaço. Mais do que material acadêmico, essa experiência proporcionou um novo valor, favorável à criação de melhores condições de vida àqueles e àquelas que, agora, sentia como seus irmãos e irmãs.

A experiência compartilhada por Cumes (2015) nos mostra que, até mesmo as pessoas que fazem pesquisa e que pertencem à comunidade investigada não estão imunes às contradições e às dificuldades presentes nas relações com os sujeitos do campo. Dentre as muitas inquietudes relatadas pela pesquisadora – mulher-jovem-maia –, ela escutou de um

¹³ Língua do povo *tsetal*, um dos grupos descendentes dos povos maias, formado por pessoas que vivem em diferentes municípios das regiões de Selva e Altos do estado de Chiapas, México (URDAPILLETÁ-CARRASCO; PARRA-VÁZQUEZ, 2016).

homem maia sobre ela ser “daqueles assimilados academicamente”, se referindo à assimilação de códigos ocidentais, em detrimento de uma posição política compromissada, explicitamente, em favor do seu povo (CUMES, 2015).

Para Cumes (2015), essa encruzilhada vai se amenizando, a partir de uma posição ética sobre o que entendemos como contribuição com a pesquisa. Para a autora, antes que defender cegamente uma lealdade, cabe o compromisso com uma leitura crítica sobre a realidade e o compromisso político com a justiça. Ela reconhece a carência de saberes no processo de formação de pesquisadoras e pesquisadores, mas vê nessas carências o estímulo para explorar outros caminhos, que rompem com a ideia de passividade no espaço acadêmico.

A experiência sensível de pesquisa não pressupõe um estado de harmonia plena, o que levaria a uma compreensão ingênua das relações. Trata-se de perceber os incidentes, os mal-entendidos, tensões, ressonâncias, como experiências que transformam nossa maneira de entender, explicar, estar e sentir o mundo (OCAÑA; LÓPEZ, 2019; URDAPILLETA-CARRASCO; LIMÓN-AGUIRRE, 2018; CUNLIFFE; SCARATTI, 2017; RAMOS, 2007).

Essas experiências tendem a potencializar o desenho e a realização de pesquisas que reconheçam a dimensão sensível da vida cotidiana, abrindo espaços para validar e colocar em jogo esses saberes e conhecimentos sensíveis, abrindo novos lugares de encontro.

Precisamos aprender, na própria prática do fazer a pesquisa, uma nova ética – a do fazer junto – e um novo lugar político – o da responsabilidade pelo que fazemos. Ao trazermos a experiência para o corpo, para os nossos sentimentos e sentidos, de alegria ou tristeza, de dor ou de deleite, de satisfação ou de frustração, não somos mais neutros, mas sentimos juntos e ampliamos a capacidade de compreensão da realidade. A reflexão sobre a própria experiência do fazer pesquisa compõe esses outros conhecimentos possíveis.

A intensidade, a imprevisibilidade e a singularidade da experiência – que desencadeiam emoções, sentimentos e sentidos – dialogam com as expectativas, possibilidades e dificuldades que encontramos na experiência sensível de pesquisa e se contrapõem ao experimento de pesquisa, no campo das pesquisas qualitativas. Diferentemente do experimento, a experiência sensível de pesquisa assume suas contingências, singularidades e complexidades presentes nas múltiplas relações e interações desse processo.

O caminho da pesquisa nunca é linear, mas é sempre um ir e vir. A cada relação, a cada imprevisto, uma nova decisão, que pode ser, até mesmo, retomar uma direção abandonada anteriormente. Essa é a originalidade e a riqueza da experiência sensível de pesquisa, que é sempre única, mas sempre terá algo a compartilhar.

A experiência sensível de pesquisa é esse movimento reflexivo, subjetivo, singular e único de cada pesquisador e cada pesquisadora, sobre o que nos acontece durante esse processo (e antes dele) e que nos afeta e nos transforma como ser social no mundo. Essa experiência é formada por muitas experiências, de múltiplas relações e inter-relações, seja com o campo acadêmico, com os sujeitos de pesquisa, conosco mesmo e com o mundo que nos circunda.

4. METODOLOGIA

Se faz caminho ao andar
Golpe a golpe, verso a verso
(Cantares, Antonio Machado)

Seguindo os fundamentos da abordagem decolonial, esta pesquisa entende o fazer científico a partir de dentro, contextualizado e coletivizado, com a retomada de vozes, expressões, formas de ser e estar no mundo protagonizadas pelos sujeitos, em nosso caso, pesquisadoras e pesquisadores e suas narrativas, que brotam de dentro para fora, desprovendo a pretensão de universalidade, impregnado pela racionalidade instrumental.

Nesta seção, serão apresentados os caminhos metodológicos percorridos para o desenvolvimento desta investigação, elucidando (i) a natureza da pesquisa; (ii) o acesso aos sujeitos e as estratégias de produção das informações; (iii) a construção do *corpus* de análise e as escolhas de análise e interpretação.

4.1 Natureza da pesquisa

Este trabalho se configura como uma pesquisa qualitativa, pois nos propusemos a conhecer a experiência sensível de pesquisadoras e pesquisadores na produção de suas teses de doutorado, ou seja, em interação e inter-relação com o mundo, o mundo da pesquisa, os sujeitos de suas pesquisas, indissociável da sua subjetividade (SILVA; MENEZES, 2000).

São as pesquisas qualitativas que permitem identificar os significados e os sentidos atribuídos pelas pessoas aos diversos fenômenos (DENZIN; LINCOLN, 2000). A realidade social é um produto compartilhado da atribuição de significados e esses significados subjetivos dão relevância aos elementos objetivos da vida (FLICK; KARDORFF; STEINKE, 2004).

A pesquisa qualitativa faz uso de diferentes abordagens interpretativas para descrever e/ou decodificar os componentes de um sistema complexo de significados, traduzindo e expressando o sentido dos fenômenos sociais (MAANEN, 1979). Nesse sentido, quanto aos procedimentos, esta pesquisa utilizou três técnicas para acesso às informações: (i) o relato autoetnográfico; (ii) a pesquisa documental; (iii) a entrevista semiestruturada.

A autoetnografia é a observação sobre si, escrevendo a partir da fonte mais direta, que é a sua própria experiência. Sua escrita apresenta qualidades literárias e enfatiza experiências emocionais (ELLIS; BOCHNER, 2000). Para Fortin (2009)

a autoetnografia (próxima da autobiografia, dos relatórios sobre si, das histórias de vida, dos relatos anedóticos) se caracteriza por uma escrita do “eu”

que permite o ir e vir entre a Experiência pessoal e as dimensões culturais a fim de colocar em ressonância a parte interior e mais sensível de si (FORTIN, 2009, p.83).

Reconhece-se que, ainda que elementos autobiográficos estejam presentes no método autoetnográfico (SANTOS; BIANCALANA, 2017), as histórias pessoais não devem ser lidas como relatos autocentrados, mas como um “trampolim para uma compreensão maior” (FORTIN, 2009, p. 38) das infinitas experiências de pesquisa.

A autoetnografia se mostrou importante na construção desta pesquisa por dois motivos: (i) a necessidade de estimular e/ou encorajar as pessoas participantes a se voltarem para si, se reconectarem com suas histórias e recuperarem as memórias sobre suas experiências; (ii) conectar a investigadora aos sujeitos da pesquisa, antes da realização da entrevista.

A pesquisa documental serviu como caminho complementar. O documento é um testemunho de atividades particulares ocorridas no passado recente (CELLARD, 2012). Neste trabalho, os documentos acessados foram as teses de quem que não pôde enviar seus relatos. Esses documentos foram fundamentais para conhecer, previamente, alguns acontecimentos de suas pesquisas, além de ajudar a estabelecer vínculos, contribuindo com a fluidez das entrevistas.

As entrevistas têm uma longa história nas ciências humanas e sociais, em que se destacam dois elementos: (i) ela confere mais importância ao informante, e substitui a entrevista feita com questionário por uma escuta mais atenta; (ii) a variedade de métodos é muito grande e cada pesquisa produz uma construção singular do objeto, adaptando os instrumentos. A entrevista nunca deveria ser realizada da mesma forma (KAUFMANN, 2013).

Nesse sentido, inspiramo-nos nas orientações de Kaufmann (2013) em torno da entrevista compreensiva. O autor aponta que:

A entrevista compreensiva [...] inverte as fases da construção do objeto: o trabalho de campo não é mais uma instância de verificação de uma problemática preestabelecida, mas o ponto de partida dessa problematização (KAUFMANN, 2013, p. 44).

A entrevista é o caminho mais adequado quando se deseja revelar informações mais profundas sobre assuntos complexos, como as emoções. A afinidade que se estabelece na entrevista propicia a emergência dessas informações (GOLDENBERG, 2004). Na entrevista compreensiva, a/o informante não se limita a dar informações, mas, ao se envolver, faz um trabalho sobre si (KAUFMANN, 2013).

Dentro das condições da pandemia, da disponibilidade das pesquisadoras e pesquisadores e do limite de tempo para a execução e finalização da pesquisa, o uso da

entrevista se mostrou apropriado para acessar essas experiências. Ressaltamos que muitas das orientações presentes nos princípios epistemológicos e metodológicos decoloniais precisaram ser readequadas, dentre elas, a inserção no campo, a aproximação com os sujeitos de pesquisa, o estabelecimento de laços e compromissos, o aprofundamento da convivência. Essas são condições fundamentais para realizar uma pesquisa da natureza que aqui propomos, mas a necessidade de isolamento social impediu uma aproximação e convivência mais profunda.

O caminho para encontrar os/as informantes, a elaboração do roteiro de entrevistas, a relação com os sujeitos investigados na condução das entrevistas e o tipo de análises das informações levantadas serão abordados, nas próximas seções.

4.2 Acesso aos sujeitos e estratégias de produção das informações

Uma das minhas grandes frustrações no doutorado foi a impossibilidade de viver a intensidade das relações da experiência de campo. Desde o início, meu intuito era me aproximar dos sujeitos do campo e construir a pesquisa junto. Como eu não podia mais me aproximar de ninguém, um caminho viável que se apresentou foi me aproximar, virtualmente, dos sujeitos e do contexto no qual eu já estava inserida.

Como os pesquisadores e pesquisadoras que já passaram pelo doutorado, conhecem os dramas vividos pelos doutorandos e doutorandas, imaginei que o acesso seria mais viável, considerando as condições da pandemia. O tempo (ou o pouco tempo) foi meu maior rival. Se a experiência é cada vez mais rara por falta de tempo, porque tudo se passa depressa demais (BONDÍA, 2002), eu precisei em abrir mão de viver essa experiência como eu almejava, para poder concluir esse ciclo.

Entre setembro e novembro de 2020, escrevi o esboço de um novo projeto. Para ajudar a pensar os novos caminhos para a pesquisa, Flávia sugeriu que compartilhássemos o projeto com os membros do LETRA¹⁴, o grupo de pesquisa ao qual estamos vinculadas. Reunimo-nos, virtualmente, em dezembro de 2020, e esse encontro teve duas dimensões importantes no processo de construção da tese: as sugestões do grupo e, ainda mais importante, o sentimento de me sentir apoiada. Ainda que nem todas tenham conseguido sugerir algum caminho, o retorno, ao dizerem que tinham se identificado com o projeto, me deu ânimo e confiança para continuar.

¹⁴ Laboratório de Estudos Transdisciplinares, grupo de pesquisa registrado no CNPq desde 2012.

Entendemos que para identificar possíveis participantes era preciso algum conhecimento prévio da sua trajetória. Partimos de pesquisadoras que já conhecíamos, que aceitassem participar das primeiras entrevistas, a partir dos seguintes critérios: (i) se identificarem com o campo dos Estudos Organizacionais; (ii) terem desenvolvido pesquisas qualitativas em suas teses; (iii) terem realizado pesquisa de campo no doutorado; (iv) terem defendido a tese nos últimos 10 anos.

Optamos pelo uso de um roteiro semiestruturado, no qual os tópicos contemplam as informações desejadas, como lembretes que orientam o andamento da entrevista e flexíveis para absorver questões trazidas pelas pessoas participantes, que sejam relevantes para o tema discutido (MINAYO, 2010). O roteiro de pesquisa foi elaborado junto com a orientadora.

Fizemos uma entrevista-teste, para avaliar a fluidez do roteiro, adequando-o para as entrevistas seguintes. O teste aconteceu no dia 26 de junho de 2021, com uma pesquisadora que se dispôs a contribuir com essa etapa. Essa fase mostrou a necessidade de excluir uma questão que estava repetitiva e o restante foi mantido. A entrevista-teste, bem como a autoetnografia elaborada pela pesquisadora também compõem o *corpus* de análise.

No dia 28 de maio de 2021 enviamos quatro convites para as primeiras pesquisadoras indicadas pelo LETRA. Encaminhamos um e-mail, explicando o objetivo e convidando-as para participar da pesquisa. Devido à demora no retorno dos primeiros convites, decidimos enviar os e-mails seguintes (ANEXO A), com mais informações sobre a pesquisa, incluindo a carta (ANEXO B) com as orientações para a elaboração da autoetnografia (um exercício de escrita reflexiva) e o TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (ANEXO C).

Ainda que as pessoas participantes compreendessem o contexto e a realização de uma pesquisa, essa aproximação não foi emocionalmente tranquila. Quando iniciei o contato, eu pensava se estava usando as palavras certas naquele e-mail. Fiquei com receio de estar incomodando, arrumando mais trabalho, quando eu sabia que estavam abarrotadas de coisas, mais do que as de costume – que já não são poucas –, com as aulas *online*, os novos procedimentos para “adequar-se” a esse novo momento, tanto a vida do trabalho, quanto a vida pessoal, cotidiana. A pandemia atingiu todas e todos, e eu sabia que não estava fácil para ninguém. Mas com medo ou sem medo, continuei.

A seleção de novas pessoas participantes foi feita por meio da técnica “bola de neve”, que utiliza cadeias de referência e se mostra adequada quando a quantidade de participantes não é precisa e quando a localização da/do informante requer o reconhecimento pelas pessoas do grupo (VINUTO, 2014).

Realizei as entrevistas seguintes dentro da versão final do roteiro (ANEXO D), ainda que outras questões tenham sido inseridas durante a conversa, considerando a natureza dinâmica do diálogo. Entre o envio do e-mail convidando para participar e a conclusão das entrevistas, o tempo foi de 26 dias, em média, com máximo de 80 dias (com envio do relato) e mínimo de 02 dias (sem o envio do relato).

Entrevistamos 17 pesquisadoras e pesquisadores do campo dos Estudos Organizacionais, de 08 instituições diferentes, sendo 11 mulheres e 06 homens. A classificação entre mulheres e homens não considerou a identidade de gênero, mas a forma como as pessoas entrevistadas se autodefiniam durante as entrevistas. Quanto à raça, duas pessoas entrevistadas se autodeclararam como negras em seus relatos e entrevistas.

Não obtive informações que pudessem situar os entrevistados em termos de classe. Mas foi possível identificar as condições do doutorado com relação a trabalho e sustento durante esse período. Apenas uma pessoa entrevistada já era concursada e conseguiu afastar-se¹⁵ para poder se dedicar apenas ao doutorado.

Uma pessoa acessou a bolsa durante todo o doutorado, podendo se dedicar, integralmente ao doutorado. Oito pessoas acessaram a bolsa parcialmente, pois cinco pessoas passaram em concurso durante o doutorado (sem afastamento), duas pessoas trabalharam como professores, sem concurso, e uma pessoa teve sua bolsa suspensa e precisou contar com o suporte da família¹⁶.

Outras cinco pessoas tiveram que conciliar a prática docente com as aulas e a pesquisa de doutorado, durante todo o período (três estavam concursadas, sem afastamento e uma delas passou em concurso durante o doutorado). Duas outras pessoas entrevistadas também não tiveram bolsas, nem estavam concursadas e exerceram outras atividades de trabalho para garantir sua renda e sustento. De maneira geral, com algumas particularidades, essas foram as condições de trabalho e de dedicação à pesquisa de doutorado das pessoas entrevistadas para esta pesquisa.

Em termos de sujeitos e contexto das suas pesquisas, uma pessoa entrevistou mulheres executivas, uma pessoa entrevistou mulheres invisibilizadas historicamente, uma pessoa pesquisou manifestações socioculturais invisibilizadas, uma pessoa pesquisou trabalhadores em

¹⁵ A lei dos servidores públicos civis da União, autarquias e fundações (Lei n. 8.112/90), prevê a possibilidade do afastamento dos estatutários para a pós-graduação stricto sensu (mestrado ou doutorado).

¹⁶ Todas as pessoas entrevistadas, de alguma forma, contaram com o suporte financeiro de suas famílias, seja da mãe, do pai, da esposa ou do esposo.

situação de disputa, três pessoas entrevistaram comunidades tradicionais em contextos de conflito e disputa, quatro pessoas entrevistaram comunidades tradicionais em outros contextos, uma pessoa pesquisou trabalhadores de pequena empresa, uma pessoa entrevistou gestores de empresa familiar, uma pessoa entrevistou gestores da indústria, uma pessoa entrevistou gestores de organizações públicas e outras duas entrevistaram pessoas do campo acadêmico.

Algumas pessoas não conseguiram enviar os relatos, por duas razões principais: indisponibilidade de tempo; dificuldade de abordar experiências dolorosas mais de uma vez. Entretanto, considerando a disponibilidade que tiveram em aceitar o convite para participarem da pesquisa e a função do relato dentro da pesquisa – recuperar memórias e criar vínculo – optamos por seguir com as entrevistas e manter as informações obtidas como parte do *corpus* de análise.

As entrevistas com cada participante foram realizadas uma única vez, e todas começaram e terminaram no mesmo dia. Mas raras foram as vezes em que tudo ocorreu como o planejado. Dos e-mails iniciais enviados, alguns não foram respondidos. Novamente enviados e sem resposta, pedi a intervenção da orientadora. Das entrevistas agendadas, muitas precisaram ser remarçadas, porque houve reunião inesperada, consulta inesperada, estavam começando semestres, finalizando semestres, entrando de férias, levando filhos para o hospital, recuperando de COVID, envolvidos com as mil tarefas de pesquisa-docência-coordenação e outros aspectos da vida.

As informações sobre a quantidade de pessoas entrevistadas, tempo total das entrevistas, quantidade de páginas transcritas e quantidade de relatos autoetnográficos recebidos estão apresentadas na Tabela 1. A quantidade de pesquisadoras e pesquisadores por período de conclusão do doutorado foi apresentada na Tabela 2. A distribuição das pesquisadoras e pesquisadores e suas respectivas instituições de realização/conclusão do doutorado nas regiões do Brasil estão presentes na Tabela 3.

Tabela 1 - Quantificação das informações das entrevistas.

Informações em números			
Participantes	Horas de entrevista	Páginas transcritas	Relatos autoetnográficos
17	20h38min28s	395	12

Fonte: informações da pesquisa (2022).

Tabela 2 – Pesquisadoras e pesquisadores por período de conclusão do doutorado.

Ano de conclusão do doutorado		
Entre 2011 e 2014	Entre 2015 e 2019	Entre 2020 e 2021
4	8	5

Fonte: informações de pesquisa (2022).

Tabela 3 - Regiões do território brasileiro onde os doutorados foram realizados.

Região em que realizaram/concluíram o doutorado		
Nordeste	Sudeste	Sul
6	9	1

Fonte: informações de pesquisa (2022).

Utilizamos o *Google Meet* para entrevistar e gravar as conversas, que aconteceram entre 26 de junho de 2021 e 08 de setembro de 2021. A gravação das entrevistas foi autorizada, mediante assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE). Transcrevemos as entrevistas na literalidade, utilizando a ferramenta de “digitação por voz”, disponível no *Google Docs*. As correções e adequações foram realizadas no *oTranscribe*¹⁷, disponível gratuitamente na *web*.

4.3 Construção do *corpus* de análise e interpretação

A elaboração do relato autoetnográfico não foi uma imposição ou condição para que a entrevista acontecesse. Sabíamos que o envio do relato demandaria mais e poderia atrasar as entrevistas. Além disso, imaginávamos que o envolvimento com a proposta não se daria da mesma forma. Entretanto, entendemos que, dadas as condições da entrevista – virtual, no meio da pandemia, sem a aproximação e estabelecimento de laços com os sujeitos da pesquisa, como gostaríamos de ter feito –, era importante que, sendo possível, as pessoas participantes pudessem se reconectar com sua experiência de doutorado antes da entrevista. Muitas dessas experiências aconteceram há 10 anos, e era importante um esforço prévio para lembrar essas histórias.

As orientações para a elaboração do relato autoetnográfico versaram no sentido de que buscassem não somente os fatos, mas o emaranhado de afetos que vivenciaram durante suas pesquisas, incluindo as impressões, expectativas, decepções, alegrias, dores, vitórias, derrotas, certezas, incertezas, além dos sentimentos que afloraram durante a elaboração do relato.

Para quem não conseguiu enviar o relato, procurei me atentar a algumas partes de suas teses, principalmente, os Agradecimentos, a Introdução, a Metodologia e as Considerações finais, tentando identificar alguns elementos que me permitissem conhecer um pouco de suas experiências, sobretudo, aquelas que não compunham o corpo central de seus trabalhos. Ter acesso prévio a essas experiências ajudou a me envolver com suas histórias. Quando fui para a

¹⁷ Disponível em: <https://otranscribe.com/>

entrevista, senti que já conhecia um pouco daquela experiência, como se eu estivesse autorizada a entrar um pouco mais na sua intimidade.

Durante as entrevistas, não faltaram vezes em que elas tiveram que ser interrompidas: por filhas e filhos que queriam a atenção de mães e pais, pela internet que oscilava ou caía e descontinuava nossa conversa, ou mesmo quando o riso ou o choro suspendiam o assunto.

Quando a internet oscilava, eu ficava envergonhada, por ter que fazer as pessoas repetirem e insegura, com medo de não conseguir continuar a entrevista. Quando as crianças interrompiam, eu me sentia culpada, por impedir que elas estivessem convivendo com suas mães e pais naquele momento. Quando surgia o choro, eu tinha receio de estar aumentando as dores, de estar mexendo em feridas que ainda estavam abertas.

Mas quando o choro era de alegria e orgulho da trajetória, eu chorava de orgulho e alegria. E quando vinha o riso, eu gargalhava junto. Por vezes, dei risada sozinha quando transcrevi alguns “causos” e contos que surgiram nessa prosa e que, muitas vezes, desconsideramos como parte da nossa experiência de pesquisa.

Para garantir o anonimato das pessoas participantes¹⁸, substituímos seus nomes pelos personagens do livro *Torto Arado* (VIEIRA-JUNIOR, 2018). A escolha do livro não foi por acaso, mas representa o registro do único livro que li entre 2020/2021 (para além das leituras para a tese), e que me transpassou. Ele foi uma companhia e um refúgio em momentos de tristeza e cansaço, me trouxe alegrias, tristezas, choros, risos e um profundo agradecimento por poder conhecer aquela história. Essa experiência de leitura me tocou, visceralmente, e quero deixar essa lembrança registrada nesta tese.

Os nomes foram escolhidos por sorteio e não há nenhuma relação entre a história dos entrevistados e a história dos personagens. São eles: Belonísia, Bibiana, Carmelita, Crispiana, Crispina, Domingas, Miuda, Donana, Salu, Salustiana e Tonha, para as mulheres. Saturnino, Servó, Severo, Sutério, Tobias, Zeca, para os homens.

A análise das informações levantadas privilegiou o método de Análise de Narrativas. Pelas narrativas, os sujeitos são capazes de expressar suas experiências de vida, com suporte na construção de sentidos sobre si mesmos (BASTOS; ANDRADE BIAR, 2015). As narrativas nos permitem compreender as experiências, identificar seu significado e, mesmo quando são dolorosas ou desagradáveis, aceitá-las e viver com elas. Elas são dispositivos de fazer sentido,

¹⁸ Optamos por não identificar as pessoas entrevistadas por se tratar de um grupo de pessoas dentro de um campo muito específico na área de Administração (os Estudos Organizacionais). Muitas entrevistas mencionaram situações de violência e constrangimento e entendemos que a identificação poderia colocar em risco as pessoas participantes.

por meio dos quais os eventos não são apenas embutidos em significado, mas são construídos e contestados (GABRIEL, 2004).

Quando as autoetnografias mencionavam algum aspecto que eu desejava aprofundar na entrevista, eu mencionava a história narrada, complementando com uma pergunta. Algumas histórias narradas nas autoetnografias foram aprofundadas nas entrevistas. Portanto, as narrativas que compuseram o *corpus* de análise se referem tanto aos relatos autoetnográficos quanto aos relatos das entrevistas.

As leituras das narrativas foram feitas, procurando evidenciar os elementos fundamentais da experiência sensível: relação/interrelação, sensibilidade/atravessamentos, aprendizados/transformações. As narrativas foram lidas e relidas, tentando identificar sentidos e significados compartilhados.

Nas primeiras leituras, procurei organizar as histórias que, porventura, se repetiam nas diversas partes de cada narrativa, dentro das categorias do próprio roteiro: (1) motivações para a pesquisa; (2) relação com o tempo; (3) relação com a orientação; (4) relação com outras pessoas; (5) relação com a leitura; (6) relação com os sujeitos do campo; (7) relação com a escrita; (8) relação com os resultados da pesquisa/tese/doutorado.

Algumas histórias narradas estavam presentes nas teses e foram desconsideradas, para não correr o risco de identificação. Também tivemos que deixar de fora aqueles relatos que, para serem compreendidos, demandavam um nível de detalhes que também poderiam expor as identidades.

Em um segundo momento de leitura, procurei separar as experiências mais marcantes. Nesse momento, descartei as histórias contadas que não se conectavam com o doutorado. As aproximações começaram a ficar mais evidentes e surgiu um primeiro nível de categorias, com 14 agrupamentos: (1) cansaço; (2) pressão do tempo; (3) solidão; (4) hostilidade; (5) imprevistos; (6) resistências; (7) culpas; (8) aversão; (9) apoio emocional; (10) descobertas; (11) envolvimento; (12) empatia; (13) incapacidade; (14) aprendizados.

A emergência dessas categorias mostrou a necessidade de separar relações de violência, das experiências que, ainda que nos tragam angústias e dores, fazem parte da nossa condição humana. Um conjunto considerável de histórias relatavam acontecimentos que se configuravam com o que Bondía (2002) chamou de antiexperiências. Senti a necessidade de agrupar esses acontecimentos em uma única categoria, a qual será explicada adiante.

As categorias analíticas foram novamente revistas e reconstruídas a partir da teoria, ou seja, os termos presentes no referencial teórico privilegiado orientaram a codificação das falas

e a aproximação das experiências dos entrevistados. As categorias finais estão organizadas e apresentadas no Quadro 1.

Ressalta-se que a escolha por apresentar os excertos das falas das pessoas entrevistadas alinha-se com a perspectiva deste trabalho, de (re)conhecer as histórias e as experiências a partir das vozes dos sujeitos entrevistados, sustentando essas vozes para que elas ecoem em outros espaços.

A categoria “Um gesto de interrupção” nos apresenta o momento de reflexividade que se faz fundamental para que os acontecimentos sejam experiências. Bondía (2002) aponta que a experiência requer um gesto de interrupção: parar para pensar, observar os detalhes. O exercício do pensamento sobre os acontecimentos é condição fundamental para que a experiência não seja mera sensação ou acontecimento alheio.

Quadro 1 - Categorias de análise – versão final.

Categorias finais
1. Um gesto de interrupção
2. Uma abertura para o desconhecido: pesquisas imprevisíveis
3. Antiexperiências
4. O tempo da tese: tempo de entregar-se e conectar-se
5. Os outros que nos apoiam em nossas vulnerabilidades
6. Envolver-se e deixar se envolver com os sujeitos do campo
7. Tornar experiências visíveis e credíveis
8. Dar sentido a quem somos e ao que nos acontece

Fonte: elaborado pela autora (2022).

A categoria “Uma abertura para o desconhecido: pesquisas imprevisíveis” se refere às motivações iniciais que levaram pesquisadoras e pesquisadores a darem andamento à formação acadêmica e a pesquisarem aquilo que pesquisaram. A abertura é essa saída de nós até outra coisa, permitindo que algo nos (trans)passa (BONDÍA, 2002; 2006). A experiência é também uma passagem, um caminho em direção a algo imprevisível e desconhecido (BONDÍA, 2002; 2006a).

Conforme já mencionamos, Bondía (2002; 2006a) diz que a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. O autor menciona quatro condições que impedem a experiência: o excesso de informação, o excesso de opinião, a falta de tempo e o excesso de trabalho. Elas anulam nossas possibilidades de experiência. Diante disso, a categoria “Antiexperiência” se refere às situações vividas pelas pessoas entrevistadas que, ainda que superadas, criaram obstáculos para que pudessem viver a experiência sensível de doutorado.

Bondía (2002, p. 25) diz que a experiência se apodera do sujeito da experiência, que padece, se entrega, se conecta à sua experiência, que é o sentido mesmo que se faz dessa entrega.

A categoria “O tempo da tese: tempo de entregar-se e conectar-se” nos revela esse tempo. Não se refere ao tempo, no sentido estrito, mas ao tempo das conexões com os acontecimentos, um tempo sobre o qual temos pouco controle. É o tempo da suspensão dos automatismos, para que possamos nos conectar, significativamente, com os acontecimentos, porque o saber da experiência não é o conhecimento instrumental, mas o sentido dos que nos acontece (BONDÍA, 2002). E porque essa experiência nos atravessa a todo tempo, estamos tentando fazer conexões significativas sobre aqueles acontecimentos que estamos vivendo: lendo, refletindo, escrevendo.

Nessa travessia, apesar da solidão, há sempre aqueles que nos estendem a mão. A categoria “Os outros que nos apoiam em nossas vulnerabilidades” (DICKSON-SWIFT *et al.*, 2007) vem evidenciar esse outro, que é inerente à experiência, que nos atravessa com sua empatia, generosidade, maturidade intelectual, bem como no compartilhamento das dificuldades, das dores e das alegrias, das conquistas e do cotidiano da vida de doutoranda e doutorando, na construção de nossas pesquisas.

Dessa pluralidade de relações que estabelecemos, os sujeitos do campo são quem vão abrir suas vidas e compartilhar seus conhecimentos para que aquele conjunto de teorias ganhe materialidade. Nessa interação, outras trocas e outros conhecimentos emergem. A experiência sensível de pesquisa exige inter-relação e interdependência, porque a pessoa que pesquisa e a pessoa pesquisada só existem na interação; tudo existe, porque todo o mais existe, como diz o princípio *ubuntu* sul-africano (CUSICANQUI *et al.*, 2016)¹⁹. As trocas de experiências que se estabelecem quando permitimos nos envolver, provocam um sentimento de continuidade, de confiança, de profundidade, que são constituintes da nossa humanidade (HAROCHE, 2008). A categoria “envolver-se e deixar se envolver com os sujeitos do campo” se refere às aproximações e aos vínculos que vamos estabelecendo, à medida que nos relacionamos com os sujeitos do campo. Dessa interação, emergem sentimentos de admiração, empatia, confiança, pertencimento, mas também angústia, culpa, constrangimento, medo, indignação.

A relação de afeto e envolvimento que se estabelece com os sujeitos do campo, perpassada pela sensibilidade, é o caminho que permite a abertura do outro e a passagem do outro em nós, em nossa vida de pesquisar. Esse atravessamento permite tornar suas histórias parte da nossa trajetória de pesquisa, para tornarmos visíveis e credíveis as visões de mundo suprimidas. Para isso, não basta propor um outro tipo de ciência social, mas é preciso um outro

¹⁹ O texto referenciado é uma construção em cima das respostas de quatro pesquisadores sobre a dependência intelectual. Este trecho se refere às reflexões do intelectual Arturo Escobar.

tipo de racionalidade (SANTOS, 2002), uma racionalidade que também seja vivida como experiência. A categoria “Tornar experiências visíveis e credíveis” trata de apresentar um outro olhar para as contribuições das pesquisas de tese, para além do conhecimento útil, instrumental e aplicado, concepção predominante na ciência moderna. Para Santos, (2002), quanto mais ampla for a realidade credível, maior serão os indícios credíveis dos futuros possíveis e concretos.

Essa experiência, que não se encerra com o doutorado, é o que *nos* passa. Não é algo que se passa diante de nós, mas em nós. Ela supõe um acontecimento, exterior a nós, mas que tem seu lugar em nós, em nossas palavras, em nossas representações, em nossas ideias, em nossos sentimentos, em nossos projetos, em nossas intenções, em nossa vontade, em nosso saber (BONDIA, 2006). A categoria “Dar sentido a quem somos e ao que nos acontece” nos apresenta os saberes aprendidos com a experiência de doutorado, que superam as teorias que aprendemos e a tese que defendemos. Desse conjunto de experiências que vivemos durante o doutorado, emergiram saberes que nos transformaram e deram sentido à nossa trajetória de vida.

As narrativas permitiram explicitar a experiência sensível de doutorado, a partir da reflexão sobre essa trajetória, até os sentidos atribuídos a esse processo tão complexo. Essa riqueza de experiências, de aprendizados e de conhecimentos será apresentada na próxima seção.

5. EXPERIÊNCIAS SENSÍVEIS DE DOUTORADO

Tudo passa e tudo fica
 porém o nosso é passar,
 passar fazendo caminhos
 caminhos sobre o mar
 (Cantares, Antonio Machado)

Os resultados apresentados nas teses das pessoas entrevistadas também compõem a experiência sensível de pesquisa, mas eles já foram apresentados nos trabalhos de cada uma dessas pessoas e, portanto, já são conhecimentos visíveis e legitimados pela ciência. Entretanto, até que esse produto tese seja finalizado, vive-se uma imensidão de experiências atravessadoras e transformadoras, e que nem sempre é possível contá-las.

A narração é a representação das experiências em histórias *post facto*, sempre incompleta (BONDÍA, 2006b; JAY, 2009; PAES DE PAULA, 2012). A experiência não pode ser determinada ou reduzida a um conceito, porque, na sua plenitude, ela será sempre algo que nos escapa.

Não há, portanto, a intenção de reduzir as experiências sensíveis a qualquer determinação. A experiência é sempre “um caminho sobre o mar”, que faz, se desfaz e se refaz no caminhar. Nossa pretensão foi encadear indícios das relações, que se revelaram experiências, e evidenciar o sensível durante a experiência de pesquisa de doutorado, que expressaram a capacidade de sentir das pessoas entrevistadas e, em suma, a sua humanidade.

5.1 Um gesto de interrupção

Para começar a contar a história dessas experiências, partirei do momento de minha conversa com as pessoas participantes, em que alguns deles manifestaram a importância de parar para pensar sobre essa experiência que viveram. Conforme Bondía (2002; 2006a) coloca, a experiência exige um gesto de interrupção, quase impossível nos tempos que vivemos.

A velocidade da sociedade moderna nos impede esse tempo de silêncio, de interrupção e de reflexão sobre nós, o que dificulta identificar e falar sobre nossas experiências, em tempos tão velozes. Porque tudo se passa depressa demais (BONDÍA, 2002), é provável que não tenham tido tempo para pensar mais devagar e sentir mais devagar, no momento do doutorado.

Esta pesquisa propiciou esse momento, essa oportunidade de resgatar suas histórias de doutorado, compreender suas vivências e atribuir novos sentidos e significados aos acontecimentos. O gesto de interrupção também nos mostra que a experiência não se extingue

nos momentos e rituais formais de encerramento do doutorado. A experiência permanece nas pessoas, sempre em estado de criação, de possibilidade.

Esse gesto de interrupção se fez em, pelo menos, duas circunstâncias: quando tiveram que parar para escreverem seus relatos e no momento da entrevista. Nesses ensejos, pararam para pensar e me relatar aquela experiência, que viveram há um ano, cinco anos, dez anos.

Zeca menciona, em seu relato autoetnográfico, a sua necessidade de falar sobre aquela experiência vivida:

Retomar a tese e revisitar as experiências vivenciadas naquele período é similar a abrir aquela caixinha de fotos antigas, o álbum da família. [...]. É uma experiência que apresenta boas lembranças e outras nem tão boas assim. Saudades de algumas experiências, vontade de nunca mais lembrar outras. Mas façamos o exercício. Essa ação de revisitar essas experiências sensíveis da tese era algo que eu precisava fazer. Acertos com o passado. [...]. Não consigo fazer essa revisita de forma cronológica, funcional, instrumental. Vai assim, meio orgânica, meio desabafo. [...]. Eu preciso desse momento também. Talvez seja o melhor momento (Zeca).

Quando eu interrompi Zeca em sua rotina e lhe fiz o convite, ele sentiu que precisava retomar sua história, tomá-la para si novamente, parar para olhar aquela experiência, agora de um outro lugar, com outro olhar, talvez para reaver algo que possa ter se perdido no fluxo da vida.

Zeca sentiu que aquele poderia ser “o melhor momento”, a pausa para pensar mais devagar (BONDÍA, 2002; 2006a) sobre sua experiência de doutorado, conformada por “boas lembranças e outras nem tão boas assim”. Trazer de volta aquelas histórias vividas revela uma nostalgia, “saudades de algumas experiências, vontade de nunca mais lembrar outras”, mas que volta como possibilidade de prosseguir com algo que foi interrompido.

Zeca “retoma” a tese, para falar sobre o que lhe aconteceu (BONDÍA, 2002; 2006a), como um “desabafo”, que lhe possibilita arejar as ideias e fazer “acertos com o passado”. Ao manifestar o que pensa e sente, retomando sua experiência, Zeca confronta o passado e abre a possibilidade de ver outras e novas coisas nessa experiência vivida.

Ao recuperar suas lembranças, Zeca percebe que não é possível contar sua experiência, cronologicamente. As experiências não são fatos datados, que se encadeiam em uma sequência até sua conclusão. Ele “revisita” sua experiência de forma “orgânica”, visceral, ele traz o corpo vital para sentir esses acontecimentos que passaram. A experiência é orgânica, porque ela não é somente o acontecimento, mas o acontecimento que acontece em nós e está entranhada em nós, em nossa vida.

Severo relatou, de forma semelhante, a necessidade de fazer esse desabafo para desobstruir algumas passagens dessa experiência, conforme excerto que segue:

Eu acho que é um momento de desabafo. [...]. Eu acho que só agora que, no final, reconhecendo isso, te falando como se você fosse minha melhor amiga, meu olho enche d'água. Porque é engraçado como eu precisava falar sobre isso e não falei. [...]. Minha cabeça tá a mil, tá vibrando porque eu acho que eu precisava falar sobre isso também (Severo).

Foi ao “final” de nossa conversa, que Severo me contou que “reconheceu” que precisava falar sobre sua experiência. Ao reconhecer esses acontecimentos como parte da sua experiência, ele a concebe como legítima e evita que seus sentimentos e emoções se percam no fluxo das sensações (HAROCHE, 2008).

Quando Severo se permite parar para olhar mais devagar, para sentir mais devagar (BONDÍA, 2002; 2006a) seu corpo se manifesta e seu “olho enche d'água”, a “cabeça tá a mil, vibrando”. Essa comoção com a própria história revela o sujeito da experiência, que sente, que sofre, que se emociona e que vai se transformar com ela e a partir dela. O corpo vibra com a abertura para as possibilidades que se fazem presentes depois de expor o que lhe passou.

Ao cultivarmos a arte do encontro (BONDÍA, 2002; 2006a), como se fôssemos “melhores amigos”, Severo pôde parar para se escutar, suspendendo o automatismo (BONDÍA, 2002) que toma conta de nós – na movimentação contínua que vivemos –, para falar o que ele ainda não tinha falado e ressignificar os acontecimentos, ampliando a compreensão sobre a sua própria experiência.

Esse relato *post-facto* que nos permite acessar a experiência (JAY, 2009), exige retomar, revisitar, reconhecer os acontecimentos que se/nos passaram, o que também foi relatado por Tonha, conforme excerto seguinte:

[...] o exercício de resgatar as memórias do meu período de doutoramento foi muito interessante e me fez refletir sobre os prazeres e as dores de todo esse processo (Tonha).

Tonha fez o “exercício de resgatar as memórias” para recuperar esses acontecimentos, que vão ficando nebulosos com o passar do tempo. O “resgate” nos permite recuperar algo – nossas histórias – e nos coloca, novamente, em posse desses acontecimentos. Esse processo de elaboração secundária permite converter os acontecimentos em uma narrativa dotada de sentido (JAY, 2009).

Tonha resgata os acontecimentos para “refletir sobre os prazeres e as dores desse processo”, ou seja, ela faz esse exercício meditativo, que tanto provoca a reflexão quanto apresenta os efeitos da reflexão, que é a nossa capacidade de mudar, a partir da reflexão sobre

nossas experiências, que nunca nos deixa no mesmo lugar (JAY, 2009). O tempo da reflexão é o que permite o exercício que amplia a consciência (HAROCHE, 2008). A reflexão pode transformar nossas impressões e sensações difusas em experiência que nos transforma.

Tonha menciona os “prazeres e dores” que fizeram parte de seu processo de doutorado, evidenciando que sua experiência foi perpassada pela paixão e pelo padecimento (BONDÍA, 2002; 2006). A dor e o prazer são sentimentos de sofrimento e contentamento, que nos afetam com mais ou menos intensidade. Haroche (2008) aponta que, para que haja dor, é preciso um sujeito capaz de sentir, sensível, capaz de sofrer. Mas também capaz de experimentar prazer e alegria. O sujeito que sente é o sujeito da experiência, capaz de sentir a dor e o prazer dos acontecimentos que se passam na sua vida e na vida de outros, quando esses acontecimentos os transpassam.

A experiência acontece sempre na interação com o outro, que pode ser um outro eu – nosso eu no passado –, ou um outro que troca, em um diálogo que provoca a reflexão, que pode acontecer no próprio momento da troca, da conversa, conforme excerto de Sutério:

Eu tô conversando com você [...] porque eu acredito que essa conversa vai gerar uma série de reflexões e dessas reflexões, podem gerar coisas boas. [...]. Eu gosto de bater papo porque vou falando minhas coisas, vira sessão de terapia (Sutério).

Ao usar a metáfora da “sessão de terapia” para representar aquele momento, Sutério reforça a importância de falar sobre o que nos acontece, em um processo de conversa comprometida em “gerar uma série de reflexões” que “podem gerar coisas boas”, como o bem-estar e o conhecimento sobre si. Ainda que a experiência esteja vinculada a uma vida singular, sempre irreduzível, o compartilhamento da experiência nos ajuda a manter nossos ideais de uma vida melhor, para além de nossa própria vida, para além de nosso tempo (BONDÍA, 2006b), ainda que cada um irá experienciar sua vida própria.

Quando Sutério propõe “bater papo”, não se trata de uma conversa para entreter, apenas para passar o tempo, mas uma conversa para darmos tempo e espaço (BONDÍA, 2002) e aproveitarmos o tempo dessa pausa, dessa troca. Essa troca refletida vai gerar aprendizados mútuos e para além de nós mesmos.

É preciso parar para refletir, para perceber estados distintos (HAROCHE, 2008) dos acontecimentos que vivenciamos. Refletir é sinônimo de espelhar, mas não no sentido da reprodução exata do acontecimento, mas de pensar profundamente, e abrir-se para novos direcionamentos, conforme excerto de Crispiana:

Eu agora refleti, respondendo às perguntas que você me fez. É muito bom! Como eu te falei, eu sou muito reflexiva, eu gosto de pensar o que eu poderia ter feito diferente (Crispiana).

Não é possível fazer diferente no acontecimento que se passou, mas a experiência que *nos* transpassa tem potencial de mudança, pois pode nos levar a deliberar de outras e novas formas, nos acontecimentos que virão. Ao examinar e contemplar os acontecimentos da sua experiência, Crispiana pode fazer diferente nos espaços que vier a ocupar, com as pessoas que irá se relacionar. Conforme aponta Cunliffe (2020, p. 66), a autorreflexividade permite percebermos como nossas práticas e formas de nos relacionarmos influenciam como construímos “realidades” sociais.

A reflexão no sentido da autorreflexividade se difere da reflexão no sentido de entender padrões e como as coisas acontecem (CUNLIFFE, 2020), mas como elas *nos* acontecem e nos transformam, em nossa vida em sociedade. É nessa linha que a pesquisadora Belonísia se posiciona, conforme excerto apresentado, na sequência:

Certamente, trabalhos como este [referindo-se à minha pesquisa] nos fazem refletir sobre os espaços que ocupamos na sociedade e como podemos transformá-los (Belonísia).

Belonísia aponta a reflexão sobre “os espaços que ocupamos na sociedade”, ou seja, o espaço da pesquisa, o espaço da universidade, esse espaço reconhecido como espaço de produção de conhecimento. Esse espaço, no qual e para o qual pesquisadoras e pesquisadores dedicam boa parte de seu tempo de vida, de trabalho, de pensamento, pode se (trans)formar em pluriversidade, ao ser ocupado por pluriexperiências.

É provável que as pessoas entrevistadas não puderam fazer longas pausas para pensar, no momento em que o doutorado acontecia em suas vidas, porque muitas coisas acontecem conosco durante esses quatro anos, e precisamos agir, por reflexo mesmo, no sentido de responder rapidamente a uma demanda que nos é apresentada. Essa rapidez afasta nossa possibilidade de olhar distintamente (HAROCHE, 2008). Mas, mesmo sem a possibilidade de parar para pensar naquele momento, não deixaram de sentir – dores e prazeres – tão profundamente que, ao reviverem, pelo relato, se emocionaram e trataram de dar sentido a isso que passaram.

O relato é um dos modos privilegiados de como tratamos de dar sentido narrativo a isso que nos passa e o sujeito da experiência, convertido no sujeito do relato, é o autor, o narrador é o personagem principal dessa trama de sentido e de sem-sentido, que construímos como nossa vida e que, ao mesmo tempo, nos constrói (BONDÍA, 2014, p. 722).

O relato *post-facto* é um caminho para acessarmos a experiência, que nunca será a duplicação exata da realidade anterior de quem a carrega (JAY, 2009). Por mais que a experiência seja pessoal, ela somente acontece no encontro com a alteridade, com o outro (JAY, 2009; BONDÍA, 2002; 2006a).

Ao repensarmos nossas experiências, ampliamos a consciência sobre a experiência e ampliamos a própria experiência de doutorado, não a reduzindo a acontecimentos efêmeros. O gesto de interrupção nos permite recuperar vestígios da nossa memória e dar novos sentidos e significados aos acontecimentos que nos passaram.

O gesto de interrupção, de reflexão e de compartilhamento de experiências abrem possibilidades de contemplar a nossa história, reconhecendo as alegrias, as dores e as conquistas de um pesquisador ou pesquisadora capaz de sentir e se emocionar com suas histórias. Ao recuperarmos os acontecimentos da nossa história, atribuindo sentidos, estamos tomando nossa vida para nós e legitimando a experiência de pesquisa de um sujeito que sente.

A experiência sensível do doutorado não se encerra com a tese, mas se ressignifica e revigora nossas formas de atuar no mundo, nos espaços que ocupamos ou iremos ocupar. O compartilhamento da experiência contribui, ainda, para pensarmos numa vida para além da nossa vida, para além do nosso tempo, como vivência singular que pode reverberar nas vivências de outras pessoas que pesquisam, ainda em formação.

O acesso ao doutorado marca o início dessa “quase [...] vida dentro da vida” (FREITAS, 2007, p. 14) que são os muitos acontecimentos, possibilidades e desconhecidos que essa experiência nos proporciona. É sobre essas possibilidades que falaremos na próxima seção.

5.2 Uma abertura para o desconhecido: pesquisas (im)previsíveis

O acesso ao doutorado, em termos formais, já possui um caminho seguro, em termos de protocolos e acontecimentos. Sabe-se, de antemão, as exigências do processo de seleção – escrever um projeto, por exemplo, e apresentá-lo para uma banca – e que, ao entrar no doutorado, terão disciplinas a serem cursadas e uma tese a ser desenvolvida, sob uma orientação. Ou seja, há um caminho previamente conhecido para alcançar um objetivo pré-definido, que é a obtenção de título de doutor.

Entretanto, sempre há uma dimensão de incerteza nos caminhos que vão acontecer. O sujeito da experiência precisa estar aberto para as possibilidades de experiências (BONDÍA, 2002; 2006a). Ainda que tenhamos desenvolvido um projeto aprovado no processo de seleção,

os caminhos que estão por vir são possibilidades que exigem uma saída de nós, de nossas ideias e representações já estabilizadas, em direção a algo que ainda não conhecemos, inesperado, surpreendente (BONDÍA, 2002; 2006a).

A relação com o projeto é perpassada por negociações, renegociações, significações e ressignificações dessa experiência. A experiência é algo diferente do que já sabemos, do que já vivemos, do que já sentimos. Um acontecimento plenamente inteligível e compreensível impede que algo realmente nos aconteça e nos (trans)forme, impedindo a própria experiência. Se a experiência é algo que ainda não sabemos, que não podemos “pré-ver”, nem “pré-dizer”, também nossos projetos não são pré-estabelecidos e a experiência sensível de pesquisa implica uma abertura para pesquisar temas e contextos que não conhecíamos e não prevíamos.

Havia uma meta definida – o título – e um meio – o doutorado – para alcançar a meta, ambos previamente conhecidos em suas formalidades. Para alcançar a meta, era necessário desenvolver o projeto de pesquisa. Alguns conseguiram dar continuidade em suas pesquisas de mestrado, mas muitos mudaram completamente seus projetos de doutorado, seja em relação ao mestrado, ao projeto submetido na seleção e, até mesmo, projetos que já estavam em andamento durante o doutorado, conforme excertos que seguem:

Quando eu fui decidir fazer doutorado foi um desafio. Eu disse “se eu fizer [na minha área] eu vou continuar em algumas temáticas que, de certa forma, não vão ampliar tanto os horizontes do que se eu fizer em uma área que aborde características e aspectos que talvez [a minha área] não aborde tanto. Então eu decidi fazer estratégia, um debate muito mais profundo sobre as reflexões da área de gestão. E dentro dessa vertente, como era nova, eu tava com a mente aberta para várias temáticas. [...]. Mudou [o meu projeto da seleção], eu não diria nem da água pro vinho. Ele foi deletado. [...]. [Mas] o fato de ter mudado várias vezes a temática pra rebuscar e definir realmente o objetivo da tese foi o que mais me atrapalhou. [...]. Eu sentia necessidade de aprofundar mais, de ler mais (Carmelita).

Para a pesquisadora Carmelita, sair da sua área foi um desafio a ser transposto para poder “ampliar os horizontes”, ao invés de permanecer em uma área já conhecida, restringindo as chances de abordar e conhecer temas novos. O projeto submetido para a seleção “foi deletado”, e ela entrou “com a mente aberta” para poder compreender um “debate mais profundo” sobre as questões da área.

Mas a construção de um novo projeto, em uma nova temática, com novos objetivos, não é um processo linear, como uma sequência de etapas para se chegar ao objetivo. O relato de Carmelita nos mostra que sua abertura lhe trouxe perturbações, quando ela diz que “atrapalhou”. Abrir-se para o desconhecido implicou nesse incômodo, tanto objetivo quanto subjetivo. A busca por novas temáticas leva tempo e dificulta a definição do projeto. A demora

nas definições atrapalha e gera angústia, porque a pesquisa é pensada como um processo já construído e não um processo aberto, a ser construído. Pessoas que pesquisam são pressionados pelo tempo - cada vez mais curto para aprofundar nas leituras, na temática -, sempre insuficiente para desenvolver a pesquisa dentro do tempo determinado.

Crispiana também abandonou o projeto de seleção e nos apresenta uma situação bastante comum no doutorado, que é o desconhecimento sobre quem fará a orientação. A pesquisadora diz:

Quando a gente faz a seleção do doutorado, a gente não sabe quem vai ser o nosso orientador e a gente faz o projeto que se alinhe ao que a gente acha que vai dar certo com a linha de doutorado e aí eu fiz um projeto que eu achava que ia dar certo com as linhas. [...]. O meu orientador não estudava muito aquilo [e] o professor que estudava o que eu fiz no projeto acabou não me orientando. E aí eu acabei optando por deixar o projeto de lado [...], partindo para fazer um projeto do zero. [...]. O [meu orientador] me passou umas leituras e numa delas tinha algo falando sobre [um conceito] [que] deu um estalo na minha cabeça e eu disse “isso vai dar certo com [o meu tema]. Como, eu não sei”. E aí a gente foi conversando, tinha outras pessoas no grupo de pesquisa, eu fui conversando e fui conseguindo moldar. [...]. Com o tempo, com as leituras a gente vai conseguindo refinar melhor o tema. [...]. [Mas] é muito difícil você moldar um tema para a tese. Você não consegue identificar a priori, ele fica meio obscuro. (Crispiana).

A orientação é incerta para quem presta os processos de seleção de doutorado e a informação prévia que se tem são as linhas de pesquisa de cada programa. Nesse sentido, e diante da incerteza sobre quem fará a orientação, a pesquisadora escreveu um projeto “que se alinhe ao que a gente acha que vai dar certo com a linha”. Mas dentro das linhas, há diferentes percursos temáticos, teóricos, metodológicos e, a depender da orientação, os projetos precisam ser readequados, às vezes, abandonando o projeto, começando “um projeto do zero”.

Conforme colocou Crispiana, o tema de pesquisa vai sendo construído e é muito difícil defini-lo previamente, “identificar a priori”, porque ele é “meio obscuro”. O projeto vai se moldando com o tempo, vai ficando mais evidente, à medida que nos abrimos para compreender as leituras, as orientações, conversamos com outras pessoas da área, condições que vão ajudando a “refinar melhor o tema”.

Para Servó, o projeto submetido para a seleção “é como se fosse um protocolo para participar do processo”, conforme trecho seguinte:

Quando eu idealizei o projeto, eu tinha acabado de ter contato com esse tema novo [...], então eu fiz sem muito apego. [...]. É como se fosse um protocolo para participar do processo. [...]. Mas não fiquei frustrado por não seguir [com] ele. Fui, sabendo que eu teria que mudar diante do perfil do meu orientador, que acabou me orientando no doutorado. [...]. Difícil foi escolher qual o novo tema, porque tinham muitas questões a serem amarradas,

alinhadas, desde a teoria que ele trabalhava na época, até as minhas ambições também. [...]. Eu preparava uma versão do projeto, aí não conseguia abertura para trocar ideias, então, depois eu já mudava, achava que aquilo não fazia sentido, então eu recomaçava a escrever, [...], então, sempre, os recomaços, né, eu sempre tinha retrabalhos a fazer. [...]. Eu acabei fazendo algo que não era, assim, muito adequado ao que eu queria, [...], mas depois fui aceitando como parte do processo (Servó).

Servó idealizou um projeto sobre um tema novo para ele e submeteu, “sem muito apego”, apenas para participar do processo, ciente de que teria que mudar, quando a orientação estivesse definida. A experiência sempre acontece em uma relação e uma dessas relações é a orientação. Desta se espera direcionamentos, aconselhamentos, caminhos para que o projeto de pesquisa avance.

Algumas mudanças no projeto podem ser mais difíceis, por apresentarem “muitas questões a serem amarradas, alinhadas”. A orientadora e o orientador possuem uma visão de mundo e desenvolvem suas pesquisas dentro de um campo epistemológico, teórico e metodológico. A dificuldade de Servó se refere à necessidade de alinhar os caminhos do orientador com as suas “ambições”, para que essa trajetória fizesse sentido. Servó teve dificuldade de escolher um tema com o qual ele se identificasse. Ele não conseguiu abertura para dialogar sobre o projeto, por isso teve muitos “recomaços” e “retrabalhos” e acabou desenvolvendo uma pesquisa desalinhada ao que ele queria, mas que ele acabou “aceitando, como parte do processo”.

Nessa experiência, há um sujeito que sente, se frustra e precisa se submeter às regras, como parte do processo, porque, nas relações de poder, o orientando está em uma posição mais frágil dessa relação. Nessa relação assimétrica, de dependência não autônoma, Servó tentou atribuir um novo sentido, ainda que não tivesse se identificado com a pesquisa. O sentido da aceitação, como parte do processo, ajuda a amenizar a frustração, que se ressignifica na forma de aprendizado e como estratégia para o encerramento desse processo.

Mas, mesmo quem escreve um projeto direcionado para a linha de pesquisa da orientação, não está isento de imprevistos e da necessidade de redirecionar seus projetos de pesquisa, conforme Donana:

[Eu] escrevi o projeto direcionado [para uma professora], eu tinha decidido que eu ia fazer a seleção com ela. Não era o tema dos meus sonhos, mas também eu tava entrando bem consciente. [...]. O tema, o tópico [...] tem muitos significados, muitas definições, então eu tive que estudar muito isso. Foi uma das grandes dificuldades da tese. [...]. Eu tive que estudar muito sobre isso [o tema] [...] e conseguir esclarecer o que é que eu tava usando ali, qual era o conceito que eu tava usando. [...]. [Mas] eu amo a minha tese, [...], eu amo o que ela chegou, o resultado final eu amo, eu gosto de ler, gosto de ver. Tem seus sofrimentos, mas eu gosto muito dela. [...]. Eu gosto muito do campo

empírico. [...]. A ideia do [evento] é muito legal, [...], é incrível. Então hoje eu tenho um afeto muito grande pela minha tese, também por ter sido um processo muito meu (Donana).

Donana construiu seu projeto de seleção preocupada em alinhá-lo à sua possível orientadora e menos vinculado aos seus interesses, quando ela diz “não era o tema dos meus sonhos”. O sentido inicial era acessar o doutorado. Apesar das dificuldades com o aprofundamento do tema, Donana construiu afeto pela tese, o que podemos perceber quando ela diz “gosto de ler”, “gosto de ver”, “o resultado final eu amo”, “gosto muito do campo empírico” e “por ter sido um processo muito meu”.

Tanto o campo teórico, quanto o empírico eram desconhecidos para Donana, mas ela se abriu para as possibilidades de conhecê-los. As relações estabelecidas no campo, construídas por ela, e as descobertas no campo, despertaram o gosto por sua pesquisa, fazendo com que a tese se tornasse dela. Sua experiência teve menos condicionantes externos e permitiu que ela se surpreendesse e admirasse o imprevisível de suas descobertas e revelações e atribuiu novos sentidos à pesquisa, em relação às suas impressões iniciais. Diferentemente da experiência de Servó, que não conseguiu desenvolver afeto pela sua pesquisa, Donana, que também não tinha nenhum apego inicial pelo tema, conseguiu construir um caminho próprio, que lhe deu autonomia e legitimidade sobre o seu trabalho e criou vínculo com a sua história.

Os projetos de pesquisa estão sempre vinculados às pesquisas da orientação. A partir delas, o projeto vai se desenhando, ajudado pelos direcionamentos recebidos. Mas esse caminho é sempre nebuloso, porque ele se faz no próprio fazer, à medida que os acontecimentos vão fazendo sentido ou não, conforme relata Sutério:

[...] ela [a orientadora] me deu textos pra eu ler, pra ver se fazia sentido. Tudo que eu lia eu não gostava, não porque eu não gostasse do texto, não fazia sentido pra mim. [...]. Quando foi o quinto texto que ela me deu e eu falei que não gostei, ela falou “chega, não vou te dar texto nenhum, vai ter a minha disciplina no semestre que vem e a gente vê”. Aí é que tudo começa. [...]. Tem a primeira aula e ela foi separar os seminários para fazer ao longo da disciplina. [...]. Todo mundo saiu escolhendo os textos e eu fiquei com o que sobrou. [...]. Passou um tempo, eu comecei a ler o texto e começou a fazer sentido. [...]. Na outra semana eu falei pra ela que eu tinha achado o texto fantástico. [...]. Ela me orientou a ler tudo daquela autora. [...]. Comecei a levantar os textos, comecei a ler, comecei a gostar mais e mais das coisas que a [autora] escrevia. [...]. Eu me descobri teoricamente, metodologicamente, com aquilo que eu ia lendo. [...]. Então foi assim, fui montando, muita coisa deu certo, [...], mas muita coisa poderia dar errado, por causa dessa ideia de que a gente tem que fazer tudo no direcional e que um método serve pra tudo, em qualquer lugar (Sutério).

A construção do projeto também se orienta pelas leituras que gostamos ou não, que nos identificamos ou não. Sutério relata que não estava gostando das leituras, porque “não fazia

sentido”, não o transpassava, não o tocava. Depois de algumas leituras sem sentido, ele se encontrou com um “texto fantástico” que “começou a fazer sentido”, ou seja, passou a ter significados, sentimentos, a partir dessa abertura para algo que não se conhecia. Sutério foi “montando” o projeto, que passa por tentativas, erros e acertos, quando ele diz “muita coisa deu certo, [...], mas muita coisa poderia dar errado”.

O caminho certo e seguro da ciência, o método como aplicação rigorosa de técnicas para a produção de resultados imediatos, nos leva a resultados previsíveis. Para conhecer o desconhecido, é preciso estar aberto para novas experimentações, que incluem tentativas de caminhos, erros, acertos. Muitas coisas também dão errado quando da aplicação de métodos fechados, com a diferença de que não se assume os erros, apresentando somente os acertos, os resultados objetivos, como se tivesse sido um processo sem desvios. Sutério coloca que as coisas poderiam ter dado errado, justamente pela ideia de que existe um método universal, e que o processo de pesquisa vai somente em uma direção, sem meandros.

O relato de Sutério mostra um pesquisador não neutro, que toma decisões sobre a sua pesquisa, a medida que o imprevisto e o inesperado se apresentam a ele. Essas decisões não são previamente definidas, nem impessoais, mas contingentes, contextualizadas àquele momento e influenciadas pelos seus gostos, percepções e interesses.

Sutério, revela que foi “se descobrindo”, porque o processo de construção da pesquisa é um processo de (auto)descoberta e (trans)formação do pesquisador. Sutério fez leituras, (re)conheceu aquelas que fazem sentido para ele e foi se descobrindo, se construindo e se desconstruindo como pesquisador, sempre aberto, em descoberta, em processo, nunca definido, nunca acabado.

A experiência é essa saída de nós até o desconhecido, que volta até nós, com novos sentidos e significados, em constante interação com o outro: a orientação, as leituras, nossas expectativas, conforme podemos perceber no relato de Saturnino:

Eu sempre gostei dessa pegada mais social das organizações. [...]. Eu escrevi um projeto pra entender um pouco melhor [esse grupo] dentro da política pública, [...], [que] faz parte de uma trajetória de estudos. [...]. Na iniciação científica tive contato com [esse grupo], economia solidária. Era o que eu curtiá pesquisar. [...]. Mas no final das contas, minha tese não é sobre isso (risos). [...]. O meu orientador pediu pra sair do programa. [...]. Na troca de orientação, o meu [novo] orientador falou “eu não me sinto muito confortável com a temática, eu acho que não vou te ajudar tanto. Você quer procurar outro orientador?”. [...]. Só que eu gostava tanto dele [...] que a gente foi de propostas e contrapropostas até chegar na possibilidade de estudar [algo] que não saia do que eu queria, [...], mesmo mudando um pouco a minha zona de conforto (Saturnino).

Apesar da expectativa de Saturnino de estudar políticas públicas e de continuar uma trajetória de estudos, a troca de orientação demandou uma negociação com o novo orientador. Na experiência de Saturnino, a afinidade com o orientador foi mais importante que a afinidade com o projeto inicial, quando ele diz “eu gostava tanto dele”, e se abre para “sair da zona de conforto”.

A descoberta acontece a medida que eles se abrem para a negociação de um caminho confortável para orientador e orientando, “de propostas e contrapropostas”, que adequassem o projeto aos interesses de pesquisa do orientador e mantivessem elementos que fizessem sentido para Saturnino, como o aspecto “social das organizações”. Essa negociação e identificação de interesses convergentes diminui as frustrações e ameniza os conflitos.

Os ajustes que precisamos fazer durante essa experiência dependem das possibilidades que o pesquisador e a pesquisadora colocam para si, considerando que o imprevisível é elemento fundamental da experiência. Essas possibilidades serão confrontadas com as condições objetivas da pesquisa – negociações com a orientação, situações do campo, descobertas com as leituras, etc. –, mas, nesse processo, nem sempre pesquisadora e pesquisador conseguem se encontrar.

O relato de Zeca nos mostra os ajustes que precisou fazer para realizar o doutorado:

Eu tinha uma condição que para mim era essencial, que era fazer o doutorado em casa. [...]. Eu falei “não tem problema, eu vou com o lado que eu cair”. [...]. Não era a área que eu pesquisei. [...]. Mas eu acabei gostando, me envolvendo. [...]. Eu entrei numa outra seara acadêmica. [...]. E o trabalho foi se construindo, [...], ele foi acontecendo. [...]. O trabalho mudou muitas vezes, [...], num ir e vir. [...]. Mudar a tese várias vezes, [...], foi bom por um lado, porque eu conheci coisas legais, mas, de certa forma, também foi bem desgastante. [...]. Eu tava numa ponta, vim pra outra e hoje, eu continuo tentando me encontrar (Zeca).

Zeca precisava “fazer o doutorado em casa” e, para isso, ele se abriu para a possibilidade de pesquisar em uma área diferente da que ele pesquisava. Por causa do campo de pesquisa da orientadora, ele adentrou “numa outra seara acadêmica” e acabou “gostando”, se “envolvendo”. Ainda que Zeca tenha saído de sua área de pesquisa, ele conseguiu se identificar com o projeto de pesquisa, gostar dele, dar sentido a ele, na sua trajetória de pesquisador.

O trabalho foi “se construindo”, “acontecendo”, “num ir e vir”, que acontece na própria experiência de pesquisa. Mas as mudanças constantes também foram cansativas, quando ele diz que “mudar a tese várias vezes [...] foi desgastante”. Como ele “tava numa ponta, [foi] pra outra”, abriram-se muitas possibilidades e incertezas. O aprendizado veio da possibilidade de

conhecer “coisas legais”, nesse campo novo que ele se inseriu. Mas essa abertura trouxe esse esgotamento do pesquisador.

Zeca coloca que “continua tentando se encontrar”. A mudança de área gerou uma instabilidade na identidade de pesquisador, como se a adesão a um novo campo, que ainda está sendo aprofundado por ele, apagasse seu conhecimento e trajetória anteriores. O tema, o campo de pesquisa, a teoria, não devem reduzir o pesquisador a esses elementos, tampouco definir a sua competência. É preciso se perder, para descobrir e se encontrar no processo de produção do conhecimento.

O sujeito da experiência é sempre um sujeito tentando, sempre se encontrando, a medida que se abre para novas experiências de conhecimento, de relações, de posições de mundo. Essa angústia por se encontrar é o resultado de uma ciência que exige um sujeito seguro, impávido, autodeterminado, formado, ainda que estejamos em formação, constantemente. O sujeito da experiência é o seu oposto, é padecente, receptivo, interpelado, submetido e, portanto, sempre aberto ao aprendizado e à (trans)formação.

Não só as possibilidades iniciais influenciam as (in)definições do projeto de pesquisa, mas outros imprevistos que surgem, durante o período do doutorado, conforme relata Severo:

Quando eu fiz o processo seletivo de doutorado, o meu tema era outro. [...]. O meu projeto foi aprovado dessa forma e no primeiro ano eu fiquei trabalhando com esse projeto. [...]. Quando eu entrei no doutorado, eu era professor substituto [...] e aí eu não tinha bolsa né. [...]. Quando terminou o meu contrato, [...], eu falei assim “eu vou precisar de bolsa, porque eu não vou conseguir me sustentar [...] sem bolsa”. [...]. E aí meu orientador falou “tem um projeto que a gente consegue te dar bolsa, só que você vai ter que mudar seu tema”. Eu falei “beleza, eu sei que isso acontece”. [...]. Esse tema era muito novo pra mim, muito desafiador. Então, a primeira mudança realmente foi por uma necessidade financeira, de entrar nesse projeto que meu orientador tava coordenando. [...]. Mas como eu [era] muito leigo no assunto, eu [fui] fazer disciplinas [em outra área]. [...]. Eu gostei bastante do assunto, do tema, do referencial teórico. [...]. Só que eu ainda não tinha me encontrado tanto nessa pesquisa. [...]. E aí fui fazendo pesquisas, fui fazendo pesquisas. [...]. Foi quando eu comecei a me identificar mais com o tema de pesquisa. [...]. Mas vou ser bem sincero. Eu tive períodos de afastamento, [...], eu não queria saber, [...], não era aquilo que eu queria. [...]. Eu tive um período de afastamento muito forte, [...], aí eu pegava umas três semanas de forma muito intensa pra ver se eu dava conta de acabar o que eu me propus (Severo).

Severo conseguiu dar continuidade, durante o primeiro ano, no projeto de pesquisa que foi submetido no processo seletivo. Mas a mudança na sua vida profissional e a necessidade de receber uma bolsa de pesquisa alterou os rumos do seu projeto. Ele precisou abandonar o projeto em andamento e construir um novo, que se adequasse ao tema do projeto maior, que financiaria sua bolsa de pesquisa.

Essa era uma condição que ele já conhecia, mas o tema do projeto era “muito novo”, para ele, e foi “muito desafiador”. O tema novo é algo estranho, desconhecido, alheio, por isso é “desafiador”. É o desconhecido que nos desafia, nos coloca em disputa conosco mesmo, com aquilo que não sabemos, e nos incita a conhecer esse desconhecido. Quando o desconhecido se apresenta – um novo projeto, um novo campo teórico, um novo campo empírico – o pesquisador ou a pesquisadora traça caminhos para tomar a pesquisa para si, para se apropriar dela e criar significado para ela.

Severo foi fazer disciplinas em outras áreas e conhecer novas leituras, para tentar criar vínculos com a pesquisa, se “identificar mais com o tema”. Apesar dos seus esforços, ele teve uma repulsa pelo projeto, com “afastamento muito forte” da pesquisa, que ele não queria fazer, porque “não era aquilo” que fazia sentido para ele.

Se a construção dos projetos, as leituras e as descobertas nos revelam o imprevisível e o desconhecido, a presença no campo revela, muitas vezes, o impensável. O outro que nos é apresentado é sempre imprevisível, tanto os sujeitos, o contexto ou os acontecimentos que circundam os momentos de realização da pesquisa. Por ser a realização de uma pesquisa uma experiência intrínseca ao acontecimento da vida mesma, enquanto sujeitos dessa experiência, estamos expostos a acontecimentos inimagináveis, conforme relatado por Tonha:

Eu propunha [a pesquisa] para uma pessoa, para uma empresa, para um diretor de empresa, para outra e comecei a tomar algumas negativas, justamente pelo caráter delicado da pesquisa. Aí uma professora minha de graduação [...] falou de uma empresa que tinha uma história super rica e [ela] tinha o contato com um dos membros. [...]. Nossa, mas foi tão exaustivo, porque era aquele chá de cadeira, o cara não me atendia. Mandava ofício, ligava. [...]. E era tudo muito difícil. Marcava, a pessoa desmarcava comigo em cima da hora. Até que foi fluindo. [...]. Aí eu encontrei uma pessoa dentro da organização [...] que adorou a proposta da pesquisa. Ela falou: “fica tranquila. Quem você tá precisando aí para a entrevista? Pode deixar que eu arrumo pra você essas pessoas”. Ela foi anotando. Não é que essa mulher foi assassinada! Juro! [...]. Eu fiquei tão impressionada com essa história, porque eu criei uma relação de parceria com ela, eu ligando o tempo todo para ela e daí eu vejo uma das notícias. [...]. Eu falei “gente, o que que é isso, como assim, não é possível!”. Eu fiquei louca com aquilo. [...]. Aí teve um processo de luto, eu não podia tocar minha pesquisa, [...], eu tive que dar um tempo (Tonha).

A experiência de Tonha mostra o pouco controle que temos sobre a experiência, na qual o imprevisível e a incerteza é elemento inerente. A pesquisadora nos conta as dificuldades iniciais de entrada no campo e o encontro e a “relação de parceria” com uma pessoa fundamental para a sua pesquisa, que estava abrindo as portas para que ela finalizasse sua pesquisa. Mas ela jamais imaginaria uma situação que envolvesse uma perda tão violenta.

Ninguém se prepara para um imprevisto, por isso mesmo, ele revela espanto, comoção, perturbação. Essa perda súbita e violenta exigiu que Tonha interrompesse sua pesquisa e desse um tempo para que as pessoas pudessem viver seu momento de luto. A ciência moderna tenta eliminar a incerteza, mas a experiência tem sempre algo de imprevisível (BONDÍA, 2002; 2006a), porque a vida é imprevisível. Essa situação revela que não são os procedimentos padronizados que definem o caminho e o rigor de uma pesquisa, porque não há protocolo que controle um imprevisto dessa natureza.

Domingas viveu uma situação de perturbação, ao ouvir uma história de muita violência:

A minha primeira entrevista foi a pior entrevista que eu fiz, foi a entrevista com o maior grau de violência que eu já tinha ouvido na minha vida sobre [o tema]. E aquilo me assustou muito. [...]. Ela passou por um processo de violência absurda, ela foi estuprada. [...]. E eu, por dentro, horrorizada, de olhar para os cantos, de perder o rumo. [...]. Eu acho que também me ajudou a pensar no que poderia vir pela frente, sabe, ter mais cuidado, de refletir como perguntar, que tipo de reações eu podia esperar (Domingas).

Ainda que Domingas já tivesse trajetória dentro do tema, o inesperado dessa “violência absurda”, tirou a pesquisadora do lugar, do seu centro, do controle sobre si. O espanto da pesquisadora reflete a nossa capacidade de nos abalarmos diante da brutalidade, e de sentirmos pelo outro. A sensibilidade da pesquisadora, que se atenta para os disparates que poderiam surgir na continuidade da pesquisa, é a condição que reorienta os caminhos de sua pesquisa e reforça o cuidado necessário para desenrolar uma pesquisa tão desafiadora. O imprevisível nos faz redescobrirmo-nos como seres humanos.

Haroche (2008) aponta que sensível é aquele que é capaz de sentir prazer e sofrimento, e imaginar e perceber o prazer e o sofrimento do outro. A dor de sua entrevistada afetou Domingas e a levou a repensar os caminhos futuros de sua pesquisa, da necessidade de ainda mais cuidado com o outro.

Crispina vivenciou uma experiência impactante, em uma entrevista que envolvia uma história de muito sofrimento, conforme excerto seguinte:

Uma das entrevistas mais chocantes que eu fiz, de uma história que você para e pensa assim: “meu Deus, como é que pode dar tanta coisa errada na vida de uma única pessoa”. Ela se emocionou muito e eu também me emocionei com ela, em vários momentos. [...]. E lembro que eu cheguei [em casa] muito arrasada com a história dela e eu fiz uma postagem falando da importância da gente sair do nosso quadrado e tentar entender outras realidades. Porque me fez pensar o seguinte: pela vida que elas tiveram, [...], diante de tanta falta de oportunidade, [...], às vezes a gente teria feito as mesmas escolhas (Crispina).

Diante de uma história chocante, de dor e sofrimento, a pesquisadora ficou emocionada e arrasada, o que a levou a refletir sobre a importância de “sair do nosso quadrado”, ou seja,

sairmos de nós mesmos, daquilo que já nos é conhecido e previsível, para “tentar entender outras realidades” e experiências que desconhecemos. Quando nos abrimos, as experiências do outro que chegam até nós, nos chocam, nos arrasam, nos emocionam, nos transpassam e nos transformam, porque aquela experiência, agora, faz parte de nós.

Alguns acontecimentos da experiência de pesquisa podem representar ameaças físicas a quem pesquisa, conforme relato de Bibiana:

Eu vivi uma situação muito inusitada no campo, muito difícil. Eu trabalhei uma manhã inteira construindo um mapa com dois moradores. A mulher de um deles não me conhecia e eles tinha uma relação conflituosa. Ela cismou comigo, foi na casa onde eu estava hospedada e fez altos barracos. Eu fiquei muito envergonhada. À noite fomos tipo numa festa. Ela chegou com um pau na mão pra me bater, foi bem tenso. [...]. Não prejudicou a pesquisa, mas me prejudicou, porque foram dias tensos, eu ficava com medo, [...], porque eu tinha reunião na associação no dia seguinte, era com mais gente. E o medo dela aparecer, medo de fazer mais barraco. [...]. Isso foi importantíssimo pra [eu] perceber [...] os cuidados que a gente tem que ter [...] e com todo o cuidado que eu tive, o quanto que a nossa presença desencadeia muita coisa. Na verdade, nem tinha a ver comigo, tinha muito menos a ver comigo, do que com as relações familiares e comunitárias que eles estavam vivendo ali. Então, foi um constrangimento geral. Não atrapalhou, mas foi constrangedor, foi difícil (Bibiana).

Bibiana já era uma pessoa conhecida da comunidade, mas sua presença trouxe desconfiança para uma moradora. Apesar de não ter prejudicado a sua pesquisa, ela ficou tensa e envergonhada por provocar esse constrangimento para eles. Ainda que Bibiana soubesse dos cuidados que se precisa ter nesses contextos, e de toda a bagagem que a pesquisadora já tinha com aqueles sujeitos, ela reconhece que há uma dimensão imprevisível e o quanto a presença de uma pessoa externa à comunidade “desencadeia muita coisa”, traz à tona atritos, disputas e muitas outras questões desses sujeitos.

O imprevisível faz emergir problemas que permitem compreender melhor os processos sociais. Embora ela tenha se sentido envergonhada, ela percebeu que não se tratava de um problema com ela, nem um problema dela, inclusive, porque não fazia parte do escopo de sua pesquisa. Mas, ainda que não fosse sua intenção, sua presença evidencia outros conflitos, que também nos (trans)formam, mesmo que não sejam informações de pesquisa. Ainda que sejamos sensíveis aos contextos e às realidades estudadas e que conheçamos as orientações e precauções presentes nos manuais de metodologia, o amadurecimento acontece nas descobertas da pesquisa vivida, experimentada, que nos causa desconforto e reforça a necessidade da atenção e do cuidado permanente.

A experiência sensível de pesquisa acontece no acontecimento da vida mesmo, sempre imprevisível. Podemos conhecer os projetos e publicações desenvolvidos pelos docentes dos

programas, ou alguns campos teóricos e metodológicos. Talvez conheçamos o contexto ou os sujeitos que iremos pesquisar. Mas o doutorado é um acontecimento repleto de incertezas e uma abertura constante para o desconhecido.

A mudança na área de pesquisa, as trocas de orientação, as necessidades de apoio financeiro para a pesquisa, o acesso a novos campos teóricos, exigem negociações e renegociações. O projeto de pesquisa é construído a partir de leituras profundas, alinhado e apoiado pelos direcionamentos da orientação, por meio das trocas de ideias com outras pessoas do campo.

É um processo de idas e vindas, muitos recomeços, às vezes, muito solitário e, frequentemente, com tempo insuficiente para desenvolver o projeto com a profundidade que se deseja. Os sentidos e os afetos vão se construindo, a medida que a própria pesquisa se desenvolve: identificação com as leituras, com o campo empírico, com a orientação, com a própria trajetória construída. Mas essa identificação nem sempre acontece, os acontecimentos podem ser bastante desgastantes e o sentido acaba por ser a conclusão do processo.

Convencionalmente, podemos pensar que desenvolvemos um projeto no mestrado, aprimoramos esse projeto no doutorado e, nesse caminho, desenvolvemos nossa tese, um novo conhecimento, dentro de um campo onde já atuávamos. Mas as experiências mostraram que nem sempre isso acontece e que as experiências de pesquisa são marcadas pelo desconhecido e pelo imprevisível.

A pesquisa de campo é sempre um imprevisível, porque ela nos revelará o desconhecido. Entretanto, as relações nos revelam mais do que imaginávamos conhecer: nos revelam a nossa própria natureza humana, sensível, vulnerável, conflituosa, indeterminada.

Do ponto de vista da experiência, o importante não é a maneira de nos determinarmos, nos posicionarmos (pormos, opormos, impormos, propormos), mas de nos “ex-pormos”, com toda a vulnerabilidade e risco presentes nessa exposição (BONDÍA, 2002; 2006a). Ao nos abirmos e nos expormos, vamos percebendo os sentidos e os sem-sentidos dessa experiência sensível, que vai fazendo o caminho, ao caminhar.

A abertura para o desconhecido é parte da experiência sensível de pesquisa, que sofrerá as influências, a depender da relação de orientação, das relações de troca ou ausência de troca, dos afetos ou não afetos que criamos com o tema, do quanto saímos da nossa zona de conforto para adentrar em novos temas, das relações construídas, desconstruídas e reconstruídas com os sujeitos do campo.

É importante diferenciarmos o novo, que é desconhecido, que faz com que nos percebamos nessa experiência, da busca incessante pelo novo, fugaz e efêmero, que nos submete a ele (HAROCHE, 2008). Também é importante distinguirmos as experiências que nos tocam, que muitas vezes nos angustiam, que nos deixam uma marca (BONDÍA, 2002; 2006a), de experiências de abandono ou de profundo desgaste, resultante dessa sociedade da aceleração. Esses acontecimentos impedem a experiência, são quase uma antiexperiência (BONDÍA, 2002; 2006a), empobrecem a experiência. Abordaremos a antiexperiência, na próxima seção.

5.3 Antiexperiências

Queremos diferenciar a experiência sensível de pesquisa, perpassada por experiências angustiantes e prazerosas, daqueles acontecimentos que são obstáculos e empobrecem a experiência. As antiexperiências impedem as experiências e, portanto, impedem a nossa existência (BONDÍA, 2002).

Dentre esses acontecimentos, o excesso de leitura impede a experiência de leitura. Concordamos que o processo de produção de conhecimento exige muita leitura, porque, para apresentar um outro olhar sobre aquilo que estamos pesquisando, é preciso conhecer o que já foi escrito e produzido sobre aquele tema, aquele contexto, aqueles sujeitos. Mas o excesso de informação impede a experiência de leitura, conforme excertos que seguem:

Eu não conseguia degustar como eu queria, porque eu tinha que passar para o próximo item. Às vezes, já tem uma disciplina vencendo (Zeca).

Não tem razão de ler [...] cinco, seis artigos com o mesmo tema. E aí, sabe o que é mais frustrante? Você pegar um referencial teórico que é tudo igual. Por que eu tô lendo isso aqui? (Domingas).

A leitura foi um caminho de descobertas, conforme mencionado na seção anterior, formando e transformando-os, enquanto pesquisadoras e pesquisadores. Mas seu excesso, a descontextualização, ao invés de ensinar algo novo, prejudica a experiência de leitura e torna-a antiexperiência.

A ênfase na informação não faz outra coisa que impedir nossas possibilidades de experiências (BONDÍA, 2002), conforme indica o relato de Zeca, quando ele diz que “não conseguia degustar como queria”. O desejo de Zeca era experimentar a leitura, prová-la, não no

sentido de comprovar, mas de deliciar-se com a leitura, (co)mover-se com ela, movimentar-se junto, no íntimo (BONDÍA, 2006a).

Mas a ênfase contemporânea na informação (BONDÍA, 2002) exigiu que Zeca tivesse que “passar para o próximo item”, o que impede a experiência com a leitura. Domingas também menciona o desgosto com as leituras, quando fala sobre sua “frustração” em ter que ler diversos artigos que não se diferenciam entre si.

Bondía (2006a) aponta que, para que a leitura resulte em experiência e em saber da experiência, é necessário uma relação íntima entre o texto e a subjetividade, porque a leitura como experiência – ou a experiência de leitura – é algo que nos constitui ou nos faz pensar sobre quem somos.

O autor diferencia o saber da experiência e o saber da informação, que é saber coisas. A sociedade contemporânea é obcecada pela informação e reduz conhecimento em informação, como se fossem sinônimos, como se aprender fosse processar informações (BONDÍA, 2002).

Como os sujeitos não são mecanismos de processamento de informação (BONDÍA, 2002), o excesso de informação faz com que nada nos aconteça com a leitura, porque a experiência de leitura exige parar para pensar, para sentir, para demorar nos detalhes (BONDIA, 2002), o que é impossível pelo volume de leituras, conforme excertos seguintes:

O volume de leitura é muito maior do que a nossa capacidade de trabalho de oito horas (Salustiana).

Você vai colocar no papel a quantidade de coisa que você tem que ler, pelo tempo que você tem para ler, é humanamente impossível. [...]. Eu sempre me cobrei muito e isso desencadeou no mestrado, eu tive um pouco no doutorado, uma crise de ansiedade, de dormir mal, de ficar muito tensa, de, às vezes, não conseguir me organizar muito bem em razão dessa tensão (Tonha).

Salustiana atenta para o “volume de leitura”, incompatível com o tempo de trabalho, assim como Tonha, que reconhece que “é humanamente impossível” a quantidade de leituras, pelo tempo necessário para que se experiencie a leitura. A qualidade da leitura é substituída pela “quantidade de coisa”, pelo “volume”, que é incompatível com o tempo.

Ressalta-se que o processo de produção de conhecimento científico exige que apreciemos a leitura e que tenhamos predisposição para a leitura. Esse gosto pela leitura é fundamental quando nos propomos a conhecer o que ainda não conhecemos, dentro do campo de conhecimento científico. Nem toda leitura será uma experiência de deleite e de sentido, porque a leitura é uma experiência de descobertas, de sentidos e sem-sentidos.

Mas o que o excesso de informação e de leitura tem provocado é que tenhamos que consumir a leitura, sem degustá-la, porque não há tempo, porque tem que “passar para o

próximo item”, que tirou o gosto da leitura de Zeca, frustrou Domingas e gerou tensão e ansiedade em Tonha, porque, por mais leituras que fizessem, tinha sempre outra leitura por vir.

Esse excesso de leitura, que é um excesso de informação, leva a um excesso de opinião. Para Bondía (2002), o sujeito moderno é um sujeito informado e um sujeito que opina sobre tudo aquilo que ele tem informação. Na ciência, o excesso de informação e de opinião se converteu em produtivismo, uma produção incessante de artigos científicos, que serão lidos para produzirem mais artigos, tornando “humanamente impossível”, como disse Tonha, experimentar essas leituras e transformá-las em conhecimento.

O objetivo de quem pesquisa já não é mais pesquisar e conhecer o que ainda não se conhece, mas publicar, conforme excertos do relato de Severo:

Com esse produtivismo que a gente vive na academia, a todo momento a gente precisa pensar em publicar, infelizmente, né? E aí surgem vários temas novos e não dá tempo da gente amadurecer. Então eu acho que é meio utópico a gente achar que vai ser *expert* naquele assunto, eu acredito que a gente não vai ser. Então, esse sentimento de não conseguir amadurecer, eu acho que, infelizmente, pra mim, com esse produtivismo acadêmico cada vez maior, eu acho que ele tende a permanecer (Severo).

Quando Severo afirma que “precisa pensar em publicar”, ele se refere aos critérios baseados na quantidade de publicação, usados para passar em concursos para docente, para conseguir as progressões de carreira nas universidades, para avaliar os programas de pós-graduação e os próprios pós-graduandos, principalmente, os bolsistas.

Severo menciona não ter “tempo da gente amadurecer” para discutirmos os “temas novos” que vão surgindo, porque, como pesquisadoras e pesquisadores informados, precisamos opinar, pessoalmente ou criticamente, sobre tudo (BONDÍA, 2002). Essa obsessão pela novidade, que caracteriza o mundo moderno, impede a conexão significativa entre os acontecimentos (BONDÍA, 2002), impede o envolvimento e amadurecimento com os temas, com os sujeitos e os contextos de pesquisa. Impede a própria produção de novo conhecimento, pois reproduz o já existente.

Apesar do surgimento de temas novos, o único assunto parece ser a publicação, conforme a percepção de Bibiana:

[A publicação] é fruto de um trabalho, em que o objetivo [é] o trabalho, seja a pesquisa, seja um trabalho de extensão. Esse [é] o objetivo, e a publicação como um desdobramento daquilo que é maior, daquilo que é o mais importante. E não a publicação pela publicação. Porque o que eu via e que me assustava no doutorado, [...], então, você fazer uma disciplina, você tem que pensar numa publicação. Você teve contato com aquela bibliografia, naquela disciplina, aí você é obrigada a pensar num artigo. Muitas vezes, você publica, [...], eu mesma publiquei um artigo de disciplina. Mas eu via isso. O objetivo

das pessoas no programa era muito isso. Era a conversa, era o assunto. Muitas vezes o assunto era esse, publicação. E aí essa publicação, pra mim, eu acho que é um excesso. [...]. Aquilo que é feito, um trabalho honesto, um trabalho de pesquisa, que você fez, que você se dedicou, é justo e importante que haja divulgação disso. Mas não isso que virou [a publicação pela publicação]! Porque daí não serve pra gente divulgar os trabalhos, não serve pra gente divulgar a ciência, não serve para contribuir com a ciência, mas serve para encher currículo (Bibiana).

Bibiana atenta para a obsessão com a publicação, quando ela percebeu que “o assunto era esse, publicação”. Um conjunto de leituras é apresentado durante uma disciplina, para apresentar um campo novo, mostrando possibilidades de reflexão e amadurecimento. Mas o objetivo de acessar aquela bibliografia não tem sido o amadurecimento, mas a opinião sobre ela, escrever sobre ela, publicar. A informação, assim como a opinião, se tornou um imperativo (BONDÍA, 2002), pois é preciso opinar sobre todos os temas que são apresentados.

E quem não tem uma opinião, um julgamento sobre tudo que se passa, se sente falso (BONDÍA, 2002), intimidado, diante de quem opina. Por isso, Bibiana “ficava assustada”, porque, talvez achasse que precisava ter uma opinião sobre os mais diferentes temas apresentados nas disciplinas (BONDÍA, 2002). Ela não tinha uma opinião sobre os mais diversos temas, mas tinha uma posição sobre o produtivismo que, dificilmente compartilharia abertamente nos espaços acadêmicos, correndo o risco de sofrer retaliações e humilhações.

Esse sujeito da opinião, escreve sobre tudo aquilo que ele tem informação, porque precisa se impor, mesmo sem amadurecer. Daí a publicação científica “não serve para divulgar a ciência, [...], mas para encher currículo”, conforme apontou Bibiana. Para Bondía (2002), o sujeito da informação e da opinião é um sujeito fabricado e manipulado pelos aparatos da informação e da opinião; é um sujeito incapaz da experiência.

Ao produzirmos artigo para encher currículo, estamos impedindo a experiência e o saber da experiência e estamos empobrecendo a própria experiência de quem pesquisa. Tobias atenta para obrigatoriedade da publicação como licença para obter o título de doutor, conforme excerto seguinte:

Se eu preciso de uma revista pra me dar o aval do diploma, pra quê a banca de defesa de tese? Não precisa defender a tese (Tobias).

A experiência de pesquisa da tese se reduz à produção do artigo e à “revista para dar o aval”. O aval da revista aumenta os filtros de controle e cobrança para produzir mais. Um artigo que, muitas vezes, não se refere à pesquisa da tese, passa a ser mais relevante do que a própria tese, resultado de uma pesquisa muito mais profunda. A pressão pelo produto prejudica a

pesquisa e impede a experiência sensível de pesquisa, tornando-a um mero acontecimento, do qual queremos ficar livres, diante de tanta tensão.

O excesso de leituras desconexas, o excesso de informação, a pressão para opinar e publicar, esgotam o tempo e o sujeito e cancelam as possibilidades de experiência, tornando-a cada vez mais rara (BONDÍA, 2002; 2006a).

A modernidade conforma o sujeito em sujeito da ação, em constante movimento, sempre em atividade e que não pode parar (BONDÍA, 2002). Agir, na contemporaneidade, é deslocar-se, incessantemente, tentando se adaptar a esse movimento contínuo, nos submetendo a ele (HAROCHE, 2008). As narrativas anteriores mostram que, mesmo discordando dos excessos de leituras e de publicações, e com o tempo cada vez mais escasso, as pessoas são obrigadas a se adaptarem a essas condições, para conseguirem concluir o doutorado.

Raros foram os relatos que não mencionaram a pressão do tempo e o desgaste decorrente das tentativas de conciliar doutorado, trabalho e outros aspectos da vida, este último, geralmente, deixado de lado, conforme excertos seguintes:

Eu voltei a dar aula no segundo ano do doutorado, como temporário, uma carga de aula altíssima. A gente abriu uma lanchonete, do dia pra noite, eu e minha esposa. Então eu tinha o trabalho, minhas aulas, tinha o negócio pra tocar e tinha o doutorado. [...]. Eu dormia quatro horas nesse período. [...]. Isso foi mais ou menos um ano e meio, entre o segundo e o terceiro ano do meu doutorado. [...]. O meu filho de um ano, eu não vi crescer, [...], porque eu só pegava ele dormindo. Então foi muito traumático (Zeca).

A condição de quem faz pesquisa no Brasil, principalmente de quem está em formação, é bem desgastante. A formação do doutorado é a possibilidade de obter uma carreira mais estável e/ou melhorar a remuneração. O trabalho é uma necessidade de sobrevivência. Conciliar as demandas do trabalho com as demandas do doutorado pode ser “traumático”, como foi para Zeca, pois exigiu abandonar outros âmbitos da vida, como o tempo de descanso, “dormindo quatro horas”, ou abdicar, temporariamente, da presença do convívio com a família.

Eu tinha acabado de passar no concurso [...] o que significava que eu não podia pegar licença, porque a gente só pode pegar depois de dois anos. Foi o momento que minha avó tinha acabado de falecer, [...], nós cuidávamos dela, [...] eu lembro que eu tava resolvendo o inventário quando [...] eu passei no processo seletivo do doutorado. Eu já era casada, já tinha meu filho e era uma loucura. [...]. Um semestre, eu ia na terça, voltava, depois eu ia na quinta de novo e retornava pra dar aula ainda à noite. Então foi muito pesado. Divertir, assim, a gente quase não diverte no doutorado, né. Foi um período que eu me afastei bastante dos amigos, porque eu não tinha muito tempo de ficar com eles [...]. No final do meu doutorado, inclusive, eu até desenvolvi hipertensão, eu nunca tinha tido hipertensão e eu fiquei hipertensa. [...]. Foi uma época que eu dormi muito pouco, porque eu chegava [do trabalho] 11 horas da noite,

mais ou menos, e aí que eu ia fazer as leituras, escrever alguma coisa (Crispina).

Para Crispina, a condição foi semelhante à de Zeca, “muito pesado”, tentando conciliar as aulas, perda de sua avó, marido, filho e doutorado, o que implicava em abrir mão das relações sociais, quando ela diz que “a gente quase não diverte no doutorado” e que se distanciou dos amigos “porque não tinha muito tempo de ficar com eles”.

Para ela, se tratou de “um período bem difícil”, quando ela conta sobre o cansaço ao dizer que “eu dormi muito pouco”. Esse excesso de trabalho e pouco tempo de descanso pode ter levado Crispina a desenvolver hipertensão. Esse período de “loucura” vai privando a pesquisadora de viver outros aspectos da vida social e de descanso, levando ao adoecimento do corpo. O sono, esse tempo de descanso que faz parte da natureza biológica do nosso corpo, é um obstáculo que atrapalha a continuidade do doutorado. Então, exige-se que lutemos contra a natureza do nosso corpo.

Apesar da conquista que é passar em um concurso, que garante o sustento e a estabilidade, conciliar as demandas do trabalho com as exigências do doutorado é desgastante, conforme relato de Carmelita:

Para o meu bem, né, porque eu acredito muito nas coisas divinas, quando eu passei no doutorado, eu passei no concurso, simultaneamente. [...]. E fica a 700 quilômetros da minha casa. Então, eu tinha aulas às segundas, terças e quartas, eu viajava de madrugada, voltava, tinha aula na quinta e tinha aula na sexta. Pra você ter uma ideia, meu lazer era fazer mercado, fazer feira, esse era o meu lazer. E administrar uma criança de cinco anos, fora marido, fora família, fora cachorro, papagaio, periquito. [...]. E nesse tumulto todo, eu engravidei. Não foi planejado, aconteceu e eu perdi o bebê. E assim, foi muito traumático, foi muito desgastante emocionalmente. Só pra você ter ideia, eu teria direito constitucional de me afastar por três meses e eu não quis me afastar para ter direito a redistribuir, porque eu poderia perder a minha redistribuição²⁰. [...]. Então, eu falo isso com muita tristeza, porque foi um período muito difícil pra mim (Carmelita).

O imbricamento entre doutorado, trabalho, viagem, família impede o tempo da pausa, tão fundamental para a experiência (BONDÍA, 2002; 2006b) e causa “tumulto”, resultado dessa movimentação incessante, que causa inquietação, desassossego. Para Carmelita, “lazer era fazer mercado, fazer feira”, essa interrupção da agitação para realizar uma atividade cotidiana.

Durante esse período, Carmelita viveu um acontecimento “traumático”, quando ela diz que “perdi o bebê”. Para que ela não perdesse a redistribuição, que permitia que ela trabalhasse mais próxima de sua casa e do doutorado, ela abriu mão de seu direito constitucional de se

²⁰ Art. 37. Redistribuição é o deslocamento de cargo de provimento efetivo, ocupado ou vago no âmbito do quadro geral de pessoal, para outro órgão ou entidade do mesmo Poder, com prévia apreciação do órgão central do SIPEC (Redação dada pela Lei nº 9.527, de 10.12.97).

afastar para que ela pudesse viver a sua perda. Carmelita viveu essa experiência “desgastante emocionalmente”, que trouxe “muita tristeza”.

O relato de Carmelita indica as condições de trabalho e vida de professores-pesquisadores em formação, retratadas pela falta de tempo e por acontecimentos dados na forma de choque (BONDÍA, 2002) que impede, inclusive, de viver a dor (HAROCHE, 2008). Além disso, os relatos nos mostram que, quem faz pesquisa não é um ser isolado do mundo, não é o retrato daquele estereótipo de cientista de laboratório, que apresenta um “comportamento anormal ou estranho, como o que caracteriza os ‘cientistas loucos’ das histórias” (REIS, 1968, p. 218). Ele é um sujeito de múltiplas vivências e desafios, inclusive de outras esferas da vida, que não se encerram quando se inicia o doutorado. Essas outras instâncias não podem ser negadas ou apagadas, como se não fizessem parte da experiência de pesquisa, correndo o risco de negligenciarmos a nossa condição humana.

Tobias e Salu também precisavam fazer longas viagens para trabalhar, pesquisar e estudar, conforme excertos seguintes:

As orientações aconteciam num local, no extremo do estado, eu trabalhava em outro extremo do estado e a pesquisa era no meio de todo esse processo, em zonas de difícil acesso. [...]. As viagens eram extremamente cansativas, física e psicologicamente. [...]. Eu ia muito de ônibus, evitava andar de carro por conta do cansaço. Mas volta e meia durante o processo, me pegava pensando “Meu Deus, eu não vou conseguir não. Tá muito cansativo, eu não vou aguentar isso”. [...]. Tava demais, eu não tava aguentando, minha cabeça não saiu boa (Tobias).

Viver como substituto foi muito desgastante nesse sentido, dessa rotina. Eu lembro que eu tinha saudade de dormir deitada, eu dormia sentada nos ônibus, [...], um sono interrompido pelas freadas. Então era bem difícil, nesse aspecto. Era mais difícil a minha rotina (Salu).

A impossibilidade de um descanso adequado apontada por Tobias e Salu é recorrente entre os doutorandos, principalmente entre quem tinha um emprego, além da pesquisa de doutorado. Essa fluidez incessante dos acontecimentos, que impede a pausa e a experiência, pode levar à perda de sentido (BONDÍA, 2002; 2006b; HAROCHE, 2008), o que podemos perceber, quando Tobias diz que “minha cabeça não saiu boa”.

Outro elemento marcante nas diferentes narrativas foi a hostilidade e a violência, em muitos momentos do doutorado - incluindo eventos acadêmicos, sala de aula e na relação de orientação – e que destroem a capacidade de experiência, conforme excertos seguintes:

Eu nunca me senti na área, [...], eu nunca me senti legítimo dos Estudos Organizacionais e isso me faz mal. [...]. Inconscientemente, eu nunca me senti

bem-vindo no CBEO²¹. [...]. Então, pra mim, também foi violento. [...]. Quando eu ia no CBEO, eu me esforçava, demonstrava certa intimidade em falar do [autor], mas aí vinha uma pessoa “mas eu sei isso aí faz tempo”. Mas em nenhum momento, objetivamente, dizer “tá errado”. Mas eu percebia no feedback sutil, que talvez eu não tivesse a profundidade, porque eu não tinha tempo de leitura, era pouco tempo de leitura de um [autor]. [...]. Talvez fosse coisa muito mais minha, nunca teve nada objetivo (Zeca).

A hostilidade discreta, não explícita, que desqualifica o conhecimento, o trabalho e o esforço de Zeca, é um acontecimento que tem um efeito nocivo sobre o pesquisador. É uma forma de violência, como destaca o entrevistado, que faz com que ele não se sinta pertencente, capaz, com profundidade sobre sua pesquisa. E ainda mais: a ausência de diálogo, de um retorno objetivo sobre seu trabalho, faz com que ele pense que está imaginando coisas.

Essa posição arrogante da mera opinião (BONDÍA, 2002), narrada por Zeca, não contribui para a troca, não contribui para o aprendizado, não contribui para a transformação e, portanto, impede a experiência sensível de pesquisa. A arrogância parece ser um imperativo, que se estende para os espaços de sala de aula, conforme excertos seguintes:

Passei por uma disciplina bem tensa, com uma professora que se apegava nos mínimos detalhes das palavras que usávamos e até nos mandava calar a boca se a argumentação não estivesse agradando. Aí ela usava um gesto simbolizando para fechar a boca, acompanhado de um “xiu” (Servó).

Esse professor, volta e meia, na disciplina, ele ridicularizava. Não é que ele ridicularizava, mas nas entrelinhas, a gente percebia uma crítica meio que debochada em relação a outro olhar epistemológico. E eu acho que um professor não deveria ter essa postura em sala de aula, porque isso fere, isso intimida, isso provoca bloqueios cognitivos. Pelo menos em mim provocou. Que eu já tinha, na verdade, e só agravou (Tobias).

A agressividade da professora que “mandava calar a boca”, levava Servó a essa condição “bem tensa”. Essa (não) relação, que provoca tensão, exige que o doutorando seja um sujeito impávido, alguém que não erra na sua argumentação, um sujeito incapaz da experiência.

Servó fala sobre a hostilidade da professora, que silenciava os estudantes “se a argumentação não estivesse agradando”. Não se trata, portanto, de uma relação, mas de uma imposição. Bondía (2002) aponta que, quem se impõe é incapaz da experiência. Essa ausência de relação, resultado da imposição, impede a experiência sensível de doutorado para Servó, porque cria obstáculos para a troca, para o aprendizado e a para a transformação.

Tobias conta situação semelhante, de uma hostilidade “nas entrelinhas”, mais sutil, quando ele relata que o professor tinha uma postura “debochada”, com relação a outras posições

²¹ Congresso Brasileiro de Estudos Organizacionais

epistemológicas. Novamente, uma imposição, ainda que sutil, sobre um olhar que “intimida”, que gera receio de se expor e, portanto, empobrece a experiência de doutorado.

Essa posição irônica é bastante insultuosa e violenta, ainda que seja “sutil” (Zeca), “nas entrelinhas” (Tobias). Severo menciona essa posição irônica, presente na sua relação de orientação, conforme excerto que segue:

Algumas palavras que eram usadas no processo [de orientação], na verdade, eram bem violentas, que eu não concordo, ainda mais sendo [...] de uma linha crítica, que dizem que respeitam [...] a diversidade e aí chega em reuniões, começam algumas palavras violentas, agressivas, que eu não concordo. Eu entendo o perfil dele, eu entendo que algumas vezes pode soar como brincadeira, mas eu não concordo (Severo).

A relação de orientação é uma das mais intensas no processo de doutorado. Uma relação pautada por “palavras violentas, agressivas”, impede que o sujeito encontre um lugar para a experiência (BONDÍA, 2002; 2006a; 2014). A violência impede o diálogo, a troca, o estabelecimento de vínculos. Revela, ainda, as relações de poder e o desequilíbrio de forças, já que Severo não concorda, mas é muito difícil se manifestar contra essas posições, correndo o risco de sofrer retaliações. Mostra, a contradição do campo, “de uma linha crítica, que dizem que respeitam a diversidade”, e, não somente dizem, debatem, escrevem, publicam sobre isso, mas reproduzem as violências que eles mesmo criticam.

Severo diz que a violência “pode soar como brincadeira”, o que torna mais difícil contrapor essas posições, pois não são explícitas, estão disfarçadas na ironia, no deboche, mas que não deixam de violentar, de negar as subjetividades, como se as brincadeiras não inibissem, constrangessem, impedissem de se posicionarem, de trocar, de aprender, de se sentirem apoiados e não ridicularizados.

Carmelita relata seu processo de orientação, de violência e abandono, que dificultou a sua experiência e levou à perda de sentido, conforme excerto seguinte:

A partir do momento que o orientador não lê o que você manda, ele só te dá porrada, ele não tem domínio do conteúdo e ele não convoca ninguém para ser um coorientador, isso te deixa com uma instabilidade muito grande e foi o que aconteceu comigo. [...]. Eu acho que eu não fui dragada, pelo fato de conhecê-lo há muito tempo e de colocar uns certos limites e me impor como profissional. Se fosse uma pessoa imatura, [...], com certeza eu tinha enfiado e morrido, [...], literalmente. [...]. Eu fui cobrada de ter que ir para o consórcio doutoral e eu fui massacrada, ao ponto do meu orientador olhar pra mim e dizer “você não sabe de nada, você não é nada, eu não vou perder mais meu tempo com você”. [...]. Eu acredito que o despreparo da orientação no aspecto empatia no doutorado, ele pesa muito mais que o próprio conteúdo. [...]. Qual é o exemplo que eu vou ter de orientador? Uma pessoa carrasca, que maltrata, que humilha. Por que? Qual o objetivo disso? [...]. Pra você ter uma ideia do meu nível de estresse, quando acabou a minha defesa, que deram o veredito

final, eu agradei a banca, mas eu não comemorei. [...]. O desgaste foi tão grande que perdeu o sentido, não tem mais sentido pra mim. [...]. Perdeu a essência, perdeu a doçura (Carmelita).

A relação perversa e arbitrária vivenciada por Carmelita, provocou nela “instabilidade”, mas diferente da instabilidade resultado da incerteza, que é própria desse processo, ela viveu a instabilidade do abandono, da ausência de relação, da impossibilidade da experiência. Uma relação na qual “só dá porrada”, é “massacrada, “carrasca”, “que maltrata”, “que humilha” é uma relação que nega as existências presentes nessa relação, portanto, nega a experiência.

A ausência de empatia é essa aversão ao outro, a negação do outro, confirmado quando o orientador diz que ela “não era nada”, “não sabe de nada”. A violência vivida por Carmelita sugou sua energia vital e ela só não foi “dragada” por impor limites. O “estresse” decorrente dessa violência, ou seja, a exaustão física e emocional, resultado dessa humilhação, tornou o processo de doutorado de Carmelita sem sentido.

Haroche (2008) aponta que o espaço do corpo é o lugar dos sentimentos mais profundos, que abriga e protege o sentimento de existência, o sentimento de si mesmo. Mas ele também pode ser um espaço de vulnerabilidade e impotência, um lugar onde a humilhação pode se exercer de maneira constante e inelutável.

O aviltamento e humilhação vividos por Carmelita exerceram sobre ela essa força da opressão, que enfraquece, levando à perda de sentido. Carmelita enfrentou a dor da humilhação e do abandono, para poder concluir esse ciclo, mas, porque se exauriu, não conseguiu celebrar sua conquista, não conseguiu comemorar o encerramento desse processo, porque “perdeu o sentido”, “perdeu a essência”, “perdeu a doçura”. A experiência, sem sentido, é um mero acontecimento.

Mas são os sentidos que tornam possível a elaboração e a construção dos sentidos – na relação com o outro, consigo mesmo, com o conhecimento (HAROCHE, 2008), então, a capacidade de relatar antiexperiências permite atribuir novos sentidos a elas.

Talvez se eu tivesse pego um orientador com experiência de vida, que pudesse ter uma troca de vida comigo, eu teria florido, sabe. Mas eu não tive essa sorte de pegar um orientador que me fizesse florir. Pelo contrário, ele me podou em alguns aspectos. Mas, mesmo assim, eu acho que eu escapei, sabe, pela tangente, assim “ó, você me podou desse lado aqui, mas eu tô florindo aqui desse outro lado” (Carmelita).

Carmelita consegue perceber que a ausência de “troca” foi o que impediu que ela tivesse “florado”, o que atrapalhou a sua experiência. Apesar da perda de sentido, ela vai atribuindo novos sentidos, quando identifica que conseguiu criar estratégias para passar por aquela experiência, ao dizer que “eu escapei pela tangente” e “tô florindo aqui desse lado”.

A antiexperiência impede ou cria obstáculos para a experiência. Ela é parte da compreensão da experiência, ainda que ela seja uma não-experiência. Para compreendermos o processo de pesquisa como uma experiência sensível de pesquisa, é preciso compreender o não-sensível, esse acontecimento que nega nossa subjetividade, nos objetiva, nega nossa humanidade e nos deforma.

Por um lado, a antiexperiência revela a condição, muitas vezes precária e de sacrifício, em que vivem pesquisadores e pesquisadoras em formação, no Brasil. Por outro, aponta alguns problemas da pós-graduação, como o produtivismo, a hostilidade do ambiente da pós-graduação e o adoecimento de quem pesquisa.

Compreender aquilo que é imposto e que impede que o sujeito da experiência se “exponha” e se abra para o imprevisível dessa experiência é fundamental, para que possamos combater as antiexperiências e revelar experiências que não eram percebidas, ampliando a noção de experiência de pesquisa.

A academia encarnou uma visão colonizadora do mundo, produzindo espaços e relações violentas e insalubres. A não aceitação da sensibilidade na pesquisa se reflete na ausência de delicadeza nas trocas, provocando violências, cotidianamente. Refletir e revelar as antiexperiências pode ser um dos caminhos para desnaturalizarmos essa violência, o isolamento, o abandono, o adoecimento e a desqualificação, que acontecem ao longo do doutorado.

Desnaturalizar significa tornar esses acontecimentos estranhos ao ambiente da pós-graduação, antinaturais ao espaço de produção de conhecimento, condição essencial para que práticas como essas não se repitam e possam ser enfrentadas e modificadas.

5.4 O tempo da tese: tempo de entregar-se e conectar-se

O tempo da tese é o tempo de se entregar, que envolve paixão e padecimento. Também é o tempo da atenção, da suspensão dos automatismos para que possamos nos conectar significativamente com os acontecimentos, porque o saber da experiência não é o conhecimento instrumental, estritamente pragmático, mas o sentido e o sem-sentido do que nos acontece (BONDÍA, 2002).

Bondía (2002, p. 25) diz que o sujeito da experiência “perde seus poderes porque aquilo de que faz experiência dele se apodera”. O sujeito da experiência é um sujeito padecente, interpelado, submetido, entregue ao tempo das conexões significativas. A experiência da tese

cria uma espécie de “liberdade dependente” (BONDÍA, 2002, p. 26), como se a tese se apoderasse de nós e nos acompanhasse em todos os lugares.

O sujeito da experiência sensível de pesquisa é um sujeito entregue à tese, apoderado pela experiência de doutorado, conforme podemos perceber pelos trechos seguintes:

Você pode ir para um boteco encher a cara que você vai estar pensando na sua tese (Saturnino).

Poucas vezes eu conseguia desligar da tese. Eu ia assistir TV, não conseguia desligar da tese, eu tava comendo, eu não conseguia desligar da tese, eu ia tomar banho, eu não conseguia desligar da tese. Muitas vezes ficava pensando se tinha passado sabonete, porque nem isso eu lembrava, de tão automático que era (Salu).

A experiência sensível de doutorado nos acompanha, permanentemente, no “boteco”, no “banho”, com outras pessoas. Essa experiência que nos atravessa, nos deixa vestígios, nos mantém “pensando na tese” (Saturnino), sem nos “desligar da tese” (Salu), construindo nossa memória, enquanto vamos atribuindo sentidos aos acontecimentos (BONDÍA, 2002): entre as teorias; entre os sujeitos do campo e desses com as teorias; dessa complexidade com uma escrita que faça sentido.

Bondía (2002) afirma que o sujeito da experiência não é um sujeito definido por seus sucessos, por alcançar aquilo que se propõe. Ele é um sujeito que perde seus poderes, porque a experiência se apodera dele. Assim acontece com a experiência sensível de doutorado. Ela se apodera de nós e nos causa culpa, quando tentamos nos afastar dela, conforme relatos seguintes:

Eu ia assistir um filme, aquele sentimento de culpa: “eu podia estar adiantando a tese, eu podia estar lendo um texto, podia estar analisando, transcrevendo uma entrevista”. Sempre com esse sentimento de culpa (Tonha).

Durante o tempo do doutorado todinho, tudo que você faz você sente culpa. Todo momento que você para, mesmo você dizendo “eu preciso parar”, é uma angústia, é uma culpa porque eu tô parada (Donana).

O sujeito da experiência é um território de passagem, que se define por sua passividade, mas uma passividade diferente da oposição ativo-passivo, mas a passividade feita de paixão (e várias dimensões dessa paixão) e de padecimento. Há uma tensão entre prazer e dor, felicidade e sofrimento, no sujeito da experiência (BONDÍA, 2002; 2006a).

A culpa que acompanha a vida do doutorando é um sentimento doloroso de ter que se afastar da tese. Há uma paixão e um padecimento pela tese, que não deixa o sujeito da experiência se distanciar dela, porque se afastar da experiência é afastar-se do sentido que estamos atribuindo à experiência, que é o sentido que atribuímos a nós mesmos.

A culpa também é consequência das relações de poder, que exigem sermos o sujeito moderno, sujeito do sucesso, produtivo, que trabalha do ponto de vista da ação, hiperativo,

sempre se movimentando. Ela é o reflexo de uma pressão sobre nossa subjetividade e sobre o nosso corpo, que não pode descansar, que não pode assistir a um filme, que não pode parar, porque “podia estar adiantando a tese”, “lendo um texto”, “analisando”, “transcrevendo uma entrevista”. É o indício que nos diz que não podemos parar e, se pararmos, somos os responsáveis por nos prejudicar. A culpa é a repreensão pelo nosso desejo, de nossa necessidade de parar, porque não podemos parar, porque se pararmos, algo ruim vai acontecer e será nossa responsabilidade.

A entrega à tese demanda um outro tempo, para que os acontecimentos ganhem conexões significativas e se materializem em uma escrita que faça sentido, conforme podemos perceber pelos relatos seguintes:

É necessário um poder de concentração muito grande, né. Escrever um parágrafo, “ah, um parágrafo, meu Deus”! Quem faz é quem sabe. Não adianta falar para quem não faz, né? Quem faz é quem sabe (Carmelita).

Na experiência de leitura, o importante não é o texto, mas a relação com o texto e o que ele tem de incompreensível para o leitor (BONDÍA, 2006b). Diante disso, a leitura que ainda não conhecemos, que tem algo de ilegível, que precisamos aprender (BONDÍA, 2006b) demanda “poder de concentração”, conforme relato de Carmelita. Não se trata de uma leitura mecânica, mas exige que orientemos nossa atenção para aquela leitura, que não é apenas decodificação, como também não é uma relação automática com a escrita.

Quando Carmelita diz “ah, um parágrafo, meu Deus”, ela revela que, assim como a leitura, a escrita não sai automaticamente e não se trata de escrever para apresentar uma informação ou uma opinião. A escrita é uma relação com a leitura, que passa pelas nossas conexões, que nos fazem sentido, que se relacionam com a pesquisa de campo e, então, são reinterpretadas e reconstruídas.

Quando Carmelita aponta que “quem faz é quem sabe”, ao se referir à escrita de um parágrafo, e que “não adianta falar para quem não faz”, ela evidencia a solidão da experiência de leitura e de escrita, que envolve introspecção, um voltar para si, em diálogo com o mundo, a exterioridade na interioridade, que se materializa na escrita e que denota uma experiência única. Em parte, é uma solidão necessária, mas a fala de Carmelita ressalta, também, uma solidão, resultado da incompreensão sobre esse tempo de conexões, sobre o trabalho e sobre as angústias de quem pesquisa, conforme apontou Freitas (2007), sobre a necessidade frequente de legitimar caminhos e escolhas.

Miuda, ao falar sobre um dos autores que precisou se aprofundar durante o doutorado, mencionou a dificuldade e complexidade da leitura, conforme excerto seguinte:

É uma leitura que não é fácil, é uma leitura que não é simples, é bem complexa e que vai além do que as palavras dizem. A gente tem que realmente saber interpretar, refletir, voltar na época em que ele escreveu as suas obras. Mas o pouco que eu consegui falar sobre ele, me ajudou bastante a entender o meu contexto de pesquisa. [...]. Aquilo ali foi uma reviravolta na minha vida (Miuda).

Miuda fala sobre uma leitura “que vai além das palavras”, que precisa “interpretar” e “refletir”. Trata-se dessa leitura “complexa” a que ela se referiu, que abarca vários aspectos, distintos e inter-relacionados, que precisamos compreender para poder deliberar algo sobre ela. Às vezes, precisamos “voltar na época que [o autor] escreveu”, ler outros autores que escreveram sobre aquela obra, entender as palavras, para além de seu sentido no senso comum, para explicar, atribuindo sentido dentro do que estamos pesquisando.

O tempo que precisamos para construir as conexões significativas é quase imprevisível, porque quando começamos a ler um texto ou um livro, não sabemos o que ainda não sabemos e fica difícil prevermos quanto tempo levaremos para interpretá-lo. Crispiana menciona essa dificuldade:

Desde sempre eu conseguia organizar linearmente [o tempo]. [...]. Eu conseguia estruturar, “hoje eu vou estudar duas horas, depois eu vou sair durante mais de duas horas, depois eu vou almoçar, ...”. [...]. Quando eu comecei a fazer a tese, não deu mais certo assim. [...]. Porque a gente escreve, a gente tem que estar com a cabeça boa, né, a gente tem que estar com o juízo bom (risos). E aí eu vi que tinha dias que a minha cabeça tava ótima pra escrever e para sentar e tem dias que não, que a gente senta no computador e com muito esforço, sai uma frase. [...]. Meus pais que falam isso “você que trabalha com o juízo, o seu tempo não é o tempo dos outros não” (Crispiana).

Crispiana reconhece que o tempo das conexões significativas não é o tempo do relógio, o tempo planejado, que se consegue “organizar linearmente”. As conexões significativas demandam que a pessoa que pesquisa esteja “com a cabeça boa”, “com o juízo bom”. As conexões acontecem nas nossas representações, que envolvem aspectos subjetivos e corporais, porque as conexões são feitas no corpo e pelo corpo. Essa relação com a leitura e a escrita demanda, ao mesmo tempo, tranquilidade e perturbação, que nos tira do lugar, nos desacomoda e nos leva a interrelacionar leitura e escrita.

Crispiana relata que “tem dias que, [...], com muito esforço, sai uma frase”, o que denota que o tempo das conexões significativas, para que leitura se converta em uma escrita com sentido, não se relaciona com um esforço do ponto de vista da ação, mas de elementos subjetivos, que demanda estarmos entregues e inteiros. Por isso, o tempo das conexões significativas, “não é o tempo dos outros”, o tempo programado, mas o tempo que relaciona corpo e sentidos.

Tonha traz outros elementos que nos ajudam a compreender a complexidade dessa relação com a tese:

O trabalho de natureza acadêmica, científica, ele não é o trabalho que você “hoje eu vou tirar para fazer” e aquela coisa que flui mecanicamente. Não é assim. [...]. Às vezes eu chegava [do trabalho], tinha dado aula, cheia de coisa pra resolver, sentava um pouquinho pra escrever, eu rendia e produzia bem. Tinha finais de semana que eu falava “ó, sábado e domingo reservado para a tese” e eu não conseguia produzir nada. Então, não é algo assim “vou lavar uma louça”, mecânico, você faz, tarefa feita. A tese, ela depende desse estado emocional, ela depende de um conjunto de coisas que são de uma natureza tão complexa (Tonha).

O trabalho científico, que envolve, dentre outras coisas, a leitura e a escrita, não funciona “mecanicamente”, na experiência de Tonha, por isso, a dificuldade de fazer uma programação, definir um tempo de início e de conclusão. Ela aponta que a elaboração da tese “depende desse estado emocional”, “de um conjunto de coisas que são de uma natureza tão complexa”, justamente porque o conhecimento não é impessoal, objetivo, que está fora de nós (BONDÍA, 2002), mas está em nós, em como damos sentido àqueles elementos que nos relacionamos, enquanto estamos desenvolvendo nossas teses.

Por ter essa natureza tão complexa, não é previsível, organizado linearmente no tempo, programado, “você faz, tarefa feita” (Tonha). As conexões acontecem nos momentos mais inesperados, e não no momento que reservamos para fazer o que precisa ser feito, conforme podemos ver no relato de Crispina:

Tinha alguns dias que não saía nada. Eu podia ficar um dia em frente ao meu notebook que eu conseguia escrever um parágrafo. Não saía nada do que eu tava fazendo. E, assim, é muito curioso, né, essas experiências da gente. Porque às vezes, tinha momentos que eu tava deitada e aí eu pensava assim “nossa, eu podia falar assim, assim, assim”. Aí eu tinha ideia, eu até peguei, pegava uma folha e já colocava lá uns tópicos, porque a ideia vinha, surgia assim, do nada. É muito doido isso” (Crispina).

Crispina também relata que tinha dias que “não saía nada”. Essa interrelação da leitura com as nossas interpretações e a construção da escrita não depende, unicamente, de tempo disponível ou de energia de ação. Crispina disse que ficava o dia todo no computador, pronta para escrever e não saía nada.

As conexões apareciam numa espécie de epifania, por exemplo, em momentos de tentativa de descanso, “quando eu tava deitada [...] a ideia vinha, surgia”. Elas surgem em um tempo imprevisível, não delimitado, mas vão despontando, de repente, vão se tornando mais visíveis e compreensíveis. As conexões se revelam nesses momentos inesperados e é preciso anotá-las, registrá-las em uma folha, porque não temos controle sobre elas, elas estão se

formando, sendo construídas e não são reveladas imediatamente e completamente. Elas são indícios que vão construindo os elos dessas conexões de sentidos.

Miuda relata experiência similiar às já apresentadas, mencionando o entusiasmo, em alguns momentos da escrita, conforme excerto seguinte:

Eu lembro que eu ficava bem empolgada, escrevendo de tardezinha, o despertador tocando, mostrando o lembrete de ir buscar o menino na escola (risos). E aí eu tinha que correr, largar tudo e, às vezes, ele ia dormir, aí de madrugada eu ia fazer coisa, porque eu tava empolgada com aquela ideia, naquele dia. Que tem dias que a gente tá na rotina e não tem essa empolgação né? Não é na hora que a gente quer escrever. Então, às vezes o filho tá na escola, tá tudo certinho, aí você não tá com aquela inspiração. Aí tinha hora que de madrugada, você tava naquele... (Miuda).

Assim como outros relatos, Miuda afirma que “não é na hora que a gente quer escrever”, porque, às vezes, não estamos com “inspiração”. Inspiração é respirar para dentro, trazendo para dentro do corpo, arejando os pensamentos, as ideias. Quando esse estímulo criativo acontecia, Miuda menciona que “ficava bem empolgada” e continuava escrevendo “de madrugada”, porque as ideias estavam vibrando, ganhando vida na construção da tese.

Os relatos nos mostram que a tese nos acompanha em todos os momentos – no boteco, no banho, nas tentativas de lazer – e quando tentamos nos distanciar dela, sentimos culpa. A culpa é o indicativo do vínculo forte que estabelecemos com ela, mas também resultado das relações de poder, que nos exigem sermos sujeitos de sucesso, produtivos, estimulados e que não podem parar.

O tempo da tese não é o tempo do cronômetro, não acontece em um tempo linear e não se desenvolve de maneira mecânica. As leituras que fazemos demandam uma compreensão profunda, que vão além do sentido do senso comum das palavras, o que também exigem um outro tempo. O mesmo acontece com a escrita, que depende da leitura, mas de momentos de ideias e inspirações, que acontecem nos momentos mais inesperados.

5.5 Os outros que nos apoiam em nossas vulnerabilidades e incertezas

O doutorado foi um processo solitário para quase todos os pesquisadores e pesquisadoras. Não nos referimos aos momentos de solidão, que fazem parte do processo, mas momentos de solidão, em que se sentiram perdidos, inseguros, vulneráveis, abandonados, sem rumo. Essa categoria nos mostra que, apesar de solitário, o doutorado também é um acontecimento solidário, pois há sempre alguém para nos estender a mão.

Entretanto antes de apresentar essa categoria, gostaria de trazer dois relatos sobre a solidão que perpetua nas experiências de doutorado:

Aí fala muito “mas é assim mesmo, o processo de doutoramento é solitário”. E eu fico me perguntando, tem que ser solitário? Onde é que tá escrito isso? Qual é o dogma que impõe que o processo de doutoramento tem que ser solitário? [...]. Muitas pessoas passam por esse caminho de forma solitária e elas acham que aquela vivência é uma verdade. No raciocínio delas eu acho que funciona assim “mas eu passei por isso, ela vai passar também, ele vai passar também”. [...]. E a gente se depara num contexto acadêmico de muita soberba, que impede que a gente quebre essa verdade posta. [...]. O doutorado não precisa ser solitário, a soberba não precisa ser uma marca da pós-graduação e, talvez, se a academia pensasse um pouco mais sobre isso, a gente tivesse um ambiente mais humano (Tobias).

[...]. Nós temos dores antes do doutorado [...] que ganham uma amplitude muito maior, elas se potencializam e quando você tem uma rede de apoio, isso é amenizado, isso é amortecido (Carmelita).

Com o intuito de apresentar experiências sensíveis de doutorado que puderam contar com apoios que amenizam as nossas dores, conforme disse Carmelita, e que fazem da academia “um ambiente mais humano”, conforme mencionou Hellton, a categoria “Os outros que nos apoiam em nossas vulnerabilidades” evidencia aquelas relações de apoio que marcaram essa passagem.

A pesquisa de doutorado é um processo de aprendizagem, e só aprendemos o que ainda não sabemos (HAROCHE, 2008), o que acontece nas interações sociais, nas redes de apoio, formais ou informais, nos diálogos e aconselhamentos sobre as pesquisas ou outras questões que transpassam a vida de quem pesquisa (DICKSON-SWIFT *et al.*, 2007; RAMÍREZ-PEREIRA, 2017). A experiência sensível de pesquisa demanda falar sobre o que nos acontece (BONDÍA, 2002), como seres humanos.

No doutorado, nos relacionamos com muitas pessoas, antes mesmo de iniciarmos a pesquisa de campo: orientação, colegas, docentes, familiares, etc. Algumas dessas pessoas apenas passam em nossas vidas. Essas pessoas não compõem a experiência. Mas existem alguns encontros e relações durante o doutorado que nos marcam profundamente e nos transformam em nossa travessia. São essas relações com os “outros que nos apoiam” e os significados dessas relações, que serão apresentados nessa categoria.

Na construção da pesquisa, uma das relações mais importantes do doutorado é a orientação. A relação de orientação é marcante e singular em cada experiência. A orientação dá os rumos do projeto, mas algumas orientações são quase inexistentes, são isentas de relações, são antiexperiências, conforme já abordado. Dada a sua intensidade dentro do doutorado, é

possível abordá-la de diferentes formas. Os excertos que seguem relatam essa relação com a orientadora ou o orientador, de apoio, de aprendizado e de transformação.

Ela não foi uma orientadora controladora. [...]. [Ela] me deu essa oportunidade de errar, me deu estímulo pra eu tentar, né? Então, mesmo com as deficiências que eu tinha ou o que eu não entendia, eu pude fazer [do meu jeito] por causa disso. A orientadora me ajudou. [...]. Ela foi me dando espaço pra eu encontrar os meus espaços dentro do espaço que era o dela (Sutério).

Sutério menciona que sua orientadora não foi “controladora”, o que revela um elemento importante da relação de orientação. A relação controladora é uma relação de domínio, de fiscalização dentro de um padrão preestabelecido e que, em um processo de orientação, pode conter processos criativos e autônomos.

Sua orientadora lhe deu a “oportunidade de errar” e de “tentar”. Bondía (2002, p. 25) aponta que a experiência também é “uma relação com algo que se experimenta, que se prova”, mas que é diferente da prova que valida uma verdade. Provar, experimentar, significa tentar, que tem sempre um elemento de risco, de imprevisto. Podemos tentar e acertar, ou tentar e errar. O erro não encerra a experiência, mas abre a oportunidade para novas experimentações. O sujeito da experiência prova, se põe à prova, para encontrar o seu caminho.

Para Sutério, esse apoio, que lhe deu a oportunidade de tentar e errar, foi fundamental para encontrar o seu “espaço dentro do espaço que era dela”, ou seja, para que ele encontrasse o seu caminho, junto ao caminho da orientadora, errando, aprendendo, construindo e ganhando autonomia. Errar não é um caminhar sem destino, mas um caminhar em um caminho surpreendente, imprevisível, indeterminado previamente, que só existe no próprio caminhar.

Bibiana menciona sua experiência de orientação, no sentido do apoio e reflexão, necessários para a própria compreensão dos sujeitos, processos e contexto investigados, conforme excerto:

A gente tinha muitas conversas, eu e [o orientador], nas minhas voltas do campo e conversas que eu acho que, aquilo eu entendia como uma orientação. [...]. Eu trazia as informações, muitas vezes eu não sabia, era, tava ali, muito cru, né? [...]. Provavelmente eu não tinha maturidade pra entender tudo que ele tava dizendo, mas pelo menos, eu entendo que eu dava um passo adiante. [...]. Conversar com ele, que já trabalha[va] com essa questão há muito tempo, acho que ajudou a entender o que eu tava [fazendo] e também deu coragem de “não, é isso”. Coragem não, certeza, “então é isso, apesar disso estar mostrando coisas muito diferentes do que acontecia antes, eu já fico segura por conta das conversas” (Bibiana).

Bibiana compartilhava as informações de campo com o orientador, mas sentia que estava “muito cru”, sem uma apuração mais afinada daquilo que ela havia encontrado no campo.

As conversas a ajudavam a “dar um passo adiante”, ou seja, ampliava a sua compreensão sobre aquele contexto.

O relato de Bibiana revela que o diálogo com o orientador contribuiu com o seu processo de significação. Além do tempo das conexões, mencionado anteriormente, os apoios também ajudam a construir esses significados, refletindo juntos, evidenciando os vestígios que vão dando sentido aos acontecimentos: leituras, campo, impressões, reflexões.

Ainda que ela não conseguisse compreender plenamente todas as orientações, ela se sentia “segura” em fazer afirmações sobre aquele contexto estudado, em um processo de orientação mais ativo, em que o diálogo possibilita que a pesquisadora faça suas próprias conexões. Não se trata de uma posição segura inabalável, presa, fechada, mas uma segurança que permite os elos, para que as conexões entre os acontecimentos não se percam.

A experiência não é um caminho seguro rumo àquilo que desejamos conhecer, mas é preciso tecermos algumas conclusões no trabalho de tese. A experiência de pesquisa que caminha repleta de incertezas pode levar ao extremo da vulnerabilidade, se perdendo nas infinitas possibilidades, dentro de um tempo que é finito e determinado.

Tobias viveu um processo muito solitário, mas ainda assim, ele contou com o apoio do orientador que “guiou”, “orientando”, “mostrando”, “exemplificando”, com constante “acompanhamento”, conforme excerto seguinte:

O orientador que assumiu o [meu processo de orientação] ele é uma pessoa fantástica, [...], ele me guiou pelo braço mesmo, ele foi muito parceiro em todo o processo. [...]. Ele foi me orientando, me mostrando, exemplificando, [...], porque ele sabia das minhas limitações. Então, não é um beabá. É você prestar atenção nas peculiaridades de cada orientando e perceber “com esse aqui eu preciso de um tratamento mais pormenorizado. Isso não quer dizer que vai ser um trabalho menos relevante que outro, mas ele tem essa necessidade e eu vou agir dessa forma”. E foi o que ele fez e eu agradeço muito por todo o acompanhamento (Tobias).

Tobias apresenta elementos fundamentais para entender a importância dessa relação e desse apoio, na experiência de doutorado. Apesar dos problemas estruturais e da sobrecarga de orientadores e orientadoras que se veem imersos em burocracias, que em nada se relacionam com o processo de formação, seja em ensino, pesquisa ou extensão, é importante pensarmos as relações do ponto de vista da experiência, como relações que não são impessoais, objetivas e instrumentais.

Quando Tobias menciona que o orientador “guiou pelo braço”, é ilustrativo de seu processo de orientação e denota o reconhecimento dos limites da maturidade como pesquisador em formação, naquele momento. O orientador não puxa pelo braço para trazê-lo para o seu

caminho, mas oferece o seu braço como guia para que ele desenhe o seu caminho, orientando quando as dificuldades e os obstáculos aparecem.

Cada pessoa que pesquisa, como cada ser humano, é singular e não existe um modelo predeterminado, que garanta o melhor apoio e o melhor desempenho, porque cada sujeito tem suas “peculiaridades” e o processo “não é um beabá”, conforme Tobias mencionou. Se a experiência está ligada à nossa existência (BONDÍA, 2002) e as existências são diferentes, as relações da experiência serão sempre diversas e se constroem no próprio viver das relações, percebendo as diferenças, por isso, não são padronizadas nem preestabelecidas.

Na relação de orientação, quando reconhecemos quem faz pesquisa como um sujeito corporificado, historicizado, com suas particularidades, nos relacionamos com ele como um ser humano e não como um meio para se alcançar um resultado. Esse reconhecimento ameniza o desequilíbrio de forças nessa relação e permite percebê-lo como um ser inacabado, sempre em formação e em transformação.

Salu recebeu “suporte” e “generosidade” e aprendeu a ser muito mais que “professor-pesquisador”, conforme excerto seguinte:

Eu não consigo elencar outra pessoa ou outro processo que tenha sido mais importante do que a vida do [orientador] na minha vida. [...]. Ele possibilitou que eu chegasse um pouco perto dele, com aquela generosidade dele e que eu aprendesse um pouco, não só como ser professor-pesquisador, mas como ser uma pessoa sensível, como ser uma pessoa generosa, como ser uma pessoa pra desenvolver a empatia. [...]. E essa segurança que ele passava era como uma bengala pra mim, me dava aquele suporte, aquela base, me dizia “não, eu tô aqui, mas eu tô indo com alguém, eu não tô indo sozinha” (Salu).

A expressão “a vida do [orientador] na minha vida” é uma evidência explícita do quanto a experiência de orientação de Salu foi uma experiência sensível. O seu orientador não foi apenas uma pessoa que passou pela vida dela, mas foi uma vida dentro da vida dela.

O apoio que Salu recebeu foi tão significativo e transformador que superou a formação acadêmica. O orientador teve “generosidade”, ou seja, foi alguém que compartilhou, sem restrições, compartilhou com gentileza, que ofereceu o que tinha, para que Salu também tivesse. A generosidade na orientação de Salu permitiu que ela “aprendesse”, mas um aprendizado que supera a formação de professora-pesquisadora, mas uma formação humana, uma formação como “uma pessoa sensível”, com “empatia”, que sente a dor do outro, aprendizados que não se restringem às relações acadêmicas, mas se estendem nas relações que estabelecemos na vida.

Assim como Bibiana, a orientação de Salu trouxe “segurança”, formou a “base” para que ela não se sentisse vulnerável e “sozinha”. A “bengala” é a representação desse guia, desse

bastão que apoia, que ajuda a identificar obstáculos e a redirecionar os caminhos da caminhada. Ela recebeu “generosidade” e aprendeu, ainda mais, a ser “uma pessoa generosa”.

O apoio nesse momento de vulnerabilidade, que vivenciamos no período de doutorado, pode evitar o sofrimento e a perda de sentido, nesse processo. Belonísia nos conta como foi sua experiência:

Se eu não adoeci de forma pior no doutorado foi porque realmente o meu orientador, ele foi suporte, me orientou, foi empático, teve ali comigo sempre, travou lutas, né, brigas por minha causa, assim. [...]. Eu não imaginava que eu poderia encontrar pessoas assim na academia (Belonísia).

Assim como já mencionado, o apoio veio na forma de “suporte”, de quem realmente “orientou”, “foi empático”, que resguardou a saúde e o bem-estar de Belonísia e evitou que ela adoecesse. Esse é um aspecto fundamental, porque adoecer é uma dor. Esse sujeito abandonado, desamparado, se sente vulnerável, fragilizado, ferido. Que não é a ferida da marca que registra nossa memória e constrói a nossa experiência, mas a ferida da dor, que faz com que pensemos que nossa existência não tem sentido, que estamos esquecidos, ignorados. O suporte, a empatia são elementos que nos devolvem a nossa existência, que revelam que o orientador enxerga a nossa existência e a nossa dor e nos percebe como um pesquisador-humano, que existe e sente.

O orientador de Belonísia “travou lutas” para defender seus interesses. Diferentemente das maneiras de ser do indivíduo contemporâneo, caracterizadas pelo individualismo extremo, pelo interesse único por si mesmo, levando à instrumentalização das relações (HAROCHE, 2008), a relação entre Belonísia e seu orientador foi marcada pelo vínculo, pelo compromisso do qual o orientador não se esquivou, quando precisou brigar pelos interesses dela.

Mas os apoios não são exclusivos da orientação. Eles também acontecem nas outras relações, que desenvolvemos dentro do ambiente acadêmico. Apesar da solidão vivida por Carmelita, uma professora estendeu-lhe a mão, conforme relato seguinte:

[...] uma avaliadora me fez refletir sobre alguns aspectos, [...], eu fiquei assim, muito surpresa com a empatia que ela teve. Uma pessoa extremamente ocupada. Quando eu relatei um pouco da minha angústia, [...], ela parou tudo que tava fazendo e foi me atender. Não me conhecia. Então, aquilo dali [...] me motivou para terminar a tese. Porque, quando uma pessoa que não lhe conhece, para tudo que tá fazendo pra lhe atender, lhe dá um balde de motivação, dizendo “você vai conseguir”, [...] ela me deu um balde de motivação e foi isso que, de certa forma, me deu um gás pra eu terminar. Então, foi muito positivo [a entrevistada chora, emocionada]. A avaliadora foi muito mais importante e motivacional do que propriamente avaliadora (Carmelita).

Diante do abandono, Carmelita sentiu “angústia”, um indício do seu sofrimento, resultado da solidão e da falta de apoio. Desamparada, ela procurou por uma das avaliadoras de

sua banca, que havia feito observações importantes sobre seu trabalho. Carmelita compartilhou suas dúvidas, sua dor, sua apreensão e recebeu atenção, que ultrapassou o apoio como avaliadora.

Carmelita recebeu “empatia”, ou seja, o reconhecimento e a legitimidade da sua dor. Recebeu palavras de incentivo, encorajamento, “um balde de motivação”, que restabeleceu a confiança em si e revigorou os sentidos da sua pesquisa. A avaliadora contribuiu para que Carmelita se conectasse novamente com sua pesquisa, permitisse novamente a sua entrega àquela experiência, conseguisse “um gás”, um fôlego, que desoprime, desobstrui e possibilita a passagem, a experiência.

Essa experiência foi tão significativa para Carmelita que ela se emociona e chora, ao lembrar e contar essa história. Ela reconhece que o apoio “motivacional” foi mais importante do que a orientação intelectual. Carmelita foi vista e reconhecida na sua condição de ser humano, frágil, mas potente de vida. Ao ser vista, ela reestabelece os sentidos e reconduz sua energia para finalizar a sua pesquisa. Sua emoção é a marca da experiência sensível, que se materializa nas lágrimas e transborda o/no corpo.

Além da relação de orientação, ou com outros professores e professoras, as interações construídas nos grupos de pesquisa, podem ser muito acolhedoras, conforme excerto seguintes:

[Eu] participava de um grupo de pesquisa [...] que foi a possibilidade de não me sentir sozinha [...] [porque] a gente interagia o tempo inteiro. [...] A gente tomava café num shopping próximo e cada um falava das suas dificuldades. E, muitas vezes, eram temas, assim, bem diferentes. Mas eu percebi que eu falando, eu mesma me ajudava (risos). [Você] acredita que eu passei inclusive a gravar essas conversas! Porque foi quando eu percebi que eu tinha os melhores *insights*, quando eu falava com os colegas. Eles não eram da minha temática [...], mas estavam vivendo o processo de doutorado, então interagir com eles era fundamental. Mas, com o tempo, eu percebi que, na verdade, eu estava interagindo comigo mesma, só que em outros espaços. Eu não estava mais sozinha, eu estava verbalizando, né (Salu).

O sensível se revela nas relações construídas, nas interações, na possibilidade de não se sentir sozinha, conforme relato de Salu. Há dois elementos importantes do relato de Salu, que desejo pontuar. O primeiro se refere às menções sobre “eu falando, eu mesma me ajudava”, “eu tinha os melhores *insights* quando eu falava com os colegas”, “eu estava interagindo comigo mesma”, “eu estava verbalizando”.

Pode ser que a verbalização de Salu, essa interação com ela mesma, esteja mais próxima da concepção filosófica solipsista, um monólogo interno, onde se contesta a si mesmo, sem diálogo com outros sujeitos, até chegar à certeza do conhecimento (GROSFOGUEL, 2008). Mas posto que, ainda que ocorresse uma conversa dela com ela mesma, existe a presença do

outro, uma interação com os colegas, uma externalidade, uma subjetividade que interagia com a sua subjetividade.

A possibilidade de verbalizar é uma oportunidade de não se perder na solidão dos próprios pensamentos, mas se expor, abrir-se, ouvir seus próprios pensamentos, escutar a voz do outro, deixar que o outro lhe passe, interiorizar, perceber os sentidos e os sem-sentidos, criar as conexões e construir os significados. A palavra verbalizada que sai de Salu, não retorna para ela a mesma palavra, mas é transformada, transformando suas ideias, suas representações, seus saberes, seus sentimentos, suas intenções (BONDÍA, 2006a).

O segundo elemento que quero ressaltar é sobre a menção de Salu sobre os colegas que “estavam vivendo o processo de doutorado”, o que poderíamos interpretar como empatia, pois estavam vivendo situações semelhantes. O espaço do grupo de pesquisa não possui uma sensibilidade inerente, porque a condição sensível não está explícita nas pessoas e/ou nos espaços, mas nas relações construídas. Muitos colegas de doutorado estão vivendo acontecimentos semelhantes, mas não desenvolvem empatia e sensibilidade pelos outros²². Aliás, a academia tem se mostrado um espaço no qual as relações são construídas mais na base da competição, do que na empatia e na sensibilidade.

As relações construídas no grupo de pesquisa que Salu participou, em que cada um “falava das suas dificuldades”, provavelmente, foram relações construídas pelo vínculo e na troca, nas quais as ideias, as representações, os saberes, os pensamentos são compartilhados, para que cada um construa suas próprias ideias, suas próprias representações, suas conexões de sentidos e significados e sua trajetória. As dificuldades do processo são circunstâncias muito angustiantes e expor essas contrariedades ajuda a pensar sobre elas. A experiência requer essa disponibilidade e receptividade para ouvir e falar sobre o que nos acontece (BONDÍA, 2002).

O relato de Crispiana nos dá uma visão geral dos muitos apoios que recebemos, nesse processo:

O doutorado, a tese, é uma construção coletiva, ela não é uma construção orientando-orientador. Ela requer muito mais relacionamentos, muito mais interações. [...]. A gente tem que procurar colegas que são da área, que não são da área, conversar com eles, saber o que eles acham das nossas ideias. Se possível, participar de grupos de pesquisa, também é muito legal. [...]. Então,

²² Lemes (2018) escreveu um texto ilustrativo chamado “A banalidade da empatia” onde ele menciona uma camada superficial da empatia, empacotando um conceito em um nome da moda. Nesse texto, ele faz referência a um artigo da Harvard Business Review, intitulado “Fica mais difícil sentir empatia pelas pessoas se você já passou pela mesma situação” (RUTTAN; MCDONNELL; NORDGREN, 2015, tradução nossa) no qual os autores contestam e apresentam algumas pesquisas que mostram que viver uma situação semelhante não necessariamente desenvolve a empatia, ou seja, a capacidade de compreendermos as dores e as dificuldades do outro.

o que eu te diria é isso: há uma construção coletiva no doutorado, que as amizades são muito importantes. Os relacionamentos, tanto de trabalho quanto sociais mesmo, de amizade, nos relaxam e constroem a nossa vida como um todo (Crispiana).

Crispiana quer reforçar a importância das “interações”, de criarmos laços para além da orientação. As relações com os colegas – da área e de outras áreas – nos ajudam a pensar e a construir as nossas pesquisas. Essas experiências são importantes para podermos viver outras experiências, além da pesquisa, para não perdermos as outras conexões com a vida. Além disso, as relações que construímos no doutorado vão ajudar na construção de como somos “na vida como um todo”. Ou seja, elas nos ensinam para além da sala de aula e do universo da pesquisa e da academia.

As amizades não são importantes apenas para pensarmos e construirmos nossas pesquisas. Crispiana reforça que “as amizades são muito importantes, [...] elas nos relaxam”, o que pode ser algo precioso, em um momento de grande pressão, em que abrimos mão de quase todo tipo de lazer, de entretenimento e das relações sociais.

Alguns relacionamentos que tecemos durante o doutorado superam as relações acadêmicas e nos apoiam na própria experiência de compartilhar a vida e de viver essas relações de afinidade, de vínculo, de amizade, conforme relatos seguintes:

De [ajuda] formal, [eu tive uma amiga], ela acompanhou todo o meu processo. Ela lia as minhas coisas, eu lia as coisas dela. Então, essa ajuda formal, surgiu dela. [...]. Agora, sentimental, era ela mesmo. Eu tenho uma admiração muito grande por ela. [...]. Ela foi meu porto-seguro, ela segurou a minha barra, [...], ela me ajudou muito. A gente compartilhava [...] a vida, tudo. [...]. A gente ficou doente juntas, a gente viajava juntas, a gente fez tudo junto. [...]. Foi a gente poder viver juntas, como numa irmandade, cada uma dando força para a outra. A parte acadêmica, às vezes, era deixar de lado. O que importava pra gente, ali, era a nossa amizade (Domingas).

Domingas recebeu apoio sentimental de uma amiga de doutorado, que aconteceu enquanto se “compartilhava a vida” juntas. A relação de amizade e companheirismo foi fundamental para ela, foi seu “porto-seguro”. O apoio que aconteceu nessa relação de amizade foi a própria amizade, a possibilidade de “deixar de lado” a vida acadêmica, de vez em quando, poder partilhar as experiências cotidianas e fortalecer os vínculos.

A entrega ao processo de doutorado é tão intensa que acabamos por sacrificar as outras dimensões da vida para além daquelas relações. Nesse sentido, uma amizade ou deixar um pouco de lado a vida acadêmica pode parecer banal, mas é profundamente significativo quando estamos vivendo um momento solitário, que nos toma por inteiro. Em tempos de relações tão fluidas e de individualismo exacerbado, uma relação de amizade que se revela um “porto-

seguro” nos mostra possibilidades de construirmos relações baseadas no afeto e que se constroem na vivência da vida mesmo, no compartilhar a vida.

Bibiana relata experiência semelhante, ao mencionar um acolhimento inicial no âmbito da hospedagem, que se estendeu para o compartilhar outros momentos da vida, conforme excerto seguinte:

[Uma amiga] que me acolheu quando eu tive lá e me acolheu, assim, do nada. A gente se viu uma vez, nessa vez ela já me ofereceu pra ficar na casa dela, ela nem era da minha turma, ela era da turma anterior à minha. [...]. Depois ela foi embora, [outra amiga] passou a me acolher me hospedar. E aí era isso, desses momentos também, de descanso. [...]. Porque a minha relação era [na minha cidade], com minha família e meu filho. Então era muito essa coisa da maternagem. Então, ir pra [lá], apesar de sair de casa, largar sua cama, fazer uma viagem, pegar estrada, aí mistura tudo, seu intestino não funciona, tudo, comida, tudo. Mas apesar disso, era também uma possibilidade de voltar a viver essas relações de amizade, de rir, de contar piada, de beber uma cerveja. [...]. Então, de poder fazer isso (Bibiana).

Na experiência de Bibiana, a acolhida se transformou em amizade e essa amizade foi a possibilidade de viver outras relações, que não apenas a “maternagem” ou as relações familiares. Apesar de alguns complicadores, ao ter que dormir fora de casa, aqueles eram também “momentos de descanso”, “de rir”, “de contar piada”, de “beber uma cerveja” e de “poder fazer isso”, de se redescobrir, para além das relações que a definiam.

A lógica racional instrumental reduz a diversão e o descanso a meros acontecimentos e as relações, ao seu utilitarismo – alguém que oferece a casa para que se possa dormir. A racionalidade relacional e sensível, a racionalidade da experiência permite criarmos conexões significativas entre os acontecimentos e a nossa vida. O relato de Bibiana reforça a ideia de viver para além da tese, de se perceber para além das relações que a predefiniam e para além da redução do pesquisador e pesquisadora personificados, mas uma pessoa que ri, se diverte, descansa e que constrói vínculos com as pessoas.

Também foram mencionados apoios recebidos por pessoas que estavam fora do mundo acadêmico, conforme relatos seguintes:

Tem uma senhora que foi muito importante pra mim, [...], eu ia na casa dela, ela era minha vizinha, morava sozinha [...] e ela começou a fazer amizade comigo. [...]. E aí ela me chamava lá pra tomar café, pra almoçar. Então, às vezes, no momento que eu tava muito tensa, angustiada, eu ia lá pra casa [dela], almoçava, tomava café. Ela era meio que mãe, sabe, que adotou a gente ali, muito querida, muito maravilhosa (Tonha).

Para Tonha, que não estava próxima do seu ambiente familiar, a relação de amizade que ela desenvolveu com sua vizinha foi muito importante para o seu conforto afetivo. Não se trata, portanto, de um apoio que nos ajuda nas conexões em relação à pesquisa, mas as relações que

nos permitem um alívio, um respiro, uma pausa, que permite viver um momento para além da tese, que nos lembre que não somos somente pessoas que pesquisam. E uma acolhida, de se permitir ser cuidado, porque reconhecemos que somos vulneráveis e que precisamos, em algum momento, de afago, de proteção, em algum nível, condições fundamentais para assegurar o nosso equilíbrio emocional, nesse momento de tantas inquietudes.

Para Servó, que viveu um processo bastante solitário em seu doutorado, as conversas durante suas viagens foram um estímulo:

Eu participava de um grupo de caronas, [...], então a gente trocava muita ideia nessa época. Ao conversar, “qual é o teu trabalho, o que você tá fazendo?”, e aí nesse momento tinha sempre aquele grau de “olha, que massa, que temática legal, atual”. Isso ia dando um gás, né, pra gente continuar (Servó).

O apoio pode estar mais relacionado à possibilidade de falar, de ser ouvido, ouvir e ao encorajamento do que ao apoio intelectual, conforme mencionou Carmelita. As trocas de ideias que aconteciam nas viagens de Servó ajudaram a perceber a relevância de sua pesquisa, ao ouvir as impressões de seus colegas sobre seu projeto: “que temática legal, atual”. Essas oportunidades de interação e de trocas ajudam em nossas inseguranças e na construção de sentido daquilo que estamos fazendo.

Haroche (2008) aponta que são os sentidos, na relação com o outro, consigo mesmo e com o conhecimento, que tornam possíveis a própria elaboração e construção dos sentidos. As palavras de interesse dos colegas do grupo de carona de Servó ajudaram na construção dos sentidos e, à medida que esses sentidos iam se construindo, ele ganhava um “gás”, um vigor que areja o pensamento e dá energia para “continuar” a pesquisa.

Esse sujeito vulnerável e exposto – a doutoranda e o doutorando – estabelece relações de menor ou maior intensidade, durante a experiência do doutorado. Alguns conseguem desenvolver uma relação de orientação, que ajuda no amadurecimento sobre a pesquisa. Outros têm a oportunidade de se relacionar com uma orientação que ensina muito mais do que fazer pesquisa, mas ensina generosidade, empatia.

Quando buscamos apoio, reconhecemos as nossas fragilidades, a nossa incompletude e a nossa dependência do outro, que é interdependência, nem plenamente autônoma, nem plenamente submissa. Quem pesquisa é um sujeito em toda a experiência de doutorado. Não é um equipamento de laboratório e não pode ser reduzido à operacionalização das técnicas e dos métodos, como um meio para se alcançar um resultado. As relações de apoio reconhecem quem pesquisa como um ser humano.

A experiência de doutorado se amplia, quando incorporamos nessa experiência as relações afetivas que desenvolvemos durante esse processo e que, muitas vezes, carregamos por toda a vida. A experiência exige a inter-relação, porque nessa troca, aprendemos, compreendemos a nós mesmos e vamos construindo os sentidos.

5.6 Envolver-se e deixar se envolver com os sujeitos do campo

Nas sociedades contemporâneas, o indivíduo é movido, unicamente, pelo interesse por si e estabelece vínculos, apenas sob o modo da prudência e do controle, sem aptidão para laços e sentimentos. Esse descompromisso acarreta uma relação de instrumentalização de si e dos outros (HAROCHE, 2008).

O campo é um palco de manifestações de intersubjetividades e não deve ser visto como uma etapa de verificação de nossas convicções, mas uma possibilidade de novas revelações (CRUZ-NETO, 2002). A maneira com que se constrói a relação com os sujeitos e os caminhos para realizar a investigação de campo pode reestabelecer os laços rompidos pela modernidade, superando a noção de sujeição. A experiência se funda em uma paixão, no sentido de uma responsabilidade com relação ao outro, que não é conflitante com a liberdade ou a autonomia, mas funda uma liberdade dependente, vinculada (BONDÍA, 2002).

Os excertos seguintes apresentam a experiência com o campo e o desejo de estar naqueles lugares:

Ir para aqueles lugares, pegar aquelas estradas, fazia parte de uma coisa que eu gostava de fazer, fazia eu sentir que eu tava viva, não sei explicar direito. Aquilo era importante pra mim e eu tinha vontade de voltar (Bibiana).

Desculpa a palavra, mas eu tinha muito tesão naquilo que eu tava estudando [que] me motivava sair de casa, dirigir três horas para o interior, para uma cidade muito rural, que parecia muito a cidade dos meus pais. [...]. Eu tinha muito entusiasmo no que eu tava fazendo (Saturnino).

Eu vivi intensamente aquele campo. Aquele campo que, ao escrever pra você, eu revivi memórias, sentimentos, sabores e coisas que só estando lá para viver isso (Salustiana).

O meu doutorado foi o lugar onde eu tive mais prazer como pesquisadora, embora as questões eram muito tocantes. [...]. Eu vivi o meu campo e vivi a minha pesquisa diariamente, quando eu tava no doutorado (Belonísia).

O envolvimento com suas pesquisas, com os lugares e com os sujeitos do campo foi uma experiência intensa, algo que trazia satisfação, quando eles dizem que “eu tava viva” (Bibiana) e “tinha muito tesão” e “tinha muito entusiasmo (Saturnino), “eu vivi intensamente” (Salustiana), “eu tive mais prazer” (Belonísia).

Ainda que a pesquisa de campo fosse uma necessidade para suas pesquisas, não se tratava de uma obrigação, um fardo, mas uma vontade, um desejo de estar ali, de viver, não como fetiche, mas a vivência que cria laços, que dá “vontade de voltar” (Bibiana), que reconecta com a memória e história pessoal, porque “parecia a cidade dos meus pais” (Saturnino), que tem “sentimentos” e “sabores” (Salustiana). Tampouco foi uma experiência vivida na sua dimensão utilitária, apenas para atender às necessidades das informações para a pesquisa, mas vivida no desejo de estar junto, estar vinculado àquelas pessoas.

Belonísia relata sua relação prévia com a comunidade, mas também resistências e a necessidade de se mostrar, contar quem ela era, o que pretendia, para construir relações não hierarquizadas e honestas e poder interagir com os sujeitos do campo, conforme excerto seguinte:

A minha história [com a comunidade] começa com uma lembrança afetiva da minha graduação, de ter conhecido aquele povo. [...]. Eu entrei no campo relativamente fácil, porque eu já tinha essa relação com o pessoal [da cidade]. [...]. Eu já conhecia os símbolos culturais dessas pessoas, já sabia como eles falavam, como se portavam. [...]. Mas quando eu falava a instituição onde eu estudava, as pessoas ficavam um pouco com receio. [...]. No pessoal [dos movimentos sociais], às vezes, eu encontrava alguma resistência, porque eles já sabiam que eu era [da instituição]. Daí eu tinha que falar: “não gente, eu também não sou conservadora como vocês imaginam. Nem todo mundo que está na [instituição] tem esse olhar”. Aí foram relações que foram construídas. Quando você tá nessas instituições, [...], as pessoas tendem a achar que você é escrota também (Belonísia).

A relação prévia que Belonísia tinha com a comunidade facilitou a sua entrada no campo. Conhecer “os símbolos culturais”, “como eles falavam”, “como se portavam”, são condições que contribuíram para que a assimetria entre quem pesquisa e sujeitos do campo diminuísse. Entretanto, a experiência de Belonísia com o campo é uma nova experiência, ou seja, ainda que sua vivência anterior tenha facilitado o caminho de entrada e acesso ao campo, cada experiência é singular e as relações tiveram que ser reconstruídas.

Apesar de sua afinidade com alguns sujeitos do campo, ela enfrentou resistência dos movimentos sociais. Quando a pesquisadora entra no campo, ela carrega consigo essa imagem e as desconfianças que os sujeitos do campo possuem com a instituição. Os sujeitos a percebem como alguém alinhada aos interesses e valores da instituição.

Não é rara a presença de pesquisadores, universidades, instituições de pesquisa em regiões de conflito, nas quais essas instituições se posicionam e atuam contra os movimentos sociais, desarticulando suas atuações e deslegitimando suas vozes.

Foi preciso que a pesquisadora explicitasse sua posição, divergente da posição e da atuação da instituição a qual ela estava vinculada, evidenciasse suas intenções enquanto pesquisadora, se distanciasse da visão e da atuação da instituição, para que a confiança fosse se estabelecendo.

A presença e o predomínio de pesquisas de campo que se apresentam descompromissadas com o estabelecimento de vínculos gera uma desconfiança permanente dos sujeitos do campo, que não aceitam ser objetificados e usados pelas pesquisas. A relação entre universidade e sociedade é uma relação de poder, um jogo de forças que vai se modificando, a medida que representantes da instituição – a pesquisadora, por exemplo – rompem certos padrões dessa relação universidade/sociedade, pesquisadora/sujeitos do campo.

A reconstrução da relação entre a pesquisadora e a comunidade ressignifica a visão e a relação da comunidade – incluindo os movimentos sociais – com a instituição. Ou seja, o envolvimento com os sujeitos do campo é uma experiência sensível para a pesquisadora, que contribui para a própria ressignificação da instituição na sociedade. Belonísia quer se envolver, quer se comprometer e revela para a sociedade (comunidade e movimentos sociais, por exemplo) que a instituição também se relaciona dessa forma, ainda que não aconteça na sua totalidade.

O envolvimento com os sujeitos do campo demanda uma receptividade primeira, uma abertura essencial, de que nos fala Bondía (2002), de abrir-se para o outro, no sentido de estar aberto para compreender o outro, de abrir-se para se aproximar do outro, no cotidiano da sua vida e criar as condições para que ele possa se expressar.

No cotidiano das relações e das interações, os vínculos vão se aprofundando. A experiência é essa passagem que nos move e nos “com-move”, nos move junto ao outro, com sensibilidade, com emoção, conforme relatos seguintes:

Eu passei dias acordando e dormindo com aquelas pessoas [em uma comunidade rural]. [...]. Pessoas muito educadas, muito finas em receber, em oferecer o que tinha de melhor. [...]. Não é tão simples pra eles receber uma pessoa. [...]. E acho que essa convivência mesmo, de estar ali, apesar de poucos dias, vivendo daquela mesma forma, oferecendo o melhor. [...]. E depois desse primeiro momento, desse esforço de receber bem, ainda tem um distanciamento, [...], tem um constrangimento e aí com o passar dos dias, de ir criando relação. [...]. As histórias que eles vão contando vão criando relações que só se estabelecem quando estamos muito próximos, mesmo tendo sido pouco tempo em cada casa (Bibiana).

Quando eles me viam fora do contexto local, isso meio que me dava uma credibilidade. Eles frequentam muito eventos. A primeira vez que eles me viram nesse evento, eu fiquei o tempo todo no estande com eles, eu não fiquei com o pessoal do meu estado. Eu percebi que o fato de estar ali com eles fez

com que eles entendessem um pouco mais que eu pertencia ao grupo (Saturnino).

Como a relação girava em torno da história deles, era sempre uma relação muito intensa. E eles tinham muito pouco, sabe, muito pouco mesmo, mas todos eles faziam questão de dividir o pouco que eles tinham. Então em todas as casas tinha um suco, um café, alguma coisa. E era uma desfeita se eu não comesse. [...]. O fato de dividir histórias trouxe uma intensidade muito grande para todos os encontros. Eu acho que não teve um encontro que foi mais superficial. Não teve. Porque eu dividia muito com eles também a minha história de vida. Eu acho que isso trazia essa unidade para o encontro (Salustiana).

Bibiana nos fala sobre o estreitamento dos laços que vão sendo tecidos na “convivência mesmo”, “acordando e dormindo”, apesar da dificuldade em receber uma pessoa dentro de casa. A abertura para criar relações mais horizontais e honestas é importante, mas o envolvimento demanda mais do que a abertura. As relações vão se construindo com o tempo, “quando estamos muito próximos”, “vivendo daquela forma”, no compartilhamento das histórias e da vivência cotidiana, que exigem da pesquisadora muita atenção, muito cuidado e respeito, exige estar aberta para receber o melhor que eles estão oferecendo.

Saturnino aponta que estar com os sujeitos do campo em espaços públicos dava “credibilidade”, revelava uma relação com alguém que se pode confiar, não instrumentalizada e efêmera. O compartilhamento dos espaços demonstra o interesse do pesquisador para além da utilidade da relação com os sujeitos e reforça a responsabilidade com relação ao outro, a liberdade vinculada que Bondía (2002) se refere.

É um estar-junto que extrapola os limites das casas, das comunidades, das entrevistas e reforça o significado dessa relação, que existe para dentro das comunidades, do grupo, mas também existe para fora, para o mundo. Nessa experiência de estar junto, pesquisador e pesquisadora aprendem muito mais do que as respostas da entrevista, pois, a medida que estreitam os laços, vão aprendendo outros modos de ser e de estar no mundo.

A abertura, a aproximação e o envolvimento ajudam a construir as condições para o que Santos (2002) chamou de trabalho de tradução, o trabalho de interpretação entre duas ou mais culturas, com o intuito de conhecer diferentes respostas para preocupações semelhantes, criando uma inteligibilidade recíproca e revelando diferentes sabedorias e visões de mundo.

Salustiana aponta o compartilhamento do cotidiano e daquilo que se tem para oferecer. A intensidade da relação entre ela e os sujeitos do campo se deu na partilha: da vida, das “histórias”, do “pouco” que se tem. Salustiana menciona que dividir a sua história de vida trazia “unidade para o encontro”, que não é uma unidade de ser único, homogêneo, mas de harmonia, de combinação de histórias que compõem a pluralidade dos saberes e da sociedade.

Quando ela revela a sua história, está reconhecendo para si e para eles, que somos sujeitos historicizados – a pesquisadora e as pessoas da comunidade – e que essas histórias nos formaram, nos construíram. O conhecimento das pessoas da comunidade visitada por Salustiana se revela não pela impessoalidade, por se manter distante, neutra, mas pelo inverso, pela proximidade, pela pessoalidade, por revelar suas fragilidades, presentes na sua história. Há um rompimento da divisão entre sujeito e objeto de pesquisa.

As narrativas mostram que não se trata apenas de perguntar e ouvir sem compromisso, mas de compartilhar espaços públicos e privados, histórias de vida, vivências cotidianas, experiências de vida. Ao compartilhar, pessoa que pesquisa e pessoa pesquisada reconstruem suas significações, os sentidos da vida, porque não existimos por nós mesmos, mas, só existimos, porque tudo o mais existe (CUSICANQUI *et al.*, 2016).

Para Severo, a realidade com a qual ele se deparava trouxe indignação e foi essa indignação que o envolvia e o vinculava àqueles sujeitos:

Eu agarrei com unhas e dentes a luta dos moradores das comunidades tradicionais, porque as falas deles me afetavam na alma, era uma coisa muito forte. Eu ficava indignado com o que eles passavam e me sentia insignificante de não conseguir mudar um pouco aquela realidade. Isso me angustiava muito (Severo).

As histórias contadas pelos moradores da comunidade pesquisada por Severo o “afetavam na alma” e o deixavam “indignado”. O trabalho de tradução é um trabalho emocional, porque pressupõe um inconformismo (SANTOS, 2002). Severo aponta que se sentiu “insignificante”, diante de uma realidade de luta e de injustiças e esse sentimento de impotência o “angustiava”.

De acordo com as proposições da ciência moderna, pessoas que fazem pesquisa não deveriam se importar, trazer alguma responsabilidade para si e para dentro de si, pois a ele caberia apenas reportar a objetividade do mundo, interpretada a partir da neutralidade e objetividade. Mas Severo se importa, pois está aberto para que aquela realidade passe por ele. Sua indignação é o reconhecimento do desequilíbrio das relações de poder. Para Santos (2002), o inconformismo diante de uma carência é decorrente do caráter incompleto ou deficiente de um dado conhecimento. Daí o sentimento de insignificância que Severo apontou, a ausência de conhecimento já construído que dê significado àquela realidade de injustiça e que permita equilibrar o jogo de forças.

Severo percebeu o limite do conhecimento construído pela ciência moderna e que moldou nossas formas de viver, invisibilizando outras formas de vida e outros saberes. Mas o seu envolvimento e indignação vão possibilitando revelar essas vidas e saberes. O trabalho de

tradução é um trabalho intelectual e político (SANTOS, 2002) que re-situa a forma de estar no mundo, de quem pesquisa. Apesar do sentimento de incapacidade de tornar aquela realidade melhor (FAHIE, 2014), Severo não ficou indiferente às suas dores e à injustiça que vivia, e agarrou com unhas e dentes aquela luta.

À medida que pesquisadora e pesquisador estão imersos naquele contexto, junto daquelas vidas, aparecem sentimentos de angústia e culpa. O sentimento de culpa é bastante presente nas pesquisas sobre temas sensíveis, tanto com relação aos efeitos da pesquisa sobre os sujeitos do campo durante o processo, quanto aos sentimentos dos sujeitos sobre os resultados da pesquisa (DICKSON-SWIFT *et al.*, 2007).

As experiências de pesquisa de Zeca e Domingas abordavam temas bastante delicados e foram marcadas por sensibilidade e sentimentos de culpa, durante suas interações com os sujeitos, conforme excertos seguintes:

Entrar na vida das pessoas e sair era a parte mais difícil. [...]. Eu me sentia violentando, certas vezes, essas histórias. Mesmo a gente falando que a nossa abordagem não era positivista, não era funcionalista, [...], eu sentia que era discurso, porque acabava que eu [...] tinha que captar os dados sobre coisas que envolviam [...] perdas, envolvia um momento delicado da pessoa, um momento único, né? E eu me sentia um pouco mal. [...]. Era chato, porque você fala “pô, você tá me tratando como um experimento?”. Então tinha hora que parecia, sabe. Então, pra você acessar e ter a sutileza de chegar na pessoa e dizer que é com todo o respeito. [...]. Vai mexer com um assunto que é uma ferida, então, difícil, bem difícil (Zeca).

O que eu pedia de desculpas para essas mulheres não tava no gíbi. Era o tempo inteiro. [...]. Porque eu me sentia inclusive culpada por estar pedindo a elas para me contar sobre aquilo. [...]. Eu ficava assim “mas será que eu tenho que ser mais fria pra conseguir os dados?” e eu ficava preocupada. E aí entrava em choque com aquela coisa de quê “você tem que tratar essa pessoa bem, ela já tá sensibilizada. Você tem que estar ali como se fosse um ombro amigo, pra ajudar, porque ela vai precisar”. Então, esse abismo de que eu preciso coletar os dados, mas também não posso simplesmente pegar o dado foi muito complicado pra mim (Domingas).

Zeca se sentia violentando as histórias, por abordar perdas em um momento delicado da vida das pessoas. Apesar de sua abordagem não ser positivista, ele sentiu a contradição entre sua necessidade de produzir as informações e a dor provocada, mexendo em feridas. Ele usa o termo “experimento”, para representar seu sentimento de culpa por usar as pessoas para seu interesse. Não eram as pessoas que diziam isso a ele, não foram elas que se incomodaram com a abordagem e com a conversa. Mas era a sua subjetividade se manifestando, alertando-o sobre o risco de objetificar as pessoas, fazer de suas histórias e de suas vidas um experimento. Para minimizar essa invasão, Zeca precisava ser sutil e deixar claro o respeito que tinha com aquelas

histórias. A subjetividade manifesta se revela, também, um guia para o pesquisador, pois orienta a construção das relações, pautadas em atenção, cuidado e respeito.

Domingas se sentia culpada por fazer com que os sujeitos de sua pesquisa tivessem que contar histórias que envolviam violência e sofrimento. Ela sentiu o conflito entre precisar das informações, mas não poder “simplesmente pegar o dado”, sem se sensibilizar, sem levar em consideração aquele contexto de dor. Os inúmeros pedidos de desculpas de Domingas foi a forma que ela encontrou de demonstrar sua preocupação com a dor do outro, evitando uma posição utilitarista. Ela menciona sua preocupação sobre “ser mais fria para conseguir os dados”. Ainda que a pesquisadora esteja alinhada a uma perspectiva de pesquisa não positivista, ela carrega o ideário da ciência neutra e da exigência de distanciamento para conseguir informações mais verdadeiras, não contaminadas pelas emoções.

O ideal positivista está tão imbricado na nossa maneira de fazer pesquisa que, talvez, ainda não saibamos fazer de forma não positiva. Há um descompasso entre o que é preciso fazer para acessar as informações necessárias para construir a pesquisa e o sentimento de que é preciso fazer diferente. Nesse descompasso, se instala um dilema, porque ainda não construímos formas de fazer diferente do caminho positivista entranhado em nosso imaginário. Como alertou Mignolo (2007), precisamos desaprender a razão colonial que programou nossos cérebros, e reaprender a aprender de outras maneiras. Essas outras maneiras vão se construindo no próprio fazer, nas tentativas (erros e acertos) de fazer de outro modo.

Dickson-Swift *et al.* (2008) mencionam sobre o sentimento de “usar” as pessoas, como um conflito entre estar grato pelo aprendizado, mas incapaz de retribuir na mesma proporção. O entusiasmo que pode surgir ao conseguir informações importantes contrasta com a ética sobre “usar” as pessoas para seus próprios interesses. Os autores mencionam que cuidar é condição humana básica, então, é fundamental que pesquisadoras e pesquisadores sejam capazes de cuidar do outro, durante o processo de pesquisa. Cuidar implica dar algo de nós, o que vai envolver algum nível de culpa (DICKSON-SWIFT *et al.*, 2008).

Esse sentimento de incômodo e de invasão, não se resolve por meio de uma ética protocolar, formal, que nos diz como devemos desenrolar nossas pesquisas para que não sejam violentas ou invasivas. Aproxima-se mais de uma ética do cuidado, que exige uma posição de mundo, que acontece no envolvimento com os sujeitos e se evidencia em uma pessoa que sente a responsabilidade de entrar e sair da vida das pessoas, de receber histórias que envolvem perdas. Os incômodos dão indícios de uma ruptura com o ideário do pesquisador colonizador e de minimização das relações de poder.

Miuda relatou sentimentos semelhantes, de culpa e angústia. Ela fez sua aproximação com a organização, tentando mostrar as intenções da pesquisa e as consequências positivas que os resultados poderiam apresentar, a partir de seu estudo. Sua visão idealizada sobre a organização foi se desconstruindo, a medida que ela ia conhecendo a organização, mas nessa reconstrução, a pesquisadora sentiu uma crise de consciência, conforme excerto seguinte:

No início, eu comecei dizendo que eu queria conhecer a [instituição], que eu queria ver como é que funcionava, que eu achava que era importante produzir material sobre esse tipo de organização, de entidade, pra ajudar nos cursos, na formação de profissionais com competências, que suprissem as necessidades desse campo. [...]. Eu tentei fazer uma articulação nesse sentido, de mostrar que eu não tava ali pra julgar, que eu não tava ali pra apontar o dedo pra dizer que era incompetente. E eu meio que fiz isso, né? [...]. Eu queria mostrar a articulação entre as profissões, mostrar como eles conversavam e criavam conhecimento, como é que aquele conhecimento era usado [no setor]. E aquilo que era o meu propósito foi diminuindo, diminuindo, diminuindo, diminuindo, diminuindo e o holofote foi dado aos problemas. E esses problemas eram muito incômodos, porque mostravam a “irrelevância” daquele órgão. [A organização] não tinha o impacto que eu imaginava que tinha. [...]. Eu ficava imaginando eles lendo aquilo e o quanto aquilo poderia impactar. [...]. Me dava um choque de consciência, porque eu dizia “menina, eu tô falando mal”. Essa pessoa tá achando que ela faz tanto, ela se esforça tanto. [...]. E aquilo, quando eu tava escrevendo, “a fala dessa pessoa, meu Deus, ela vai ler, ela vai se sentir tão triste porque eu tô expondo isso. Será que ela me contou porque eu era pesquisadora ou uma amiga que ela tava confidenciando e ela achava que eu ia filtrar e não ia dar destaque a isso”. Eu sentia muito isso na pesquisa, de verdade. Muita angústia (Miuda).

Miuda conseguiu estabelecer uma relação muito próxima e de envolvimento cotidiano com as pessoas da organização. Ela tinha a expectativa de conhecer a instituição e contribuir de alguma forma. Entretanto, sua imersão no campo mostrou uma realidade muito diferente da que ela imaginava e ela se viu impossibilitada de cumprir o compromisso assumido de “não julgar”.

Sua visão inicial contrastava com as escolhas teóricas que ela fez – que orientavam o seu olhar de interpretação – e com a realidade que se apresentava. O modelo de ciência moderna entranhado em nós nos ensina a reforçar “o que dá certo” e ignorar e apagar o que não se encaixa no modelo.

A ciência universal não foi suficiente para compreender aquele contexto. Portanto, não se tratava de julgamento, mas de outro olhar interpretativo, que revelava uma organização diferente da imagem idealizada (idealizada pela pesquisadora e também pela própria organização). A pesquisadora teve um “choque de consciência”, ou seja, o conflito entre o que ela propôs, os laços que ela estabeleceu, os vínculos afetivos que ela firmou e a realidade que ela encontrou e que ela precisava contar em sua pesquisa. O estreitamento das relações, por si só, já estabelece o compromisso, que não pôde ser cumprido.

Há dois pontos imbricados, a serem destacados: não há uma promessa não cumprida, porque os resultados de sua pesquisa poderiam contribuir com a organização, identificando problemas a serem enfrentados. Esses problemas só se revelaram, porque a pesquisadora imergiu em sua pesquisa e se envolveu com os sujeitos da organização. Entretanto, e esse é um segundo ponto, construir relações honestas e abertas implica mostrar contradições do campo que podem não agradar os outros dessa relação. O envolvimento, a honestidade e o compromisso emergem, justamente, por contar o que não foi contado, dizer o que não foi dito e não apenas para agradar, o que seria, profundamente, desonesto e descompromissado.

Nas pesquisas em que a pessoa que pesquisa se envolve e se deixa envolver, os sentidos são acionados e isso faz com que se tenha maior densidade e profundidade. Há uma riqueza de informações, mais fiéis ao contexto, produzindo conhecimentos que podem ajudar a pensar processos de intervenção.

Mas há uma sobrecarga sobre a pesquisadora e o pesquisador que se responsabilizam por suas ações, por sua pesquisa, pela relação com o outro. Essa sobrecarga emocional pode ser o reflexo de uma ciência que colocou quem faz pesquisa numa posição heroica, solucionadora de problemas, a partir de respostas universais. Ao nos envolvermos com pessoas e com contextos mais complexos do que a aplicação de técnicas para apresentar resultados é capaz de compreender e resolver, somos colocados em conflito entre o pesquisador-herói-infalível-idealizado e o pesquisador-limitado-falível-humano.

As trocas de experiências que se estabelecem quando permitimos nos envolver provocam um sentimento de continuidade, de confiança, de profundidade, que são constituintes da nossa humanidade (HAROCHE, 2008). Na relação de mostrar um pouco de si e ouvir um pouco do outro, as histórias vão nos tocando e o sujeito da experiência é modificado e transformado pela experiência, seja pelo aprendizado de um novo conhecimento, por um ensinamento de vida ou por uma lição amarga (JAY, 2009).

Haroche (2008) nos alerta que aprender exige a dúvida, a humildade e a consciência dos limites individuais, com atitudes e práticas opostas às certezas e ao caráter arrogante dos saberes especializados. Diferentemente do experimento de pesquisa, a experiência sensível de pesquisa exige envolvimento, pessoalidade, indignação, porque é a partir do fortalecimento desses laços, que novos conhecimentos poderão emergir. Ao nos envolvermos, a exterioridade vira interioridade, as histórias compartilhadas, agora acontecem em nós, penetra nossa consciência ética e reposiciona o nosso lugar no mundo.

5.7 Tornar experiências visíveis e credíveis

A experiência social presente em todo o mundo é muito mais ampla do que a experiência e a compreensão ocidental do mundo, segundo Santos (2002). Para o autor, essa riqueza de experiências sociais tem sido desperdiçada e a ciência moderna é responsável por esconder e desacreditar experiências diversas. A experiência sensível de pesquisa é um caminho que pode tornar visíveis e credíveis as experiências desperdiçadas.

Os relatos mostram que a perspectiva sensível da experiência de pesquisa contribui para reconhecer, legitimar a vida, para além dos contornos e determinações da ciência moderna, conforme excertos seguintes:

De início a gente se preocupa em fazer algo novo, inédito, né? A gente pensa que é assim. Mas não, é uma perspectiva diferente, é um olhar diferente, é uma explicação diferente, né? Eu acho que muito da angústia inicial é essa, né? Não entender, de fato, o que é uma tese. A gente fica meio perdido. Às vezes é só uma questão de você conseguir uma explicação para o que você tá pesquisando (Servó).

A contribuição do trabalho ela é muito mais acadêmica em si do que do campo, porque o campo tá lá e tá funcionando da maneira que eles estão fazendo. Eu só fui lá para reconhecer, identificar aquilo e levar para a academia: “olha, existe isso e dá certo”. Então, eu acho que a contribuição foi muito mais para a academia, no sentido de legitimar práticas já existentes, do que o contrário (Tobias).

A pesquisa científica ajuda a refletir sobre cenários e possibilidades, mas em momento nenhum eu pensei em oferecer respostas diretas ou ferramentas, que muitas vezes é propagado em determinadas áreas. Eu não posso suprir o papel do Estado, do poder público local e muito menos da articulação produtiva que é uma realidade deles. [...]. Em nenhum momento eu pensei em resolver nada para eles e nem oferecer respostas ou ferramentas, que muitas vezes é vendido na área de Administração (Saturnino).

Eu acredito que a pesquisa ela teve esse poder de contribuição, de trazer também a reflexão, de conseguir convidar para conversar, [...], pra ajudar a gente a refletir e a direcionar pra solução de alguns problemas. Ou não só para a solução, mas pra saber que aqueles problemas existem, pra encarar, saber que eles existem e que precisa de ser feito alguma coisa. Na medida do possível, a gente tentou dar um direcionamento (Miuda).

Servó reconhece que o inédito da pesquisa pode ser “uma perspectiva diferente”, “um olhar diferente”, “uma explicação diferente” para o fenômeno estudado. Tobias aponta que a pesquisa contribui para “reconhecer”, “identificar” e “legitimar” no campo científico “práticas já existentes” na sociedade. Para Saturnino, a pesquisa ajuda a “refletir cenários e possibilidades” e não é papel de quem pesquisa “suprir o papel do Estado” e interferir em processos complexos.

Miuda menciona o potencial da pesquisa como um caminho para a reflexão, de “convidar para conversar”, para direcionar soluções para os problemas. Ela reconstrói a sua fala, porque percebe que não se trata de resolver os problemas, mas de evidenciá-los para “saber que eles existem”, evidenciar as dificuldades, os obstáculos, as contrariedades do campo. A pesquisa contribui para abrir um diálogo entre o campo (a sociedade) e o espaço acadêmico (a universidade).

As instituições de pesquisa e as pessoas que pesquisam podem e devem contribuir para pensar juntos, soluções para problemas concretos. Mas a sociedade é composta de sujeitos e contextos não homogêneos e problemas complexos, que não são resolvidos com mera aplicação de ferramentas, impondo uma explicação e uma solução universal, desequilibrando ainda mais os jogos de força.

A ciência e a tecnologia produzem conhecimento produzindo coisas (BONDÍA, 2002) por meio da aplicação de modelos e técnicas. O que as pessoas entrevistadas nos mostram é que a experiência sensível de pesquisa fez emergir conhecimentos e experiências que existem em diferentes lugares e diferentes contextos, trazendo esses conhecimentos para serem reconhecidos e legitimados no campo da ciência.

Percebem que a realidade social é muito mais complexa do que uma única pesquisa é capaz de interferir e transformar, sobretudo, porque essa transformação não pode ser imposta. Revelam que a matéria prima do conhecimento são as realidades e os contextos plurais e que a academia e a ciência, talvez, sejam mais dependentes dos saberes dos sujeitos do campo do que o inverso, “porque o campo tá lá e tá funcionando”, porque é uma “é uma realidade deles”.

É o campo, a diversidade de modos de vida e existência presentes, que ajudam a avançar a ciência, e não o contrário. Quando os sujeitos do campo permitem mostrar a sua realidade e quando quem faz pesquisa se permite conhecer aquela realidade e contá-la no campo da ciência, ela passa a ser uma experiência visível e credível no campo da ciência e da sociedade, ampliando as possibilidades de pensarmos alternativas credíveis para o coletivo.

Belonísia mudou sua expectativa inicial e aponta as possibilidades e limites da contribuição da pesquisa, conforme excerto seguinte:

No início do doutorado eu queria “nossa, tenho que contribuir mesmo”, mas as nossas contribuições como pesquisador são muito paliativas. Então, o quanto a gente puder sustentar essa voz. [...]. Não é dar voz, não é nada disso, porque essas pessoas já têm voz, mas o quanto eu puder sustentar essa voz, eu falo, de onde eu estiver. Mas eu entendo também que tem um limite da minha atuação (Belonísia).

Eu acho que o que a gente consegue fazer enquanto pesquisador é dar mais visibilidade ao conflito e àquela realidade social para que as demandas dessas

comunidades sejam ouvidas em outros meios, prefeituras, comitês e para que outras pessoas conheçam essa realidade e tentem apoiar a luta deles de alguma forma (Severo).

Belonísia entende que a contribuição individual da pesquisa é “paliativa” e a atuação de quem pesquisa “tem um limite”, ou seja, cada pesquisa contribui dentro dos limites que cada pesquisa, individualmente, dá conta de contribuir. Diferentemente da proposição de conhecimento universal da ciência moderna, de generalização e de modelos, o conhecimento da experiência é local (SANTOS, 2001). O conhecimento sobre aquele contexto avança, à medida que ela evidencia aquelas experiências, dentro do recorte de sua pesquisa, tornando-as experiências credíveis, transformando-as em pensamento total ilustrado (SANTOS, 2001).

O que Belonísia consegue é “sustentar essa voz”, a voz das pessoas que ela entrevistou, suas histórias sobre as injustiças que sofrem e as lutas que travam para superá-las. Na mesma linha, Severo aponta que a pesquisa contribui para “dar mais visibilidade” àquela realidade social, aquele contexto em conflito. As pessoas entrevistadas apresentam a contribuição da pesquisa para ajudar a sustentar e reverberar as vozes dos sujeitos, em contextos marcados por conflitos, para que essas vozes ressoem por outros meios e em outros lugares, “prefeituras”, “comitês”, “onde estiver”, para que suas lutas e demandas possam ser apoiadas em outras instâncias, ganhando mais força.

Crispina aponta duas perspectivas importantes, dentro e fora da academia, conforme excerto seguinte:

Eu acho que as minhas pesquisas foram legais porque a Administração nunca tinha discutido isso; nos Estudos Organizacionais a gente não tinha nenhuma pesquisa que envolvesse [o tema]. Então, de certa forma, eu acho que abriu espaços. Depois que eu comecei a pesquisar, outros pesquisadores começaram a discutir isso também. Então, eu penso que isso serve para mostrar um pouco mais a realidade [dessas mulheres] e mesmo para desmistificar muita coisa que a sociedade pensa (Crispina).

O ineditismo de sua pesquisa dentro do campo da Administração e/ou dos Estudos Organizacionais “abriu espaços” para que outras pesquisas passassem a discutir o tema. Ou seja, os sujeitos e/ou o contexto que já eram investigados por outras áreas do conhecimento passam a ser pesquisados por esse campo, trazendo novos olhares e novas reflexões e despertando o interesse em outras pessoas que pesquisam nesse campo. Além disso, Crispina fala sobre a importância da pesquisa para “desmistificar” perspectivas consolidadas na sociedade e apresentar um outro olhar sobre aquela realidade.

A partir dos relatos, uma das contribuições da pesquisa científica é identificar, reconhecer, mostrar realidades sociais diversas, com perspectivas diferentes. Ao apresentar

realidades distintas, sob olhares distintos, a ciência contribui para refletir cenários e abrir espaços de discussão, tanto no campo acadêmico, na Administração, nos Estudos Organizacionais, ou ainda nos contextos locais, nas prefeituras, nos comitês. A discussão, o debate e a reflexão ganham corpo no conjunto da sociedade, para que esta apresente possibilidades e soluções alternativas. Compreender e difundir experiências suprimidas tornam essas experiências visíveis e credíveis, ampliando a experiência social do mundo (SANTOS, 2002).

Há um movimento circular, por parte de algumas pessoas que pesquisam, que se preocupa em compartilhar com os sujeitos pesquisados as experiências que eles narraram. A contribuição da pesquisa não se restringe à devolução na forma de publicação das teses e dos artigos, mas como uma contrapartida pelo tempo e pelo conhecimento compartilhado, conforme excertos seguintes:

Todo mundo que me pediu para fazer palestra, eu fiz. [...]. É essa função que eu me vejo, [...], ajudar outras pessoas usando as entrevistas delas, usando os relatos delas, trazendo algumas informações, as experiências delas, para outras pessoas, para mostrar, “olha, isso acontece com outros”, e [...] se é uma pessoa que tá passando por isso, [...] [mostrar] o que ela pode fazer para se defender, quem ela pode procurar para acabar com essa violência. [...]. Eu também pensava em mostrar pra elas [as entrevistadas]: “eu sei que o que vocês passaram nunca vai mudar na vida de vocês, [...], mas que vocês possam transformar esse sofrimento em ajuda também”. Então, a ideia foi mais ou menos essa, sabe (Domingas).

Eu me propus a fazer uma cartilha sobre os envolvidos no conflito e divulgar essa cartilha como uma devolutiva para as pessoas que eu entrevistei. [...]. Eu também fiz uma parceria com um núcleo do Ministério Público para dar mais visibilidade [a esses] conflitos [no estado] (Severo).

Domingas não pode mudar a realidade de violência sofrida pelas mulheres que ela entrevistou. Contar essas histórias, por meio das palestras, tornou visíveis e credíveis histórias apagadas e desacreditadas, e pode contribuir para desnaturalizar situações de violência. Para as entrevistadas, pode ser um caminho de ressignificar suas dores pela possibilidade de suas histórias poderem evitar novas violências ou encorajar denúncias.

Severo produziu uma cartilha para que os envolvidos no conflito pudessem conhecer a sua história sob um novo olhar. Evidencia, para os sujeitos da pesquisa, outros elementos da sua própria experiência, que não é objetiva e objetivada, mas historicizada e contextualizada, porque também os sujeitos do campo podem e devem aprender sobre/com suas próprias experiências. A cartilha sobre os conflitos desenvolvida para o Ministério Público contribui para ampliar o debate na sociedade. Ambas revelam o compromisso assumido, ao ouvir suas histórias, o respeito com esses saberes e a responsabilidade ética com essas vidas.

Revelar experiências apagadas e traduzi-las é um caminho para “dar sentido ao mundo, depois de ele ter perdido o sentido”, para continuarmos acreditando que um mundo melhor é possível, a partir do presente, ainda que não tenhamos nenhuma garantia de que ele será melhor e como será (SANTOS, 2002, p. 273).

Salustiana e Bibiana conseguiram reunir os sujeitos da pesquisa de campo e fazer a devolutiva das suas histórias, conforme relatos seguintes:

Quando eu levei eles para um café da manhã, o retorno da dignidade, sabe? Não que eu tivesse o poder de devolver a dignidade, mas o resgate pessoal de cada um, que se vestiu com a sua melhor roupa, que entrou naquela van com a logo da [instituição], aquela emoção, aquilo tudo que aconteceu. Eu acho que foram as implicações que eu pude presenciar (Salustiana).

Quando eu fiz uma devolutiva baseada nas fotos, sem os textos, então eles se olharem, verem fotos daqueles que eram da mesma comunidade, que foram para outros lugares e ouvir um pouco de outros, naquele momento em que eles já não se encontravam mais. Acho que o impacto foi esse (Bibiana).

As histórias de vida, recontadas sob uma nova lente, evidenciam algo novo para os próprios sujeitos das histórias: um novo olhar sobre si. As pesquisadoras relatam o impacto da devolutiva, da “emoção” (Salustiana) ao olharem para suas próprias histórias, “se olharem” (Bibiana), “ouvir um pouco de outros”. Ao olharem para as suas histórias, há o “resgate pessoal” (Salustiana), a recuperação da autoestima, a valorização de suas experiências de vida, reforçando a noção de sujeito, que tem um saber sobre o mundo.

A devolutiva proporciona o gesto de interrupção e a oportunidade desses sujeitos olharem para as suas experiências, apagadas pelas violências e pela sociedade acelerada, que nos impede de nos demorarmos nos detalhes de nossa própria vida.

Mas as devolutivas não são as únicas oportunidades de olharem para suas histórias. Se na interação com os sujeitos do campo, a pessoa que pesquisa percebe a si, se conhece, também os sujeitos pesquisados se olham, ao perceberem o interesse pela sua experiência, conforme indicam os excertos seguintes:

Eu acho que foi importante para elas poder falar sobre isso, ver que eu tinha interesse sobre isso, que uma universidade, que é algo tão distante delas, está atenta para essas questões e eu acho que isso, de certa forma, foi gratificante para elas também. Foi um momento de poder falar, às vezes, coisas que elas nunca tinham parado para pensar sobre (Crispina).

Eu comecei pelas pessoas que são extremamente importantes para aquele [evento] e aquela comunidade, mas elas estão um pouco à margem. [...]. Quem vai para a televisão falar é o diretor, [...], não é a coordenadora do grupo das [longevas]. Mas a comunidade toda reconhece ela como muito importante. [...]. A comunidade vê, mas externamente não. Ninguém conversa com ela. Tanto que ela ficou toda tímida. Eu fui na casa dela, eu disse: “a gente vai só

conversar”. E aí ela começou, depois ela já estava conversando [...]. E aí você vê que pra ela foi importante aquele momento, aquela conversa (Donana).

Eu vi o prazer deles em falar daquilo dali, expor aquilo ali e entender que aquilo ali que eles faziam, que era tão simples, poderia gerar uma pesquisa. Eles não entendiam a dimensão, mas eu percebia que eles entendiam, que eles se sentiam muito valorizados, “nossa, como é importante isso aqui que eu faço”. [...]. Então, eu acho que gerou um certo grau de importância para eles (Saturnino).

Os relatos mostram que a interação com quem pesquisa provoca uma mudança de olhar dos sujeitos pesquisados sobre eles mesmos – sobre sua história e sua vida, a partir do interesse do olhar do outro (pessoa que pesquisa ou universidade). O momento da pesquisa de campo é revelador para os sujeitos do campo, de legitimação de seus conhecimentos e de suas existências.

Revela um sujeito pesquisado não definido, não pronto, não acabado, não objetificado, aberto para ser compreendido na sua totalidade, na sua subjetividade, que tem história, memória e capacidade para ressignificar sua história, fazê-la diferente, olhá-la diferente, contá-la diferente. Revela um sujeito que não é apreendido, mas que aprende, sobre o outro e sobre si, e que também ensina, a partir de seus fazeres, de suas práticas, de seus modos, de seus saberes, de sua história.

Para tornar visíveis e credíveis as múltiplas experiências existentes no mundo, é importante que universidade e pessoas que pesquisam se dispam da arrogância do conhecimento superior que a ciência produziu. O objetivo da ciência é a geração de conhecimento e qualquer benefício que ela ofereça para a sociedade não é indulgência, mas compromisso com aquelas e aqueles que alimentam a ciência. Quanto mais diversos e abrangentes forem os olhares e as diferentes perspectivas sobre os contextos, maiores serão as possibilidades para que o próprio campo resolva seus próprios problemas.

As implicações das experiências de pesquisa não se encerram com a finalização das teses, mas se estendem na sociedade, que retroalimenta o debate e amplia a possibilidade de mudanças das práticas, na realidade. Além disso, a experiência é sempre uma exterioridade que repercute em nós, dentro de nós, em nossas ideias, representações, vontades (BONDÍA, 2006b) e reconfigura nossa forma de ser e estar no mundo, enquanto pesquisadoras e pesquisadores e enquanto sujeitos, a partir daquela experiência.

5.8 Dar sentido a quem somos e ao que nos acontece

Ao vivermos nossa experiência de pesquisa, não somos mais o que éramos, não estamos mais onde estávamos. Sempre aprendemos algo de nossas experiências, porque aquilo que aconteceu conosco determina, de alguma forma, nossa maneira de viver (BONDÍA, 2002; 2006b). O saber da experiência não é o saber da técnica, mas é o saber do sentido ou do sem-sentido do que nos acontece e nos transforma (BONDÍA, 2002). A experiência sensível de pesquisa demanda que algo seja transformado em nós (BONDÍA, 2002; JAY, 2009), enquanto pesquisadoras e pesquisadores, cidadãos, seres humanos.

O doutorado é um processo ao qual se submetem quem deseja se aprimorar no campo da pesquisa, quase sempre visando à carreira acadêmica e universitária (ECO, 1997; ANPG, 2019). Entretanto, para além da formação e aperfeiçoamento em pesquisa, a experiência sensível provocou transformações na maneira de olhar, conforme excertos seguintes:

Eu entendia uma lente em relação ao tema e eu tinha uma posição mais inflexível em relação a isso. [...]. E eu fui para uma outra lente, um outro olhar epistemológico a respeito do tema. [...]. Eu [consegui] perceber uma outra realidade a respeito do fenômeno, que eu ia só criticar. Eu queria só desconstruir e [o orientador] me abriu essas portas, [mostrou] que aquele fenômeno tem outras manifestações. [...]. E isso foi positivo, porque me levou a essa possibilidade de fazer uma leitura mais interpretativa da realidade, não apenas crítica e desconstrutiva. Isso foi muito bom! (Tobias).

Modificou muito essa minha forma de interpretar as coisas mesmo. Eu acho que eu tinha algumas coisas de teorias, até de graduação, muito certas, “então você faz assim, que vai chegar ali, que vai dar esse resultado”. E aí, a minha vivência em outros lugares me fez ver que não. Tem várias formas de chegar naquele lugar. Uma pode funcionar melhor em um determinado momento, outra não (Donana).

Ajudou [...] a acreditar em mim como pesquisadora, me ajudou a desenvolver melhor as competências de pesquisadora, de também conseguir enxergar para além do que eu propus, para ver além do campo (Miuda).

Eu abri mão da Administração Pública e fui para a área de Estudos Organizacionais e foi a melhor coisa que eu fiz, porque eu liguei uma área do meu cérebro que até então não tinha sido inaugurada (Saturnino).

Academicamente, me gerou um avanço, de oxigenar minha mente para muitas coisas que eu não tinha percepção (Zeca).

Se o doutorado é um processo que nos forma, é preciso aprender algo. Haroche (2008) aponta que aprender é ser capaz de aprender o que ainda não se sabe. A ciência moderna legou-nos um conhecimento funcional do mundo (SANTOS, 2001) e limitou nossas formas de aprendizado sobre ele, porque a aplicação do método só nos mostra as regularidades e a cara

legível do mundo (BONDÍA, 2002). Mas algumas experiências sensíveis de pesquisa conseguiram apresentar formas diferentes de ver o mundo.

Tobias e Miuda conseguiram ter outro olhar para os problemas que eles estavam pesquisando, diferente da visão que eles tinham, quando começaram suas pesquisas, conseguindo “enxergar para além” (Miuda) e “perceber [...] outras manifestações” (Tobias). Donana menciona que “modificou [...] [a] forma de interpretar as coisas”, não restritas à mudança de olhar sobre a sua visão inicial da sua pesquisa, mas as coisas do mundo e as “várias formas de chegar naquele lugar”. Zeca e Saturnino mencionam a importância que a experiência de doutorado teve para “oxigenar a mente” (Zeca) e “inaugurar uma área do cérebro” (Saturnino).

A experiência sensível de pesquisa possibilitou um aprendizado que provocou uma mudança de olhar e de pensar. As diferentes formas de olhar e de pensar não instalam uma nova forma fixa de perceber o mundo e a vida, mas revelam a possibilidade de interpretá-los de múltiplas formas, ampliando o âmbito de compreensão sobre nós e sobre o que nos acontece. A experiência sensível não ensinou somente um conhecimento especializado ou um caminho de validação de conhecimentos estabelecidos, mas mostrou que a realidade social é muito mais rica em explicações do que uma única forma de pensar é capaz de compreender, revelando a imprevisibilidade do mundo.

A experiência sensível de pesquisa foi uma passagem que permitiu sair de uma posição inflexível para perceber outra interpretação, ver além do estabelecido, da validação, de perceber várias formas de se chegar naquele lugar, ou chegar em outros lugares, de inaugurar áreas do cérebro, arejar o pensamento, para ver o que ainda não viam, pensar o que ainda não pensavam, perceber o que ainda não percebiam.

O conhecimento funcional alcançou lugares extraordinários, mas incompletos, porque prezou mais pelo controle do que pelo sentido. Precisamos aprender novas formas de conhecer, que nos una intimamente ao que estudamos e pesquisamos, para construir uma ciência de compreensão do mundo que, mais do que controlado, precisa ser contemplado (SANTOS, 2001), contemplando, inclusive, a beleza da nossa experiência e do nosso aprendizado, que nos apresenta outros mundos.

Algumas pessoas entrevistadas revelaram outros sentidos para a experiência de doutorado, não como processo finalista, nem reduzido aos resultados da tese, conforme excertos:

Eu acho que o doutorado, pra mim, ele tem dois caminhos muito claros. Ou você faz o feijão com arroz, desenvolve sua tese, publica e acabou. Seja feliz!

Ou você evolui profissionalmente, que não necessariamente é uma tese mirabolante não. Tese ela é um conjunto de fatores. [...]. A tese ela não para nos quatro anos, ela não para, ela continua. Ela pode levar 10,15 anos, porque você vai se aprofundar a partir do momento que você iniciou. Ela é só a ponta do *iceberg* (Carmelita).

O grande trabalho da tua vida não tá na tese. De repente, tá depois da tese (Servó).

Se eu pudesse eu tinha colocado lá “o doutorado jamais seria uma tese”. O doutorado é o processo, o doutorado não é uma tese. Ela é apenas o produto ali, que é o de menos. [...]. O doutorado nem de longe é uma tese. É um processo. E não ache que você vai revolucionar o mundo. [...]. Porque é muito mais interno, é muito mais você, do que o mundo (Donana).

Foram apontados alguns elementos para dizer o que a experiência de doutorado não é: ela não é um caminho de chegada, “não para nos quatro anos” (Carmelita); não é a tese, “uma tese [...] é apenas o produto, que é o de menos” (Donana), não é um feito extraordinário, “o trabalho da tua vida” (Servó), “não [...] é uma tese mirabolante” (Carmelita), “não [...] vai revolucionar o mundo” (Donana).

O doutorado sob a perspectiva da experiência sensível supera os moldes da ciência moderna, pois não se sustenta na causalidade, no sentido de fazer o doutorado (causa) e concluir uma tese (efeito), sendo a tese como o produto do êxito (SANTOS, 2001). A tese pode ser o resultado do doutorado, mas a experiência sensível de doutorado é mais do que uma tese.

O doutorado como experiência sensível é um caminho de abertura, “a ponta do *iceberg*” (Carmelita); de passagem, de travessia, “o doutorado é o processo” (Donana); de outra temporalidade, “a tese continua” (Carmelita), “depois da tese” (Servó); de subjetividade e reflexividade, “é muito mais interno, é muito mais você” (Donana); e de transformações, “você evolui profissionalmente” (Carmelita).

A experiência sensível de doutorado não se reduz à tese, porque o conhecimento que adquirimos não é estanque e incomunicável (SANTOS, 2001). Não se separa o conhecimento do conhecedor, então, o saber dessa experiência estará conosco, “depois da tese”. A finalização do doutorado e da tese não é a chegada, a conclusão, o resultado do caminho seguro que encontrou a verdade das coisas (BONDÍA, 2002). Ela é “a ponta do *iceberg*”, o início de uma jornada, a abertura para novas descobertas e atribuição de sentidos sobre o nosso trabalho, o nosso conhecimento, a nossa pesquisa, a nossa vida, porque “ela continua”.

E se a experiência sensível transcende o limite temporal do doutorado, “não para nos quatro anos”, ela nos leva a pensar em uma outra temporalidade. Nossa experiência sensível de doutorado não se iniciou no doutorado, porque trouxemos conosco nossas experiências anteriores. E não se encerra com o doutorado, porque o saber continua em nós, o que nos dá a

ideia de continuidade, que não é o movimento contínuo incessante, mas uma outra relação com o tempo, de inscrevermo-nos no tempo, para além do imediato, para que possamos estabelecer comprometimento e continuidade dos vínculos (HAROCHE, 2008).

A experiência sensível de pesquisa de doutorado não é a tese ou o título – o produto –, mas “o processo”. Mas ela não é o processo linear, a sequência de procedimentos previsíveis para se alcançar o objetivo predefinido. É uma passagem, uma travessia (BONDÍA, 2006a) que passa dentro de nós, porque “é muito mais interno” e que, ainda que consigamos narrar parcialmente essa experiência, jamais seremos capazes de contá-la na sua totalidade, porque ela está sempre em estado de passagem.

Ainda que ela não seja “revolucionária”, “mirabolante”, “o trabalho da vida”, ela é uma experiência transformadora. E talvez, justamente por não ser mirabolante, é transformadora, pois passa pela nossa subjetividade, exige a nossa reflexividade, encoraja a dúvida, permite o risco do erro, instiga a humildade de reconhecermos nossos limites (HAROCHE, 2008) e nos ajuda a “evolui[r] profissionalmente”, não restrito ao profissional, porque somos profissionais seres humanos. O doutorado e a pesquisa da tese são o começo de uma trajetória de pesquisa que poderá apresentar, em longo prazo, outros aprendizados.

A intensidade da experiência de doutorado levou algumas pessoas a repensar o equilíbrio entre trabalho, carreira e o ritmo da vida, conforme excertos seguintes:

Acho que para a minha carreira, eu comecei a [ter] uma visão diferente do que eu dava antes. Antes, eu queria fazer tudo, agora, ao mesmo tempo. Eu queria fazer pesquisa, eu queria fazer extensão, eu queria dar aula, eu queria ter muitos orientandos, sabe. E depois do doutorado, eu pisei no freio, eu falei: “pera aí, vamos com calma, vamos tentar fazer as coisas melhor e num tempo coerente com o que eu tenho”. Então, eu acho que isso veio para a minha vida também. Eu tô desacelerando um pouco mais, para tentar viver mais os momentos que eu tenho (Crispiana).

Hoje eu tento estar uma vez por mês com a minha família, [...], de dar essa valorização, sabe, porque as coisas passam e elas passam rápido e as pessoas se vão e eu dizia “eu tenho que valorizar esses pequenos momentos, estar com essas pessoas, que são importantes pra mim e redimensionar o meu tempo”. Porque eu era muito focada em trabalho, no doutorado. E aí, no pós, foi assim, de como eu vou diminuir as coisas (Donana).

Na condição da sociedade contemporânea, onde tudo se passa depressa demais, reduzindo as experiências aos acontecimentos superficiais e voláteis, não estamos isentos de traçar nossas carreiras e nossas vidas nesse frenesi. Crispiana queria “fazer tudo, agora, ao mesmo tempo” e Donana era “focada em trabalho”. Entretanto, o doutorado é um acontecimento tão intenso e expressivo em nossas vidas, que nos faz dar novos sentidos àquelas relações que tivemos que abrir mão, durante esse período.

Ambas passaram a se relacionar de forma diferente com o tempo, pisando no freio (Crispiana), diminuindo as coisas (Donana), redimensionando o tempo (Donana) e desacelerando (Crispiana), para viver mais os momentos (Crispiana) e estar com as pessoas que são importantes (Donana).

A experiência sensível de pesquisa de doutorado trouxe novos sentidos para Bibiana e Belonísia, no sentido de olharem para as suas maneiras de ser e de viver e de quererem fazer, sentir, se relacionar, de outras formas, conforme excertos seguintes:

[...] Como me tocava e me fazia voltar diferente para casa a relação que presenciava entre pais e filhos. [...]. [Eu] via muita força naquelas relações, [...] e ao voltar para os meus, eu sentia mais desejo de reconfigurar/reafirmar parte de minha relação com [...] meus pais. [...]. As relações familiares, de compadrio, de vizinhança [da comunidade pesquisada] eram fortes. Eu achava sólido, eu achava importante como estratégia de vida mesmo. Eu voltava pra casa querendo levar um pouco desse aprendizado para as minhas relações (Bibiana).

As pessoas perderam memórias [...] e esses relatos me tocavam muito. [...]. Eu era uma pessoa que, embora eu soubesse que eu era empática, eu não sabia lidar com as emoções. Travava, a questão do choro, eu sempre travei muito. E o meu campo me ajudou muito nisso. Me falaram “a gente tem emoção com as coisas”, “a gente tem relação com os artefatos culturais”. Então, às vezes, a gente ser apegado com a nossa santinha, não tem problema, sabe. Tem pessoas que vão perder essa santinha (Belonísia).

Tanto Bibiana quanto Belonísia mencionaram a mudança nas relações, “relação com [...] meus pais”, “relação com artefatos culturais” (Belonísia), ou seja, ambas atribuíram novos sentidos para as suas relações. Diferentemente dos princípios da ciência moderna, na qual quem pesquisa é que conforma o mundo, as pesquisadoras foram conformadas/transformadas, porque a pesquisa de campo “me fazia voltar diferente (Bibiana); “o campo me ajudou muito” (Belonísia).

Bibiana menciona as “relações [...] fortes, [...] sólid[as], [...], importantes como estratégia de vida” e o seu desejo de “levar [...] esse aprendizado para as [suas] relações”. O sentido que Bibiana atribuiu à sua pesquisa de campo extrapola o aprendizado da tese e se estende para a sua vida, de ter conhecido outras formas de vida e de relações e de querer trazê-las para a sua vida, de fortalecer os seus vínculos mais fortes com sua família, de construir uma vida para além de uma relação consigo mesma, ou de relações instrumentalizadas, utilitaristas, mas uma estratégia de vida, vinculada, interdependente.

Belonísia se refere ao estabelecimento de vínculos, que vou separá-los em dois pontos. Primeiro, sobre perdas, emoções e poder sentir. A pesquisadora estudou um contexto de perdas e as pessoas lhe ensinaram que ela podia se apegar e podia sentir, chorar, se emocionar, com

suas perdas, ainda que se perdesse “coisas”. E, aqui, o segundo ponto, sobre coisas, apego, perdas, emoções. O conhecimento da ciência moderna é, basicamente, mercadoria, neutra, útil em seu sentido instrumental (BONDÍA, 2002). Para a ciência moderna, as coisas existem para serem consumidas, sem memória, sem vínculo com as pessoas, sem história, sem emoção.

A experiência sensível de pesquisa de Belonísia deu novos sentidos à sua relação com as coisas, porque as pessoas que “perderam memórias”, não perderam coisas, mas perderam suas histórias, perderam sua cultura e essa perda dá a elas o direito de sentir, de chorar por essa perda, de ter emoção com essa perda, porque se perdeu parte de suas vidas. Ela aprendeu que não há problema em se apegar às coisas, “a nossa santinha”, quando se trata de um objeto da nossa história, des-objetificado, assim como um carvalho, para uma aldeia, não é um carvalho qualquer, mas está conectado à uma história (FOUREZ, 1995). Belonísia aprendeu que é possível ter afetos com as coisas, porque essas “coisas” têm histórias que compõem a história de cada um.

Estar em interação com formas diversas de ser e estar no mundo abre outras possibilidades de sermos e estarmos no mundo, re-situando nossa perspectiva ética e nosso lugar político (ROMERO, 2008), imaginando outros mundos possíveis (SANTOS, 2002). Todo conhecimento é autoconhecimento (SANTOS, 2001) e algumas pessoas mencionaram mudanças nas suas visões de si no mundo, como uma oportunidade de entender melhor o mundo em que se vive, se redescobrimo, a partir de suas experiências de pesquisa, conforme excertos seguintes:

O doutorado é uma forma de libertação, porque quando você conhece mais, você entende melhor o mundo que você vive. [...]. Ao mesmo tempo, me gerou muita angústia e ainda me gera. Porque ao mesmo tempo que eu percebo, por um lado, essas coisas, por outro, elas me mostram um mundo muito cruel, muito difícil, muito desigual. [...]. Você começa a saber muito, você começa a sofrer mais, sabe. [...]. Mas eu prefiro que seja assim, do que não saber de nada e ser conduzido por um monte de coisa, sem saber bem que eu tô sendo conduzido (Sutério).

Eu acho que eu fiquei mais feminista. [...]. Quando eu comecei a fazer a tese, eu falei com o [orientador], “a tese é com mulheres, mas [...] eu não vou entrar no mérito da questão feminista. Eu não quero”. [...]. Mas eu aprendi com a tese que não se fala sobre [o meu tema] contra mulheres, sem falar do feminismo. [...]. Então, teve muita mudança pra mim também, principalmente de olhar. Você fica com o olhar mais apurado. [...]. Então, acho que eu aprendi acho que essa coisa da sororidade, de mais atenção, até de mais carinho com as mulheres. Isso aumentou muito (Domingas).

Eu reconheço que as minhas dificuldades perto das dificuldades de outras pessoas são tão insignificantes. [...]. Foi um choque muito grande entrevistar ribeirinhos, entrevistar ativistas que vivem o conflito. [...]. Eu não passei por esse conflito. [...]. Então, entender que algumas pessoas vivem esse conflito,

que populações economicamente mais vulneráveis são as mais afetadas, me fez reconhecer os meus privilégios e me fez querer ajudar essas pessoas de alguma forma (Severo).

Primeiro foi o respeito às diferenças. Eu tinha comigo preconceitos que eu nem sabia que eu tinha, que estavam enraizados na minha criação. [...]. Então essa questão de respeito religioso, respeito às diferenças, respeito ao imigrante, entender a história dessas pessoas (Zeca).

Os relatos apresentaram elementos que mostram a capacidade de nos apropriarmos de nossa própria vida (BONDÍA, 2002, 2006a), ao sentirmos a dor do outro, estabelecendo vínculos, com os outros e conosco, dificultando a instrumentalização de ambos (HAROCHE, 2008).

Sutério compara a sua experiência a uma “forma de libertação”, pois o conhecimento permite “entende[r] melhor o mundo que você vive”, permite conduzir-se ao invés de “ser conduzido”. Entretanto, esse conhecimento também trouxe “angústia” e sofrimento, porque mostrou “um mundo muito cruel, [...], muito desigual”.

Donana ficou “mais feminista”, com um “olhar mais apurado”, mais “sororidade, [...] mais atenção, [...] mais carinho com as mulheres”. Na mesma linha, a relação de Severo com os sujeitos da sua pesquisa, pessoas em situação de conflito, provocou nele uma perturbação, um “choque”, que o fez “reconhecer [seus] privilégios” e querer “ajudar [aquelas] pessoas de alguma forma”. Zeca percebeu seus “preconceitos [...] enraizados” e aprendeu “o respeito às diferenças”, a “entender a história [das] pessoas”. Todos os relatos revelam a formação de um olhar de apoio, de afeto, de empatia pelas dores, pelas lutas, pelas histórias.

Perceber-se privilegiado, preconceituoso e se transformar, aprendendo a respeitar, querendo ajudar, a dar mais atenção, é um jeito de tomarmos nossa vida e termos mais autonomia sobre ela, uma autonomia na relação, que permite nos engajarmos, nos vincularmos para além do instantâneo (HAROCHE, 2008), do momento da pesquisa, mas um engajamento que se estende para outras esferas da vida.

As pesquisadoras e pesquisadores revelaram o potencial transformador do conhecimento, que nos dá sentido e nos reposiciona no mundo, evidenciando o conhecimento de um sujeito que não se esquia, mas que ensina uma maneira de expressar sentimentos em relação aos outros e a si, não narcísicas, que reforça os laços e a nossa aptidão para sentir (HAROCHE, 2008), evitando as relações efêmeras e a instrumentalização dessas relações.

Os relatos evidenciaram um conhecimento que traz sofrimento. O conhecimento da experiência sensível é um conhecimento doloroso, porque nos abre para sentir a dor do mundo, a dor do outro. O sujeito da experiência é uma superfície sensível, que se afeta de algum modo (BONDÍA, 2002). Sutério não se angustia porque foi informado que o mundo é desigual, porque

ele é desigual há muito tempo e muitos não se importam, não se angustiam. Da mesma forma que Severo não ficou em choque porque foi informado que pessoas vivem em conflitos, porque muitas pessoas vivem em conflitos há séculos e muitos não se importam.

Eles se angustiam, se chocam e sofrem porque sentem a injustiça, percebem a crueldade, porque o conhecimento da experiência deixa marcas, que possibilitam que eles olhem para esse mundo também com o olhar da dor. Haroche (2008) aponta que, para que haja dor, é preciso um sujeito capaz de sentir, sensível, capaz de sofrer o sofrimento do outro. A angústia, o sofrimento, a perturbação e o desejo de serem diferentes, de respeitarem, de cuidarem, de ajudarem, de darem mais carinho, de compreenderem as histórias de vida, evidenciam um sujeito capaz de sentir, e revelam a sua humanidade. Sentir a dor do mundo amplia o nosso olhar para a compreensão da realidade e sobre a nossa forma de estar em sociedade.

A experiência sensível de pesquisa é uma postura e uma prática política incorporada, que oportuniza aprendermos outras estratégias de vida, de valores, de formas de nos relacionarmos com o mundo material e o mundo simbólico, diferentes da lógica dominante que está imbricada no nosso cotidiano. Ela enseja rever nossas posições e redirecionar olhares enviesados.

Precisamos recuperar a relação entre ciência e virtude, assumir o valor do conhecimento que criamos para dar sentido à vida, que nos ensina a saber viver (SANTOS, 2001), do conhecimento que alimenta, guia e ilumina a existência das pessoas (BONDÍA, 2002). Um mundo melhor talvez seja possível, se caminharmos em busca de uma racionalidade mais plural e para um futuro onde “o conhecimento volte a ser uma aventura encantada” (SANTOS, 2001, p. 36).

As pessoas entrevistadas revelaram indícios de uma possível aventura encantada, a partir de suas experiências de doutorado, que permitiram atribuir novos sentidos às suas pesquisas, às suas visões de mundo, às suas relações pessoais, à sua relação com as pessoas e suas histórias, à percepção sobre si, que agora, posiciona-os no mundo de formas vinculadas, sensíveis, humanas.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho foi compreender os processos de pesquisa de doutorandos dos Estudos Organizacionais, da perspectiva da experiência sensível de pesquisa, e como tal perspectiva afeta escolhas, decisões, histórias e a construção de conhecimento. Os apagamentos e supressões resultantes da racionalidade moderna afetam as pessoas que pesquisam, reduzindo-as a um meio para produzir resultados.

Sob a noção de experiência sensível fundamentada em uma razão decolonial, sensível e relacional, e por meio da análise de narrativas, foi possível resgatar histórias sobre as experiências de quem pesquisa, identificar elementos que revelam a condição sensível das experiências de pesquisa e perceber as implicações dessa experiência, nos diversos âmbitos de suas vidas (pessoais, sociais, profissionais).

A ideia central de nossa tese defendeu que as narrativas sobre as experiências de pesquisa de doutorado de pesquisadoras e pesquisadores dos Estudos Organizacionais revelam subjetividades e sensibilidades (trans)formadoras, que emergem das/nas múltiplas relações que são construídas nesse processo, contribuindo para a construção de conhecimento descolonizado e para o reconhecimento da condição humana do sujeito que pesquisa.

Quando falamos de descolonizar a pesquisa e a produção de conhecimento, estamos falando de uma perspectiva política de desconstrução das relações de poder. A maior parte das pesquisas que se definem como neutras são pesquisas que caminham no sentido de sustentação de poder das relações colocadas. A opção decolonial é uma perspectiva ativa, que assume o seu lugar político na luta contra o poder instituído.

O apagamento da dimensão sensível do viver é próprio da colonialidade (do eurocentrismo, do racismo, do patriarcado, etc.). As experiências dos povos colonizados, das mulheres, das pessoas não brancas, etc., estão imbricadas nessa dimensão sensível, mas como uma dimensão subalternizada. A dimensão política da pesquisa se revela quando disputamos esse lugar da sensibilidade, fazendo discussões e enfrentamentos que desloquem esse eixo, re-situando a sensibilidade.

Todo conhecimento é sensível, mas nem todo conhecimento sensível é decolonial. Trata-se, portanto, de re-situar o lugar da dimensão sensível na produção de conhecimento, para descolonizar o saber, construindo outro tipo de saber. A construção do conhecimento é uma escolha política e assumir a perspectiva sensível e o lugar ético-político da pesquisa é um dos caminhos possíveis para construir saberes descolonizados.

Revelar o sensível-político de nossas investigações não as tornam menos objetivas, mas, ao contrário, visibiliza aquilo que já deveria estar explicitado. Assumo, portanto, esse lugar sensível-ético-político na construção de conhecimento, reconhecendo-o como o lugar onde posso me organizar e me fortalecer nos caminhos da vida, em todas as suas dimensões.

Criticar a neutralidade e o cartesianismo da ciência, portanto, é fundamental, mas não é suficiente. A tensão presente nos relatos das pessoas entrevistadas mostrou que o método científico, na maneira como ele foi idealizado e desenhado (negando a dimensão sensível) gera violência. As tentativas permanentes de enquadramento nesse método, que não existe, provocam invisibilizações, humilhações e sofrimento. Existe, portanto, uma conexão entre método e sofrimento. As experiências nos ajudaram a visibilizar como o sofrimento acontece e como as violências se reproduzem.

Dito isso, apresentarei algumas constatações, que poderão parecer obviedades para o leitor, considerando que muitos já tenham vivido esse processo. No entanto, as narrativas revelaram que, por mais que saibamos o que é uma pesquisa ou o que é um doutorado, as incertezas e os imprevistos estão fortemente presentes.

Nossa primeira constatação é que, ainda que tenhamos reconhecido as dimensões sensíveis dessas experiências, a velocidade com que a vida se passa nesses tempos provoca tantos apagamentos, que o processo de pesquisa de doutorado revelou muitas antiexperiências. O excesso de informação impede as pessoas que pesquisam de se aprofundar nas leituras, se deparando, constantemente, com um texto novo, um autor novo, um livro novo, um artigo novo.

A pressão pela publicação tem invertido a ordem das coisas, priorizando o artigo, antes da pesquisa. Junte-se a isso a necessidade do trabalho, em um tempo cada vez mais curto e acelerado, o que vemos são pessoas que pesquisam, em estado de exaustão, sempre se sentindo culpadas, fracassadas, frustradas, porque nunca dão conta de fazer o que tem que ser feito: uma leitura profunda, uma escrita articulada ou, ainda, um descanso apropriado ao que a natureza humana do corpo nos pede.

Ainda que essa seja uma discussão presente nas áreas que se propõem a criticar esse modelo de sociedade, como é o caso dos Estudos Organizacionais, preocupados com o gerencialismo da ciência e da vida, o campo não está isento da contradição e de reproduzir violências e humilhações com quem pesquisa (doutorandas e doutorandos).

A colonialidade (do poder, do ser, do saber e da natureza) está de tal forma entranhada nas nossas formas de viver, que somos capazes de revelar os apagamentos de saberes, a supressão das diferentes formas de vida, a destruição da natureza, mas submetemos quem

pesquisa a condições semelhantes, silenciando-as, ignorando as outras dimensões de sua vida, negando a sua própria natureza humana.

As narrativas revelaram um ambiente hostil e soberbo, que provoca sentimentos de inadequação, abandono e muita solidão. Essas condições não são particulares do mundo acadêmico, mas decorrente da reprodução do modelo de sociedade capitalista – e seus imperativos mercadológicos e competitivos – que predomina nos espaços de produção de ciência e conhecimento. A hostilidade está presente nas salas de aula, nos congressos, nas orientações e se manifesta na forma de ironia, na pressão pelo produtivismo, na exigência de uma (falsa) intelectualidade, ou ainda na diferenciação pela não-fluência em língua inglesa.

A segunda constatação a pontuar é que o conhecimento da experiência sensível de pesquisa cresce circularmente (e não linearmente, como o conhecimento da ciência moderna) e no presente. Ele modifica nossa forma de estar no mundo, circula em nós e nos acompanha nas outras dimensões de nossas vidas. O conhecimento da experiência transforma nosso olhar para o mundo e nossa posição nele: nos revela nosso lugar de privilégio e de não privilégio, revela nossos preconceitos, evidencia as dores e injustiças do mundo, nossa impotência e desperta um desejo de sermos menos preconceituosos, mais generosos, mais atentos. Ele aviva um ímpeto de fazer desse mundo um lugar um pouco melhor para todas e todos.

A terceira constatação que quero apontar é que parece que, ainda não sabemos fazer pesquisa de forma não positiva e viver as relações de forma não utilitarista. Isso não significa que todas as pesquisas sejam positivas e todas as relações da pesquisa sejam utilitaristas, mas o sentimento de pesquisar e estar usando as pessoas para interesses pessoais é bastante presente. Dessa constatação, gostaria de refletir sobre três aspectos.

Um aspecto é de que a ciência moderna provocou tantas separações – sujeito/objeto, ser-humano/natureza, razão/mundo, teoria/prática, mente/corpo, corpo/espírito, etc. – que talvez já (e ainda) não consigamos estabelecer relações comprometidas, não utilitaristas, vinculadas apenas do ponto de vista do interesse individual e imediato. Talvez não sejamos capazes, porque ciência e comunidade também estão distanciadas, apartadas e só conseguem se relacionar da perspectiva do interesse. Talvez não sejamos capazes, porque estamos despossuímos dos códigos, dos vestígios que nos conectam enquanto coletividade, enquanto sociedade que se constrói nas relações.

Outro aspecto que pode ajudar a compreender o sentimento de que estamos nos relacionando de forma útil, pode estar relacionado à nossa mobilidade incessante, a nossa descontinuidade. No contexto de pesquisa de doutorado, podemos morar em um lugar, estudar

em outro e pesquisar em outro. Quando concluímos o doutorado, podemos não saber para onde vamos, porque, talvez, estejamos trabalhando em outro lugar. Essa movimentação nos impede de continuar as investigações naquele mesmo contexto, com aqueles sujeitos. E, por isso, nos sentimos impostores, interesseiros, utilitaristas, usando as histórias das pessoas, apenas para concluir nosso doutorado.

Por fim, esse sentimento pode estar relacionado com a ideia de conhecimento aplicado e de resultado imediato. Ainda que tenhamos consciência de que nossas pesquisas não sejam aplicadas, ao nos aproximarmos das pessoas e conhecermos suas vidas, criamos um vínculo, estabelecemos um compromisso, ainda que não declarado. Diante de realidades tão desiguais, de situações com tamanha injustiça, nos sentimos incapazes de modificar essas condições e nos sentimos impotentes.

Essa angústia e impotência revela um sujeito limitado, incompleto, incapaz, humano. Perceber nossa incompletude, nossa incapacidade como indivíduo isolado, revela indícios de um sujeito que, ainda que se movimentando incessantemente, desvinculado de lugares, separado de seu corpo/espírito/natureza/mundo, deseja se comprometer. Os códigos dos vínculos que fizeram com que sociedades sobrevivessem, apesar dos massacres, ainda guardam resquícios em nossa memória ancestral e pode ser um caminho para construirmos a nossa humanidade.

Ainda que não consigamos estabelecer compromissos com aqueles que compartilharam suas vidas conosco, inscrevemos o engajamento em nós e estendemos o compromisso nas relações que viermos a construir e nos espaços que viermos a ocupar.

A quarta constatação que quero evidenciar é que, se a experiência sensível de pesquisa nos acompanha em todos os lugares, porque o processo criativo do conhecimento nos toma por inteiro, precisamos nos consentir o descanso e o entretenimento. A contemporaneidade tem reduzido a nossa vida a fazer coisas, incessantemente. Quando estamos pensando na tese, temos a impressão de que não estamos fazendo a tese, “apenas pensando”, como se fosse possível fazê-la sem pensar. E, porque temos que fazer, lidamos com a necessidade biológica do descanso e a necessidade social de nos relacionarmos como se fossem obstáculos.

Diante disso, as amizades que construímos e com as quais convivemos e nos relacionamos não são trivialidades, mas fundamentais para que mantenhamos uma vida social, ainda que minimamente. Às vezes, o apoio que estamos precisando é “apenas” estar junto, podendo viver uma vida para além da tese. Em tempos tão rápidos, parar para viver se tornou uma desobediência necessária.

O doutorado é uma experiência de múltiplas relações, internas ao mundo acadêmico e externas a ele; internas à pesquisa e externas a ela. Mas há um desequilíbrio nessas relações durante esse momento e as relações mais raras são com a família, amigas e amigos de fora do ambiente acadêmico e com a nossa saúde física e espiritual, estas últimas, praticamente inexistentes. Mesmo a relação com os grupos de pesquisa, internas ao universo da pesquisa, não estão tão presentes, e a experiência do doutorado se mostra, realmente, uma experiência muito solitária.

As relações mais intensas fora do universo da academia são com o trabalho e a necessidade de encontrar tempo, fazer render o tempo, achar um tempo, para conciliar trabalho e doutorado. As relações mais presentes são com a orientação, com as leituras e escrita e com o campo.

Relações raras ou intensas, presentes ou inexistentes, entendemos que a construção de conhecimento não deva negar as outras dimensões da vida, exigindo que quem pesquisa se dedique (fisicamente, moralmente, emocionalmente, simbolicamente), exclusivamente, a ela. Se a produção de conhecimento é um processo da vida e na vida, então precisamos reconectar as outras dimensões e assumi-las nesse processo.

A quinta consideração que quero apresentar, e que já mencionei na introdução, é que reconhecemos a existência de muitos atores no pluriverso da pesquisa. As violências também acontecem na forma inversa: orientada/orientado e orientação. O espaço da família também é um lugar de muitos conflitos, que dificilmente serão revelados espontaneamente, considerando o lugar quase sagrado em que a “família” se posiciona na sociedade. Não somente as violências, mas as conquistas e os prazeres que esses atores experienciam no mundo da pesquisa, merecem um olhar de investigação. Restringimos nossa pesquisa aos doutorandos e doutorandas devido às limitações do tempo (entre outras), mas o aprofundamento na análise dessas múltiplas relações pode compor uma agenda de pesquisa.

Reforço, ainda, a importância da análise interseccional – gênero, raça, classe, territorialidade, etc. – como caminho para desvelar as estruturas coloniais. Esses foram caminhos pelos quais não consegui caminhar, mas que deixo indicado como possibilidade para as pesquisas futuras.

A última constatação que quero apontar é que falar sobre a nossa pesquisa e sobre as muitas experiências que vivenciamos durante esse momento da vida nos ajuda a pensar sobre ela e a perceber o sentido e o sem-sentido das coisas que nos acontecem. Mas é preciso um falar na relação, falar e ser ouvido, com atenção. As narrativas mostraram que o apoio afetivo tem

potência para estimular e ajudar a fazer as conexões e a encontrar os sentidos e os caminhos da pesquisa. Nesse sentido, a orientação não fica restrita à figura do orientador ou orientadora, mas se estende a quem esteja disponível a nos ouvir com zelo.

Ainda que o processo de doutorado seja solitário, pelo abandono ou pela característica solitária dos nossos processos de significação, ele pode ser uma experiência profundamente solidária, quando conseguimos construir uma rede de apoio. As narrativas mostraram a necessidade que as pessoas que pesquisam têm de se sentirem apoiadas e compreendidas, dentro ou fora da academia, para minimizar os sentimentos de fraude, de fracasso, de não chegar a lugar nenhum, de não ser capaz.

Não é o acontecimento que nos transforma, mas a experiência. Uma mesma leitura pode ser transformadora para uma pessoa e não ser para outra. Uma mesma pessoa pode viver uma experiência de leitura – leituras que o transpassam – e apenas leitura – que informa sobre alguma coisa, sem afetá-lo. O mesmo vale para a orientação, a pesquisa, o projeto, o campo, a escrita, etc. Não existe experiência sem relação, sem um outro, e não existe experiência universal, mas diversidade de experiências.

A condição sensível da experiência de doutorado pode ser mais intensa na experiência de leitura ou na relação com os sujeitos do campo. Isso nos ajuda a fortalecer o argumento de que a pesquisa não se restringe à pesquisa de campo, e as descobertas e aprendizados não se restringem aos resultados da tese.

A experiência sensível de pesquisa se inicia antes do doutorado, estende-se pelas múltiplas relações que nos transpassam, que nos ensinam e nos transformam e se desdobra depois do doutorado, no sentido e no sem-sentido da nossa vida mesmo, que se vive no próprio caminhar.

Revelar as obviedades desse processo, como experiência e não como acontecimento, pode nos ajudar a pensar em uma ciência, uma pós-graduação, um processo de produção de conhecimento mais harmonizado com as outras dimensões de nossa vida, mais encantador e contemplativo da nossa própria experiência da/na vida.

Encantar-se com a produção de conhecimento e contemplar a beleza do saber não significa romantizar as violências desse processo, mas assumir o encantamento como uma política de vida, que resiste às tentativas constantes de tornar a vida apenas útil, mera mercadoria ou meio de produção. O encantamento como política de vida é também um movimento que resiste às tentativas de transformar a vida em um experimento, de desencantar a vida.

7. CARTA AOS QUE VIEREM DEPOIS DE MIM

Pouso Alegre, 02 de abril de 2022.

Prezada doutoranda/doutorando!

Eu gostaria de compartilhar com você algumas coisas que aprendi com a minha tese, para além das ontologias, epistemologias, teorias e metodologias. Minha tese me ensinou mais coisas que não foram escritas na tese do que as que consegui registrar. Algumas ficarão em mim, porque desconheço palavras suficientes para explicá-las e me reservo no direito de apenas senti-las! Alguns saberes dessa experiência eu gostaria de contar, a quem interessar possa!

Você vai iniciar uma caminhada que se fará no seu caminhar. Eu desconheço as motivações que te fizeram escolher o mundo da pesquisa: paixão pelo conhecimento; necessidade de qualificação para acessar lugares no mundo do trabalho; desejo de ter um título de mestrado ou doutorado. Todas são legítimas! Procure não esquecer os motivos que te trouxeram até aqui e a história que te antecede: a sua história de vida.

Porque você é uma vida e também é preciso que você não se esqueça disso. Antes de ser uma pessoa que pesquisa, você é uma vida, uma pessoa. Muitos irão tentar te convencer de que você deve ser um herói. Herói mesmo, no masculino! Alguém que controla, que domina (o outro e a si), forte, impávido, inatingível.

Tentarão te convencer de que a ciência é lugar de gente que não sente, não sofre, não se afeta! Quanto mais você tentar se adequar a esse “modelo de sucesso” (seu sucesso e o sucesso da sua pesquisa), mais intensa será a sensação de fracasso! Estou aqui para te lembrar de que você é um ser-humano e para ser humano, não existe modelo.

Somos humanos e frágeis! O que nos torna potentes é exatamente a nossa fragilidade, a nossa finitude. Eu te peço que não se deixe ser convencido do contrário. Não assumo esse sujeito frio e anestesiado. Não aprenda e não reproduza a arrogância e a violência tão presentes no espaço acadêmico.

Você terá lutas vencidas e lutas perdidas. Eu perdi algumas! Vi colegas sofrerem humilhações em sala de aula e me calei. Tive medo das consequências de ser reprovada, por discordar dessa situação. Eu me acovardei e perdi essa batalha! Mas a primeira batalha que ganhei foi aprender a fazer diferente. A violência que vi meus colegas sofrerem me ensinou aquilo que não quero ser. E aprendi a ser gentil!

E isso é mais uma coisa que quero te pedir. Seja gentil! Com as outras pessoas e com você! Permita-se ser ajudado e ajudar. Apesar da solidão, sempre haverá alguém para te estender a mão. Aceite ajuda! Ajuda é sempre uma troca: você dá um pouco de si e recebe um pouco do outro. Quando puder, retribua as ajudas que recebeu.

Também vão tentar te dizer que você não pode “não saber”, não pode errar, não pode tentar. O que não vão te dizer (mas eu vou) é que a produção de conhecimento só acontece quando NÃO SABEMOS de algo. Não dá para conhecer o que já conhecemos. Senão, é apenas reprodução, réplica, cópia, Ctrl-C+Ctrl-V.

Esse sentimento de “não saber” e de se sentir incompetente vai te acompanhar por muito tempo. Você lerá muitas coisas e não entenderá nada. Você vai descobrir que algumas palavras que você já conhecia não significam aquilo que você achava que significava. Você vai ler, ler, ler, ler, ler! Você não vai entender, não vai entender, não vai entender!

Você terá a sensação de que o tempo está sempre contra você, porque “o tempo do juízo”, não é o tempo do relógio. Você tentará criar um cronograma: hora de ler, hora de escrever, hora de fazer resenha, hora disso, hora daquilo. E ele não vai funcionar. Você terá momentos em que a vida está toda organizada para que você leia e escreva. E não vai sair nada! Você vai escrever cinco linhas e apagar seis.

Mas depois de tanto ler e depois de tanto não entender, você vai sentir algo extraordinário! Você vai se arrepiar! Nesse momento, enquanto escrevo para você, eu me arrepio e me emociono, só de lembrar! Suas ideias vão começar a fluir e você viverá a inesquecível experiência de aprender!

Você não vai apenas entender, mas você vai aprender, talvez de um jeito que você nunca tenha aprendido. Você vai perceber a beleza das palavras e do conhecimento. Sua vida pode estar um agito só, mas você vai se sentar na frente do computador e vai escrever, escrever, escrever, escrever. Você perceberá todas aquelas ideias, que estavam flutuando em sua cabeça, começarem a se materializar no papel (no Word, na verdade) e ganharem vida fora da sua cabeça caótica.

Esse é o momento em que o conhecimento externo transpassa você e se transforma em outro conhecimento. O conhecimento se transforma, você se transforma, o mundo se transforma. E a experiência do mundo se amplia! Eu peço que você perceba esse momento, sinta esse momento, viva esse momento! Não se esqueça dele, porque ele será um combustível para que você continue a sua caminhada.

Você vai ler coisas e perceber que precisa ler mais coisas. Então vai ler mais coisas e perceber que há muita coisa que você desconhece. De repente, você terá uns 10.572 artigos baixados e umas 40 abas da internet abertas em seu computador. E quanto mais ler e aprender, mais você perceberá que existem coisas que você desconhece. Você perceberá a imensidão do conhecimento e a complexidade da vida.

O físico Marcelo Gleiser falou sobre os limites do conhecimento: quanto mais sabemos, mais sabemos que não sabemos e precisamos aprender a viver com isso. O limite do conhecimento está imbricado com a nossa condição humana e não saber não nos torna menos humanos. Pelo contrário, nos torna mais humanos e menos deuses!

Eu queria lhe falar muitas coisas sobre esse aprender, mas acho que isso é suficiente, pois quero reservar um espaço para falar sobre as outras dimensões da vida, que frequentemente abandonamos durante o nosso mestrado ou doutorado.

É preciso ter muita disciplina, isso é verdade! Mas não anule as outras experiências da sua vida. Deite na grama, tome um café, jogue conversa fora (ou jogue conversa dentro). Essas experiências fazem parte da experiência sensível de pesquisa e todas elas serão oportunidades de aprendermos algo, de ensinarmos algo, de vivermos algo.

Perceba sua experiência de pesquisa sob uma perspectiva de vida. Viva essa experiência, com as alegrias e as dores que ela tem. Sinta essa experiência transpassar você, por inteiro. Sinta o cheiro, o gosto, o som, o tato, a imagem dessa experiência!

Por fim, permita se indignar com o inaceitável e encontre o seu lugar na luta. Não somos capazes de lutar todas as batalhas, mas podemos conseguir tecer o tecido que nos reconecta enquanto humanidade!

Que você tenha saúde, vida longa e muitas histórias para contar!

Atenciosamente,

Samanta Borges Pereira

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABDALLA, Márcio Moutinho; FARIA, Alexandre. Em defesa da opção decolonial em administração/gestão. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 15, n. 4, p. 914-929, out.-dez. 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1679-395155249>. Acesso em: 16 out. 2020.

AGAMBEN, Giorgio. **Infância e história**: destruição da experiência e origem da história. Tradução de Henrique Burigo. Belo Horizonte: UFMG, 2005.

AKTOUF, Omar. Ensino de Administração: por uma pedagogia para a mudança. **Organizações & Sociedade**, v. 12, n. 35, p. 151-159, out.-dez. 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1984-92302005000400009>. Acesso em: 11 out. 2020.

ALCADIPANI, Rafael; CEPellos, Vanessa Martines. Pesquisas sensíveis em Administração e Organizações: práticas e desafios. **Administração: Ensino e Pesquisa**, v. 18, n. 2, p. 421-441, maio-ago. 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.13058/raep.2017.v18n2.680>. Acesso em: 21 jan. 2021.

ALCADIPANI, Rafael. Academia e a Fábrica de Sardinhas. **Organizações & Sociedade**, v. 18, n. 57, p. 345-348, abr.-jun. 2011. Disponível em: <http://www.spell.org.br/documentos/ver/512/ideias-em-debate---academia-e-a-fabrica-de-sardinhas-/i/pt-br>. Acesso em: 24 jan. 2022.

ALBUQUERQUE, Ulysses Paulino de; PONTES, Wendel. Sobre a Terra plana e outros movimentos anticientíficos. **O Globo**. Publicado em 29 de abril de 2019. Disponível em: <https://blogs.oglobo.globo.com/ciencia-matematica/post/sobre-terra-plana-e-outros-movimentos-anticientificos.html>. Acesso em: 16 jan. 2021.

ALPERSTDTEIN, Graziela Dias; ANDION, Carolina. Por uma pesquisa que faça sentido. **RAE**, v. 57, n. 6, p. 626-631, nov.-dez. 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0034-759020170609>. Acesso em: 18 fev. 2021.

ANPG. Associação Nacional de Pós-graduandos. **APG da UnB faz pesquisa sobre adoecimento na pós-graduação**. Publicado em 23 de abril de 2018. Disponível em: <http://www.anpg.org.br/23/04/2018/apg-da-unb-faz-pesquisa-sobre-adoecimento-na-pos-graduacao/>. Acesso em: 20 abr. 2021.

ANPG. Associação Nacional de Pós-graduandos. **Doutorado: entenda como funciona essa pós-graduação**. Publicado em 12 de março de 2019. Disponível em: <https://www.anpg.org.br/12/03/2019/doutorado-entenda-como-funciona-essa-pos-graduacao/>. Acesso em: 04 jan. 2022.

APFFEL-MARGLIN, Frédérique. Introduction: Rationality and the World. In: APFFEL-MARGLIN, Frédérique; MARGLIN, Stephen A. **Decolonizing Knowledge**. From Development to Dialogue. Oxford: Clarendon Press, 1996.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. A ciência como forma de conhecimento. **Ciências & Cognição**, v. 8, p. 127-142, 2006. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1806-58212006000200014. Acesso em: 14 jan. 2021.

BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. **Revista Brasileira de Ciência Política**, n. 11, p. 89-117, maio-ago. 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-33522013000200004>. Acesso em: 18 set. 2019.

BARROS, João. Geopolítica del conocimiento: Control de la subjetividad y del conocimiento en la descolonialidad epistémica. **Revista de Ciências Sociais**, v. 50, n. 2, p. 31-50, jul.-out. 2019. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/revcienso/article/view/40654>. Acesso em: 14 out. 2020.

BARROS, Amon Narciso de. À guisa de conclusão: o habitus de pesquisadores e pesquisadoras inseridos no mundo. **Revista Brasileira de Estudos Organizacionais**, v. 3. n. 2, p. 216-217, dez. 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.21583/2447-4851.rbeo.2016.v3n2.85>. Acesso em: 28 abr. 2021.

BARROS, Amon Narciso de; SÁ, Marcio Gomes de; MATTOS, Pedro Lincoln C. L. de; OLIVEIRA, Samir Adamoglu de. Habitus, Antes que Método, de um Pesquisador "Político". **Revista Brasileira de Estudos Organizacionais**, v. 3. n. 2, p. 194-196, dez. 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.21583/2447-4851.rbeo.2016.v3n2.86>. Acesso em: 28 abr. 2021.

BASTOS, Liliana Cabral; ANDRADE BIAR, Liana de. Análise de narrativa e práticas de entendimento da vida social. **DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, v. 31, n. 4, p. 97-126, 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0102-445083363903760077>. Acesso em: 22 jun. 2020.

BIANCHETTI, Lucídio. Condições de trabalho e repercussões pessoais e profissionais dos envolvidos com a pós-graduação stricto sensu: balanço e perspectivas. **Linhas Críticas**, v. 17, n. 34, p. 439-460, set.-dez. 2011. Disponível em: <http://ojs.bce.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/6239/0>. Acesso em: 19 jan. 2022.

BISPO, Marcelo; GHERARDI, Silvia. Flesh-and-blood knowing: Interpreting qualitative data through embodied practice-based research. **RAUSP Management Journal**, v. 54, n. 4, p. 371-383, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1108/RAUSP-04-2019-0066>. Acesso em: 04 mar. 2021.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, p. 20-28, jan.-abr. 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782002000100003>. Acesso em: 20 set. 2020.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Sobre la experiencia. **Aloma**, p. 87-112, 2006a. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=2201318>. Acesso em: 04 jul. 2021.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Algunas notas sobre la experiencia y sus lenguajes. **Estudios filosóficos**, v. 55, n. 160, p. 467-480, 2006b.

BONDÍA, Jorge Larrosa. 20 Minutos na Fila: sobre experiência, relato e subjetividade em Imre Kertész. **Bolema**, v. 28, n. 49, p. 717-743, ago. 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1980-4415v28n49a13>. Acesso em: 08 maio 2021.

BRAGA, Marco; GUERRA, Andreia; REIS, José Claudio. **Breve história da ciência moderna**. Vol. 1. Convergência de saberes (Idade Média). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

BUZZI, Arcângelo R. **Introdução ao pensar**. 14ª edição. Petrópolis (RJ): Editora Vozes, 1985.

BYNUM, William. **Uma breve história da ciência**. Porto Alegre: L&PM, 2014.

CABRA, Nina. ConoSer em la Universidad. **Nómadas**, n. 27, p. 74-84, oct. 2007. Disponível em: <http://nomadas.ucentral.edu.co/index.php/22-articulos-27/279-ConoSer-en-la-Universidad>. Acesso em: 16 abr. 2021.

CAFÉ, Anderson Luis da Paixão; RIBEIRO, Nubia Moura; PONCZEK, Roberto Leon. A fabricação dos corpos doces na pós-graduação brasileira: em cena o produtivismo acadêmico. **Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação**, v. 22, n. 49, p. 75-88, maio-ago. 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/1518-2924.2017v22n49p75>. Acesso em: 18 abr. 2021.

CARRIERI, Alexandre de Pádua; CORREIA, Gabriel Farias Alves. Estudos Organizacionais no Brasil: Construindo Acesso ou Replicando Exclusão? **RAE**, v. 60, n. 1, p. 59-63, jan.-fev. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0034-759020200107>. Acesso em: 03 nov. 2020.

CARVALHO, Cristina Amélia; VIEIRA, Marcelo Milano Falcão. Algo está podre no reino da Dinamarca. **Revista Organização & Sociedade**, v. 10, n. 26, p. 185-187, 2003.

CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSFUGUEL, Ramón. Prólogo. Giro decolonial, teoría crítica y pensamiento heterárquico. In: CASTRO-GÓMEZ, Santiago.; GROSFUGUEL, Ramón. (Eds.). **El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global**. Bogotá: Siglo del Hombre Editores, 2007. p. 9-24.

CASTRO-GÓMEZ, Santiago. **La hybris del punto cero: ciencia, raza e ilustración en la Nueva Granada (1750-1816)**. Bogotá: Editorial Pontificia Universidad Javeriana, 2005.

CASTRO-SILVA, Raphaela Reis Conceição. **O fazer científico a partir dos grupos de pesquisa da área da administração: em busca da criatividade e da consciência crítica**. Tese (Programa de Pós-graduação em Administração). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018, 239p.

CELLARD, André. A análise documental. In: POUPART, Jean; DESLAURIERS, Jean-Pierr; GROULX, Lionel-H.; LAPERRIÈRE, Anne; MAYER, Robert; PIRES, Álvaro. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis: Vozes, 2012.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Editora Ática, 1997.

CONDOMINES, Bélangère; HENNEQUIN, Emilie. Studying sensitive issues: the contributions of a mixed approach. **RIMHE**, v. 2, n. 14, p. 3-19, Nov.-Dec. 2014. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-rimhe-2014-5-page-3.htm>. Acesso em: 09 mar. 2021.

CORNILLE, Sabine; IVERNEL, Philippe. Preface. In: ANDERS, Gunther. **Nous fils d'Eichmann**. Paris: Payot/Rivages, 1999.

CRUZ-NETO, Otávio. O trabalho de campo como descoberta e criação. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**, 21ª edição. Petrópolis (RJ): Editora Vozes, 2002, p. 51-66.

CUMES, Aura. La presencia subalterna en la investigación social: reflexiones a partir de una experiencia de trabajo. In.: Leyva Solano, Xochitl, Jorge Alonso, R. Aída Hernández, Arturo Escobar, Axel Köhler, Aura Cumes, Rafael Sandoval et al. (orgs.). **Prácticas otras de**

conocimiento(s): entre crisis, entre guerras. Tomo I. México, Cooperativa Editorial RETOS, Taller Editorial La Casa del Mago, CLACSO: Chiapas, 2018, p. 135-158.

CUNLIFFE, Ann L. Reflexividade no ensino e pesquisa de Estudos Organizacionais. **RAE**, v. 60, n. 1, jan.-fev. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0034-759020200108>. Acesso em: 28 abr.2021.

CUNLIFFE, Ann L.; SCARATTI, Giuseppe. Embedding Impact in Engaged Research: Developing Socially Useful Knowledge through Dialogical Sensemaking. **British Journal of Management**, v. 28, p. 29–44, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/1467-8551.12204>. Acesso em: 02 maio 2021.

CUSICANQUI, Silvia Rivera; DOMINGUES, José Mauricio; ESCOBAR, Arturo; LEFF, Enrique. Debate sobre el colonialismo intelectual y los dilemas de la teoría social latinoamericana. **Cuestiones de Sociología**, n. 14, 2016. Disponível em: <https://www.cuestionessociologia.fahce.unlp.edu.ar/article/view/CSn14a09>. Acesso em: 11 de jun. 2021.

DALLA ZEN, Ana Maria. A Crise de paradigmas e a resignificação do conhecimento para o século XXI. **Em Questão**, v. 16, n. 2, p. 49-63, jul.-dez. 2010. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/16071>. Acesso em: 10 out. 2020.

DASTON, Lorraine. **Historicidade e objetividade**. São Paulo: LiberArs, 2017.

DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. **Handbook of qualitative research**. London: Sage, 2000.

DÍAZ FERNÁNDEZ, Antonio Manuel; RUIZ RODRÍGUEZ, Luis Ramón; GONZÁLEZ AGUDELO, Gloria; GALLARDO GARCÍA, Rosa. **Guía para investigar temas sensibles**. Cádiz: Universidad de Cádiz, 2012. Disponível em: http://www.uca.es/recursos/doc/Unidades/Unidad_Innovacion/Actuaciones/ANEXOS_2011_2012/1547550019_2211201213936.pdf. Acesso em: 10 dez. 2020.

DICKSON-SWIFT, Virginia; JAMES, Erica Lyn.; KIPPEN, Sandra; LIAMPUTTONG, Pranee. Doing sensitive research: what challenges do qualitative researchers face? **Qualitative Research**, v. 7, n. 3, p. 327–353, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1468794107078515>. Acesso em: 09 mar. 2021.

DICKSON–SWIFT, Virginia; JAMES, Erica Lyn; LIAMPUTTONG, Pranee. **Undertaking sensitive research in the Health and Social Sciences**: managing boundaries, emotions and risks. New York: Cambridge University Press, 2008.

DUSSEL, Enrique. Europa, modernidade e Eurocentrismo. In: **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, Buenos Aires, 2005, p. 25-34.

DUSSEL, Enrique. Globalization, Organization and the Ethics of Liberation. **Organization**, v. 13, n. 4, p. 489–508, 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1177%2F1350508406065852>. Acesso em: 14 abr. 2021.

ECO, Umberto. **Como se faz uma tese em ciências humanas**. 13ª edição. Barcarena: Editorial Presença, 1997.

ELLIS, Carolyn; BOCHNER, Arthur P. Autoethnography, personal narrative, reflexivity. In: DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna. S. **Handbook of qualitative research**. 2. ed. Thousand Oaks: Sage Publications, 2000. p. 733-768.

ELY, Margot; ANZUL, Margaret; FRIEDMAN, Teri; GARNER, Diane; STEINMETZ, Ann McCormack. **Doing qualitative research: circles within circles**. London: Falmer Press, 1991.

ESCOBAR, Arturo. Mundos y conocimientos de otro modo. El programa de investigación de modernidad/colonialidad latinoamericano. **Tabula Rasa**, n. 1, p. 51-86, enero-dic. 2003. Disponível em: <http://www.revistatabularasa.org/numero-1/escobar.pdf>. Acesso em: 16 out. 2020.

ESCOBAR, Arturo. **Territories of Difference: Place, Movements, Life, Redes**. Durham: Ed. Duke University Press, 2008.

FAHIE, Declan. Doing sensitive research sensitively: ethical and methodological issues in researching workplace bullying. **International Journal of Qualitative Methods**, p. 19-36, v. 13, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/160940691401300108>. Acesso em: 08 mar. 2021.

FERRAZ, Deise Luiza da Silva. **Produção de Conhecimento em Administração e seu ensino**: Enquanto não soubermos o que é o capital, está tudo bem... In: Nuevo Blog, 25 set. 2020. Disponível em: <https://nuevoblog.com/2020/09/25/producao-de-conhecimento-em-administracao-e-seu-ensino-enquanto-nao-soubermos-o-que-e-o-capital-esta-tudo-bem/>. Acesso em: 30 out. 2020.

FERREIRA-SANTOS, Marcos; ALMEIDA, Rogério de. **Aproximações ao imaginário: bússola de investigação poética**. 2. Ed. / . São Paulo: FEUSP, 2020. 180 p.

FERREIRA, Lydia Masako; FURTADO, Fabianne; SILVEIRA, Tiago Santos. Relação orientador-orientando. O conhecimento multiplicador. **Acta Cirúrgica Brasileira**, v. 24, n. 3, p. 170-172, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-86502009000300001>. Acesso em: 19 nov. 2021.

FLICK, Uwe; KARDORFF, Ernst von.; STEINKE, Ines. What is qualitative research? An introduction to the field. In: FLICK, U.; KARDORFF, E.; STEINKE, I. **A companion to qualitative research**. London: Sage, 2004.

FREITAS, Maria Ester de. **Viva a tese!** Um guia de sobrevivência. 2ª edição. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2007.

FORTIN, Sylvia. Contribuições possíveis da etnografia e da auto-etnografia para a pesquisa na prática artística. **Revista Cena**, Porto Alegre, n. 7, p. 77-88, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.22456/2236-3254.11961>. Acesso em: 05 fev. 2021.

FOUREZ, Gerárd. **A construção das ciências**: introdução à filosofia e a ética das ciências. Tradução de Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1995.

GABRIEL, Yiannis. Narratives, Stories and Texts. In.: GRANT, David; HARDY, Cynthia; OSWICK, Cliff; PUTNAM, Linda (eds). **The SAGE Handbook of Organizational Discourse**. Londres: SAGE Publications Ltd. 2004.

GALVÃO, Maria do Carmo Corrêa. Reflexões: questões sobre as atividades de orientação em pós-graduação. **Revista da ANPEGE**, v. 3, p. 3-10, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.5418/RA2007.0303.0001>. Acesso em: 13 abr. 2021.

GODOI, Christiane Kleinübing; BANDEIRA-DE-MELLO, Rodrigo; SILVA, Anielson Barbosa da. Pesquisa qualitativa e o debate sobre a propriedade de pesquisar. In: GODOI, Christiane Kleinübing; BANDEIRA-DE-MELLO, Rodrigo; SILVA, Anielson Barbosa da (Orgs.). **Pesquisa Qualitativa em Estudos Organizacionais: Paradigmas, Estratégias e Métodos**. São Paulo; Saraiva, 2010, p. 1-16.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. 8ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2004.

GÓMEZ-QUINTERO, Juan David. La colonialidad del ser y del saber: la mitologización del desarrollo en América Latina. **AGO.USB Medellín-Colombia**, v. 10, n. 1, p. 1-276, enero-jun. 2010. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.21500/16578031.366>. Acesso em: 04 maio 2021.

GRANT, Barbara. Mapping the pleasures and risks of supervision. **Discourse**, v. 24, n. 2, p. 175-90, 2003. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/0159630030303042>. Acesso em: 13 abr. 2021.

GROSGOUEL, Ramón. Hacia un pluri-versalismo transmoderno decolonial. **Tabula Rasa**, n. 9, p. 199-215, jul.-dic. 2008. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=39600911>. Acesso em: 09 nov. 2020.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, n. 5, p. 07-41, 1995. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773>. Acesso em: 14 abr. 2020.

HAROCHE, Claudine. **A condição sensível: formas e maneiras de sentir no Ocidente**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2008.

IBARRA-COLADO, Eduardo. Teoría de la organización: Mapa conceptual de un territorio en disputa. In: TOLEDO, Enrique de la Garza (ed.). **Tratado latinoamericano de sociología del trabajo**. México: Fondo de Cultura Económica, 2003, p. 245-284.

IBARRA-COLADO, Eduardo. Organization Studies and Epistemic Coloniality in Latin America: Thinking Otherness from the Margins. **Organization**, v. 13, n. 4, p. 463-488, 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1177%2F1350508406065851>. Acesso em: 14 fev. 2021.

JAY, Martin. **Cantos de experiencia: variaciones modernas sobre un tema universal**. Buenos Aires: Paidós, 2009.

KAUFMANN, Jean-Claude. **A entrevista compreensiva: um guia para pesquisa de campo**. Maceió: Edufal, 2013.

KUENZER, Acacia Zeneida; MORAES, Maria Célia Marcondes de. Temas e tramas na pós-graduação em educação. **Educação & Sociedade**, v. 26, n. 93, p. 1341-1362, set.-dez. 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-73302005000400015>. Acesso em: 19 jan. 2022.

KVALE, Steinar. The Social Construction of Validity. *Qualitative Inquiry*, v. 1, 1995. Disponível em: <https://doi.org/10.1177%2F107780049500100103>. Acesso em: 07 abr. 2021.

LANDER, Edgardo. Ciências sociais: saberes coloniais e eurocêntricos. In: **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, Buenos Aires, 2005, p. 7-24

LANGDON, Esther Jean; MALUF, Sonia; TORNQUIST, Carmen Susana. Ética e política na pesquisa: os métodos qualitativos e seus resultados. In: GUERRIERO, Coelho Zito; SCHIMIDT, Maria Luisa Sandoval; ZICKER, Fabio (orgs.). **Ética nas pesquisas em ciências humanas e sociais na saúde**. São Paulo: Hucitec, 2008, p. 128-147.

LEAL, Raimundo. A estética como elemento para compreensão da criatividade nas organizações. **Organizações & Sociedade**, v. 14, n. 42, p. 67-82, jul.-set., 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1984-92302007000300004>. Acesso em: 27 jan. 2022.

LEE, Raymond M.; RENZETTI, Claire M. The problems of researching sensitive topics. An overview and introduction. In: RENZETTI, Claire M., LEE, Raymond M. (eds.). **Researching sensitive topics**. London: Sage Focus Edition, 1993, p. 3-13.

LEITE-FILHO, Geraldo Alemandro Leite; MARTINS, Gilberto de Andrade. Relação orientador-orientando e suas influências na elaboração de teses e dissertações. **RAE**, v. 46, ed. especial Minas Gerais, p. 99-109, 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0034-75902006000500008>. Acesso em: 28 abr. 2021.

LEMES, Rodrigo. **A banalidade da empatia**. Publicado em 18 set. 2018. Disponível em: <https://medium.com/@rodrig.lemes/a-banalidade-da-empatia-fb06249bd55b>. Acesso em: 31 jan. 2022.

LENHARO, Mariana. Sem verba pública, pesquisador fica em situação vulnerável: 'Elitização'. **UOL Educação**. Publicado em 30 de novembro de 2021. Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/noticias/2021/11/30/sem-verba-publica-pesquisador-fica-em-situacao-vulneravel-ELITIZACAO.htm>. Acesso em: 14 jan. 2022.

LENNON MARCHON, Fabio; FANTINATO, Maria Cecilia. Possibilidades Filosóficas em Etnomatemática. **Bolema**, v. 29, n. 52, p. 549-567, ago. 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1980-4415v29n52a07>. Acesso em: 06 set. 2021.

LOUZADA, Rita de Cássia Ramos; SILVA-FILHO, João Ferreira da. Formação do pesquisador e sofrimento mental: um estudo de caso. In: GARAY, Irene; BECKER, Bertha K. **Dimensões Humanas da Biodiversidade: o desafio de novas relações sociedade-natureza no século XXI**. Petrópolis: Ed. Vozes, 2006, p. 451-461.

MAANEN, John Van. Reclaiming qualitative methods for organizational research: a preface. **Administrative Science Quarterly**, v.24, n.4, p.520-37, Dec. 1979.

MACHADO, Antonio. Proverbios y cantares. In: **Poesías completas**, 14ª ed. Madri: Espasa-Calpe, 1973, p. 158.

MAIA, João Marcelo. Ciências sociais, trabalho intelectual e autonomia: quatro estudos de caso sobre nós mesmos. **DADOS**, v. 62, n. 2, p. 1-33, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/dados/a/FstZHRnhmCN7ZSDwqTCbhdC/>. Acesso em: 10 dez. 2021.

MAIA, João Marcelo E.; MEDEIROS, Jimmy. Autonomia e trabalho intelectual na pós-graduação em Ciências Sociais. **Revista Brasileira de Sociologia**, v. 9, n. 23, p. 228-255, set.-dez. 2021. Disponível em: <https://rbs.sbsociologia.com.br/index.php/rbs/article/view/793/405>. Acesso em: 19 jan. 2021.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto. In: CASTRO-GÓMEZ, S.; GROSGOUEL, R. (Eds.). **El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global**. Bogotá: Siglo del Hombre Editores, 2007. p. 127-68.

MANSANO, Sonia Regina Vargas; LIBERATO, Mariana Tavares Cavalcanti. Resistir para pesquisar, pesquisar para resistir: construindo uma sustentabilidade afetiva na universidade. **Psicologia em Revista**, v. 26, n. 1, p. 436-451, abr. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.5752/P.1678-9563.2020v26n1p426-440>. Acesso em: 09 dez. 2021.

MARQUES, Mario Osorio. A orientação de Pesquisa nos Programas de Pós-Graduação. In: BIANCHETTI, Lucídio, MACHADO, Ana Maria Netto. (Orgs). **A bússola de escrever: sobre a função da orientação de teses e dissertações**. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2012.

MARTINS, Paulo Henrique. Bien Vivir, uma metáfora que libera a experiência sensível dos Direitos Coletivos na Saúde. **Revista Latinoamericana de Estudios sobre Cuerpos, Emociones y Sociedad**, v. 6, n. 16, p. 12-23, dic. 2014. Disponível em: <http://www.relaces.com.ar/index.php/relaces/article/view/286/0>. Acesso em: 09 set. 2021.

MARTÍN, Eloísa. Ler, escrever e publicar no mundo das ciências sociais. **Revista Sociedade e Estado**, v. 33, n. 3, p. 941-961, set.-dez. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0102-6992-2018330300en1>. Acesso em: 09 mar. 2021.

MATTOS, Pedro Lincoln C. L. de. O habitus bourdieusiano, a hipertrofia do método e o retorno do pesquisador a seu contexto de prática social. **Revista Brasileira de Estudos Organizacionais**, v. 3, n. 2, p. 204-209, dez. 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.21583/2447-4851.rbeo.2016.v3n2.87>. Acesso em 13 maio 2021.

MEDEIROS, Priscila Muniz de; GOMES, Isaltina Maria de Azevedo Mello. A ciência e a técnica frente à questão da crise ambiental: apontamentos teóricos para o debate. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, v. 38, p. 541-556, ago. 2016. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/made/article/view/44812/29138>. Acesso em: 15 maio 2021.

MIGLIEVICH-RIBEIRO, Adelia. Por uma razão decolonial: desafios ético-político-epistemológicos à cosmovisão moderna. **Civitas**, v. 14 n. 1, p. 66-80 jan.-abr. 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.15448/1984-7289.2014.1.16181>. Acesso em: 06 ago. 2021.

MIGNOLO, Walter. El desprendimiento: pensamiento crítico y giro descolonial. In: MIGNOLO, W.; SCHIWY, F.; MALDONADO-TORRES, N. (Eds.). **Des-colonialidad del ser**

y del saber: (Videos indígenas y los límites coloniales de la izquierda) en Bolivia. Buenos Aires: Ediciones del Signo, 2006, p. 11-23.

MIGNOLO, Walter. In: CASTRO-GÓMEZ, S.; GROSFUGUEL, R. (Eds.). **El giro decolonial**: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Bogotá: Siglo del Hombre Editores, 2007. p. 25-46.

MIGNOLO, Walter. **Desobediencia epistémica**: retórica de la modernidad, lógica de La colonialidad y gramática de la descolonialidad. Argentina: Ediciones Del Signo, 2010.

MIGNOLO, Walter. **The Darker Side of Western Modernity**: Global Futures, Decolonial Options. Duke London: University Press, 2011.

MIGNOLO, Walter. “Aesthesis decolonial”. In: MIGNOLO, Walter (org). **Arte y estética en la encrucijada decolonial II**. Ciudad autónoma de Buenos Aires: Del Signo, 2014. p. 31 - 54.

MISOCZKY, Maria Ceci; CAMARA, Guilherme Dornelas. Pensar desde a América Latina em diálogo com a organização das lutas sociais descoloniais: explorando possibilidades. **RAE**, v. 60, n. 2, p. 93-103, mar.-abr. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0034-759020200203>. Acesso em: 04 nov. 2020.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 12ª ed. São Paulo: Editora Hucitec, 2010.

MORALES, Juliana. Mais trabalho, pouco recurso: desafios da ciência brasileira na pandemia. **Guia do Estudante Abril**. Publicado em 27 de novembro de 2020. Disponível em: Leia mais em: <https://guiadoestudante.abril.com.br/atualidades/mais-trabalho-pouco-recurso-desafios-da-ciencia-brasileira-na-pandemia/>. Acesso em: 18 jan. 2022.

NAVES, Flávia; REIS, Yuna. Desenhando a resistência: estética e contra-hegemonia no movimento agroecológico no Brasil. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 15, n. 2, p. 309-325, abr.-jun. 2017). Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1679-395163488>. Acesso em: 27 jan. 2022.

OCAÑA, Alexander Ortiz; LÓPEZ, María Isabel Arias. Hacer decolonial: desobedecer a la metodología de investigación. **Hallazgos**, v. 16, n. 31, p. 149-168, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.15332/s1794-3841.2019.0031.06>. Acesso em: 19 jan. 2021.

OLIVEIRA, Maysa Leal de. **A Construção da Ciência no Brasil**: um estudo a partir da trajetória de cientistas pioneiros. Tese. Universidade Federal de São Carlos. Centro de Educação e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Ciência, Tecnologia e Sociedade. Doutora em Ciência, Tecnologia e Sociedade. São Carlos, São Paulo, 2019, 150p.

OLIVEIRA, Daniel Augusto Barra de; OLIVEIRA, Cássia Araújo de. **Breve história da ciência sob nova perspectiva**. Palmas: EDUFT, 2019.

OPAS. Folha informativa – COVID-19 (doença causada pelo novo coronavírus). **Organização Pan-Americana**, Brasil, 08 de maio de 2020. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19>. Acesso em: 04 mar. 2021.

PAES DE PAULA, Ana Paula. **Estilhaços do real**: o ensino da Administração em uma perspectiva Benjaminiana. Curitiba: Editora Juruá, 2012.

PASSEGGI, Maria da Conceição. A experiência em formação. **Educação**, v. 34, n. 2, p. 147-156, maio-ago. 2011. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/25529644.pdf>. Acesso em: 07 dez. 2020.

PATRUS, Roberto, DANTAS, Douglas Cabral; SHIGAKI, Helena Belintani. O produtivismo acadêmico e seus impactos na pós-graduação *stricto sensu*: uma ameaça à solidariedade entre pares? **Cadernos EBAPE.BR**, v. 13, n. 1, p. 1-18, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cebape/a/HL7xXqvSVnf43TjFfQ4NVwt/?format=pdf>. Acesso em: 19 jan. 2022.

PÉREZ-BUSTOS, Tania. Mi tiempo ya no es mío: reflexiones encarnadas sobre la cuantificación. **Nómadas**, n. 50, p. 35-43, abr. 2019. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.30578/nomadas.n50a2>. Acesso em: 12 dez. 2021.

PÉREZ-TARRES, Alicia; CANTERA ESPINOSA, Leonor María; SANTOS, Karine David Andrade; SILVA, Joilson Pereira da. Consideraciones metodológicas sobre investigaciones sensibles en metodología cualitativa. **Psicología: Ciência e Profissão**, v. 39, n. especial 2, p. 112-124, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-3703003225746>. Acesso em: 09 mar. 2021.

PETERS, Gabriel; CORRÊA, Diogo Silva; RABELO, Miriam C. M. Teoria social e sociologia existencial. **Civitas**, v.1, n.1, p. 1-11, jan.-abr. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.15448/1984-7289.2021.1.39991>. Acesso em: 27 jan. 2022.

PROENÇA-ROSA, Carlos Augusto de. **História da Ciência**: da antiguidade ao renascimento científico, vol. I. 2. ed. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2012.

PRIGOGINE, Ilya. **O fim das certezas**: tempo, caos e as leis da natureza. São Paulo: Editora da UNESP, 1996.

PUTNAM, Hilary. **O colapso da verdade e outros ensaios**. Aparecida (SP): Ideias & Letras, 2008.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad y Modernidad/Racionalidad. **Perú Indígena**, v. 13, n. 29, p. 11-20, 1992. Disponível em: <https://www.lavaca.org/wp-content/uploads/2016/04/quijano.pdf>. Acesso em: 07 set. 2019.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder y clasificación social. **Journal of World-systems Research**, v. 11, n. 2, p. 342-386, 2000. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/35166683.pdf>. Acesso em: 19 mar. 2021.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade, poder, globalização e democracia. **Novos Rumos**, v. 17, n. 37, p. 4-28, 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.36311/0102-5864.17.v0n37.2192>. Acesso em: 19 mar. 2021.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. In.: **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005, p. 117-142.

QUIJANO, Aníbal; WALLERSTEIN, Immanuel. Americanity as a concept, The Americas in the modern world-system. **International Social Science Journal**, v. 44, n. 4, p. 549-557, 1992.

RAMÍREZ-PEREIRA, Mirliana. Metodologías cualitativas de lo sensible en contextos de salud pública. **Enfermería: Cuidados Humanizados**, v. 6, n. especial, p. 25-30, oct. 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.22235/ech.v6iespecial.1447>. Acesso em: 09 mar. 2021.

RAMOS, Alcida Rita. Do engajamento ao desprendimento. **Campos**, v. 8, n. 1, p. 11-32, 2007. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5380/cam.v8i1.9559>. Acesso em: 24 out. 2021.

RATHSAM, Luciana. A política de desvalorização da ciência tem custo que ultrapassa o Teto de Gastos. **Jornal da UNICAMP**. Publicado em 26 de abril de 2021. Disponível em: <https://www.unicamp.br/unicamp/noticias/2021/04/26/politica-de-desvalorizacao-da-ciencia-tem-custo-que-ultrapassa-o-teto-de-gastos>. Acesso em: 16 jan. 2022.

REIS, José. Como nascem os cientistas. In: REIS, José. **Educação é investimento**. São Paulo: IBRASA, 1968.

RESTREPO; Eduardo; ROJAS, Axel. Colonialidad del saber y geopolíticas del conocimiento. In: RESTREPO; Eduardo; ROJAS, Axel. **Inflexión decolonial: fuentes, conceptos e cuestionamientos**. Cauca: Editorial Universidad del Cauca, 2010, p. 131-154.

RODRIGUES; Caio César Coelho; REZENDE, Lígia de Azevedo. **Precisamos falar sobre saúde mental na pós-graduação: construindo um grupo de apoio**. Nuevo Blog. 29 de outubro de 2020. Disponível em: <https://nuevoblog.com/2020/10/29/precisamos-falar-sobre-saude-mental-na-pos-graduacao-construindo-um-grupo-de-apoi/>. Acesso em: 12 dez. 2020.

ROMERO, Juan Pablo Aranguren. El investigador ante lo indecible y lo inenarrable (una ética de la escucha). **Nómadas**, n. 29, p. 20-33, oct. 2008. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=105112131003>. Acesso em: 08 mar. 2021.

ROSSMAN, Gretchen B.; RALLIS, Sharon F. **Learning in the field: an introduction to qualitative research**. Thousand Oaks (CA): Sage, 1998.

RUELLE, David. **Acaso e caos**. São Paulo: editor da UNESP, 1993.

RUTTAN, Rachel; MCDONNELL, Mary-Hunter; NORDGREN, Loran. It's Harder to Empathize with People If You've Been in Their Shoes. **Harvard Business Review**. Publicado em 20 out. 2015. Disponível em: <https://hbr.org/2015/10/its-harder-to-empathize-with-people-if-youve-been-in-their-shoes>. Acesso em: 31 jan. 2022.

SÁ, Márcio Gomes. A noção de habitus e a possibilidade do pesquisador político em Estudos Organizacionais. **Revista Brasileira de Estudos Organizacionais**, v. 3, n. 2, p. 197-203, dez. 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.21583/2447-4851.rbeo.2016.v3n2.89>. Acesso em: 09 abr. 2021.

SÁ, Márcio Gomes; MATTOS, Pedro Lincoln Carneiro Leão de. De pequenos negócios de feira à metodologia científica: dúvidas herdadas de experiências de pesquisa. **Farol**, v.3, n.7, p. 628-669, 2016. Disponível em: <https://revistas.face.ufmg.br/index.php/farol/article/view/2528>. Acesso em: 19 jan. 2021.

SÁ, Márcio; MATTOS, Pedro Lincoln C. L. de; BARROS, Amon, COSTA, Alessandra de Sá Mello da. Autoformação Política em Pesquisa Social: Intencionalidades Duradoras e a

Prioridade do Local. **Teoria e Prática em Administração**, v. 9, n. 1, p. 49-62, 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.21714/2238-104X2019v9i1-41576>. Acesso em: 22 jan. 2021.

SÁ, Marcio; ALCADIPANI, Rafael; AZEVEDO, Ariston; RIGO, Ariádne Scalfoni; SARAIVA, Luiz Alex Silva. De onde viemos, para onde vamos? Autocrítica coletiva e horizontes desejáveis aos Estudos Organizacionais no Brasil. **RAE**, v. 60, n. 2, mar.-abr., 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0034-759020200209>. Acesso em: 28 abr.2021.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as ciências**. 12. edição. Porto: Edições Afrontamento, 2001.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 63, p. 237-280, out. 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/rccs.1285>. Acesso em: 03 abr. 2021.

SANTOS, Camila Matzenauer dos; BIANCALANA, Gisela Reis. Autoetnografia: um caminho metodológico para a pesquisa em artes performativas. **Revista Aspás**, v. 7, n. 2, p. 83-93, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2238-3999.v7i2p53-63>. Acesso em: 09 mar. 2021.

SAUNDERS, Mark Nk; THORNHILL, Adrian. Researching sensitively without sensitizing: using a card sort in a concurrent mixed methods design to research trust and distrust. **International Journal of Multiple Research Approaches**, v. 5, n. 3, p. 334-350, Dec. 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.5172/mra.2011.5.3.334>. Acesso em: 09 mar. 2021.

SAYRE, Shay. Using video-elicitation to research sensitive topics: understanding the purchase process following natural disaster. In: BELK, Russell W. (ed.). **Handbook of Qualitative Research Methods in Marketing**. Cheltenham: Edward Elgar Publishing, 2006.

SEN, Amartya. **On Ethics and Economics**. Oxford: Blackwell, 1987.

SERVA, Maurício. Epistemologia da administração no Brasil: o estado da arte. **Cadernos EBAP.BR**, v. 15, n. 4, p. 740-750, out.-dez. 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1679-395173209>. Acesso em: 15 nov. 2021.

SHAPIN, Steven. **Nunca Pura**: estudos históricos de ciência como se fora produzida por pessoas com corpos, situadas no tempo, no espaço, na cultura e na sociedade e que se empenham por autoridade e credibilidade. Belo Horizonte: Ed. Fino Traço, 2013.

SIEBER, Joan E.; STANLEY, Benjamin. Ethical and professional dimensions of socially sensitive research. **American Psychologist**, n. 43, p. 49-55, 1988. Disponível em: <https://doi.org/10.1037/0003-066X.43.1.49>. Acesso em: 08 mar. 2021.

SILVA, Edna Lúcia da; MENEZES, Estera Muszkat. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. Florianópolis: UFSC/PPGEP/LED, 2000, 118p.

SILVEIRA, Jucimeri Isolda. Direitos humanos e políticas públicas: panorama e desafios. In: BONETI, Lindomar Wessler *et al* (org.). **Educação em direitos humanos**: história, epistemologia e práticas pedagógicas. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2019. p. 57-76.

SZLECHTER, Diego; PAZOS, Leonardo Solarte; TEIXEIRA, Juliana Cristina; FEREGRINO, Jorge; MADARIAGA, Pablo Isla; ALCADIPANI, Rafael. Estudios Organizacionales en América Latina: hacia una agenda de investigación. **RAE**, v. 60, n. 2, p. 84-92, mar.-abr. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0034-759020200202>. Acesso em: 04 jan. 2021.

TOLEDO, Leslie Campaner de; ROCHA, Maria Anita Kieling da; DERMMAM, Marina Ramos; DAMIN, Marzie Rita Alves; PACHECO, Mauren (Orgs). **Manual para o uso não sexista da linguagem**: O que bem se diz bem se entende. Secretaria de Políticas para as Mulheres. Governo do Estado do Rio Grande do Sul. Publicada no DOE n.º 022, em 31 de janeiro de 2014.

URDAPILLETA-CARRASCO, Jorge; LIMÓN-AGUIRRE, Fernando. Hacia una experiencia profunda de la Investigación Acción Participativa. **Revista Colombiana de Sociología**, v. 41, n. 1, p. 111-131, enero-jun. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.15446/rcs.v41n1.66559>. Acesso em: 09 maio 2021.

URDAPILLETA-CARRASCO, Jorge; PARRA-VÁZQUEZ, Manuel Roberto. Aprendizaje tseltal: construir conocimientos con la alegría del corazón. **Revista LiminaR**, Estudios Sociales y Humanísticos, v. 14, n. 2, p. 85-100, jul.-dic. 2016. Disponível em: <http://www.scielo.org.mx/pdf/liminar/v14n2/2007-8900-liminar-14-02-00085.pdf>. Acesso em: 17 jan. 2022.

VÍCTORA, Ceres Gomes. Uma Ciência Replicante: a ausência de uma discussão sobre o método, a ética e o discurso. **Saúde e Sociedade**, v.20, n.1, p.104-112, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-12902011000100013>. Acesso em: 19 abr. 2021.

VIEIRA-JUNIOR, Itamar. **Torto Arado**. Alfragide: Grupo Leya, 2018.

VINUTO, Juliana. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, v. 22, n. 44, p. 203-220, ago.-dez. 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.20396/tematicas.v22i44.10977>. Acesso em: 27 maio 2021.

WALLESTEIN, Immanuel. **Conocer el mundo, saber el mundo**: el fin de lo aprendido. Una ciencia social para el siglo XXI. Buenos Aires: Siglo XXI, 2002.

WALSH, Vivian C. **Rationality, allocation and reproduction**. Oxford: Clarendon Press, 1996.

WALSH, Catherine. Introducion - (Re) pensamiento crítico y (de) colonialidad. In: WALSH, Catherine. **Pensamiento crítico y matriz (de)colonial**. Reflexiones latinoamericanas. Quito: Ediciones Abya-yala, 2005, p. 13-35.

WALTHER, Luciana Castello da Costa Leme. A videoelicitação como técnica projetiva para a pesquisa de tópicos sensíveis em Marketing – entrevistando mulheres sobre consumo erótico. In: EnANPAD, 36, 2012. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPAD, 2012, p. [1]-[15]. Disponível em http://www.anpad.org.br/admin/pdf/2012_MKT2549.pdf. Acesso em 04 mar. 2021.

ANEXO A - Convite para colaboração em estudo

Bom dia!

Sou doutoranda do Programa de Pós-graduação em Administração da Universidade Federal de Lavras (UFLA), orientanda da professora Flávia Naves e estou desenvolvendo minha tese sobre experiências sensíveis de pesquisa de doutorado nos Estudos Organizacionais.

Recebi a indicação de seu nome - como um(a) pesquisador(a) que poderia colaborar com nossa pesquisa - e gostaria de convidá-lo(a) para participar desse estudo. Nosso objetivo é compreender os conflitos e aprendizados do que chamamos de experiências sensíveis de pesquisa, que envolvem não apenas métodos e resultados, mas vivências, conflitos e aprendizados que não foram necessariamente registrados no produto final do doutorado - a tese.

Se concordar, pensamos em iniciar com um exercício de escrita reflexiva. As orientações estão na carta anexa. Pensei em um prazo de 15 dias para receber sua resposta. Se houver dificuldades, me informe. Estou enviando também o termo de esclarecimento livre e esclarecido. O arquivo em pdf já está assinado por mim. O arquivo em doc é para você assinar e me devolver. Espero que esta possa ser uma experiência importante para você também.

Quero muito conhecer sua experiência e suas histórias, mas caso não se sinta confortável, não tenha disponibilidade ou interesse, eu compreenderei, sem necessidade de explicações ou justificativas.

De qualquer forma, eu agradeço desde já.

Abraços!

Samanta Borges

ANEXO B - Carta à(ao) pesquisador(a)

Itajubá, 28 de maio de 2021.

Caro(a) Pesquisador(a)!

Como você está? Espero que você esteja bem e em segurança. Quero agradecer-lo(la) mais uma vez por aceitar compartilhar sua história comigo. O doutorado é uma experiência complexa e fascinante e eu estou feliz por você poder fazer parte da minha jornada, ao contar a sua.

O objetivo da minha pesquisa é compreender a complexidade, conflitos e aprendizados, de experiências sensíveis de pesquisa que não foram registrados na tese. O que estamos chamando de experiências sensíveis são acontecimentos que vivenciamos durante nosso processo de pesquisa, que nos tocam, nos sensibilizam, nos indignam e nos transformam.

[Pessoa que indicou] disse que você viveu uma experiência sensível em sua pesquisa, o que pude constatar ao ler fragmentos de sua tese. Mas acredito que muitos acontecimentos não puderam ser registrados no trabalho. Então, eu gostaria de sugerir um primeiro exercício para começar a conhecer a sua experiência sensível: eu proponho que você realize uma autoetnografia.

Peço que reserve um tempo específico para essa atividade. Nesse momento, retome suas lembranças sobre sua pesquisa de doutorado – as aulas, as leituras, as relações com os colegas, com os sujeitos da pesquisa, a escrita, etc., escreva livremente sobre essas experiências. Não se preocupe com a ortografia ou gramática. Se você se sentir inspirado(a) a contar muitas histórias, eu quero conhecê-las, mas nesse primeiro momento, se você puder compartilhar ao menos uma delas, em uma página, já está de bom tamanho.

Conte-me sobre momentos que você viveu e que te marcaram, podendo ser lembranças boas ou não tão boas assim. Sinta-se à vontade para escrever sobre seus pensamentos, vulnerabilidades, angústias, preocupações, emoções e sentimentos em relação a esses acontecimentos, tanto naquele momento, quanto no momento em que você me escreve. Deixe-se levar pelas suas histórias e como elas te afetaram. Se você perceber alguma conexão com momentos pessoais da sua vida – infância, família, amigos, trabalho, etc. - você pode compartilhá-la também.

Enfim, só você sabe o que vivenciou e o que deseja compartilhar. Eu quero muito aprender com suas experiências.guardo receber suas histórias em breve.

Abraços afetuosos!

Samanta Borges

ANEXO C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título do Projeto: “É caminhando que se faz o caminho”: o conhecimento da experiência sensível de pesquisa nos Estudos Organizacionais.

1) Introdução

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa de doutorado “‘É caminhando que se faz o caminho’: o conhecimento da experiência sensível de pesquisa nos Estudos Organizacionais”. Se decidir participar, é importante que você leia as informações contidas neste documento, que detalham o estudo e o seu papel nele. Você foi selecionado(a) em virtude de possuir características de interesse desta pesquisa. Sua participação não é obrigatória. A qualquer momento você pode desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com as pesquisadoras. É preciso entender a natureza e os riscos da sua participação e dar o seu consentimento livre e esclarecido por escrito.

2) Objetivo

O objetivo desta pesquisa é compreender a complexidade, conflitos e aprendizados, de experiências sensíveis de pesquisa que não foram registrados formalmente nos trabalhos de tese.

3) Procedimentos do Estudo

Se concordar em participar deste estudo, você será solicitado(a) a elaborar uma autoetnografia e responder perguntas colocadas pelos pesquisadores na entrevista. As orientações sobre a elaboração da autoetnografia serão enviadas previamente. A entrevista será agendada conforme sua disponibilidade e realizada virtualmente. Ela será gravada para posterior transcrição e análise. A sua identificação (respondente/entrevistada) será sempre preservada.

4) Riscos e desconfortos

Você poderá ter receio de que alguma informação fornecida às pesquisadoras seja negativamente interpretada, e que por isso sua posição seja ameaçada. De nenhuma forma as pesquisadoras possibilitarão a identificação dos(as) respondentes, nem repassarão informações obtidas durante a entrevista de forma aleatória. Nosso objetivo não é julgar você ou suas opiniões, mas tão somente analisar academicamente a sua experiência de pesquisa de doutorado. Dificuldades são inerentes a esse processo e serão tratadas como tal, sempre com o objetivo de contribuir positivamente para seu aprimoramento.

5) Benefícios

Sua participação na pesquisa é fundamental, dadas as suas características e conhecimento sobre o assunto. Ao responder às questões colocadas por esta pesquisa, você poderá aproveitar para

refletir sobre esse processo, seu amadurecimento, as dificuldades já enfrentadas e superadas e aquelas que ainda constituem um desafio. Adicionalmente, você estará contribuindo para que a universidade avance a pesquisa nessa área, ainda tão incipiente no Brasil.

6) Custos/Reembolso

Você não terá nenhum gasto com a sua participação no estudo, sendo sua contribuição fundamental ao andamento deste estudo.

7) Caráter Confidencial dos Registros

Você não será identificado(a) quando o material de seu registro for utilizado, seja para propósitos de publicação científica ou educativa. Ao assinar este consentimento informado, você autoriza a utilização de sua autoetnografia e das respostas de sua entrevista, para a construção de uma análise global sobre experiências sensíveis de pesquisa nos Estudos Organizacionais. Após a transcrição das entrevistas, essas serão mantidas sob a guarda das pesquisadoras, que não permitirão, em hipótese alguma, a identificação dos(as) entrevistados(as). Em caso de transcrição de partes da fala da entrevista, estas serão referidas por E1, E2... ou codificação semelhante, para impedir sua identificação.

8) Participação

A produção de informações para essa pesquisa será sempre realizada pelas pesquisadoras responsáveis, que combinarão com os(as) participantes o melhor dia e horário para realização da entrevista. Sua participação consistirá em refletir e responder sobre questões que lhe serão apresentadas, sendo-lhe totalmente facultado se recusar a responder aquelas que não desejar ou sobre as quais não dispuser de informações. É importante que você esteja consciente de que a participação neste estudo é completamente voluntária e de que você pode se recusar a participar ou sair do estudo a qualquer momento sem quaisquer penalidades. Caso você decida se retirar do estudo, deverá notificar a pesquisadora. A recusa em participar ou a saída do estudo não influenciará suas relações particulares com nossa instituição.

9) Para obter informações adicionais

Você receberá uma cópia deste termo onde consta o telefone e o endereço da pesquisadora principal, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

10) Declaração de consentimento

Li as informações contidas neste documento antes de assinar este termo de consentimento. Declaro que tive tempo suficiente para ler e entender as informações acima. Declaro também que toda linguagem técnica utilizada na descrição deste estudo de pesquisa foi satisfatoriamente explicada e que recebi respostas para todas as minhas dúvidas. Confirmando também que recebi uma cópia deste formulário de consentimento. Compreendo que sou livre para me retirar do estudo a qualquer momento, sem perda de benefícios ou qualquer outra penalidade. Dou meu

consentimento de livre e espontânea vontade e sem reservas para participar como entrevistado(a) deste estudo.

[Nome do(a) pesquisador(a)]

Data

Atesto que expliquei cuidadosamente a natureza e o objeto deste estudo, os possíveis riscos e benefícios da participação no mesmo, junto ao(à) participante. Acredito que o(a) participante recebeu todas as informações necessárias, que foram fornecidas em linguagem adequada e compreensível e que ele(a) compreendeu essa explicação.

Samanta Borges Pereira

Data

[Endereço completo da pesquisadora, incluindo rua, número, bairro, cidade, estado, CEP].

[Telefone da pesquisadora, incluindo DDD].

ANEXO D – Roteiro de entrevista

Roteiro de entrevista

Data da entrevista:	Hora início/fim:
Entrevistada(o):	
E-mail:	Tel:
Início doutorado (mês/ano):	Fim doutorado (mês/ano):
Instituição [verificar previamente]:	

1. Fale sobre as motivações da pesquisa e sua relação com ela (quem ou o quê inspirou a realização da pesquisa, dentro ou fora do campo acadêmico)?
2. Como você organizava o seu tempo durante o doutorado (tempo de dedicação à pesquisa, trabalho, família, lazer, amigos)?
3. Como foi a relação de orientação?
4. Outras pessoas contribuíram com a tese, além do orientador (colegas, amigos, grupo de pesquisa, outros professores)?
5. Conte sobre o papel das leituras nesse processo (dificuldades, prazeres, descobertas, incômodos, etc.)?
6. Como foi a preparação para realizar o trabalho de campo (leituras, questões éticas, metodológicas, burocráticas, financeiras, apoio, etc.)? Como você se sentiu?
7. Como foi a realização do trabalho de campo (apoio, sentimentos)?
8. Fale um pouco sobre suas interações com os sujeitos da pesquisa.
9. Que momentos ou eventos mais te marcaram no trabalho de campo?
10. Você pensa sobre as implicações da sua pesquisa para as pessoas que participaram dela? Fale um pouco sobre isso.
11. Fale sobre a experiência de sair do campo.
12. Conte um pouco sobre o processo de análise das informações produzidas na etapa de campo e a escrita e produção da tese. Como você se sentiu nessa etapa?
13. Existe alguma coisa que você identificou ou vivenciou durante a pesquisa e não incorporou no trabalho de tese e gostaria de ter feito?
14. Conte um pouco sobre as implicações dessa pesquisa (não apenas a conclusão do doutorado) para a sua vida (pessoal e profissional).
15. Tem algo mais que você queira compartilhar?
16. Conhece algum(a) pesquisador(a) que possa contribuir com essa pesquisa (nome, e-mail, tel)?